

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Chiou Ruey Ling

**Diáspora e Velhice dos Imigrantes Hakka:
a memória da alma**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2007

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Chiou Ruey Ling

**Diáspora e Velhice dos Imigrantes Hakka:
a memória da alma**

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Doutor em Ciências Sociais sob a orientação da
prof^a Dr^a *Maria Helena Villas Bôas Concone*.

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

A Deus

Pai Eterno que em todos os momentos se faz presente em minha vida, envolvendo-me com Seu calor, guiando-me com Sua luz e revelando-me Seu amor e bondade, apesar das minhas imperfeições. A Ti, Senhor, sentido primeiro de minha existência, agradeço a graça de estar viva e ter encontrado a minha verdadeira missão.

Aos meus antepassados (Hakka)

Que lutaram, preservaram e transmitiram seus conhecimentos para que um dia seus descendentes pudessem chegar ao topo da educação e da cultura.

Aos meus queridos pais (In memoriam)

Chiou Shy Der e Chung Yu Lian

Abençoados pais e seres escolhidos por Deus, que me abriram as portas para a vida, educando-me, acolhendo-me e encaminhando-me com respeito, amor, dignidade e doação, acreditando sempre na minha capacidade. A vocês, todo o mérito das minhas conquistas, pelo apoio, pelo incentivo, pelo carinho e pela presença doce em muitos momentos amargos – agora no plano espiritual junto com nossos antepassados – e por tudo que significam. O amor eterno e a gratidão de sua filha.

A minha família

Ao Benedito Amâncio pelo carinho e companheirismo.

Aos meus irmãos (I Hong e Ruey Hong)

Aos meus sobrinhos (Ana Carolina, Marcelo, Gustavo, Diego e Amanda),

Aos meus parentes e agregados

E ao(a)sobrinho(a) neto(a) que está para nascer.

a presença de vocês na minha vida.

Aos idosos Hakka que concederam seus depoimentos.

À Associação Cultural Hakka do Brasil

À Associação de Imigrantes Taiwanenses Vindos de Navio para América do Sul.

À Associação Cultural Jornal Taiwanesa.

Ao restaurante do senhor Lee na Vila Mariana que cedeu gentilmente seu estabelecimento para nossas reuniões.

Presidente do Grupo Megatown e Fundação Megatown

Dr ° Jonas A. Morioka

Por acreditar sempre no meu potencial, proporcionando-me a liberdade de consultá-lo em minhas dificuldades, contribuindo com seus conhecimentos geriátricos e filosóficos, e também por possibilitar os meios necessários para a realização da pesquisa de campo no território chinês.

Aos funcionários do grupo Megatown:

Jane Noguiri, Massao Hashimoto, Alberto Sato , Alexandre Magalhães.

Por terem me acolhido entre as atribuições do cotidiano do escritório, com disposição de auxiliar e facilitar o desenvolvimento desta tese.

Começo a viagem pela alma, depois pelo coração que assim se transformou em pesquisa científica.

Voamos por algum tempo em silêncio, até que finalmente chegamos na China...

À prof^a Dr^a Maria Helena Villas Bôas Concone, pela orientação e pela coragem de atravessar para o outro lado do mundo. A sua presença junto com a etnia Hakka possibilitou-nos a oportunidade única do encontro de duas culturas tão diferentes.
Longe é um lugar que não existe mais.

Aos meus mestres de Pós-graduação em Ciências Sociais pelas contribuições dos seus ensinamentos

À Banca examinadora de Qualificação prof^a Dr^a Suzana Rocha Medeiros, prof^a Dr^a Silvia Jane Zveibil, prof^a Dr^a Lúcia Maria Bogus e prof^a Dr^a Jusideth Gomes Consorte pelas sugestões importantes para o desenvolvimento desta pesquisa acadêmica.

À querida prof^a Dr^a Maria Lúcia Zoega pelo carinho e por me acolher com tanta sabedoria ajudando-me nas minhas dificuldades com a língua portuguesa.

À minha querida analista Dr^a Sonia Maria de Carvalho Brandão que acompanhou o meu crescimento, proporcionando-me o encontro comigo mesma, onde descobri que “quando se está no caminho certo, o inconsciente ajuda”.

Às minhas queridas amigas de “long time” Dr^a Marinela Centemero, Madalena Schuringen, Maria Lúcia Mandruzzato, pela amizade e pelos momentos de descontração.

Ao meu amigo de infância Adriano Marques Batista sempre solidário e pronto para acolher as dificuldades dos outros e a alegrar com suas palavras de conforto.

À Áurea Soares, Manoela Ballester, Maria Alice Caetano e Renato (um hakkanês) que conheci na PUC -SP, tornando-nos amigos.

À Cida Villas Bôas que dedicou o seu tempo para auxiliar na correção dos meus textos com muito esmero.

À tia Cotinha, Paula, Maria Lúcia, Clara, Júlia, Tomaz e M.Lúcia (*in memorian*), pela amizade e atenção para comigo.

Ao Dr. Alexandre Malachias e Dr^a Salete Braune Oliveira advogados e amigos.

À querida vizinha Dora Winesk (*in memorian*) que partiu tão de repente, que nem tive tempo de agradecer mais uma vez, pelos belos almoços, quitutes e toda a sua preocupação com a minha pessoa.

Aos meus orientandos: Ezilda Santos, Israel Gums, Vilma, Vivian Giglio Incluindo todos os meus queridos ex-alunos do Curso de Gerontologia Social da Unisanta, entre eles Amélia, Eliana Cadenazzi, Fernando(Cofene), Ir.Ivonilson, Regina de Castro, Rosa Paiva, Silvia Klaus, Tatyenne(Chaty). E todos os participantes do meu grupo: Gerontólogos da Alegria e Amigos, a presença de vocês na minha vida.

A equipe “*Tudo bem no ano que vem*” participantes assíduos (20 anos!!! Pessoal) em Campos de Jordão, pela troca de conhecimentos e muitas alegrias.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Apresentar um trabalho sobre a imigração chinesa representa, sem dúvida, uma contribuição no estudo das questões colocadas pela imigração, enfocada em numerosos trabalhos que podem ser encontrados nas áreas de antropologia e sociologia. Não há, entretanto, uma reflexão ou mais estudo sobre as etnias que nos interessam. O estudo, **Diáspora e Velhice dos Imigrantes Hakka: a memória da alma**, parte da idéia da imigração, a velhice, o processo de adaptação dos Hakka, tomando como referência a comunidade de São Paulo. Consideramos, por um lado, o tempo curto da chegada desses grupos ao Brasil e a sua preocupação em manter vivas as tradições de origem e, por outro lado, o fato de, contraditoriamente, estarem mergulhados numa sociedade ocidental em processo de mudanças rápidas e radicais. Neste cenário é que nascem e são socializadas as novas gerações de universos Hakka.

Palavras-chave: velhice, estrangeiro, Hakka, antropologia, gerontologia.

ABSTRACT

To present a work about the Chinese immigration there is without a doubt an interest in the study of the subjects put by the immigration and numerous works in the anthropology areas and sociology can be found. No there is, however, a reflection or more study on the etnias that you/they interest us. In the study, **Diaspora and Old age of the Immigrant Hakka: the memory of the soul**, leaves of the idea of the immigration, the old age, the process of adaptation of Hakka, taking as reference the community from São Paulo. We considered, on a side, short time of the arrival of these groups in Brazil and his concern in maintaining alive the origin traditions and on the other hand, the fact of, contradictory be dipped in a western society in process of fast changes and radicals. In this scenery it is that they are born and the new generations of universes are socialized Hakka.

key -Word: old age, foreign, Hakka, anthropology, gerontology.

SUMÁRIO

Introdução	16
I - Escolha e motivação	16
II - Organização da Tese.....	19
 Da metodologia e da Teoria	22
III - Metodologia	22
IV - Referencial Teórico.....	24
 Capítulo I	
Reflexão : Velhice, Meia-idade, Estrangeiro e Ação transformadora.	26
1.1 – Da Velhice – Ecos – ao Estrangeiro.	26
1.2 – A meia idade: a descida como ação transformadora no mito da deusa Inana, em Dante Alighieri, em C.G.Jung.	59
1.3 – Cultura, Etnicidade e Identidade: compreendendo as diferenças.	75
 Capítulo II	
Trabalho de Campo.....	85
2.1 – Brasil à China Continental e Ilha de Taiwan.....	85
2.2- São Paulo a New York – 5 a 6 de setembro de 2002	87
2.3 - Beijing - 7 a 12 de setembro.....	90
2.4 - Xian - 12 a 14 de setembro de 2002.....	108
2.5 - Xangai - 14 a 15 de setembro de 2002.....	117
2.6 - Guilin - 15 a 17 de setembro de 2002	121
2.7 - Guangdong - 17 a 18 de setembro de 2002.....	125
2.8 - Jiaoling – 18 A 21 de setembro 2002.....	127
2.8.1- Almoço em família.....	138
2.8.2 - Visita à Instituição de Longa Permanência para Idosos em Jiaoling.....	141
2.9 - Hong Kong / Taiwan - 23 de setembro a 04 de outubro de 2002	143

Capítulo III

Origem e Cultura dos Hakka: breve história 154

3.1 - Diáspora dos Hakka	154
3.1.2 - Espírito Hakkanês	171
3.1.3 - Da tradição à nova imagem Hakka	195
3.2 - Taiwan: uma ilha em questão.....	199
3.2.1 - A origem e a migração dos Hoklo.....	206
3.2.2- A Era Cheng	210
3.2.3 - A Ocupação de Cheng em Taiwan	211
3.2.4 - A Morte do General Cheng Ch'eng Kung	214
3.2.5 - Aborígenes	217

Capítulo IV

***Memória da Alma* 224**

4.1 - Reminiscências.....	233
4.1.1 - Senhor Shy	233
4.1.2 - Senhora Hung.....	258
4.1.3 - Senhor Long	263

Considerações Finais 272

Epílogo 275

Bibliografia..... 276

ANEXOS 282

Introdução

I - Escolha e motivação

A motivação para um trabalho, acadêmico (ou não), e os motivos da escolha de um tema, nem sempre se mostram claros aos pesquisadores. No meu caso os motivos da escolha foram se contruindo ao longo da minha trajetória profissional e pessoal.

Na trajetória profissional o primeiro passo foi meu encaminhamento para o curso de Psicologia, uma verdadeira guinada, pois meu interesse até então se centrava no campo das “ciências exatas”. Os passos seguintes foram se associando a esse.

Assim, na empresa onde eu trabalhava e onde já desempenhava inúmeras e diversificadas funções, comecei a me preocupar com os funcionários que envelheciam: como evitar quadros depressivos, como prepará-los para a aposentadoria, e outras questões espinhosas. Busquei então o mestrado em Gerontologia Social no qual realizei um trabalho onde procurava aliar a minha formação em Psicologia e uma introdução no campo da Antropologia como instrumental para pensar a velhice e o envelhecimento.

A busca do doutorado em Ciências Sociais – com concentração em Antropologia foi decorrência dessa ampliação de perspectivas possibilitada pelo mestrado.

A minha trajetória de vida também foi me levando paulatinamente a desenhar um tema de reflexão, a construir um objeto de dimensão psicocultural.

Nascida em Taiwan e trazida pelos meus pais, também taiwaneses da etnia Hakka, para o Brasil praticamente em idade escolar, vivemos, meus pais,

irmãos e eu mesma, as difíceis situações de adaptação a uma cultura completamente estranha a nós e a uma nova língua. Foram anos de aprendizagem nem sempre livres de conflitos.

Meu pai era um homem de visão aberta (engenheiro, estudou no Japão), já passara antes pela situação de viver em outro país, dominar outra língua e incorporar outras tradições. Também minha mãe fugia um pouco do “figurino” da mulher chinesa mais tradicional: professora, desenhista de jóias, casou numa idade em que, pelos padrões da sua cultura, já seria uma “solteirona”.

Com três filhos pequenos meus pais enfrentaram a aventura da antípoda mudança.

Malgrado a mente aberta dos meus pais, conhecíamos, evidentemente, os modos chineses de ser e o sentido das relações de família, percebendo como as mudanças de padrões culturais pesavam para a comunidade chinesa, especialmente para os mais velhos, as primeiras gerações de imigrantes.

Da perspectiva de um ocidental menos informado, quando se fala em “chineses na diáspora” supõe-se uma certa homogeneidade na origem. Há que considerar, entretanto, a variedade (ética e lingüística) dos chineses além, evidentemente, das diferenças históricas e políticas (China Continental e Taiwan, imigrantes que vieram antes ou depois da revolução e assim por diante).

A minha família, por exemplo pertence à etnia Hakka, que vive no Continente e na Ilha de Taiwan. A migração dos Hakka para a ilha não foi consequência da revolução maoísta, a etnia tem um história de migrações.

A população taiwanesa é basicamente formada por dois grupos dos quais alguns ramos saíram do Continente: os Hakka e os Hoklo (majoritários em Taiwan). Estas duas etnias apresentam, diferenças culturais marcantes. Por

isso pensei em trabalhar com os seus representantes que imigraram para o Brasil e tentar perceber as dificuldades ou facilidades relativas à adaptação no país e especialmente como essa mudança espacial e cultural se refletiu na família e nas questões ligadas ao envelhecimento.

Esta proposta comparativa, entretanto, não foi plenamente cumprida, dada a resistência dos membros da etnia Hoklo a conceder entrevistas. Assim, me limitei a sublinhar algumas crenças (cultura, modo de vista, etc...) entre as duas etnias, inserindo também uma rica entrevista, a única realizada.

Este trabalho é fruto de uma reflexão que chamaria multidisciplinar. Entretanto, três suportes teóricos foram especialmente importantes; o suporte encontrado na Gerontologia (área na qual fiz o mestrado, já com ênfase na Antropologia), na Psicologia (minha primeira área de formação acadêmica e profissional) e na Antropologia (como área de concentração no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais) aberta à interdisciplinaridade. Estas diferentes áreas disciplinares (ou pluridisciplinares como é o caso das Ciências Sociais ou da Gerontologia Social), marcaram toda a trajetória deste doutorado tanto do ponto de vista da escolha temática como, especialmente, dos suportes teóricos.

Sobre a Antropologia que apresentei como fio condutor, quero fazer uma observação importante para compreensão do impacto do “olhar antropológico” no meu trabalho. Assim, como se pode constatar, não há um número considerável de textos de antropólogos nas citações, de fato é aquele “olhar antropológico” que marcou. De que afinal estamos falando? Da básica concepção antropológica de que o envelhecimento não se esgota nos seus aspectos bio-físicos. Como apontam os antropólogos o corpo humano mostra uma dupla natureza – bio-genética e sócio-cultural. Este mote nos guiou nesta pesquisa sobre o envelhecimento de imigrantes chineses Hakka no Brasil.

Como são pensados a velhice e o idoso na cultura de origem e na de acolhimento? Qual o lugar do idoso em cada uma das referências culturais?

A partir daqui podemos já colocar as questões: qual o lugar e o papel do idoso nas comunidades de origem e nas novas? Como o idoso chinês no Brasil lida com a nova situação e com a ambivalência de valores? Esta proposta implicou em escolha de caminhos a serem trilhados, em definição de pessoas, lugares, objetos culturais a serem pesquisados. Esta escolha implicou em renúncia de alguns fenômenos e de outras possibilidades, resultando numa sensação de liberdade, mas, também, de receio. De fato, este caminho envolve reflexões sobre o meu passado e as minhas projeções de um futuro de maturidade e de envelhecimento numa situação ainda de dupla pertença.

Resumindo diríamos que o apelo à Antropologia é principalmente epistemológico; esta base permitiu que percorrêssemos vários caminhos e autores de formação diversa.

Este trabalho construiu-se então, em meio ao desafio de estender um olhar antropológico aplicado ao amplo campo do conhecimento da trajetória da velhice e das questões étnicas Hakka (estrangeiro) que imigraram para o Brasil.

Nas páginas desta tese, não será encontrada discussão sobre as questões políticas envolvendo a China Continental e Taiwan, em nome da defesa desta ou daquela posição. Faremos apenas menção de algumas passagens históricas e as contextualizações da pesquisa de campo realizadas no país.

II - Organização da Tese.

Da Metodologia e da Teoria – apresentamos uma reflexão teórica e técnica de pesquisa que foram instrumentos da pesquisadora. Houve a

pesquisa bibliográfica dos grupos em evidência neste trabalho e no que concerne às técnicas de pesquisa, realizamos entrevistas abertas e coletamos histórias de vida dos interlocutores (homens e mulheres idosos, homens de meia idade). Além disso, participamos de atividades tradicionais com o grupo Hakka em São Paulo para observar e identificar seus costumes, sua cultura e quais os desafios da velhice e do estrangeiro, em um país de escolha. Um outro momento de mergulho nessa realidade aconteceu com uma viagem à China (Continental e Taiwan).

O primeiro capítulo — Reflexão: *Velhice, Meia-idade, Estrangeiro e Ação transformadora* apresenta reflexões teóricas que norteiam o estudo, traçando a partir das questões da velhice, as projeções, o estrangeiro, a meia-idade e a ação transformadora, como forma de resgate da cultura, da etnia e da identidade para compreender as diferenças.

O segundo capítulo — *Trabalho de Campo: Brasil à China Continental e Ilha de Taiwan* possibilitou a redescoberta da construção da minha própria identidade entre o oriente e o ocidente, acrescida da responsabilidade acadêmica e da pesquisa. O povo demonstrou que apesar da tradição, também busca a modernidade e aceita a ocidentalização, notória pelas influências que o país teve após a abertura da China. Tal influência também é observada em Taiwan. Principalmente na China Continental, as construções arquitetônicas são modernas e, apesar dos detalhes e traços orientais e do luxo, as características ocidentalizadas transparecem.

O terceiro capítulo — *A Origem e a Cultura dos Hakka: breve história* apresenta as diásporas dos Hakka, além das invasões holandesas e dos piratas Hoklo que defenderam a ilha e as lutas e costumes dos aborígenes chineses; a formação do povo taiwanês e as tendências do espírito hakkanês.

O quarto capítulo — *Memória da Alma* resgata no contexto mítico o momento de origem, a vivência ordinária em relação ao tempo, a permanência da cultura, dos valores, a expressão mais sublime do pensamento e do sentimento humano coletivos. Para falar do conteúdo mítico apoiamo-nos em Menmósine, entre outros embaixadores da teoria da memória e história oral. O passado é marcado em gestos, em reminiscência ou lembrança na releitura dos interlocutores idosos Hakka, que refletiram e nos auxiliaram no encontro de nós mesmos com as pessoas e as coisas que povoaram nossas lembranças, para nos identificarmos como indivíduo e como coletividade.

Por último apresentamos as *Considerações Finais onde enfocamos* o estrangeiro e a velhice no país de escolha com seus significados que contribuíram na (re)construção da história social, bem como destacamos o espírito hakkanês — a essência — dos Hakka, tendo como princípio básico a comunidade familiar e a educação.

Da metodologia e da Teoria

III - Metodologia

A abordagem metodológica é uma valiosa ferramenta para o pesquisador que nela encontra meios para fazer e relatar sua caminhada em busca de algo novo, atento às informações e às observações; aparentemente nada muda, mas a experiência e o saber são muito pessoais, pois é nessa visão particular que se dá um toque de diferença a determinada realidade associando-se a ela a vivência, o conhecimento e o método.

No decorrer das discussões que nortearam este trabalho, por sugestão da orientadora da tese, acrescentamos os relatos dos entrevistados. As entrevistas foram feitas seguindo um roteiro para registro das histórias de vida, que foram gravadas e posteriormente traduzidas e transcritas, pois alguns dos entrevistados falaram no dialeto Hakka e outros misturaram com o idioma Português. Por vezes o gravador foi desligado, e a técnica em substituição foi a memorização e a escrita feitas pela pesquisadora. Evidentemente que o gravador possibilitou captar por meio das vozes os sentimentos, a integridade na interpretação das lembranças e também identificar no silêncio um mergulho em suas emoções. Lembrou-me as palavras de Marie Von Franz, “*Sonhos : Onde não existe emoção não há vida.... A emoção é o veículo da consciência; não há progresso na consciência sem emoção*”.

As fotografias foram anexados ao texto com a autorização dos participantes Hakka, que foram receptivos e auxiliaram no que puderam. Transformaram-se em valiosos aliados do trabalho e do registro do diário de campo, facilitando a comunicação visual e textual e trazendo inúmeros benefícios.

Nosso trabalho, então, foi realizado a partir de fontes diferentes e segundo técnicas diversas. Principalmente houve a pesquisa bibliográfica para recuperar um pouco da história do grupo privilegiado neste trabalho. Em segundo lugar houve o trabalho de entrevista com idosos e envelhecidos, migrados de Taiwan - homens e mulheres. Participamos também de festividades realizadas em associações e de encontros informais (para almoço ou jantar) com grupos Hakka.

Os encontros com senhor Tsai Yu¹ (Long) um dos primeiros idosos com quem tivemos contato, foram no bairro da Vila Mariana, no restaurante, do senhor Lee, também hakkanês, mais conhecido como “rei das bolsas” (teve por 30 anos uma fábrica de bolsas de bolinhas coloridas que podiam ser viradas no avesso transformando-se em bolsas de cores diferentes). Com o passar do tempo, outros idosos se reuniram a nós, até o total de 20 pessoas. Tivemos também a oportunidade de participar de um encontro dos imigrantes que vieram de navio, organizado pela *Associação de Taiwaneses que Vieram de Navio para América do Sul*.

A cada seis meses o senhor Tsai Yu (Long) viajava a Taiwan. Ao retornar continuávamos os encontros, ora no restaurante ora na casa de outros idosos. Assim foi se formando entre eles e com eles, uma rede social.

O levantamento dos dados para a tese nem sempre foi uma tarefa muito fácil, houve obstáculos no percurso, e muitas tentativas vãs de entrevistar pessoas da etnia Hoklo. Indicaram-me as igrejas freqüentadas pelos Hoklo, mas ao chegar, mesmo por indicação de alguns representantes da Associação Jornal Taiwanês, sendo a maioria idosos, eles se recusavam a colaborar. Foram muitas tentativas. A única oportunidade surgiu quando o editor-chefe aposentado da Associação Jornal Taiwanês, senhor Kuo me forneceu a

¹ Os amigos de Senhor Wu Tsai Yu, o chamam de senhor Long

história dos Hoklo². Estudioso dessa etnia, também se recusou, infelizmente, a dar o seu depoimento pessoal. Provavelmente a história ficou incompleta, pois ele retornou à Argentina meses depois.

Um outro momento valioso aconteceu com uma viagem à China (Continental e Taiwan), programada a partir de uma entidade cultural – Associação Cultural e Educativa Megatown; pudemos transformar essa viagem em parte integrante da pesquisa de campo, uma espécie de mergulho na realidade contemporânea daquele país. A ida da minha orientadora como consultora na área cultural, permitiu uma dupla mirada: ocidental, oriental.

IV - Referencial Teórico

Para fundamentar as reflexões no contexto desta pesquisa nos apoiamos em alguns autores: Simone de Beauvoir, Caterina Koltai, Clarice Peixoto, entre outros; o número de autores consultados (inclusive historiadores chineses) foi grande, tendo em vista que o estudo versa sobre uma das 56 etnias que compõem a população chinesa. Destacamos o grupo étnico³ Hakka em São Paulo, especificamente os vindos de Taiwan, traçando os processos de adaptação da velhice, do envelhecimento, da identidade e da importância de uma rede social e familiar.

Nesse grupo buscamos as reflexões sobre velhice que também foram tema da dissertação de Mestrado em Gerontologia (voltado para a comunidade de idosos de Piracicaba – SP). Essa experiência contribuiu para um reconhecimento mais amplo da velhice e do envelhecimento, aliando outras

² Será acrescentado no texto sobre a etnia Hoklo, apoiamos no referencial bibliográfico em chinês (ver anexo) traduzido e também com base nos estudos realizados pelo senhor Kuo, editor do Jornal Taiwanês do Brasil.

³Apud.Barth, F. “Grupos étnicos e suas Fronteiras”, em Portugal P. e Streiff-Fernart J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1997. 23 p. Na medida em que o termo “étnico” sempre foi utilizado para designar as pessoas “diferentes de nós mesmas” e na medida em que somos todos diferentes de outras pessoas, “somos todos étnicos”.

perspectivas vindas das Ciências Sociais onde ainda não estávamos plenamente inseridas. Nosso parâmetro em Ciências Sociais foi a visão antropológica, aliada ao campo psicossocial. Segundo Gilberto Velho :

“(...) a possibilidade da existência de projetos individuais está vinculada a como, em contextos sócio-culturais específicos, se lida com a ambigüidade fragmentação-totalização. Quando, como e até onde são legitimados projetos específicos individuais, são perguntas fundamentais para possibilitar um diálogo entre cientistas sociais e psicológicos (...)”.⁴

De qualquer maneira a pesquisa em si nunca é estritamente subjetiva e interna, mas se circunscreve histórica e culturalmente. A passagem da etnia Hakka, priorizando seus paradigmas culturais, também mesclados, transformados e perpassados, no encontro de culturas, pela cultura ocidental que tem seus próprios códigos e sua própria linguagem, vai formando um fenômeno híbrido cultural e de algum modo fazendo sentido num processo de motivação, de estilo de vida e também de (nova) identidade étnica.

Além da Antropologia, a visão teórica da Gerontologia (que é um campo de interdisciplinaridade) foi também fundamental para a formulação desta tese.

⁴ Velho, G. Individualismo e Cultura: nota para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.26

Capítulo I

Reflexão : Velhice, Meia-idade, Estrangeiro e Ação transformadora.

“ se não quisermos ser feitos de tolos pelas
nossas ilusões devemos, pela análise cuidadosa
de cada fascínio, extrair deles uma parte de
nossa personalidade como uma quinta essência
e reconhecer lentamente que nos encontramos
conosco mesmos repetidas vezes, em mil
disfarces, no caminho da vida.”

C.G.Jung

1.1 – Da Velhice – Ecos – ao Estrangeiro.

Faremos uma pequena viagem literária pelo complexo legado dos autores citados que nos servirão como referencial teórico. Beauvoir, em sua obra *A Velhice*, enfoca as várias situações e modos de ver a velhice. Inicia pelo resgate do oriente na visão de Buda, ao reconhecer num velho enfermo, o seu próprio destino. Buda, destinado para espiritualidade assumiu o processo na totalidade do ser, tornando-se iluminado.

Beauvoir traça um paralelo entre a velhice no oriente e no ocidente e percebe que a cultura chinesa, evoca antigas crenças quando diz que “fatigados do mundo depois de mil anos de vida, os homens superiores elevam-se à categoria de gênio”. E que “a velhice nunca é enunciada como um flagelo”⁵. Por outro lado no ocidente, diz Beauvoir, os primeiros textos escritos por Path-hop sobre a velhice datam de 2500 a.C. e dela traçam um

⁵ Beauvoir, S. *A Velhice*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova fronteira 1990. p. 114

quadro sombrio: “A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem”⁶.

A autora fala da velhice sob o ponto de vista da exterioridade abordando a questão do idoso na história, numa tentativa de compreender como os idosos viviam a sua velhice biológica, retrocedendo aos povos da antiga Grécia e Egito, buscando os conceitos da medicina hipocrática, que integrada à ciência e à arte, chega a uma combinação sublime de experiência e de raciocínio. Hipócrates, o pai da medicina, retoma a teoria de Pitágoras, dos quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela, bile negra) e também a velhice. É ele, o primeiro a comparar as etapas da vida humana às quatro estações da natureza, a velhice correspondendo ao inverno. Também fez observações exatas sobre os velhos: sofrem de dificuldades respiratórias, de catarrhos que acarretam acessos de tosse, sofrem de disúria (dificuldade de urinar), de dores nas articulações, de doenças dos rins, de vertigem... Hipócrates “também sugere (aos velhos) que não interrompam suas atividades”⁷. As observações hipocráticas, em se tratando dos velhos, não diferem muito das dos tempos da modernidade e contemporaneidade; não obstante, podemos interrogar se a velhice (como concepção e valor) não é a criação simbólica da época na qual vivemos. A velhice para Hipócrates é um fenômeno genuinamente físico na sua singularidade (e universalidade) natural e irreversível. O que é “próprio da velhice”, entretanto, varia de indivíduo para indivíduo e de cultura para cultura.

Beauvoir fala também de velhice nas sociedades históricas nas quais os idosos são incorporados ao *conjunto dos adultos*⁸; para as sociedades antigas não há divisões de fases da vida como em outras sociedades. A autora também

⁶ Beauvoir, S. A Velhice. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova fronteira 1990. p. 114

⁷ Idem. p. 23

⁸ Ibidem p.109

observa que nas sociedades mais organizadas e em tempos de paz , os adultos se apoiavam nos velhos e, pelo contrário, nas sociedades que viveram épocas conturbadas ou revolucionárias a juventude tomava a dianteira. Beauvoir caminha em direção aos mitos ocidentais como a representação simbólica do tempo, da morte, do desamparo, das repetições, dos ressentimentos. Através do mito grego de Kronos e Kairós, a autora fala da velhice. O termo Kairós indica um aspecto qualitativo do tempo.

Também Hipócrates em seu texto *Conhecer, Cuidar, Amar*, define Kairós:

“O momento oportuno, de ocasião propícia a ser aproveitada é bastante freqüente nos tratados médicos. Para salvar os doentes, é necessário administrar-lhes a *tempo* o tratamento previsto: isso requer experiência assim como um senso clínico que permita enfrentar situações às vezes urgentes. Quando os pacientes são tratados a destempo (akairós), sucumbem ou vêem seu estado agravar-se perigosamente”⁹.

Kronos simboliza a noção de temporalidade associada a uma dimensão de temporalidade humana. Kronos, o mais temido dos deuses, luta e castra Urano (seu pai) a mando de Gaia (sua mãe) e assume o poder. Com receio da profecia lançada por Urano pela qual ele também seria destronado por um filho, Kronos engole-os. Entretanto, um deles, Zeus, nasce e escondido pela mãe em uma gruta, cresce em segurança. Mais tarde, Zeus enfrenta Kronos, e o faz libertar os outros filhos que havia engolido.

Da Bíblia, Beauvoir recolhe alguns pontos: no Deuteronômio, diz Deus “...os cabelos brancos são uma coroa de honra: é no caminho da justiça que

⁹ Hipócrates. *Conhecer, Cuidar, Amar: o juramento e outros textos*. Trad. Dunia Mariano Silva. São Paulo: Landy, 2002. p.153

essa coroa é encarada.... Tu te levantarás diante dos cabelos brancos e honrarás a pessoa do velho” ¹⁰. Nessa sustentação bíblica, a velhice é abençoada por Deus e ela parece que se apóia não só nos costumes, na idade, mas também é vinculada à sabedoria e exige obediência e respeito.

Beauvoir segue abordando o mesmo assunto, na concepção de Platão e de Aristóteles, e também apresenta a velhice retratada nas obras de Montaigne e Shakespeare, entre outros filósofos e escritores. Embora falando da velhice especialmente no mundo ocidental, Beauvoir abre-nos um espaço nesse mundo ocidental, possibilitando a abordagem neste trabalho, da condição da velhice na China para retomar mais tarde à questão da etnia Hakka.

Beauvoir comenta, diferentemente de Platão e de Aristóteles, que é preciso que o corpo permaneça intacto para a velhice ser feliz: “Uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiência. Ela depende ao mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter, e também do acaso” ¹¹.

Aristóteles caracteriza a alma como a causa eficiente e o princípio organizador do corpo vivente. Enquanto Platão, conclui que “os velhos devem mandar e os jovens obedecer”¹². Platão dizia que o corpo humano não é obstáculo, mas instrumento da alma racional, que é a forma do corpo. Então, o ser humano seria a unidade substancial da alma e do corpo onde em princípio a (alma), pelo que ela representa (espírito), caracteriza-se pela racionalidade, a inteligência, o pensamento, podendo se desenvolver em dois graus, o sensitivo e o intelectivo que se cumprem relacionando-se com a matéria (corpo). Em

¹⁰ Apud. Beauvoir.S. A Velhice 1990. p. 115

¹¹ Beauvoir.S. A Velhice. 1990. p.136

¹² idem p.135

Platão¹³, a aspiração é voltada para política que rejeita a oligarquia e a tirania. Ele é um dos filósofos mais importantes da história do ocidente. Foram então reunidos os textos escritos por ele, constituindo os chamados diálogos Da juventude compostos em defesa de Sócrates (relativos ao seu julgamento no tribunal de Atenas): o elogio à moral socrática; a prudência; a linguagem; sobre a piedade; a retórica como falácia; a falsidade; a beleza, a ilíada ou os poetas; a coragem; a amizade; sátira contra a retórica; sobre a virtude e o saber (reminiscência); o ensino da virtude. Da maturidade, escreve sobre o amor; a imortalidade da alma; a linguagem e a retórica, a justiça, sobre o ser; o conhecimento. Da Velhice cita um estado agrário como ideal. Fala sobre o prazer; o ideal político; sobre a monarquia e sobre a natureza (física e cosmológica platônicas). Falando de um velho idealizado, Platão reconhece, contudo, que alguns são envolvidos pela loucura graças ao enfraquecimento das faculdades mentais e físicas. Também admite que a velhice é um estado de repouso e de liberdade no que diz respeito aos sentidos. “Quando a violência das paixões se relaxa e o seu ardor arrefece, ficamos libertos de uma multidão de furiosos tiranos”.

Não poderíamos deixar de mencionar Cícero que faz uma apologia no senado romano para defender a função social da senescência dentro de uma contexto político.

Ainda de acordo com Beauvoir, Montaigne não acreditava que a velhice lhe tivesse acrescentado algo, colocando-se contra o otimismo de alguns filósofos e contra as pretensões da sabedoria dos velhos. Aos 35 anos Montaigne escreve:

¹³ Apud. Batista.S. Rodrigo (FESOC-Teresópolis: Rio de Janeiro.) & Scharman F. Roland (ENSP/FIOCRUZ –R.J.). Platão e Medicina. Publicado e aprovado em Fev.de 2004.site www.scielo.php?script=sci_artetex&pid. Capturado em março de 2007.

“Quanto a mim, tenho por certo, a partir desta idade, tanto meu espírito quanto meu corpo diminuíram mais do que aumentaram, e recuaram mais do que avançaram. É possível que, para aqueles que empregam bem o tempo, a experiência e a ciência cresçam com a vida; mas a vivacidade, a prontidão, a firmeza e outras particularidades muito mais nossas, mais importantes e essenciais, se fanam e se enfraquecem” ¹⁴.

Refletindo sobre Montaigne, que considera e admira, Beauvoir conclui: “Só posso acrescentar que a velhice é integrante da própria condição da existência e da consciência da qual propomos ressoar na nossa cultura, tentando reproduzir na arte para justificar a ‘imortalidade’, por meio de representações simbólicas, a transição da vida”.

Realmente, podemos perceber que na arte há justificativa para “imortalidade”. Tomemos o exemplo de Rembrandt morto aos 62 anos de idade que deixou várias telas retratando o seu próprio envelhecimento. No seu último quadro (1669), onde aparece sorrindo ironicamente, ergue as sobrancelhas, a boca desdentada perde-se na escuridão. Entretanto, vemos a sua testa: a inteligência que ela oculta brilha para nós. Schilling diz que nesse auto-retrato Rembrandt “demonstra ser um velho matreiro que aprendeu muito com a vida. Sorri sarcástico para o mundo que está para deixar” ¹⁵.

Rembrandt, por meio das representações simbólicas da arte, busca as inspirações mais íntimas do ser humano e com o olhar diferenciado do espírito criador expressa todo o seu talento, tão pleno de sentido, para expressar as suas idéias brilhantes mantidas por toda a vida.

¹⁴ Apud Beauvoir S. A Velhice. 1990. p.195

¹⁵ site www.terra.com.br/voltaire/cultura/200/02/30/000jtm. Voltaire Schilling: História e Pensamento Rembrandt entra em Cena.



Fig.01 - Rembrandt - 1629



Fig.02 - Rembrandt – 1632



Fig.03 - Rembrandt - 1639

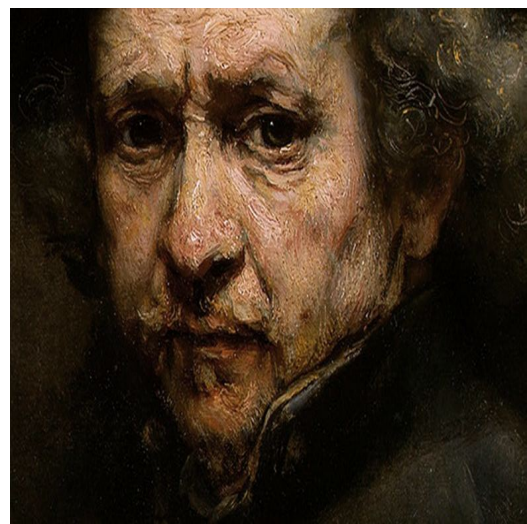


Fig.04 -Rembrandt – 1640



Fig.05 - Rembrandt 1660



Fig.06 - Rembrandt 1669

Rembrandt¹⁶, nas palavras do historiador de arte Eugène Fromentin: “Nas profundezas da natureza há coisas que somente esse pescador de pérolas descobriu”. A arte registra e traduz o que tem de mais sublime no sentido da história para além da existência humana, transpõe e determina as etapas da conquista do mundo e a possibilidade de reconhecer, definir e executar mesmo que solitário e solidário as várias formas de viver.

De certo modo os auto-retratos de Rembrandt, reproduzem sobre a tela “*um outro*” que está fora do pintor. Ele esboçou e pintou mais de cem auto-retratos durante toda sua vida, para ver uma seqüência de “*outros*”. Por vezes, seus auto-retratos eram criados para retratar sua própria figura, outras vezes para expressar suas emoções ou atitudes, na qual ele somente posava.

“O discípulo de Rembrandt, Samuel van Hoogstraten, aconselhava os próprios discípulos a olhar para um espelho e ‘transformar a si mesmos inteiramente em atores [...] ser tanto como espectadores’”¹⁷.

E se a arte da pintura permite diversas interpretações à medida que os tempos vão mudando, então a obra de arte retrata essas realidades e suas interpretações. No mundo a linguagem, seja ela literária ou poética, é um “veículo para expressar um pensamento ou uma emoção e maneira mais elegante e digna de admiração”¹⁸.

¹⁶ Rembrandt auto-retratos capturados 22/4/2007. www.historinet.com.br/conteúdo/default.aspx?código500-22k e www.ibilio.org/wm/paint/auth/rembrandt. Webmuseum Rembrandt.

¹⁷ Manguel, A. Lendo Imagens. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberge Claudia Strauch. São Paulo: Cia das letras. 2001. p. 196

¹⁸ Fischer E. A Necessidade da Arte. Trad. Anna Bostock. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987.p.192

Considerando Shakespeare, no Rei Lear¹⁹, Beauvoir diz que o dramaturgo compara a existência humana ao desenrolar do ano ou de um dia, ou aos dois ao mesmo tempo: “a velhice é um triste declínio”. Citando:

Cordélia: Oh, olha para mim, senhor, e levanta tua mão para abençoar-me. Não debes te ajoelhar.

Lear: “Por favor, não zombes de mim. Sou um velho idiota com oitenta anos, nem uma hora a mais nem uma hora a menos e, para ser franco, receio não estar com o juízo perfeito. Acho que deveria conhecer a senhora. E esse senhor também. Mas estou em dúvida, porque ignoro totalmente que lugar é este; por mais que faça não consigo lembrar-me destes trajés, nem onde passei a última noite. Não riam de mim; mas, tão certo quanto eu ser um homem, esta senhora é Cordélia minha filha”.

Tanto no teatro, na arte, na filosofia, ou mesmo na política buscamos as questões da existência humana procurando esboçar provavelmente um entendimento possível, embora não definitivo, não nos detendo sobre a questão da corporeidade envelhecida, já bastante pesquisada. Entretanto há ausência de estudos a respeito de uma política econômica social e moral da velhice. Nas palavras de Beauvoir, Shakespeare retrata, ainda em Rei Lear:

“... Se o fim da existência é essa impotência desvairada, a vida inteira revela-se à sua luz como uma aventura miserável [...] depois demonstrar o homem escravo da ambição, do ciúme, do ressentimento, tenha decidido pintá-lo esmagado pela fatalidade da idade”²⁰.

¹⁹ Shakespeare, W. O Rei Lear. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 1994. p.121

²⁰ Beauvoir S. A velhice. 1990. p.205

Trabalhar nesse enquadramento da economia social e moral favorece o reconhecimento e a interação de processos individuais e coletivos na velhice, pois, promove a experiência de um centro organizado que transcende os aspectos apenas psicológicos por meio de manifestação de símbolos grupais, que sinalizam a *maturidade*²¹. O indivíduo envelhecendo pode cada vez mais se aproximar de si mesmo e não se projetar no ‘outro’²², o ser velho, mas ampliar e aprofundar a percepção da realidade envelhecida.

Um outro tema que se impõe neste trabalho, dada a sua especificidade, é o tema ou a questão do estrangeiro.

Koltai como organizadora do livro, *O Estrangeiro* (onde reuniu vários autores da psicanálise, da sociologia, da antropologia, da filosofia e do jornalismo), começa com a etimologia da palavra estrangeiro - derivada do latim extraneus – “vindo de fora” – que, como substantivo passou a designar, no Império Romano, uma categoria política. Hoje o termo estrangeiro continua remetendo ao que vem de outro lugar, que vive fora de seu país, por vezes repatriado o que também pode implicar em uma “exclusão”. Tentaremos aqui destacar alguns pontos sobre o estrangeiro.

Arbex comenta que o estrangeiro na mídia vivencia a afirmação de si mesmo pelos noticiários de guerras, de questões geopolíticas e religiosas, além dos discursos filosóficos e ideológicos. Essa construção do estrangeiro na mídia não só causa discussão e ansiedade na opinião pública, mas também é forma de consumo (mercadoria) de informação imagética. A população é dominada por esse jogo de “poder” na era de comunicação de massa. O estrangeiro é:

²¹Textos reunidos de Platão: juventude, maturidade e velhice.p.30 do Capítulo I.

²² Mercadante F.B. Tese de doutorado. A Construção da Identidade e da Subjetividade. 1997. p.27

“Potencialmente todo aquele que foge ao que reconheço como parte de minha vida, de minha rotina, de minhas precárias certezas. É o que não faz parte de meu show, o personagem que não está na telenovela de todos os dias. É o incômodo, a sombra, o lado de lá de um mundo que não escapa ao repertório que construí em meu mundo padronizado”.²³

Mesmo que o personagem “estrangeiro” não faça parte do meu *show*, como diz o autor, a imagem veiculada se mantém, de uma certa maneira, no público. Estreita ou não, essa imagem produz uma relação social consciente que leva a acreditar na subjetividade desse estrangeiro “imaginado.”

O homem da pré-história — pré-anunciador da escrita²⁴ — deixou vestígio, registrando as possibilidades imaginárias sob as formas de desenho rupestre²⁵ nas rochas ou cavernas para se comunicar e se fazer entender. Por essa razão inaugurou a arte pelo contorno. O mesmo faz o estrangeiro que também deseja deixar suas marcas (acontecimentos marcados). Configurando a linguagem em imagens, o estrangeiro tenta compreender a si mesmo e também transmitir aos outros a sua própria existência. Manguel diz:

“As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”²⁶.

²³ Koltai.C. O Estrangeiro.In: Arbex Jr.José. **A Construção do Estrangeiro pela Mídia** p. 18

²⁴ Joly M. Introdução á Análise da Imagem. Editora 70, 1994. p.17

²⁵ Desenhos rupestres a maioria animais. O caçador se interessa pela carne, osso, pele (couro).

²⁶ Manguel A. Lendo Imagens.Trad. Rubens Figueiredo,Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p.21

Lembrando Shakespeare, somos feitos da mesma matéria que os nossos sonhos.

Desvinculado do ser “imigrante”, o personagem “estrangeiro,” inserido na sociedade, e ao mesmo tempo, não “percebido” por ela, é modificado pelo tempo linear que auxilia a sua diluição no imaginário social. Na medida em que o “estrangeiro” passa a fazer parte do espaço geopolítico, cultural, de uma maneira ou de outra, ele contribui com seus significados na (re)construção da história social da comunidade em que vive e das redes sociais às quais pertence. Veras, enfatiza que o “estrangeiro” é entendido de duas maneiras: no sentido da nacionalidade (censos demográficos) e também no da economia, no do social e cultural. Lembrando que na segunda, pela distinção dos estrangeiros dos que são chamados de “imigrantes”, aqueles estão imbricados no contexto do país de origem e no sentido da adoção.

Enriquez, traz uma outra visão do estrangeiro, a visão da figura paradigmática. Dentro da visão judaica do mundo, Deus é um Criador ativo no universo e influencia a sociedade humana, na qual o judeu pertence a uma linhagem que realizou com Ele um pacto eterno. Assim, a crença judaica distingue entre pecados contra a humanidade e pecados contra Deus. As transgressões de um homem contra seu próximo, somente podem ser reparados com a obtenção do perdão daquele que foi ofendido. A fé do judeu também exige que ele jejue no Dia do Perdão. Os Judeus acreditam que o homem seja feito à imagem de Deus, que o papel do homem no universo é único e que, apesar da falha de sermos mortais, somos dotados de infinitas potencialidades para tudo o que é bom e grandioso.²⁷

O judeu desafia a condição de uma raça pura e sem mistura, para se tornar um povo de origem.

²⁷ www.tryte.com.br/judaismo/colecao/br/livro1 capturado (08.fev.2007) Morris Kertzer.

“Com Torah²⁸, o povo judeu dá prova de imaginação e espírito crítico, sacrifica – se por suas crenças, não se sacrificará pela nação em que reside, a não ser que tenha o sentimento de que a causa defendida é justa e de que a nação lhe será reconhecida por seus atos”.²⁹

Os judeus consideram-se então um povo que escolhe e um povo que foi escolhido, aceitando o “peso do *Torah*” e a responsabilidade de propagar sua moral e suas verdades espirituais. Agarram-se em seus esforços religiosos para poder criar um mundo ideal onde possam viver em comunhão com Deus e com responsabilidade diante de outros.

Essa concepção judaica apresentada por Enriquez, mostra-nos em parte que a iniciação torna possível a harmonização das crenças para o estrangeiro o que também podemos perceber em Arbex, quando ele diz que a afirmação de si mesmo caracteriza os acontecimentos marcados pelas guerras pelas questões geopolíticas, pelas questões religiosas. Assim a história do judeu, estrangeiro, se desenrola num universo “mágico” com leis próprias onde se reconhece plenamente, tanto no plano individual como no coletivo, o que não difere muito da situação do estrangeiro Hakka, que também tem histórias marcadas por acontecimentos semelhantes (guerras, questões geopolíticas, religiosas).

Enriquez aponta que a maioria dos judeus da diáspora se originou de populações convertidas, em grande número vindas da Polônia, de judeus da África do Norte, entre outros descendentes de tribos bárbaras judaizadas. Porém, os judeus foram estigmatizados por questões sociais e econômicas.

²⁸ Torah (lei e sabedoria judaica)

²⁹ Koltai C. O Estrangeiro. In: Enriquez Eugène. **O Judeu como Figura Paradigmática do Estrangeiro**. p.48

Conservaram seus costumes, viveram em guetos, rezam em sua língua. Esta questão é central entre os judeus, a religião e a cultura que reproduzem onde são “o estrangeiro”, está sempre em jogo. Enriquez diz que “o encontro consigo mesmo é, talvez ainda mais semeado de ciladas do que o face a face com o outro, mesmo se parece fácil para todo mundo”³⁰.

Como imaginar sua relação com a terra de origem, e a natureza de seu “pertencimento”? E se pensarmos na questão da identidade étnica do Judeu e também na identidade do Hakka ?

Numa situação de diáspora, as identidades podem ser múltiplas (nacionais, gênero, sexuais, raciais e étnicas), aqui nos referimos a identidade étnica, uma vez que os laços que os ligam à terra de origem os ligam com outros migrantes da própria localidade. Essa condição vale para populações ditas minorias étnicas, como por exemplo, Judeu e Hakka. Na identificação com os locais de escolha se re-identificam simbolicamente com a cultura local.

Enriquez escreve que os judeus foram estigmatizados nas questões sociais e econômicas e Arbex lembra as questões de guerras, lutas ideológicas, enfim... Também os Hakkas foram perseguidos pelas condições sociais, pelas lutas, pelas questões geográficas e suas diásporas referidas no Capítulo III.

Parece que o estrangeiro, em relação às condições, tenta deslocá-las, rompê-las a fim de suplantá-las por um conjunto de termos inteiramente novo, e tenta transformar seus significados pela modificação de suas associações, o que foi negativo para positivo; um novo olhar. Assim, obter conjunto de significados é também posicionar o seu lugar, uma estrutura que lhe faça agora um novo

³⁰ Koltai. C. O Estrangeiro – In Eugène Enriquez - **O Judeu como figura paradigmática do Estrangeiro**. p.38

sentido. Em Montesquieu pode-se ler: “Estrangeiro que eu era, nada tinha de melhor a fazer além de estudar aquela multidão de pessoas que me apresentavam sempre o novo”³¹.

Koltai aborda a condição de estrangeiro com uma visão psicanalítica. Fala do fenômeno da segregação e do racismo, apontando as “causas obscuras do racismo”. A representação do estrangeiro é compreendida a partir do sujeito e da economia. A nossa sociedade moderna articula o habitar, o co-existir e as conquistas, com as formas mais complexas e perversas de marginalização e rejeição. Para a autora há laços que unem o estudo da psicanálise ao mundo, ou seja a civilização revela o mal-estar; a psicanálise não supre e nem vai esconder essa condição, mas procura a seriedade nesse campo minado. É dessa maneira que Koltai tenta analisar o estrangeiro, numa abordagem atual: a segregação e racismo como forma de mal-estar, como sintoma social, relacionando o inconsciente freudiano com as transformações históricas e sociais do mundo contemporâneo.

Koltai explica:

“que não somos integrados em nós mesmos e que no interior de nós mesmos, em nosso próprio aparelho psíquico, que vivemos, como inquietante o sofrimento do estrangeiro – poderemos, quem sabe, modificar em profundidade nossa relação singular com o outro e abandonar a eterna procura de um bode expiatório”³².

Se o ritual expiatório se fundamenta na expulsão do que é percebido como estranho, então ele “pode expressar duas principais formas”³³. Primeira:

³¹ Koltai. C. O Estrangeiro. Apud. In. Eugène Enriquez - O Judeu como Figura Paradigmática do Estrangeiro. p. 59

³² Koltai. C. O Estrangeiro – In Caterina Koltai - A Segregação, uma questão para a analista. p.111

³³ Pereira.Silvia Brinton. O Complexo do Bode Expiatório . p.19

define como inaceitável no sentido mais racional – o reprimido, a culpa. Segunda: níveis emocionais, culturais, menos racionais. Todavia se a civilização ou a sociedade não pode reprimí-lo, o estrangeiro pode adaptar e codificar os costumes aceitáveis e também as emoções que levam a sentimentos aceitáveis ao grupo. E se, por alguma razão houver transgressão ao “código moral”, o estrangeiro, é identificado como bode expiatório, que será banido, como “patinho feio”. Quanto a isto, Perera observa que: “os indivíduos identificados com o arquétipo do bode expiatório sentem-se portadores de comportamentos e atitudes vergonhosamente perniciosos e que rompem relações”³⁴.

Ao ser banido, rejeitado, o “bode expiatório” trata a punição com sentimento de culpa pela falta de conexão com a rede social a qual pertence e também por outro lado carrega a culpa individual.

Afirma Riccoeur³⁵:

“... que a culpabilidade não é sinônimo de culpa. A culpa é um castigo mesmo antecipado, interiorizado e pensado, enquanto a culpabilidade compreende um duplo movimento a partir de duas outras “instâncias” da culpa: o movimento de ruptura e o movimento de retomada. Um movimento de ruptura que faz emergir uma instância nova – o homem culpado – e um movimento de retomada pelo qual esta experiência nova se enche de simbolismo anterior de pecado e mesmo de mácula para expressar o paradoxo pelo qual se assinala a idéia de culpa.”

³⁴ Pereira.Silvia Brinton. O Complexo do Bode Expiatório, p.21.

³⁵ Tradução minha. Riccoeur P. Finitude et Culpabilité Ed. Aubier-Paris. 1960. Cap. III - La Culpabilité. p. 98

Portanto, a culpa, segundo este autor, é o peso do pecado. É a perda do vínculo com a origem, enquanto a culpabilidade é interiorização do pecado. Em termos gerais, a culpabilidade designa o momento subjetivo da culpa.

Tanto Arbex, quanto Enriquez e Koltai, têm algo em comum: enfocam o estrangeiro como a representação de si mesmo. A contribuição do mito auxilia nos estudos simbólicos quando não conseguimos olhar com imparcialidade a questão tratada: o si mesmo enquanto estrangeiro, que envelhece em um país que não é o seu de origem. Para que possamos traçar um diálogo entre os textos dos autores com as múltiplas informações simbólicas, escolhemos, dentre as muitas versões que compõe o mito Narciso e Eco, o narrado pelo mitógrafo grego Cönon (cerca e 30 a.C)³⁶.

Narciso, em grego Nárkissos (nárkes – torpor, narcótico), nasceu com uma beleza extraordinária; filho de Liríope³⁷ (ninfa) e Céfios (rio). A mãe, preocupada com a beleza excepcional do filho, consulta Tirésias, um adivinho cego possuidor da capacidade de prever o futuro. Liríope pergunta se o filho Narciso viverá até ficar velho. Tirésias responde: “Sim, se ele não se conhecer...”. Cobiçado pelas ninfas e donzelas, Narciso escolheu viver só, desprezando a devoção das jovens apaixonadas por ele. Por esse desprezo é que vem a sua trágica vivência.

Há duas versões sobre a cegueira de Tirésias. A primeira narra que convidado a arbitrar uma discussão entre Hera e Zeus sobre a questão de quem teria mais prazer no ato do amor, o homem ou a mulher, Tirésias revela o segredo de Hera. O ser feminino está mais ligado ao mundo do instinto, do prazer, do amor, e da relação; não admite a interferência da consciência nesse

³⁶ Brandão.J.de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1988. Vol.II .p.180

³⁷ Liríope é uma ninfa dos rios ou Naiades; as dos riachos e ribeiras. O nome Ninfa, em grego “nymphe”, significa noiva; era usada como noiva de deus. As ninfas eram sacerdotisas do templo das deusas, e oficiavam sobretudo nas cerimônias que envolviam ritos sexuais, nas quais elas representavam também, a fertilidade florescente. Cavalcanti R. **O Mito do Narciso**. p.139

ato.³⁸ Furiosa, Hera premia Tirésias com a cegueira. A segunda versão conta que a deusa Artemis banhava-se nua com a deusa Atenas, sua mãe, quando foi surpreendida por ele. Artemis castiga-o com a cegueira. Atenas pede que, pelo menos, conceda a Tirésias o dom profético.

O outro par do mito de Narciso é Eco. Eco é uma ninfa (original Acco, uma deusa pré-helênica, a “voz da criação”, também conhecida como o “último eco da voz”³⁹), filha do ar e da terra, amante dos bosques e dos montes, amiga inseparável de Diana, sua companheira favorita. Eco falava demais, e as últimas palavras em qualquer conversa eram sempre as dela.

Hera desconfiava de seu marido Zeus, que vivia se divertindo com as ninfas. Certo dia saiu para conferir e Eco, então, aproveitou-se da própria tagarelice e boa conversa, para dar às suas amigas ninfas tempo de se esconderem. Percebendo as articulações de Eco, Hera condenou-a a repetir sempre as últimas palavras ditas pelos outros, sem nunca mais pronunciar uma única palavra que fosse de sua iniciativa.

Certo dia Eco passeava pelos bosques e Narciso, por sua vez, perseguia uma caça nas montanhas. Ao ver o belo rapaz sobressaltou-se de paixão, seguindo-o por todos os lados na tentativa de dizer o que sentia, mas não podia. Narciso, um dia, percebeu que alguém repetia suas últimas palavras e quis saber quem era a dona daquela linda voz. Tentou chamá-la para conhecê-la, mas ouvia somente a sua última palavra. Eco tentou abraçar Narciso que a rejeitou dizendo: “Afasta-te! Prefiro morrer que te deixar me possuir”. Desapontada e envergonhada pela rejeição, Eco desaparece entre as folhagens e refugia-se nas cavernas, nas grutas das montanhas.

³⁸ Cavalcanti R. O mito do Narciso: o herói da consciência. São Paulo: Rosari, 2003. p.114

³⁹idem p.139

Outras tantas jovens igualmente rejeitadas por Narciso pedem aos céus que ele seja castigado, que também fosse rejeitado no seu amor. As súplicas foram atendidas. Certo dia, quando caçava Narciso sentiu muita sede. Inclinou-se sobre a fonte de Tépias e se encantou com o próprio reflexo. Apaixonou-se pela imagem de si mesmo permanecendo fixado em seu reflexo. Morreu no lago. No lugar onde estava seu corpo nasceu uma flor com pétalas brancas e fundo amarelo, que passou a ser conhecida pelo nome de Narciso.

Sobre este mito, C.G.Jung diz : “ a água é o símbolo mais comum do inconsciente. O lago no vale é o inconsciente que, de certo modo, fica abaixo da consciência, razão pela qual muitas vezes é chamado de “subconsciente”.⁴⁰ ..

No sentido psicológico, Narciso ao refletir-se no lago, mergulha numa profundidade a que C.G.Jung chama de inconsciente. Percebe o perigo, mas também não o evita. “A descida às profundezas sempre parece preceder a subida”.⁴¹

O mitologema de Narciso, diz Brandão, é a questão do auto-amor em excesso, na forma de reflexão patológica, o *eu*, distinto do outro, que C.G.Jung chama de sombra considerando a noção de instinto de reflexão (reflexio - voltar atrás). Essa relação alma-sombra é primitiva e atravessa as idades: “A sombra que vês é um reflexo de tua imagem. Reflete-se o que se ama”⁴². A análise dos autores a respeito do mito indica um retorno do ideal (imaginário) pela identificação com o objeto.

A princípio podemos relacionar o mito de Narciso, com o mundo material, o mundo das aparências, do corpo, das questões físicas lembradas

⁴⁰ C.G.Jung. Os Arquétipos e do Inconsciente Coletivo.Trad.Dora M.R.F. da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis:Vozes, 2002. Vol IX/1. p.29

⁴¹ idem p.29

⁴² Brandão.J.de S. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1988. Vol.II p.184

por Beauvoir com relação à velhice, como pudemos ver no item 1.1 do Capítulo I deste texto. Vemos claramente a idéia de vaidade ligada a Narciso. Entretanto, toda beleza do corpo é transitória e, por isso, a poesia também não deve (sòmente) cantar essa beleza. Além disso, o mito mostra a desestruturação da alma diante da ilusão do mundo das aparências. Essa alma que transpõe a fascinação e se fixa (como faz Narciso ao ver a sua imagem) no mundo material e das aparências. Na velhice, o corpo se transforma, anunciando o irreparável: as modificações da imagem corporal, nem sempre fáceis de suportar, são depositárias de significados simbólicos; o corpo, um evocador.

É também no registro da memória do corpo (velho) que encontramos a relação, um momento importante de olhar para si. O apego ao objeto (imagem) parece-nos uma tentativa de manter, ainda que com dificuldade, a consciência de nós mesmos.

Oscar Wilde em *O Retrato de Dorian Gray*, conta a história de um personagem de beleza dionisíaca que conhece um pintor que faz dele seu modelo. Ao contemplar sua imagem no quadro, apodera-se dele profundo desejo de permanecer como está, no auge da beleza durante toda a vida. Seu desejo se cumpre e ele se conserva jovem enquanto seu retrato envelhece. Ele que deseja muito a eterna juventude, contempla-se no quadro — espelho narcisista — de sua juventude. Recusa-se a envelhecer. A obra de Wilde ajuda-nos a compreender a “dupla face”, do sentimento corporal. Dorian cria a sua própria imagem, assim como Narciso faz com seu reflexo no lago: a projeção da superfície dele mesmo. Tanto Dorian quanto Narciso transformam a imagem, na imagem ideal que querem ter diante do mundo. É isto que C.G.Jung chama de persona (máscara):

“Aquele que olha o espelho da água vê em primeiro lugar sua própria imagem. Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com a persona, a máscara do autor. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira”⁴³.

Assim, tanto a experiência de Narciso no lago, como a imagem refletida no (espelho) no quadro de Dorian e a *persona* (*máscara*) enfatizada por C.G.Jung, surgem no sentido simbólico para o estrangeiro. A experiência de uma imagem somática interior indica o “reflexo” de conflito com “a imagem somática da sociedade” *que estrutura a sua vida* ⁴⁴, o que também, pode ser um processo somático organizador do corpo como uma forma de se comunicar consigo mesmo.

O poema de Quintana, *Auto-Retrato*⁴⁵, traduz a mesma perspectiva:

“No retrato que me faço
– traço a traço –
às vezes me pinto nuvem
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
mas que um dia existirão...
de que nem há mais lembranças..
ou coisas que não existem

e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança,...

⁴³ C.G.Jung. Os Arquétipos e do Inconsciente Coletivo. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy, 2002. Vol IX/1. p. 30

⁴⁴ Keleman.S. Mito e Corpo: conversa com Joseph Campbell. Trad. Denise M. Bolonha. São Paulo: Ed. Summuns, 1999. p.20

⁴⁵ Quintana M. Rua dos Cataventos & outros poemas L&PM: Pocket 1997. p.47

O estrangeiro que tem a capacidade de se comunicar consigo mesmo pode transcender os acontecimentos imediatos que o determinam. Ele cede apenas uma parcela da sua origem, o seu direito de “existir”. Provavelmente ele faz isso para poder preservar uma certa dignidade e o sentimento da própria identidade, com a finalidade única de dizer sim à liberdade. Com isso, procura a integração de si mesmo como estrangeiro. E com essa força de criar possibilidades que pode dizer como Nietzsche: “*de nos tornarmos o que verdadeiramente somos*”.⁴⁶

No conto *O Espelho*, de Machado de Assis, a pessoa faz a imagem de si mesma. O personagem principal Jacobina coloca uma farda de alferes para ver-se em um espelho. Quer retomar a sua identidade, quando não há mais ninguém que o reconheça como tal. Como ele mencionou que cada criatura humana traz duas almas consigo – uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro –, Jacobina necessita do olhar dos outros. Por isso, o espelho. A farda simboliza para Jacobina a posição ou *status*. “E ter status é existir no mundo em estado sólido”⁴⁷. Não basta somente a farda, é preciso mais que isso, que os outros olhem e o reconheçam como tal. “Olhar dos outros: primeiro o espelho”⁴⁸.

Afirma Bosi, que sem ter mais o olhar do outro (na fazenda de sua tia, até os escravos fugiram), o personagem procura o espelho, que vai lhe “dizer” o que ele parece ser. Bosi diz:

“ O espelho, suprimindo o olhar do outro, reproduz com fidelidade o sentido desse olhar. Sem farda, não és alferes; não sendo alferes,

⁴⁶ May, Rollo. O Homem a Procura de Si Mesmo. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971. p.137

⁴⁷ Bosi, A. Machado de Assis: O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999. p. 99

⁴⁸ idem p. 99

não és. O alferes eliminou o homem”. O estado sólido do status
liquefez-se, evaporou-se”⁴⁹.

Enquanto especialmente Arbex, Enriquez e Koltai enfocam o estrangeiro que se traduz numa única fala de si mesmo, Machado mostra a idéia de um conflito entre desejo (de Jacobina) e a força (do olhar) social. Ele vai mais além, enfoca a perda de identidade social, da individualidade, enfoca a solidão e também a velhice, quando o ser não se identifica com a função e o papel social que desempenha. Essa observação machadiana pode ser “direcionada” igualmente para o estrangeiro, do mesmo modo que a de Koltai quando se refere à segregação e ao racismo, como formas de mal-estar individual e social. É algo inquietante o sofrimento do estrangeiro. Pensamentos que ressoam e que de certo modo vão na mesma direção⁵⁰ do poema de Quintana “O Espelho”⁵¹, a questão do estrangeiro, para além das perdas, da solidão e do envelhecer.

“como eu passasse por diante do espelho
não vi meu quarto com as suas estantes
nem este meu rosto onde escorre o tempo
.....
O relógio marcava a hora
Mas não dizia o dia. O Tempo,
Desconcertado,
Estava parado.

Sim. Estava parado
Em cima do telhado...
Como um cata-vento que perdeu as asas!”

⁴⁹ Bosi A. Machado de Assis: o enigma do olhar. São Paulo : Ática 1990 p. 99 a 100

⁵⁰ Também dos poemas de Machados de Assis, como de Guimarães Rosa – O Espelho

⁵¹ Quintana M. Rua dos Cataventos & outros poemas 1997. p.46

Quintana privilegia o significado do *desconcertado*, do sem recursos; são elementos não vistos – *não vi meu quarto com a suas estantes*. Igualmente para Koltai *a segregação e o racismo* que determinam o desenvolvimento do sujeito e dos seus desejos, para além dos sentimentos de identidade: o sujeito (o estrangeiro) internaliza nos olhares dos outros o que ele (o estrangeiro) tem de si próprio. Lacan chamou uma fase semelhante (sobre o sentimento de identidade que as crianças têm de si mesmas) de “ fase do espelho”, uma fase que vem depois do “ momento imaginário”, isto é anterior a linguagem e na sequência simbólica, quando a criança ainda não tem consciência de si mesma. Da mesma forma, Jacobina de Machado perde a consciência de si mesmo pela falta do olhar do outro. Por isso, o espelho.

Afinal o que é o espelho? Brandão utiliza as palavras de Castro “o lugar a partir do qual, especulado, colhemos o que somos e não somos”⁵²

Guimarães Rosa, em seu conto *O Espelho*, analisa a questão da deformidade como aparência. Guimarães também faz uma alusão ao espelho; entre uma mirada e outra o tempo corre, e o tempo “é o mágico de todas as traições...”⁵³. Por assim dizer, o tempo nasce da relação do outro com o objeto, ou seja, os momentos do tempo preexistem nas próprias coisas espelhadas e vividas no próprio corpo e na própria imagem. Merleau-Ponty explica “... O curso do tempo não é mais o próprio riacho, ele é o desenrolar das paisagens para o observador em movimento”⁵⁴.

Guimarães Rosa fala também da previsão de Tirésias em Narciso e adverte “para se ter medo, dos espelhos”⁵⁵, eles insinuam superstições assustadoras aos povos que vêem o reflexo (da pessoa) como se fosse a alma;

⁵² Apud.Castro, M.A.C. “ Conceito de literatura Infantil”. Brandão.J.S. Mitologia Grega.Petrópolis: Vozes.1988.Vol.II – p.186

⁵³ Riveria.T. Guimarães Rosa e a Psicanálise. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2005. p.12

⁵⁴ Merleau-Ponty M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.551

⁵⁵ Rosa Guimarães.J. “ O Espelho”. Em Primeiras Histórias.Rio de Janeiro.:José Olimpio,1978. p.62

outros identificam a alma com a sombra do corpo – polarização luz-treva: cobriam-se os espelhos quando alguém morria em casa ⁵⁶. Como ele mesmo dizia, a gente morre é para provar que viveu.

“Criança que olha no espelho custa a falar. Espelho quebrado é sinal de morte: quebrou-se o reflexo, a imago, a alma. Olhar-se no espelho, à noite, é perigoso: pode-se ver o diabo. Em casa onde há mortos cobrem-se os espelhos durante três dias” ⁵⁷.

No conto *O Espelho*, Guimarães Rosa retrata além da deformidade, também a conformidade, ao relatar: “sim, vi a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto: não este, que o senhor razoavelmente me atribui...”⁵⁸.

Tirésias mesmo sem a visão exterior possui conhecimento interior. Apesar de cego, ele tem o dom de conhecer, ele é o portador da verdade mais profunda que nenhum outro ser conhece. Em alguns mitos em que aparece, Tirésias é apresentado como velho. Sua velhice é unida ao dom profético e a sua cegueira lhe atesta a posse do conhecimento e da sabedoria. Reconhecer e respeitar o velho intencionalmente traz o significado da existência humana manifesta no mundo. O ser humano acha seu reflexo, o si mesmo, no sentido de Narciso. E através desse mundo se desvenda o si mesmo. De acordo com Platão e Aristóteles, a auto-realização consiste em tornar explícito o que, implicitamente, alguém já é. A expressão antiga “Conhece-te a ti mesmo” de Sócrates, que chegou até nós vinda de 470 a.C., mostra com clareza que já

⁵⁶ Aparece numa das cenas do filme – Tomates Verdes Fritos.

⁵⁷ Brandão.J.S. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes.1988,Vol. II - p.188

⁵⁸ Rosa Guimarães.j.” *O Espelho*”. Em *Primeiras Histórias*. Rio de Janeiro:José Olympio, 1978. p.68

naquela época, além da religião, a filosofia expressava com lucidez esta necessidade humana de conhecer-se para poder conhecer⁵⁹.

O Self⁶⁰ que um homem deverá descobrir e conhecer não é a sua pessoa empírica, mas o seu Self mais profundo, do qual o seu Self empírico é um pálido reflexo⁶¹. O autoconhecimento por sua vez retira o que temos de positivo e negativo em nossa personalidade, o que projetamos e repudiamos nos outros. Por causa dessa projeção é que o sujeito não vê nem o outro e nem a si mesmo. Isso nos remete à tese de vários autores em que o velho é sempre o outro no qual não nos reconhecemos. É isso que Quintana nos mostra em seu poema *O Velho do Espelho*⁶².

Por acaso, surpreendendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto... é cada vez menos estranho...
Meu Deus, meu Deus...Parece
Meu velho pai – que já morreu!
Como pôde ficarmos assim?...

Do mesmo modo, para exemplificar a idéia de que *o velho é o outro*, numa das suas aulas, a prof^a Dr^a Suzana Rocha Medeiros, do Curso de Mestrado em Gerontologia Social da PUC-SP, relata: “Ao subir num ônibus, alguém grita...cuidado... espera, tem uma senhora idosa que está subindo; nesse momento ela olha para trás e não vê ninguém”.

⁵⁹ Giusti E. A Arte de Reencontrar-se:antes de procurar o outro. Trad. Mario Fondelli.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p.72.

⁶⁰ Revista Junguiana.nº 14. Montgana e Montellano. Artigo Narcisismo: considerações atuais.p.89 O Self conceituado por C.G.Jung inclui a trajetória do nosso desenvolvimento com as vicissitudes históricas que nos marcaram, nos feriram e formam hoje nossa sombra normal e patológica, junto com o que temos de melhor e mais criativo.

⁶¹ Staude John-Raphael.O Desenvolvimento Adulto de CG.Jung. Trad. Humberto A.B. Rodrigues e Silvia Helena A Vianna. São Paulo: Cultrix,1981. p.99

⁶² Quintana.M. Espelho Mágico: “O Velho do Espelho” Quintana de Bolso: Rua dos Cataventos & Outros Poemas. Porto Alegre: L&PM, 1997. p.5

A associação desses dois exemplos de “duplo olhar” ou “dupla face” oferece a oportunidade de sentir constatar uma sensação estranha em relação ao mundo real.

A velhice é caminhar em direção ao futuro, é algo inerente à pessoa humana. E quanto mais caminhamos, maior é o caminho a ser percorrido. É como se nossos passos prolongassem as estradas.

Narciso ao expressar a rejeição à Eco encobre a sua essência, permanecendo em “se ver” – pelo *eco* de sua própria voz.

Preocupado com o desenvolvimento humano, C.G.Jung define, na psicoterapia, a necessidade de elaboração e transformação dos aspectos doentios para que se cumpra o processo de individuação. A teoria de C.G.Jung é excepcional e importante. Ele foi um dos primeiros psicólogos a considerar o desenvolvimento da pessoa holisticamente, bem como ao longo do ciclo vital completo⁶³; salientou as transições da adolescência para a juventude, para a idade adulta, até a última transição, da meia-idade para a velhice..

Vimos na página 28 e 29 neste texto, que no Deuteronômio a velhice, abençoada por Deus, exige obediência e respeito: “Tu te levantarás diante dos cabelos brancos e honrarás a pessoa do velho”. O mito Narciso também representa a necessidade de reconhecimento, de aprovação e a sua dependência em relação ao outro é o mesmo que ocorre com o estrangeiro como vimos anteriormente: também no velho há necessidade de adaptação, codificação e a superação, sentimentos aceitáveis ao grupo. Gusmão diz “...isso significa que eles passam a ser “estrangeiros” do universo social”⁶⁴.

⁶³ Staude John-Raphael. O Desenvolvimento Adulto de C.G.Jung. Trad. Humberto A.Rodrigues e Silvia Helena A Vianna. São Paulo: Cultrix, 1981.p. 97

⁶⁴Apud.Gusmão.Neusa M.M. “**A Maturidade e a Velhice: um olhar antropológico**”. Em Neri A. L. (org).Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas, psicológicas e sociológicas. Campinas São Paulo: Papirus, 2001. p.114

As características das sociedades primitivas, nos estudos antropológicos, têm demonstrado que eles se bastam, como os únicos homens “verdadeiros” e têm apenas um gesto de indiferença para os estrangeiros.

Birket-Smith diz que:

“até um estado e cultura muito adiantados, mantêm o sentimento que está na base desses termos: os estrangeiros não falam a mesma língua “razoável”, são “tartamudos” (barbari) como dizem os helenos, quando não são “mudos” (nemtsy), segundo a designação russa para povos germânicos. Em todos os casos, os estrangeiros são ‘estranhos’, ‘esquisitos’⁶⁵.

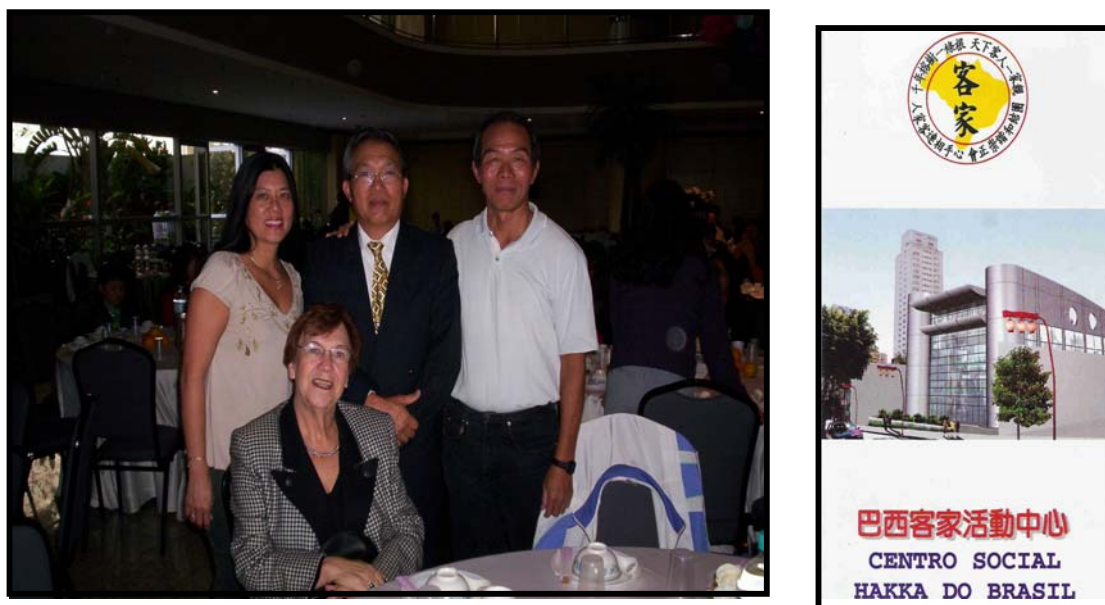
Para C.G.Jung, o mito Narciso é a ampliação do conhecimento da psique humana, contendo padrão tanto de sanidade como o de doença.

Ainda no enfoque do velho, Tirésias ao ser consultado por Liríope diz que Narciso viveria se não conhecesse a si mesmo. Isso nos faz pensar que a noção do espaço ordena o tempo. Considerada no sentido simbólico esta noção de identidade leva-o a considerar-se um ser histórico no presente, passado e futuro que remete os Hakka como um fato de continuidade da existência do outro, quando apresentada em suas festividades comemoradas no Brasil: Festa do Teatro Hakka, Festa da Colheita, Festa (religiosa) deusa Mashu, Festa da Lua, Festa do Fogo e comemoração dos dias dos pais, entre outras.

⁶⁵ Birket-Smith.K. História da Cultura: origem e evolução. São Paulo: Melhoramento, 1963. p.15

Cohen⁶⁶ trata os símbolos como objetos, atos, conceitos ou formas lingüísticas que são acumulados ambigualmente e que evocam emoções e sentimentos que impulsionam o homem a uma atividade ou ação. E que aparecem em forma de cerimônias, ritos, trocas de presentes, juramentos, comer e beber em grupo entre outros estilos de vida grupal.

A fotografia abaixo⁶⁷ foi registrada na Associação Cultural Hakka⁶⁸ no dia das mães. A maioria dos filhos dos associados preparou todo o evento: alimentação, prestação de serviços (servir os pais e convidados), além da animação de shows humorísticos, coral, entre outras atrações; ao contrário do dia dos pais quando são as filhas que fazem todo a preparação.



**Fig. 07 - Dia das Mães na Associação Cultural Hakka
ProfºTeng Hsing Kuang(camisa branca) .
presidente da Associação Hakka Huang Cheng Hsiu**

Senhor Wei⁶⁹ de 69 anos de idade, comerciante comenta que:

⁶⁶ Cohen. A . O homem bidimensional. Rio de Janeiro: Zahar. Trad.Sonia Correa, 1974. p.38

⁶⁷ Fig.07 Comemoração do Dia das Mães (dia 28.05.2006).

⁶⁸ Sede própria na Rua São Joaquim nº - 438 Bairro da Liberdade. São Paulo

⁶⁹ Relato do senhor Wei Ching Husai, entrevistado no dia 28.05.2006

“ — Nós da comunidade Hakka precisávamos nos reunir e sempre era muito complicado para alugar salões, enfim. A Associação Hakka foi construída por meio de doações da nossa comunidade hakkanesa. Cada um fez o que pode para que esse pudesse existir. Alugamos os salões para festas, reuniões e também convenções. Fazemos nossas comemorações nos dias que os salões não estão alugados. Como hoje, por exemplo (28/05/2006) comemoramos dia das mães atrasado. Os almoços foram feitos pelos filhos (homens), sendo servidos por eles também. No dia dos pais são mulheres (filhas) que cozinham”

O termo chinês cultura (Chiao), deriva da palavra piedade filial. Assim, um dos fundamentos da cultura dos Hakka é a família. Nessa relação é que emerge a continuidade e a questão da velhice amparada. Senhor Wei diz ainda:

— Acho que o seu trabalho sobre envelhecimento e também falar sobre nós, os Hakka é muito importante para mostrar que somos muito unidos e que e que somos diferentes de outras etnias que tem na China...”

— Nós não construímos moradias para os idosos, porque todos aqui pelo menos todos os que estão aqui (mostra as pessoas no salão) moram com seus filhos ou parentes. Se fizermos isso ou se levarmos os nossos pais num lugar desse, eu sendo filho serei mal visto pela comunidade. Nós ficamos com vergonha perante os outros. Não pode. Por exemplo, um dos meus filhos trouxe a sogra para morar com eles. Meus três filhos também me convidam para morar com eles. A casa deles é muito grande. Eu e minha esposa não queremos. A nossa casa também é bem grande. Por enquanto prefiro ficar na minha casa.

A longevidade de Tirésias pode ser entendida e reforçada como a forma mais profunda da identidade.

“A identidade não é um estado, é uma busca do Eu que só pode receber sua resposta reflexiva através do objeto e da realidade que a refletem”⁷⁰.

O encontro de Narciso com Eco, também exemplifica a construção de identidade e a possibilidade e/ou a impossibilidade de estabelecimento de uma relação com o outro. Em se tratando de identidade, Byington vai mais adiante: ele propõe uma visão particular; a identidade ôntica e a ontológica. A identidade ôntica é a identidade do Eu com todas as suas características do aqui e agora, idade, nacionalidade, profissão. A identidade ontológica é a identidade do processo de desenvolvimento do ser, que abrange o caminho que cada um de nós percorrerá na travessia da *grande floresta da vida*”⁷¹.

Afirma senhor Pang⁷² de 56 anos de idade, empresário.

— *O sentimento do imigrante é assim: quando você sai jovem da sua terra, a sensação de vontade e de aventura é uma coisa, aí quando começa que não é o certo. Adaptar a cultura é uma coisa, mas meus sentimentos e meus pensamentos são iguais ao de quando eu estava em Taiwan. São raízes. Isso mesmo, a identidade.*

O estrangeiro (de que falo) está inserido numa sociedade heterogênea – Brasil. É preciso, antes de qualquer manifestação, conhecer a diferença e a continuidade histórica desse país. “Pensou-se o Brasil como o conceito de “raça” e a sociedade brasileira como uma mescla de raças. A dominação branca se ocultava sob a tese da miscigenação demográfica.”⁷³ Pergunto: O que o estrangeiro seria? Reis diz que, no caso do Brasil, foram as elites

⁷⁰ Green André. Narcisismo de Vida e Narcisismo de Morte. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta 1988.43p.

⁷¹ Byington C. A. Pedagogia Simbólica: a Construção Amorosa do Conhecimento de Ser. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996 p.252

⁷² Relato do senhor Chien Pang Chi entrevistado no dia 28.05.2006

⁷³ Reis. José Carlos. As Identidades do Brasil de Varnhagen e FHC. Rio de Janeiro: F. Getúlio Vargas, 2001. p.31

brancas que fizeram a independência: “o Brasil queria continuar a história que os portugueses fizeram na colônia”⁷⁴. Reis diz ainda, que a nova nação não se assentaria sobre a ruptura com a civilização portuguesa; a ruptura seria somente política. O Brasil desejava continuar a ter uma identidade portuguesa e prosseguir na defesa desses valores.

Reis suscita a outra possibilidade na busca da identidade: o que o Brasil não queria ser? *A resposta das elites*⁷⁵, o Brasil não queria ser indígena, negro, republicano, latino-americano e não-católico. Reis conclui: o Brasil queria continuar a ser português e para isso, não hesitaria em recusar ou reprimir o seu lado brasileiro. Reis ainda diz que esse Brasil português será defendido e produzido pelas elites brancas, pelo Estado, pela Coroa. O novo país será uma continuação da colônia. A diferença é que a Coroa não é mais exterior, mas interior. E é portuguesa ainda... . “O Brasil quer ser outro Portugal: uma grande nação imperial, uma potência mundial.”⁷⁶.

Os Hakka que desejam ser brasileiros, relatam nas entrevistas que o “Brasil é um país de muita riqueza, o povo é gentil, alegre e cooperativo”⁷⁷. Entretanto desejam também manter as suas tradições, a sua cultura, vale dizer, os Hakka se recusam a reprimir o seu “lado chinês” e isso os transforma em estrangeiros. No entanto sua identidade agora não é mais a sua identidade nacional, ou seja, agora assumem a identidade da terra que adotaram, portanto passam a ter uma identidade ontológica; eles irão viver e envelhecerão no país de sua escolha. Percebemos no relato do Senhor Wei :

⁷⁴ Reis, J. C. As Identidades do Brasil de Varnhagen e FHC. Rio de Janeiro: F. Getúlio Vargas, 2001. p.31.

⁷⁵ idem p.32

⁷⁶ ibidem p. 33.

⁷⁷ Relato da maioria dos entrevistados

— *“Quando ao envelhecer no Brasil acho muito bom, porque os meus três filhos cada um tem suas casas, tem suas famílias e eu tenho a minha casa... Meus filhos estão sempre em casa. Eles vêm nos ver. Quase todos os fins de semana eles estão em minha casa com suas famílias para almoçarmos juntos... Quanto à nossa cultura e aos nossos costumes Hakka ou chineses foram passando para meus filhos, inclusive tenho um filho que tem uma esposa, brasileira e ela aprendeu e fala muito bem hakkanês. Meus netos também falam língua chinesa.”*

Como se vê, o entrevistado vivenciou a identidade ontológica, mas mantém a tradição.

A relação do encontro de Narciso com Eco é semelhante à relação do encontro que é para o estrangeiro com seu país, a identidade ôntica cheia de possibilidade e / ou de impossibilidade da relação com o *outro* daqui do Brasil e os *outros* que ficaram por lá, no seu país de origem.

Comenta senhor Pang.

— *“ Não escolhi outro país para ficar. Só escolhi o Brasil”... Como cheguei com 25 anos de idade, considerado jovem, era mais fácil para adaptar com a nova cultura, novo clima, novos costumes. A única coisa que me fez falta e diferença foi freqüentar escolas, estudar e me formar. Eu precisava trabalhar e precisava viver. Eu não tinha uma condição financeira que pudesse me possibilitar a estudar. Eu não era como outros jovens e amigos taiwaneses que vieram com seus pais e podiam sustentar eles numa escola sem ter que trabalhar... Retornei à Taiwan depois de 12 anos que cheguei ao Brasil. Depois disso retornei a Taiwan mais duas vezes.*

— *A primeira vez que retornei foi muito emocionante, foi muito forte. Não é que eu não queria voltar a Taiwan, foi por causa do regime da ditadura no país que não permitiu. Eu só consegui retornar com a democracia em 1992, foi aí*

que retornei a Taiwan. Foi muito emocionante mesmo. A emoção foi tão grande que chorei muito, quando vi meus pais...”

Assim como o quadro reflete Dorian e a água reflete Narciso, as identidades ôntica e ontológica refletem o estrangeiro. Fazem o mesmo papel do reflexo, tanto no espelho, como em um lago. O estrangeiro seria o eu. O eu não tomado como quer o senso comum, mas unitário, coerente, idêntico a si mesmo, porém ele se pensa como dividido, discordante de si mesmo numa condição paradoxal.

— *“tem dias na minha vida que eu quero ver e conviver com gente, igual a mim, da minha terra”*. Diz Senhor Pang.

Há momentos na vida em que o estrangeiro pensa diferentemente do que ele se percebe, pois continuar a olhar ou a refletir é fundamental para a formação da nova identidade seja ela, nacional, social, ontológica ou ôntica. Ninguém pode verdadeiramente compreender a si mesmo, se não tem conhecimento do outro.

1.2 – A meia idade: a descida como ação transformadora no mito da deusa Inana, em Dante Alighieri, em C.G.Jung.

Minhas reflexões a respeito da meia-idade emergiram após uma longa análise pessoal e também após encontros com pessoas nessa faixa etária, pois são inúmeras as razões pelas quais pessoas redefiniram as suas vidas e sentimentos em relação a si mesmas. Há pessoas que puderam perceber conscientemente essa transição e contribuíram, de algum modo, com os significados de suas próprias vidas e a visão da realidade que molda-nos

através da lente pela qual podemos ver. Guiam-nos, levando-nos além dessa nossa verdadeira natureza, assim, há muitos motivos para nossas escolhas.

Ao pensar na meia idade, veio-nos a mente, a *descida* no mito da deusa Inana, em A Divina Comédia de Dante – *Inferno* – (destacamos alguns fragmentos do poema) e os estudos de C.G.jung, sobre *metanóia*.

Essas referências surgiram como ponto de partida: um diálogo, uma tentativa de traçar as transformações que podem ocorrer na meia idade e a percepção dos mistérios dessa passagem.

Hollis define que:

“a passagem do meio é ocasião de referirmos e reorientarmos a personalidade, um rito de passagem entre a adolescência prolongada da primeira idade adulta e o nosso inevitável encontro com a velhice e a mortalidade”⁷⁸.

Essa perspectiva nos coloca diante da decisão de transformar a passagem da meia idade, de uma situação de mero sofrimento, para uma realização interna de valores que nos conduza a uma velhice vivida em sua plenitude.

O mito da deusa Inana é sumeriano dos primórdios da civilização. Inana é considerada uma deusa multifacetada em sua imagem simbólica. Como desdobramento desse mito podemos relacionar as deusas Atenas, Diana, Perséfone, Afrodite, a orixá Nana... A vida da deusa Inana é o oposto da de sua irmã Ereshkigal, a quem tudo foi negado pois foi condenada a viver no fundo da terra, sem nenhum tipo de reconhecimento e de paz. Com a morte do marido, Ereshkigal fica a lamentar. Inana, então, vai ao seu encontro no inferno. Em sua descida, ela é obrigada tirar suas vestes, ficando diante de

⁷⁸Hollis, J. A Passagem do Meio: da miséria ao significado da meia-idade. Trad.Cláudia G.Duarte.São Paulo: Paulus, 1995. p.9

Ereshkigal nua e submissa. Inana é morta pela irmã viúva. Seu pai envia dois serviçais para lamentarem juntos com Ereshkigal, a perda e a solidão. Comovida, a viúva devolve o corpo da irmã ao seu pai, mas com a condição de que ele envie alguém para viver com ela. Inana retoma à vida e assume a divindade. Quando Inana ressucita, Ereshkigal sente medo de perder o poder que havia mantido até então.

O texto de Hollis, referido acima, “*A adolescência prolongada*” pode ser interpretado simbolicamente de forma semelhante ao mito da irmã (Ereshkigal): há uma perda de controle ao se chegar à velhice e também à percepção do sofrimento.

A passagem da meia idade, em tempos modernos, desloca-nos à Idade Média, representada nas primeiras linhas do poema de Dante em Divina Comédia.

Dante Alighieri, homem síntese da Idade Média, aos 35 anos, inicia a sua passagem: “*Ao meio da jornada da vida, tendo perdido o caminho verdadeiro, achei-me embrenhado em selva tenebrosa*”⁷⁹. Sua obra permite-nos refletir e analisar o sentido de nossa existência hoje, apesar do aumento da expectativa de vida e de tudo o que há para nos mantermos saudáveis: desde a educação alimentar até o condicionamento físico e as cirurgias plásticas e pesquisa de células tronco.

No entanto, a reflexão não fica só no sentido externo do ser humano; abrange também o sentido interno do envelhecimento ou seja, o reino do inconsciente: “*descrever qual fosse essa selva selvagem é tarefa assim dorida que na memória o pavor renova*”⁸⁰.

⁷⁹ Alighieri, Dante. A Divina Comédia. Editor 70 Canto I - 1981. p.25

⁸⁰ idem . – 2 p.5

Evidentemente que envelhecer causa dor e sofrimento⁸¹. Quando refletimos a respeito do nosso interior, pensamos nas nossas passagens e a chegada na finitude. Muitas vezes, não estamos acostumados a viver nesses dois mundos – interior e exterior – a *selva selvagem*. Buscamos vivenciar mais o mundo exterior para conhecer a maior parte de nossas vidas sob forma explicável e palpável; fica mais fácil nos envolvermos e continuarmos a compreensão de nós mesmos. O mundo interior – não podemos deixar de lembrar – além de nos auxiliar, nos informa e propicia o percurso em vários momentos tanto nos que apavoram, quanto nos que *renovam*.

O mundo interior aponta-nos também os acontecimentos por meio de símbolos que podemos interpretar para superar os problemas psicológicos, principalmente na velhice: “ não poso dizer como ali chegara, pois quando deixei – inadvertidamente – *o caminho certo, trazia entorpecida a consciência*”⁸².

Gomes, um dantólogo, diz que:

“Dante representa melhor que outro autor, na ‘Comédia’, o símbolo do medievalismo atuante e ao mesmo tempo agitado, buscando a disciplina na desordem espiritual e o pensamento na unidade da crença. A ‘Comédia’ é a afirmação do homem e da vida. Por isso, é um mundo”⁸³

O enfoque de Gomes nos leva a pensar que diante desse medo ao desconhecido e perdido, a nossa busca deve ser heróica. O exercício de viver a vida humana, nos faz refletir se a vida é uma passagem ou é uma busca.

⁸¹ Ver interessante. Lembramos-nos aqui o famoso poema “No Meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade: “no meio do caminho tinha uma pedra... Nunca me esqueci desse acontecimento da vida, de minha retina tão fatigada...”

⁸² Alighieri Dante A Divina Comédia 1981. p.25

⁸³ Gomes. A . O Maior Poema do Mundo 1972. p.53

Na alegação de Gomes, se ‘*A Comédia*’ é a afirmação do homem e da vida, então Dante Alighieri escreveu o maior poema do mundo, para que as pessoas pensem não somente no que estão fazendo, mas também ao relatar com tanta veemência a jornada ao inferno (descida), que pensem sobre a jornada através da vida, no caminho percorrido. Essa é uma das possibilidades da passagem da meia idade.

Numa mirada analítica, Dante Alighieri pode ter inaugurado o processo de *Imaginação Ativa*⁸⁴ que mais tarde C.G.Jung chamou de *Velha Sábia*.

A deusa Inana desceu ao inferno, despida e submissa; encontrou a morte, mas renasceu e tomou o poder de deusa imortal. Dante iniciou sua jornada heróica, também pelo inferno. Após uma grande decepção em sua cidade natal, exilou-se para se tornar um imortal.

O *Inferno* nos dá o registro do que foi a vida para Dante Alighieri. Ele recriou isso de uma forma eterna. Povoou seu texto com pessoas reais, com dores reais; ninguém descreveu ou retratou o inferno como ele. Expandiu as idéias e deu ao inferno forma, tamanho e estrutura, conferindo-lhe uma dimensão tal que o inferno (descida) pode ser entendido como a imagem que capta a imaginação humana.

O *Inferno* é retratado tanto na pintura⁸⁵ quanto na literatura⁸⁶. Também aparece na mídia moderna que divulga – o inferno – baseado nas representações simbólicas: objetos que se estendem até as tatuagens das pessoas mais ousadas. A inspiração do inferno é usada também como jargão de depressão.

⁸⁴ Alvarenga.M.Z. Anais do III Congresso Latino-Americano. 2003.p.63

⁸⁵ Ver foto: Pintura de Eugène Delacroix (Século XIX), Museu de Louvre –Paris **no site: www.stell.com.br**

⁸⁶ Ver “Menino Mais Velho” em Vidas Secas de Graciliano Ramos: reflexões sobre a palavra inferno levando o menino perceber um mundo muito maior do que o conhecido até então, ou seja, uma vida que se transforma.

Morgan comenta a observação feita por um estudioso e escritor negro afro-americano, Lance Jeffers, sobre o “Inferno”:

“ A totalidade de toda a vida humana inclui o inferno.. Na literatura afro-americana... há uma tradição de captar com paixão o inferno é pobreza... O escritor negro enfrenta esse inferno, mastiga-o, engole-o e digere-o; fogueira, diabo, cauda e tudo”⁸⁷.

A ‘descida’ é argumento recorrente no mito de Inana, e nas obras de Dante Alighieri e C.G.Jung.

Perera diz que as descidas ou as:

“Introversões a serviço da vida, são para desenterrar maiores extensões do que ficou mantido inconsciente no mundo inferior pelo si mesmo, até termos forças suficientes para a viagem e vontade de sacrificar alguma parte da libido em favor de sua libertação. “As descidas mais difíceis são as que vão às profundezas as primitivas e urobóricas, onde sofremos algo semelhante ao esquitejamento local. Mas há outras, expressas por imagens de descidas a túneis, à barriga ou ao útero, para dentro de montanhas, ou de espelhos”⁸⁸.

C.G.Jung aborda a passagem da meia-idade⁸⁹ após romper o seu relacionamento com Freud. No seu isolamento sentiu-se só intelectualmente e espiritualmente, vivenciando processo semelhante ao de Dante Alighieri, no exílio. C.G.Jung voltou-se à introspecção, explorando as imagens personificadas da sua visão interior. Fez a sua auto-análise na meia-idade, o

⁸⁷ Apud. Morgan, Kathryn L. Filhos de Estrangeiros: as histórias de uma família negra. Trad. Elaine Leviski. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p.127.

⁸⁸ Perera, S.B. caminho para Iniciação feminina São Paulo: Paulinas, 1985. p.77

⁸⁹ C.G.Jung chamou a passagem da meia idade de metanóia ou crise da meia idade

que Freud realizara quinze anos antes. Esse procedimento deu a C.G.Jung o caminho posterior à meia-idade, a descoberta da jornada da individuação, tornando a personificação da sua vocação que combinava religião e medicina, para a cura ou formação das almas, nas palavras de Hillman⁹⁰.

C.G.Jung comenta em suas memórias:

“Foram necessários quarenta e cinco anos para elaborar e inscrever no quadro de minha obra científica os elementos que vivi e anotei nessa época da minha vida. Quando jovem pretendia contribuir com algo de válido no domínio da ciência à qual me devotava.

Mas encontrei esta corrente de lava e a paixão nascida de seu fogo transformou e coordenou minha vida. Tal corrente de lava foi a matéria-prima que se impôs e minha obra é um esforço, mais ou menos bem sucedido, de incluir essa matéria ardente na concepção do mundo de meu tempo. As primeiras fantasias e os primeiros sonhos foram como que um fluxo de lava líquida e incandescente; sua cristalização engendrou a pedra em que pude trabalhar”⁹¹.

A descida seja inaniata, seja dantesca ou junguiana, na passagem da meia idade nos permite pensar em um contexto maior, no que queremos realizar⁹², incluindo também as escolhas que fazemos na vida com suas inevitáveis conseqüências sempre tão significativas na jornada através dela. Esta gama de possibilidades de reinventar com as escolhas, nos leva ao curso da própria evolução do indivíduo, pessoal e socialmente. Um homem sempre

⁹⁰ Apud. Staude J. R. O Desenvolvimento do Adulto de C.G.Jung. São Paulo: Cultrix, 1981.p.70

⁹¹ C.G.Jung. Memórias, Sonhos e Reflexões. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.1 p.76

⁹² ver acima: C.G.Jung comenta em suas memórias.

pode fazer alguma coisa daquilo que fizeram dele, dizia Sartre. A árvore tem raízes, enquanto o homem tem pernas⁹³.

“Mexer-se e percorrer a própria existência representa a expressão alegre da curiosidade, da fome de exploração, mas significa também aceitar a inquietude do novo, do experimentar renunciando a acomodar-se sob as fórmulas já prontas e garantidas”⁹⁴.

As perspectivas apresentadas sobre a descida no mito da deusa Inana, por Dante e por C.G.Jung estão centrados no arquétipo em que Perera chama de intercâmbio de energia através do sacrifício.

Do meio da vida em diante, registrava C.G.Jung,

“... só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola nasce e morte. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas a morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa como a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio formam uma só curva”⁹⁵

C.G.Jung diz então que a transição entre a manhã da vida e o depois do meio-dia da vida, dá-se por uma transição de valores. Sem nenhuma preparação os homens chegam à segunda metade da vida, e de modo quase

⁹³ Provérbio Polinésio

⁹⁴ Giusti E. A Arte de Reencontrar-se: antes de procurar o outro. Trad. Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.p.158

⁹⁵ C.G.Jung. A Natureza da Psique. Cap.XVII – A alma e a morte . Trad.Pe.Dom.Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1984.p.359-360.

que imprevisto; pior ainda, atingimos o após meio-dia da vida cheios de preconceitos, de idéias, de verdades que eram até então nosso arsenal.

O autor escreveu em suas memórias que foi no início da segunda metade de sua vida que se deu o confronto com o inconsciente. Esse embate se estendeu por longos anos. Confrontou-se com as suas imagens, seus conteúdos contaminados pelo mundo dos instintos, dos processos de colapso, com a transformação e a revolução colossais internas. Tal embate proporcionou ao autor dificuldades em responder a seus anseios, porém buscando na alquimia como filosofia (destacada na Idade Média), C.G.Jung, pode equacionar suas dúvidas como ele mesmo escreveu:

“Só quando comecei a compreender a alquimia pude perceber que ela constitui um liame histórico com a gnose, e assim, através dela, encontrar-se-ia restabelecida a continuidade entre passado e o presente. A Alquimia como filosofia, a moderna psicologia do inconsciente”⁹⁶

C.G.Jung dedicou-se em estudar mais a personalidade na vida adulta. Marcou na sua psicologia, o período intermediário da primeira e segunda metade da vida, denominada a metanóia. Enfocou também o estudo do processo de individuação. Segundo o autor cada ser é formado e se diferencia em um ser particular, uma pessoa que se “torna ela mesma”, um “indivíduo”. Esse processo de diferenciação conduz ao desenvolvimento da personalidade, à realização como “indivíduo”, o que significa ir mais além de um simples fenômeno biológico⁹⁷

⁹⁶ C.G.Jung. Memórias, Sonhos e Reflexões. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963. p.177

⁹⁷ Apud. C. Albert Salles. **Viver neste Mundo**: comentário sobre o conceito de individuação. Revista SBPA –Juguiana 1990 Vol. 08p. 45

O autor viu a chegada da idade como época de florescimento, não mera diminuição da vida. Se preencher o silêncio da velhice, é bem-vinda. Resta vida ainda não vivida, chegamos ao limiar da velhice com exigência insatisfeita, que dirige nossos olhares para o passado. Um Velho que não consegue se despedir da vida parece tão débil e doentio quanto um jovem que não é capaz de abraçá-la.

Certamente que senhor Hong⁹⁸ de 55 anos de idade, brasileiro naturalizado, analista de sistema, vivenciou a *descida* e a transformação existencial da passagem da meia idade.

“.... Cheguei ao Brasil com 11 anos,... Estou há 44 anos no país. Cursei todos os estágios e graduei em Analista de Sistema. Casei e tenho quatro filhos. Viajei para muitos países a serviço da empresa. Quando completei 43 anos de idade; mas no auge da minha carreira profissional...a empresa ofereceu (plano de dispensa) à equipe da “velha guarda”, digo assim, porque éramos adolescentes quando fomos contratados... Senti-me no “inferno”. Era como se tudo houvesse desmoronado, pois eu não havia planejado nada. Achei que me aposentaria na empresa. Na época a oferta pareceu tentadora,.. pensei que seria bom, mas por outro lado, o meu dia-a-dia, como iria ficar? O prazo que tive para pensar foi desgastante e de insatisfação. Um mergulho muito sofrido. Pois, somos os pioneiros em muitos projetos e implantações de sistemas de computação. Senti-me traído... Enfim; fui obrigado a deixar minhas atividades profissionais..”

A importância da descida pode levar-nos a uma ação transformadora que busca a recuperação da passagem à meia idade. Como no mito da deusa Inana, nos revela o sacrifício, a transformação, o intercâmbio de energia, desvendando os mistérios das entradas em busca da sabedoria com uma

⁹⁸ Senhor Chiou Hong entrevistado no dia 08.09.2006

consciência criativa. Dante Alighieri está em todos nós, do “Inferno” ao “Purgatório” e ao “Paraíso”.

Dante Alighieri em sua caminhada expondo as suas insatisfações:

“... pés que iam sofrer e que haviam sofrido”⁹⁹.

Ele também ficou extasiado com as virtudes e as maravilhas das realizações do homem: *“... ó raça humana, para se alçar criada”¹⁰⁰.*

A passagem da meia-idade remete à busca da identidade em consequência de nossas escolhas e das imagens de seres que povoamos e as dores e fatos que vivenciamos, como acentua Dante Alighieri. Se compreendermos essa transformação na passagem da meia idade, psicologicamente podemos encontrar os verdadeiros sentimentos e reconhecer o nosso potencial. Caso contrário cessará a nossa busca pelo processo de individuação e as transformações da memória, apontado por C.G.Jung.

“ É tempo de descida. Talvez o sol não volte a brilhar tanto quanto agora ao meio-dia, mas pode ser mais confortável e prazeroso ao entardecer. É o tempo da virada, do sol que aquece, mas às vezes queima, especialmente para os que pretendiam continuar na calma e frescura das manhãs. Agora é preciso cuidado, sensibilidade, senão as queimaduras podem ser profundas. O sol brilha intensamente para quem pode ver e sentir seus raios, mas isto é possível com a consciência de que daqui a pouco começará a descer no firmamento...”¹⁰¹.

⁹⁹ Alighieri D. A Divina Comédia. Paraíso – Canto XX -103 – p.144

¹⁰⁰ idem Purgatório – Canto II – 94 – p.82

¹⁰¹ Apud. Marfiza R. Reis. **Metanóia Familiar**: a dança transformadora dos vinte anos. Revista da SBPA – juiguiana Vol. II p.69.

O senhor Hong comenta que essa mudança brusca em sua vida (aposentadoria), levou-o a refletir sobre a existência de suas raízes Hakka. Ele perdeu esse elo pois seus pais haviam falecido no transcorrer dos quatro anos que antecederam seu desligamento da empresa; eles eram as suas únicas referências. Retornou a Taiwan, para resgatar sua identidade na real busca no seu país de origem, para transcender em seu país de escolha.

“ ... Não sei porque, mas senti necessidade de buscar minhas raízes, falei com meu tio em Taiwan, que também trabalha com computação. Fiquei mais de dois meses lá... Acho que precisava conviver com minha família de origem... Sabe, essa caminhada não é fácil, pois saí de lá com 11 anos de idade... Retornei fascinado.. mil idéias, novo recomeço.. Enfim, posso envelhecer aqui e sei que o farei . Esse choque parece que abriu novos caminhos para mim. Eu nunca vou esquecer desse episódio. Agora preparo meus filhos para essa passagem.. cada um deve passar... acho que vão evoluir muito”.

A caminhada de Dante Alighieri pelo mundo subterrâneo foi uma jornada mítica de transformação, mostrando que o ser humano, com o amor e com seus valores pode transcender as insatisfações e as dimensões comuns. Dante Alighieri, assim como C.G.Jung cunharam um saber da essência de viver a vida. O fato é que a vida tem muitas viradas e está também inserida no contexto da imortalidade – representada pela deusa Inana.

Refletir na imortalidade, torna-nos mais pesados. Mas refletir na morte nos torna mais leves. Reiterando a citação de Jung da página 66:

“.. do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas

morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa como a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio formam uma só curva”¹⁰²

Cecília Meirelles¹⁰³ traduziu os poemas chineses dos autores Li-Pó e Tu-Fu que também expressam a imortalidade e velhice, e comenta que a tradução das poesias chinesas sempre representou para o ocidente um desafio insolúvel e de permanente fascínio.:

“.... À minha porta, levais as mãos aos vossos cabelos brancos,
como se uma pesada tristeza voz partisse o coração.

.....

Só este homem é desgraçado!
Como acreditar na justiça do Destino!
Envelhecereis em sofrimento.
Depois de dez mil, cem mil outonos,
A inútil imortalidade será a vossa compensação.

.....

E nas belas palavras de Marcel Proust. O ser humano é uma criatura sem idade fixa.

Envelhecer talvez seja a caminhada que apontamos em Dante Alighieri e C.G.Jung, *um saber da essência de viver a vida*. E a imortalidade provavelmente não seja tão inútil assim (a deusa Inana) e nas delicadas palavras de Cecília Meirelles; mas feita de graça e beleza que nos legaram os poemas de Li-Po e Tu-Fu.

¹⁰² C.G.Jung. A Natureza da Psique Cap.XVII – **A alma e a morte** . Trad. Pe.Dom Mateus R. Rocha,OSB. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 359- 360

¹⁰³ Li Po e Tu Fu . Poemas Chineses. Trad. Cecília Meirelles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.1996.p.23

C.G.Jung tratou de muitas pessoas idosas como ele mesmo mencionou. “Olhei para dentro da câmara secreta de suas almas para não mudar de idéia”¹⁰⁴. Jung afirma então:

“O homem que envelhece deveria saber que sua vida não está em ascensão nem em expansão, mas um processo interior inexorável produz uma contração da vida. Para o jovem constitui quase um pecado ou, pelo menos, um perigo ocupar-se demasiado consigo próprio, mas para o homem que envelhece é um dever e uma necessidade dedicar atenção séria ao seu próprio Si-mesmo. Depois de haver esbanjado luz e calor sobre o mundo, o Sol recolhe os seus raios para iluminar-se a si mesmo”¹⁰⁵.

Marfiza Reis lembrou do espelho em seu texto, no qual surge o confronto – as rugas, os cabelos brancos – mas também enfoca força interior e suavidade, o Si-Mesmo¹⁰⁶.

Brandão nos dá, também um bom conceito sobre o espelho; o desejo das almas de entrar na vida material é consequência de se terem elas olhado num espelho, ‘o mesmo espelho no qual o Dionísio se contempla, antes de voltar-se para a criação das coisas individuais’. O espelho funciona, dessa maneira, para estimular na alma um desejo pelo corpo, pelo distinguível, pela particularidade.¹⁰⁷

Sei que já não sou tão jovem.

E não tenho a mesma idade que você.

¹⁰⁴ C.G.Jung. A Natureza da Psique Cap.XVI – **As Etapas da Vida Humana**. Trad. Pe.Dom Mateus R. Rocha,OSB. Petrópolis: Vozes, 1984. p.348 -349.

¹⁰⁵ Idem .348-349.

¹⁰⁶ Apud. Marfiza R. Rei. **Metanóia Familiar**: a doença transformadora dos vinte anos. Revista da SBPA-Junguiana - Vol.III. P. 70

¹⁰⁷ Brandão. S.J. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes, 1988. Vol. II p.186

Mas também sou capaz de vencer essa guerra
contra o mundo inteiro e contra mim mesmo....
A nossa juventude está ficando pra trás.
Mas a morte não é capaz de nos separar. Pois o que
vai viver são nossos idéias.
E a nossa mensagem de amor. É o nosso grito de
liberdade. (Renato Russo – Idade Média)

Renato Russo na canção *Idade Média e Dom de Iludir de Caetano Veloso*, destacamos o verso (cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...) refletem o ritmo de uma descoberta e que a canção é um espelho (tão bem conceituado por Brandão) do processo e vivência e de pensamento, o palpitar da vida, principio do reconhecimento, da comparação e da contemplação (em Dionísio), recorrendo à memória e seus métodos simbólicos. E ao final, do encontro dessa passagem da meia-idade para a velhice, o percurso da jornada para a esperança – *ou o nosso grito para a liberdade ou o poema, Canção das Cabeças Brancas*¹⁰⁸, simbolizando um caráter positivo.

Sempre me repetíeis; ‘ Envelhecemos juntos’.
Ao mesmo tempo em que os meus, teus cabelos se tornarão
brancos como a neve das montanhas, como a lua de verão...’
Hoje Senhor, soube que amais outra mulher e venho,
desesperada, dizer-vos adeus.
Pela última vez, enchemos como o mesmo vinho as nossas
duas taças.
Pela última vez, cantai que fala de um pássaro morto sob a
~~De~~pois, embarquei no rio Yu-Keú
cujas águas se dividem para leste e para oeste.

¹⁰⁸ Li Pó e Tu Fu. Poemas Chineses. Trad. Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1996, p.51

Para que chorais, jovens noivas?

Desposareis talvez um homem de coração fiel
que vos repetirá sinceramente:

“Envelheceremos juntos ...”

O poema nos coloca diante da tomada de consciência e também da liberdade de escolha (enfocada em Dante Alighieri e C.G.Jung) nos quais deparamos com a experiência do amor, no sentido mais amplo, o amor do casal, o amor do Outro. Desenvolvemos os nossos sentimentos e encontramos a necessidade dessa “suavidade e docilidade”, marcada no simbolismo: *da neve das montanhas, lua de verão, canções que falam de pássaros, as águas que se dividem para leste e para oeste e da fidelidade, estes são atributos essenciais aos quais a alma almeja na idade da juventude.*

A lealdade invocada no poema revela aqui uma abertura à imagem do ciclo da evolução do caminho para o comportamento e a obediência que encontramos na velhice – ‘*Envelhecemos juntos*’ – “recita o poema”. O seu verdadeiro sentido de plena maturidade, da capacidade de nos distanciar do mundo exterior e aceitar o nosso destino, mantendo a abertura para a vida e a aceitação desse movimento de virada da consciência, “*a amplidão podes ver agora, e a altura do poder que, até ao último luzeiro de espelhos mil partindo-se fulgura - 144*”¹⁰⁹, que traz na velhice um elo de transformação para o final desse percurso vital – *a finitude; uno restando em si, como primeiro - 145*¹¹⁰. Ao “Paraíso” dantesco.

¹⁰⁹ Alighieri D. A Divina Comédia – Paraíso. São Paulo: Ed. 34 Trad. Ítalo Eugenio Mauro, 1998. – 144 p.206

¹¹⁰ idem - 145 p.206

1.3 – Cultura, Etnicidade e Identidade: compreendendo as diferenças.

A antropologia, segundo alguns autores, procura conhecer e interpretar o *outro* que nós desconhecemos, mas que é ao mesmo tempo familiar, pois esse *outro*, pode estar fora do nosso contexto social e cultural, mas norteia a nossa lógica e a nossa psique. Isto é, olhar para *outro* é voltar a nós mesmos. A compreensão antropológica é um instrumento que possibilita a criação de novos e diferentes dados. Auxilia também na transitividade e mobiliza a confraternização, desvendando a realidade, que muitas vezes está camuflada ou no subterrâneo de nosso entendimento simbólico.

Para Geertz

“É nesse ponto que a concepção do pensar como sendo basicamente um ato social, que ocorre no mesmo público em que ocorrem outros atos sociais, pode desempenhar um papel muito construtivo. A perspectiva de que o pensamento não consiste em processos misteriosos localizados naquilo que Gilbert Ryle chamou de gruta secreta na cabeça, mas de um tráfico de símbolos significantes – objetos em experiência (rituais e ferramentas: ídolos esculpidos e buracos de água; gestos, marcações, imagens e sons) sobre os quais os homens imprimiram significado – faz do estudo da cultura uma ciência positiva como qualquer outra” ¹¹¹.

Birket-Smith acentuou que a cultura foi descrita por muitos pesquisadores como “coletiva”. Muito mais indicada para o uso da sociedade do que para o indivíduo. O autor assinala a cultura como “*patrimônio da*

¹¹¹ Geertz.C. Interpretação da Cultura. Capítulo 8 - **O Estudo da Cultura** Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 227

sociedade, constitui os quadros nos quais a vida se desenrola e que influem sobre a formação das idéias”¹¹².

Dentre estas formas apresentadas por Geertz e Birket-Smith compreende-se então, que a cultura é a essência humana. É uma somatória do saber, dos seus significados, do poder humano e das forças espirituais.

Geertz também afirma que é por intermédio dos padrões culturais, um amontoado ordenado de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive¹¹³.

“A cultura assemelha-se a uma árvore, uma árvore de lenda em que cada galho se distingue do vizinho, cada flor possui uma cor e um perfume próprios e cada fruto um sabor especial. Toda esta riqueza se formou naturalmente. Cada cultura e cada povo têm um caráter particular. Mas todos os galhos brotaram do mesmo tronco e se nutrem da mesma seiva. Se os galhos se partem e se separam do tronco, as flores murcham.[...] Mas, ao mesmo tempo, somos membros da comunidade humana e nossa cultura é uma parte da cultura universal à qual devemos levar uma contribuição permanente.”¹¹⁴

Se a cultura é coletiva e é patrimônio da sociedade em Birket-Smith, então cada indivíduo pode participar, a seu modo, da totalidade dessa estrutura e assim se somar e interagir ou se esclarecer mutuamente. Tomamos como exemplo, a cultura Hakka que, se não sucumbiu totalmente à influência de mudanças (as diásporas) de localidades, foi porque essa etnia antiga manteve a sua tradição e também adaptou as condições propostas por outros grupos, às

¹¹² Birket-Smith História da Cultura: origem e evolução. São Paulo: Melhoramentos, 1962. p. 41

¹¹³ Geertz.C. Interpretação da Cultura. Rio de Janeiro: LCT, 1989. p. 228

¹¹⁴ Birket- Smith. História da Cultura: origem e evolução. São Paulo: Melhoramentos, 1962 p.8

suas necessidades de sobrevivência, semelhante ao mencionado no capítulo I, item 1.1, ao se pensar na questão do estrangeiro e da velhice.

A fala do entrevistado senhor Pang, nos dá sinais dessa cultura coletiva em que o indivíduo pode usufruir a seu modo:

“No Brasil, eu me identifico com a política, gosto de ouvir e saber, além do futebol, que é o melhor, lógico. A sociedade brasileira é boa, mas quanto à política, acho que não tão boa assim. Mas a sociedade é de paz e as amizades que eu tenho com brasileiros são muito legais. Para mim 90% é o melhor país do mundo para se viver, não sofre de guerra, nem com clima, não é como Taiwan, que tem terremoto. A natureza é muito diferente por lá. Mesmo com as violências contra os policiais, que ouvi na semana passada, ainda é um bom lugar para se viver. Eu não posso reclamar”.

Para Geertz, a concepção do pensar é basicamente um ato social que ocorre no mesmo público em que ocorrem outros atos sociais, e “pode desempenhar um papel muito construtivo”¹¹⁵. Isto também faz parte da cultura e da identidade.

A cultura, registrava Lévi-Strauss, “é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”¹¹⁶

Portanto, é importante lembrar:

“... fala da velhice como realidades periféricas em áreas da vida cultural na qual o velho está e vive. Isso significa que o velho e a velhice passam a ser ‘estrangeiro’ do universo social. Simultaneamente, um mesmo e um outro; alguém que está próximo

¹¹⁵ Geertz.C. Interpretação da Cultura. Rio de Janeiro: LCT, 1989. p. 227.

¹¹⁶ Apud Mello L.Gonzaga - In: Lévi-Strauss. Antropologia Cultural. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 40

e distante; é um elemento do próprio grupo, tem uma posição de membro, mas está fora do grupo e como tal é configurado”.¹¹⁷

A análise cultural (seja em sociologia ou antropologia), segundo Geertz, pode investigar as funções e os significados de uma determinada sociedade, de um sistema particular - pessoa-categoria - e, supostamente pode prever se houver variações sob impacto de certos processos sociais.

Para sintetizar o enfoque dos signos culturais em antropologia, seja em Lévi-Strauss seja em Geertz, pode ser compreendido então como parte introdutória de um processo. Resultante de experiências vividas – simbólicas ou não – sob as mais diversas maneiras, uma cultura é subjetivada e interiorizada, aprendida em uma sociedade.

Certamente, o contato entre sociedades e culturas levará a mudanças mais ou menos profundas, mais ou menos drásticas; de fato, quanto mais diversas as realidades culturais e sociais, tanto mais complexo o processo de mudanças, assim se, por exemplo, um “povo primitivo” entrar em contato com uma sociedade complexa, industrializada, poderão ocorrer mudanças significativas nos aspectos da economia, do contexto social e até moral.

Em, *Argonautas do Pacífico Ocidental* de Malinowski, identifica-se três temas centrais sobre cultura. No primeiro, a cultura não pode ser estudada isoladamente, em particular no contexto de uso. A cultura, portanto, é a referência constante de toda a investigação¹¹⁸. No segundo, não podemos acreditar nas normas e regras mencionadas pelas pessoas, uma vez que nem sempre as atitudes correspondem a essas mesmas regras. Por fim, podemos compreender o que as pessoas fazem e as posicionar numa estrutura adequada.

¹¹⁷ Gusmão.L.N. M.M. A Maturidade e Velhice: um olhar antropológico. Neri.A.L. (org). **Desenvolvimento e Envelhecimento**. Campinas: Papirus, 2001. p. 113

¹¹⁸ Malinowski. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*, 1978 XVI.

Assim identificamos suas ações como razoáveis e semelhantes às nossas. Malinowski afirma então que é através da:

“análise das atividades e de seus resultados que o investigador encontra instrumentos para superar a consciência restrita e deformada que os membros de uma sociedade possuem de sua própria cultura”¹¹⁹

Na formulação sobre a idéia de cultura tanto Malinowski, quanto Geertz ressaltam, por um lado, a importância de uma análise cultural e, por outro, o envolvimento na questão do homem encontrar um sentido para viver por meio de seus significados simbólicos culturais.

Entende-se então, que a cultura pode ser encarada em dois aspectos. Em seu aspecto objetivo quando Malinowski afirma ser ela uma referência nas investigações. Em seu aspecto subjetivo, quando Lévi-Strauss e Geertz apontam a questão simbólica. No sentido geral, em conformidade com as referências dos autores, a cultura compreende uma série de normas e formas. A cultura é vista como resultado de um processo sócio-histórico de elaboração simbólica de uma tradição (secular ou milenar), que também pode ser considerada como um processo psicossocial.

Já que falamos de velhice, do estrangeiro e dos Hakka, arriscamo-nos a acrescentar um trecho da entrevista do senhor Pen Chun de 84 anos de idade, comerciante aposentado, que mostra na sua fala simples a questão dos padrões culturais e da simbologia de uma tradição:

¹¹⁹ Malinowski. Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia, 1978 XVI.

“ Os Hakkas são diferentes dos Hoklos¹²⁰. Nós os Hakkas somos mais tradicionais. Procuramos sempre manter os nossos costumes, as nossas culturas que os ancestrais nos legaram. Conservamos os templos, não gostamos de seguir outras religiões, do tipo igrejas... Para mim templo é templo, diferente de igrejas. As igrejas de um modo geral, em Taiwan, penso eu, se fixaram mesmo depois da II Guerra Mundial. Mas aprendi na escola que muitos séculos atrás, os aborígenes e também os chineses tiveram influências religiosas ocidentais.

Os Hoklos vieram da China Continental, os chamados de estados de Fukien ou Fujien, próximo ao mar. Por isso é que eles receberam muitas influências estrangeiras. Gostam de igrejas, não mantêm a tradição do templo. Houve no início... Essas pessoas da igreja forneceram muitas coisas para nós, os Hakka, como alimentos, para ver se nós iríamos freqüentar as igrejas. Eles queriam nos conquistar. Mas, meus pais nunca aceitaram nada deles. Nós os Hakka não tivemos tanta influências dos de “fora”, porque nos estabelecemos em montanhas, daí a dificuldade de contatos com o exterior “¹²¹

Mello¹²² considera que a cultura é como se fosse uma memória coletiva que reconstrói toda experiência dos grupos ou das sociedades. Mello, como Geertz, pensa que a característica básica da cultura é seu caráter simbólico. “É essa propriedade da cultura que permite que ela seja transmitida e seja social”¹²³.

Numa outra referência sobre a cultura, e destacando seu caráter conceitual, Barth considera que ela “é apenas um meio para descrever os

¹²⁰ Podemos encontrar escrito Ho-lo (na pronuncia chinesa) e Hoklo (no inglês). Vamos manter o segundo.

¹²¹ Relato do senhor Huang Pen Chun entrevistado no dia 18.06.2004

¹²² Mello.L.C. Antropologia Cultural: iniciações, teorias e temas. Petrópolis: Vozes. 2001. p.

¹²³ idem p.48

comportamentos humanos, seguidos por grupos humanos, isto é, unidades étnicas que correspondem a cada cultura”.¹²⁴

A cultura, conseqüentemente, nos leva a refletir a respeito da etnicidade, da qual Barth destaca as perspectivas denominadas “ecológica” e “demográfica”¹²⁵. Ele diz que o grupo étnico é o “sujeito da etnicidade”. Embora os grupos possam compartilhar da mesma cultura, as diferenças culturais não conduzem à formação ou ao reconhecimento de grupos étnicos distintos¹²⁶, afirma Villar.

Villar também considera que a idéia de ‘grupo étnico’ não define uma ‘sociedade’ e, menos ainda uma ‘cultura’. De fato, boa parte da argumentação consiste em distinguir a ‘*organização social*’ da ‘*cultura*’¹²⁷. O fato de compartilhar uma cultura é uma conseqüência não é a causa, a condição ou, menos ainda, a explicação da etnicidade, completa Barth. Os estudiosos concordam que se deve notar e avaliar quais são os “fatores” ou “traços” culturais, “diacríticos”, como acentua Villar, que “definem” o pertencimento étnico; não discute se eles existem, ou se devem existir, ou se, caso existam, importam ao observador. A concepção da etnicidade ainda não alcançara (no trabalho de Barth) o refinamento a que haveria de chegar, diz Villar comentando aquele autor.¹²⁸

A etnicidade pode, então, ser considerada uma divisão da sociedade em grupos; não se trata de divisão de raça mas parte da seleção de características comuns a um conjunto de pessoas que as diferenciam de outro e também

¹²⁴ Barth.F. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In Poutignat.P. & Streiff-Fernart.J. Teoria da Etnicidade. 1995 p.187

¹²⁵ idem p. 192

¹²⁶ Villar.D. Uma abordagem do Conceito de Etnicidade na obra de Fredrik Barth. site www.scielo.br?scielo.php?pid. Capturado dia 24.04.2007. p. 2

¹²⁷ idem p.2

¹²⁸ Villar.D. Uma abordagem do Conceito de Etnicidade na obra de Fredrik Barth. site www.scielo.br?scielo.php?pid. Capturado dia 24.04.2007. p. 2

inclui o conjunto de características sócio-antropológicas de cada um. Etnicidade pode também ser considerada um fenômeno social que projeta a identidade e insere em um grupo, indivíduos com a mesma origem, história e cultura. Francis aponta que “a etnicidade deve ser considerada uma dimensão universal das relações humanas e não um fenômeno característico dos grupos que o senso comum define como “étnicos”.¹²⁹

Então, a etnicidade pode ser entendida como a identidade de consciência que une indivíduos diferenciando-os de outros indivíduos, caracterizando assim, por meio dessa identidade um grupo étnico universal.

Parece que nesse caso a teoria da etnicidade apresenta duas perspectivas na fundamentação teórica. Uma que vislumbra a distinção étnica, que favorece culturalmente elementos que são registrados como tradições e podem traduzir a substância de um povo. A outra se fundamenta nas intenções sociais, rastros culturais que não são compartilhados com outras sociedades e nas características da herança biológica (parentesco e matrimônio), para definir a inserção em um grupo étnico.

Há de se fazer uma observação: a antropologia enfatiza as intenções sociais criadoras das fronteiras étnicas, levando em conta o discurso de sua raiz histórica cultural ou racial, mesmo que pareça para os outros uma maneira específica de se mostrar como categoria étnica diferenciada. Assim são sinalizadas as marcas culturais de um grupo étnico historicamente em oposição a outros. Esse aspecto da etnicidade e de grupos étnicos traz uma outra reflexão que é a identidade. Woodward afirma a importância de uma discussão sobre a identidade porque ela fundamenta as afirmações, sejam elas enfocadas na “verdade” de um passado, ou compartilhadas na “verdade”

¹²⁹Apud. Poutignat, P. e Streiff-Fenart, J. A Teoria da Etnicidade. Trad.Elcio Fernandes.São Paulo: Unesp. 1997, p.26

biológica. Para ela “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”¹³⁰

Por outras palavras, a identidade significa ser diferente dos demais. Podemos pensar que a identidade determina o sentimento de identidade individual, e ao mesmo tempo considerar – o pertencimento –, lembrando que na coletividade também temos situações constantes de duplo sentido de pertencimento.

Woodward ressalta que para compreendermos o que torna uma identidade foco central é necessário averiguar em diferentes níveis: um corresponde à “arena global”, as preocupações de identidades nacional e étnicas. O outro corresponde ao contexto local. Nele existe a preocupação com a identidade pessoal como, por exemplo, nas relações pessoais e sexuais.

A autora comenta ainda que a discussão nas últimas décadas sugere mudanças no campo da identidade o que chega a produzir uma “crise de identidade”, pois implicam em um exame de como foram formadas as identidades e o processos envolvidos. Há que se perguntar se as identidades são fixas ou de forma *alternativas, fluídas e cambiantes*¹³¹.

Nesse caso Woodward se apóia no esquema “circuito da cultura”¹³², estudado por Paul du Gay¹³³ e seus colegas que comentam que a reprodução indica sistemas de símbolos (p.ex., textos e imagens visuais) e produz significados que influenciam um tipo de pessoa que se torna usuário do tal artefato simbólico e daí surgem as identidades que se lhe associam.

¹³⁰ Woodward, k. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silvia T.T. (org) **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 15

¹³¹ idem p. 16.

¹³² Idem p.16. In - Esquema desenvolvidos por Paul de Gay, S. Hall, Linda J.H., Makave e Keith Negus.

¹³³ Ibidem p.68

Essa identidade e o artefato, por sua vez, são produzidos tanto tecnicamente quanto culturalmente, para atingir os consumidores que poderão adquirir produtos com os quais eles se identificarão. A identidade que uma pessoa leva através de sua vida tem dupla estrutura: a auto-identificação que é uma identidade que contribui para o si mesma, isto é como ela se vê, como opina, e uma outra identidade que a acompanha com o crescimento, aquela que ela imagina que é a sua própria identidade.

De acordo com Jelic¹³⁴ e Woodward podemos refletir que a identidade atua no íntimo de um ser humano e também se utiliza do que a cultura propicia. Abriga e busca ultrapassar a ordem das revoluções. O corpo intensificado pela comunicação e pela interação, que tentamos compreender por meio de símbolos (Geertz), uni-se também à exterioridade (os consumidores). Assim, a cultura, a etnicidade e a identidade nos dão a perspectiva de continuidade, de liberdade, de reconhecimento e a possibilidade de descobrir os significados e as diferenças. Diz o senhor Pang:

“Como digo... oriental e ocidental; já temos uma diferença por aí.. podemos ver que o brasileiro é mais à vontade, no sentido das atitudes de trabalho, e no tratamento com as pessoas é mais receptivo, mais aberto, diferente dos taiwaneses. A cultura brasileira já se enraizou em mim... Eu não penso na minha velhice, mas tenho que viver... Eu gostaria de viver com meu filhos, quando ficar velho, mas estamos no Brasil.... Separo uma parte financeira e crio a aposentadoria para não depender dos meus filhos”.

¹³⁴ Jelic, J. “ Sobre la Identidade: reflexiones y tesis” . Lemos, Maria Teresa, Moraes, Nilson A. e Parente Leira, Paulo A(orgs). **Memória e Identidade**. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2000. p. 66

Capítulo II

Trabalho de Campo

2.1 – Brasil à China Continental e Ilha de Taiwan

A idéia de pesquisar sobre a velhice e os modos de vida dos imigrantes Hakka e Hoklo, na cidade de São Paulo, chineses que formam a população de Taiwan, pareceu-me muito desafiante porque, antes de tudo, envolve as raízes da vida da pesquisadora. Esse encontro traz como elemento a redescoberta da construção da minha própria identidade entre o oriente e o ocidente, acrescido da responsabilidade acadêmica e da pesquisa. São essas responsabilidades (da academia e da pesquisadora) que deverão dialogar com a pertença a um daqueles grupos, buscando o equilíbrio entre emoção e razão por meio da organização ao estruturar as realidades envolvidas neste estudo.

Para obter as informações precisei de um colaborador. Meu pai, um entusiasta na ciência e na vida, mais do que depressa contatou parentes e instituições, prevendo futuras coletas dos dados que tornassem possíveis o desenvolvimento da pesquisa, enfocando principalmente a etnia Hakka.

No segundo semestre de 2001 recebemos informações de que os primeiros antepassados Hakka pertenceram à Dinastia Han (202 a.C. à 220 d.C.). Os Hakka viviam em lugares montanhosos e como eram perseguidos por agressores foram migrando para outros locais das regiões montanhosas e também para o sul da China Continental, especialmente para a cidade Guangdong. Muitos dos hakkaneses construíram residências próximas a essa cidade. Em Meixien 90% da população fala hakkanês e essa localidade fica aproximadamente a uma hora da cidade Jiaoling, na qual meus ancestrais da etnia Hakka se estabeleceram.

Chiou I Der¹³⁵, primo do meu pai, informou-nos que um parente estava coletando dados para formar a árvore genealógica da família Chiou. Os dados que tinha partiam da 10ª geração e se estendiam até a 29ª geração e ele precisava do nome em chinês dos meus dois sobrinhos nascidos no Brasil, para acrescentá-los ao texto, formando assim a 28ª geração.

Percebi que no esquema da árvore genealógica não havia o nome de nenhuma das mulheres que faziam parte da família, o nome das minhas tias que eu conheci, irmãs do meu pai. Segundo a explicação, as mulheres não podiam ser relacionadas nesse quadro familiar, porque casariam e formariam uma outra família. A linhagem chinesa é patrilinear.

Meu pai, sendo um dos mais velhos na linha ancestral, pediu a inclusão do meu nome na árvore genealógica da família Chiou, tendo em vista que sou a primeira mulher prestes a receber o título de doutora, e isto é uma honra para os Hakka, ainda mais fora de seu país de origem. A resposta veio imediatamente. Eles de comum acordo aceitaram o pedido do meu pai.

Pensando como seria a pesquisa de campo para este trabalho, meu pai e eu resolvemos viajar à China e a Taiwan em busca de mais informação. Para um chinês é muito fácil explicar situações e compartilhar as vivências. Agora temos um pequeno detalhe: Como se fazer entender numa pesquisa acadêmica, numa literatura totalmente diferente? Como a minha orientadora profª Drª Maria Helena poderia opinar sem conhecer um país que se situa do outro lado do mundo? Aceitando o convite para nos acompanhar, ela firmaria suas próprias conclusões com um olhar antropológico ocidental e poderia compartilhar dos costumes e também conviver com uma família Hakka.

¹³⁵ Chiou I Der faleceu em 2004, num acidente automobilístico entre a cidade de Kaoshung e Ping Tung, em Taiwan.

No segundo semestre de 2001 meu pai e eu organizamos o roteiro da nossa viagem. Nosso objetivo era visitar a China Continental e as cidades onde os Hakka se encontravam, para observar seus costumes e sua cultura, pesquisar as origens das migrações desse povo e também fazer contatos com as pessoas que pudessem dar informações pertinentes à minha pesquisa. Faríamos o mesmo na ilha de Taiwan.

O roteiro de viagem incluía uma parada no Japão, nas cidades de Hiroshima e Kobe, para que meu pai pudesse reencontrar amigos com os quais estudara e trabalhara. Lembrou-se meu pai da explosão da bomba atômica em Hiroshima um dia depois dele e alguns amigos acompanharem um professor até aquela cidade. Alguns dentre eles resolveram ficar por lá. Meu pai e dois amigos retornaram à cidade de Kobe, de onde acompanharam o horror da destruição.

Três meses antes da nossa viagem, 2002, meu pai faleceu. Um momento difícil. Dias antes, de sua morte ele pediu para que eu continuasse a estudar e não desistisse da viagem. Era fundamental o projeto ser concretizado, estava tudo programado e os contatos com as pessoas já haviam sido feitos.

A princípio a minha preocupação era com a minha orientadora, pois eu não falo fluentemente o idioma mandarim. Além dos cuidados redobrados, confesso que foi angustiante para mim, pois sabia que lá na China ou em Taiwan eu teria ajuda apenas até certo ponto.

2.2- São Paulo a New York – 5 a 6 de setembro de 2002

Sáimos no dia 05 de setembro de 2002 às 23 horas do aeroporto de Guarulhos em São Paulo, num voo da JAL¹³⁶ com destino ao aeroporto de

¹³⁶ JAL: Japan Air Line

Narita, Japão, com uma parada técnica para abastecimento no aeroporto JFK, em New York. Em Narita um outro voo nos levou à China Continental.

O percurso foi muito longo; o que amenizou o desconforto foram os alongamentos feitos no fundo do avião e o excelente serviço de bordo, que incluía refeições, lanches, bebidas quentes e frias. Em cada poltrona havia fones de ouvido, em que podíamos escutar música e uma pequena tela de televisão que transmitia filmes de ação, dramas, comédias e musicais. Havia também telefone a bordo, sendo possível utilizá-lo por meio de cartão de crédito.

A parada em New York lembrou-nos o triste episódio de setembro de 2001. Desembarcamos do avião e passamos por um primeiro guichê em que o funcionário tinha como função nos entregar um cartão destacado em duas metades. Uma dessas metades deveria ser entregue por nós para outro funcionário num segundo guichê para passageiros em trânsito. Fomos orientados a formar fila e direcionados para um grande espaço no meio do saguão do aeroporto, isolado por placas divisórias; até os banheiros eram exclusivos nesse “nicho”; passamos por várias inspeções, a começar pela vistoria de documentos e bagagens de mão; os nossos passaportes nos foram devolvidos apenas no momento do embarque. Sair daquele espaço confinado para transitar, comer ou fazer compras no aeroporto era impossível; somente podíamos permanecer nos locais indicados e sob vigilância dos muitos seguranças que ali se encontravam.

Naquele tumulto de passageiros, os funcionários e os seguranças do aeroporto estavam em estado de “implosão neurótica”. Como não recebi do funcionário do primeiro guichê a metade do cartão a ser entregue no segundo, o que aliás eu ignorava ser necessário, instalou-se o caos. Fui praticamente arrastada da fila. Por sorte lembrei do nome do funcionário (vi no crachá), o

segurança me acompanhou ao primeiro guichê e por milagre o meu cartão se achava lá no balcão. Entre ida e volta acredito que se passaram uns 20 minutos de caminhada e tensão. Concone comentou “... *passam no balcão, ao viajante, a idéia de que não é bem vindo e é potencialmente perigoso ou mal intencionado*”¹³⁷.

Depois tantas restrições, apertos e empurrões no aeroporto de New York conseguimos embarcar no mesmo voo da JAL e chegamos em Narita, Japão, por volta das 11 horas do dia 07 de setembro. Ficamos no local para aguardar o voo para a China que partiria às 15 horas. Após um almoço simples à moda japonesa, Concone se instalou num espaço limitado para fumantes, cercado de vidro de onde se podia ver a pista de pouso e decolagem e eu que observava as lojinhas de conveniência e máquinas de refrigerantes, bebi a inesquecível “Fanta Pêssego”.

Há uma diferença brutal entre o aeroporto dos Estados Unidos e o do Japão. Neste último não éramos vigiados, mas tampouco fomos orientados para encontrar as conexões aéreas ou o embarque e o desembarque. Cada passageiro precisava encontrar o seu caminho, não havia uma indicação técnica ou imagens em parede sobre a direção a tomar. Caminhávamos pelo corredor e escadaria sem saber para onde ir ou em que lugar estávamos. Por fim encontramos um grande terminal eletrônico e observamos os passageiros fazendo suas consultas. O painel informava o voo, o destino, a hora, o guichê e também como se chegar lá utilizando os trens elétricos. Há sempre o risco de se pegar o trem elétrico na direção errada, o que aconteceu conosco.

Dentro do avião acomodei-me e refleti em tudo o que acontecera. Percebi que a sensação de angústia, de cansaço e estranheza pairava sobre mim.

¹³⁷ Registro do trabalho de campo.

2.3 - Beijing - 7 a 12 e setembro

Chegamos em Beijing¹³⁸ capital da república Popular da China no dia 08 de setembro, por volta das 23 horas, horário local, após aproximadamente 35 horas de viagem (São Paulo até Beijing). Confesso que eu estava dominada pelo cansaço. Fomos recepcionadas por um guia turístico senhor Chow¹³⁹, que falava espanhol, e nos conduziu ao hotel (Great Wall Sheraton). A caminho o guia foi nos dando algumas instruções sobre a moeda do país, local de câmbio e alguns cuidados com a bagagem e a alimentação. No hotel auxiliou-nos a preencher os formulários, explicou como usar e onde adquirir cartão telefônico. Como chegamos dois dias antes do grupo de turistas que vinham de outros países, ao qual nos uniríamos, o senhor Chow programou alguns passeios para nós. Preferimos, porém, descansar, esticar nossos corpos depois de quase dois dias viajando de poltrona em poltrona.

O hotel era muito luxuoso, por sinal. No quarto havia duas camas enormes do tipo (“King Size”), uma televisão, uma geladeira, banheiro amplo “com tudo dentro” (banheira, chuveiro, balança, secador de cabelo, espelhos para maquiagem.). No outro canto do quarto havia uma espécie de aparador que tinha uma garrafa térmica grande com água quente e também uma caixinha contendo saquinhos de chá e de café solúvel. E, para incrementar mais o ambiente chinês, Concone trouxe o capuccino e eu o doce pé de moleque da terra “brasilis”.

Acordamos pela manhã. O hotel oferecia duas opções para o café: a americana e a chinesa. Em um aparador estavam as frutas típicas e exóticas vindas de toda região próxima da China.

¹³⁸ Beijing em língua Mandarin e Pequim em língua Cantonês

¹³⁹ Nosso guia turístico até o fim da viagem na China.

Saí para reconhecimento do local, enquanto Concone se ocupava de outras coisas. Andei por perto, encontrei um supermercado e um shopping a duas quadras do hotel, por sinal muito americanizado. Comprei algumas tigelas de macarrão semiprontos, alguns pacotes de bolachas e chocolates.

Fomos conhecer o hotel. Enquanto Concone conversava com um senhor nas proximidades de uma casa estilo pagode chinês, fotografei o jardim e um grande lago no qual havia uma estátua de dragões coloridos. Por meio de uma pequena ponte podia-se chegar mais perto de uma cachoeira artificial que caía das pequenas rochas do imenso jardim, desaguando no lago.

A cidade de Beijing é ampla e limpa, via-se funcionários varrendo e recolhendo lixo, que era pouco, o tempo todo. As ruas são largas e as avenidas mais largas ainda. No bairro onde nos hospedamos havia prédios, mas não muito altos, o que aumentava a impressão de amplitude da cidade. Tudo o que se via na China era exuberante. No meu imaginário iria ver centenas de bicicletas circulando nas avenidas e nas ruas, como tinha visto nos filmes e propagandas, mas isso foi há muito tempo. Na China pude perceber, pelo menos naquele momento, havia poucas pessoas utilizando bicicletas. Hoje em dia muitos carros e ônibus, além de numerosas motonetas e motos circulam em todo o território chinês.

Caminhando pelas ruas de Beijing, chamou-nos a atenção um cadillac suspenso na porta de uma loja de nome Hard Rock Café. Entramos. A mobília era em estilo Country, mesinhas com toalhas xadrez (vermelho e branco), paredes cobertas de vitrais com símbolos de Rock e um palco com vários instrumentos musicais. No canto da loja estavam em exposição uma moto Harley Davidson, muitas fotos de astros, principalmente de Elvis Presley, e outros objetos (emblemas, banners, boton...) tudo que lembrasse Rock. Próxima à porta de entrada havia uma lojinha de souvenir. Seus produtos

tinham a inscrição - Hard Rock Café – Beijing. A surpresa maior quanto ao cadillac e este Hard Rock Café, foi o inesperado (para nós) de sua existência.

Ao sair da loja tive uma sensação de estranheza confrontada com essa inesperada ponte que transpõe o abismo entre a antiguidade chinesa e a modernidade ocidentalizada. Diante dessa percepção posso afirmar que abri caminhos para a minha compreensão objetiva e subjetiva dessas tendências simbólicas e a esperança da redescoberta, no sentido vivo, da combinação da cultura antiga com a moderna. Dessa percepção, defino (para mim) a nova identidade cultural e a nova concepção do espírito humano.

Hard Rock Café -Beijing



Fig. 08 – Entrada



Fig. 09 - Salão

Fomos ao shopping. Um prédio de três andares bem amplo, as sessões de vendas eram compostas de divisórias baixas, facilitando, assim, o olhar do comprador. A maioria dos produtos oferecidos eram ocidentalizados (embora a minha orientadora não concordasse inteiramente com minha percepção). Eles eram expostos em uma espécie de grandes balcões alguns espelhados outros não, mas muito bem organizados e decorados de acordo com o estilo

das mercadorias. O curioso é que, quando não estavam atendendo clientes, todos os funcionários, sem exceção, estavam rígidos numa postura militar, mas eram atenciosos quando nos aproximávamos para olhar o produto em exposição. Tanto os chefes de sessão quanto os vendedores se esforçavam para concretizar as vendas. Uma boa parte dos produtos eram roupas, sapatos, bolsas, chapéus, entre eles havia uma única sessão de artigos de seda e bordados chineses (blusas, vestidos, pijamas, quimonos, camisolas...). Percebi que não havia muitos chineses no shopping. Um dos funcionários do hotel comentou que eles não costumam freqüentar esse tipo de shopping devido ao alto custo das mercadorias. A freqüência é basicamente composta de turistas. As compras, porém, não podem ser pagas em dólares americanos e o shopping mantém uma casa de câmbio para conversão da moeda.

Com receio de jantar no restaurante do shopping, pois o almoço deixou seqüelas, retornamos ao hotel. Preparei a nossa primeira refeição com as compras que fiz pela manhã: tigelas de macarrão semiprontos e de sobremesa pé de moleque e um bom capuccino. Todos os quartos de hotel em todos os lugares (fosse na China Continental fosse em Taiwan) contavam com um pequeno fogão elétrico e garrafas térmicas que permitiam preparar chá, café ou mesmo macarrão pré-cozido.

Aproveitamos a noite livre para assistir a um espetáculo de acrobacia. O espetáculo foi incrivelmente lindo, os artistas eram crianças, com uma sincronia grupal e beleza fora do comum.

Dia 10 de setembro nos unimos ao grupo de pessoas vindas de vários países: México, Espanha, Portugal, e Brasil (um casal, do Rio de Janeiro e duas pessoas de São Paulo – sobrinha e tio). A sobrinha ficou nossa amiga depois da viagem.

Pela manhã o ônibus aguardava os passageiros do Hotel Great Wall Sheraton, e foi passando em vários hotéis para buscar outros passageiros hospedados em locais diferentes. Fomos à Praça Celestial da Paz¹⁴⁰, Concone lembrou que se costumava dizer “*Praça da Paz Celestial; a diferença é fundamental, pois o celestial qualifica a praça e não a paz*”. No percurso o guia senhor Chow resgatou um pouco da história das dinastias Ming e Qin e incluiu também as histórias mais recentes. Pelo que compreendi Pequim é o nome antigo pronunciado em cantonês e Beijing, em Mandarim; o significado de ambos: “Capital do Norte”.

Pisar na Praça Celestial da Paz provocou-nos uma sensação estranha, avivando a memória do triste evento ocorrido em 1989, que assisti pela televisão, em que um tanque de guerra esmagou um rapaz que protestava. Nessa época no Brasil houve uma feira de produtos vindos da China Continental, no Parque do Ibirapuera, e por causa desse acontecimento a exposição foi um fracasso¹⁴¹.

A Praça de fato é imensa, a impressão que se tem é de estar dentro de um estádio de futebol do tamanho ou maior do que o Maracanã sem arquibancadas. Ela está localizada no centro da cidade, com uma superfície de 40 hectares (800 m de sul a norte e 500 m de leste a oeste). É considerada a maior praça do mundo. No centro da praça localiza-se o “Monumento dos Heróis do Povo”. Ao norte, a majestosa “Tribuna de Tian Anmen”. Em direção ao sul, o suntuoso “Palácio Comemorativo ao Presidente Mao Tsé Tung”, e mais ao leste localiza-se o “Museu de História da China e da Revolução da China” e bem ao oeste o “Grande Palácio do Povo”. Em um dos

¹⁴⁰ Em Mandarim pronuncia Tian Anmen

¹⁴¹ As notícias apresentadas na época eram que havia pouquíssimas pessoas na feira em forma de protesto.

enormes muros da praça, que a separam da “Cidade Proibida”, está uma enorme pintura representando Mao Tsé Tung.

Recebemos um folheto, sobre a Praça, para turistas onde estava escrito: “Símbolo Popular da Nova China e onde Mao Tsé Tung proclamou o estabelecimento da República Popular da China”. Também se vê na Praça um cercado e dentro dele um mastro da altura de um prédio de nove andares com uma bandeira chinesa imensa, vigiados por dois soldados do exército chinês. A cada três horas há a cerimônia de troca dos soldados. Eles eram magros, estaturas medianas, usavam uniformes verde-escuro com detalhes em vermelho e amarelo. A farda era apertada por um cinto de couro, não pude deixar de notar que os soldados tinham uma cintura muito mais fina que a minha. Concone diz, as “*incríveis cinturinhas de pilão*”.¹⁴²

A Cidade Proibida construída entre 1406-1420, ocupa uma área de 720 hectares, com 9.999¹⁴³ cômodos (entre salas e aposentos) numa superfície de 150.000 metros quadrados de construção. Seus múltiplos palácios imperiais abrigaram os imperadores das duas últimas dinastias Ming e Qin; ao todo 24 imperadores governaram a partir desse lugar, por cerca de uns 500 anos, como se calcula. Símbolo da ostentação e da riqueza do que foram as dinastias chinesas, desde 1925 a Cidade Proibida foi convertida no Palácio do Museu, onde se encontram incontáveis relíquias de incalculável valor. Devido ao crescimento demográfico, duas antigas muralhas próximas da Cidade Proibida, foram destruídas.

Para arrebanhar os seus “clientes”, o Senhor Chow carregava uma bandeira azul e gritava: “*andares, ninõs e ninãs*”, aliás, todos os guias levavam bandeiras da mesma cor, umas mais escuras e outras mais claras.

¹⁴² Registro do trabalho de campo

¹⁴³ Número que simboliza a paz eterna

Dentro da Cidade Proibida, na medida que passamos pelos portões, via-se vários complexos de palácios. Seguimos praticamente sempre em linha reta, pois os pequenos palácios ou aposentos que estão nas laterais da Cidade eram vetados para turistas. Eu me concentrei na filmagem e nas minhas anotações. Muitos grupos de turistas vinham de todas as direções, de repente, não vimos mais o guia. Concone tentava procurar alguém do grupo, sem nos perdermos de vista, porque se uma de nós se afastasse, teríamos outro desencontro. Eu, um tanto quanto desesperada, praticamente arranquei o celular de um dos visitantes, para telefonar ao celular do nosso guia turístico, que estava muito afastado de nós, para pedir socorro. Ele nos aguardava no último portão, pois os bilhetes de entrada, encontravam-se em seu poder. Passada a aflição da possibilidade de “ser esquecida” na cidade proibida, passei a prestar mais atenção, se bem que havia muitas informações para serem registradas. Mas mesmo assim procurei ficar mais atenta (de olho na câmera e no guia). Após o susto minha orientadora comentou: “*o seqüestro do celular*”¹⁴⁴ vai ficar na história.

Chegamos à Cidade Proibida onde são guardados os mais importantes tesouros da arte e da cultura chinesa.

Na entrada principal da Cidade podia-se ver à distância a foto gigantesca do falecido presidente Mao Tsé Tung.

A Cidade Proibida é de fato constituída de vários conjuntos de palácios; a cada portal que passávamos havia um novo complexo de construção residencial com suas grandes e magníficas escadarias, os corrimãos entalhados em forma de dragões. As escadarias formavam uma espécie de labirinto.

Havia outros conjuntos de palácios formando duas imensas escadarias e ao centro um grande bloco de mármore entalhado com motivo de dragões

¹⁴⁴Registro do trabalho de campo

entrelaçados uns aos outros. Os telhados reproduziam o formato de pagode chinês com figuras de animais estrategicamente colocadas nas pontas: sete animais que pareciam cachorros de porte grande, outros com três animais que pareciam uma mistura de leão com cachorro com cabeças enormes. A parte interna dos telhados era de madeira ricamente entalhada e decorada.

As construções secundárias em níveis mais baixos, tanto à direita quanto à esquerda, ao que parece eram moradias dos criados.

Cidade Proibida



Fig.10 – Arredores da Cidade Proibida



Fig.11 – Primeiro portão de entrada



Fig.12 – Os palácios da Cidade Proibida

Antes da saída do último portal tivemos a oportunidade de entrar num dos palácios, observamos o trono imperial todo dourado e entalhado e outras mobílias imperiais (camas, cadeiras, mesas, roupas, louças, entre outros utensílios). As cores que predominavam tanto nos tecidos quanto nas pinturas das paredes e nas relíquias eram o vermelho, o ouro e o amarelo. Não era permitido fotografar em determinados locais e os seguranças eram severos. Por várias vezes ficavam lado a lado com os turistas para se certificarem de que não estavam fotografando.

No final, depois do último portão (ao Norte) da Cidade Proibida surgiu um belíssimo jardim imperial cercado de árvores antigas, retorcidas ou curvadas, com flores dos mais variados tipos e cores. Em um dos cantos do jardim, um pequeno palácio, que os chineses chamam de Pavilhão Qianqiu.

Antes de visitarmos o Palácio de Verão, fizemos um passeio extra, para conhecer uma cidade antiga. De antigo tinha de tudo, desde as casas até as pessoas. A maioria dos moradores são camponeses ou ex-funcionários aposentados do governo. O nosso guia solicitou quase todos os triciclos-riquixá para nos levarem à cidade, sendo dois passageiros para cada condutor. Incrivelmente todos eram idosos. O nosso condutor corria muito, para acompanhar “*o comboio de catorze triciclos*”. Na traseira do triciclo-riquixá, sentia-me como um “pêndulo” de relógio, ia de um lado e de outro. Procurava me segurar com uma das mãos no ferro do toldo do triciclo para não ir contra Concone e com a outra tentava filmar a cidade antiga. Percorremos as ruas estreitas, assombrosas, por mais de vinte minutos. Misericórdia! Não via a hora de parar na posição do “*pêndulo ao meio dia, ou às seis*”. Percebi que perdi completamente o rumo e a lembrança de como entramos na cidade. Finalmente! Uma freada repentina, o condutor parou em uma rua, na qual todos os triciclos-riquixá já estavam enfileirados. Senhor Chow (guia)

sinalizou para que descêssemos. Diante de uma “micro porta”, uma senhora, ex-funcionária do governo, nos convidou para entrar em sua “casa”. Algumas pessoas do grupo conseguiram se acomodar na “sala” e outras ficaram num quintal onde mal cabiam dois pequenos vasos de planta. A senhora falou de sua vida, do seu trabalho e suas dificuldades para viver e envelhecer num lugar daqueles. Reside ali há mais de quarenta anos, acredita que não se adaptaria em outro lugar. Seus filhos trabalham e moram em outro bairro e em suas folgas almoçam com ela. Nenhuma das casas dessa cidade tem banheiros. Cada quatro quadras tem um pequeno complexo de banheiro coletivo (vasos sanitários, lavabos e chuveiros) para homens e mulheres.



Fig.13- triciclo-riquixá



Fig.14- casa de chá e (casa noturna)

Novamente em estado de “pêndulo”, os triciclos seguiram para um pequeno mercado, segundo o guia, o maior deles por aqui. Lá dentro topamos com muitas feirinhas nas quais examinamos as mercadorias: frutas, verduras; bolinhos recheados cozidos a vapor; carnes, enguias abertas e frangos de carnes brancas e pretas dispostos sobre bandejas; joelhos de porco cozidos numa imensa panela com molho de soja cheirando anis estrelado; temperos secos de diversos aromas; roupas penduradas em cabides; micro banquinhas

de consertos (calçados, eletrodomésticos...). Podíamos, também, comer numa dessas cozinhas ambulantes (aliás o que mais se encontra na China Continental e em Taiwan). Preferimos conhecer uma única “casa de chá” que durante a noite se transformava em casa noturna. Parecia termos entrado num palco de marionetes. Depois de ter visto tanta exuberância em Beijin, conhecemos um outro lado “mofado” da China.

Palácio de Verão¹⁴⁵ (casa de lazer) que fica às margens do lago *Yuanming yuan*. Foi construído em 1888 com seus 290 hectares, uma das exigências da imperatriz Cixi, consumiu o equivalente a 5.000.000 talheres de prata, um fundo que seria para a criação de uma nova força marítima. Utilizando sua astúcia e suas manipulações políticas a imperatriz Cixi soube “manter-se” no poder numa dinastia governada por homens. Uma verdadeira e poderosa “eminência parda”. Seu marido faleceu jovem e seu filho assumiu o poder. Ela se sentava atrás do trono, separada por uma cortina, através da qual podia ver e ter o controle do que estava acontecendo e a partir daí instruía o filho.

O Palácio de Verão foi construído num imenso parque entre riachos e pontes em arco. Encontram-se aí também, os mais belos jardins com suas múltiplas flores exóticas e raras de todas as formas e cores, além de um belíssimo quiosque Zichun para descansar, após longas caminhadas.

Diferentemente dos significados dos jardins ingleses ou franceses, aqui os elementos são: a água, que representa o princípio feminino *yin*, simbolizando o oceano, e as pedras, construídas ou achadas, depois de colocadas representam o princípio masculino *yang*. Para os chineses o jardim é um reflexo do universo.

¹⁴⁵ Palácio de Verão nome dado pelos europeus e Parque da Claridade Perfeita pelos ingleses.

A formação de um jardim não segue um critério paisagístico é antes inspirado no significado das flores ou das plantas. Exemplo: o crisântemo representa a força criadora da velhice; o bambu a capacidade de adaptação em situações complicadas; a glicínia, flor típica da Ásia, é uma trepadeira que pode ser encontrada nas cores azul, branca e rosada, além de ter um perfume agradável, representa a longevidade, beleza e ternura.

Tanto na China Continental quanto em Taiwan os jardins seguem esse padrão pois acredita-se que são a versão em miniatura do mundo.

Os jardins chineses serviam não só para serem admirados por sua beleza, mas serviam também como ambientes tranquilos para os filósofos, os artistas e eruditos. Após a Revolução Chinesa com a abertura dos jardins, já não é mais fácil “filosofar”, com tantas pessoas passando, crianças gritando e correndo de um lado a outro.

Há dois caminhos para se chegar ao Palácio de Verão. O primeiro pode ser de barco-dragão (adornado com alegoria típica chinesa) e a outra maneira, é caminhar pela Ponte dos Dezesete Arcos. Tanto de barco, quanto caminhando, a entrada é sempre pela base do “Barco de Mármore” que tem dois níveis. O Barco de Mármore é uma construção que, como o nome indica, é feita em mármore no formato de um barco e serve como um pequeno porto e também (no segundo nível) como mirante para apreciar a linda paisagem do outro lado do lago *Kunming* (Kuantan)¹⁴⁶.

No Palácio de Verão encontra-se também o mais belo jardim: Xiequ, com suas múltiplas flores exóticas e raras de todas as formas e cores, além de um belíssimo quiosque, Zichun, para descansar após uma caminhada.

¹⁴⁶ O lago *Kunming* (Kuantan) e o barco de mármore foi construído em 1890 a mando a imperatriz Cixi com a verba da marinha.

Há uma enorme estátua de Dragão no meio das passagens e ao redor do cercado há muitos vasos de flores. As passarelas são largas e cobertas, sustentadas por muitas colunas de madeira entalhada e as cores predominantes são verde e vermelha. Durante o percurso nesse lugar deparamos com o Monumento de Pedra, outra exigência da imperatriz. O lugar é um esplendor. Foi aberto ao público em 1924.



Fig. 15- Barco e o Lago Kuantan



Fig.16 - Barco de Mármore - base



Fig.17 - Ponte dos 17 arcos



Fig.18 - Monumento da Pedra



Fig.19 - Passarela para os jardins

Após a visita ao Palácio de Verão, jantamos em um restaurante cuja especialidade é o Pato Laqueado ou Pato a Pequim. A garçonete demonstrou como seria o ritual para degustação, utilizando-se dos “palitos”: colocar os ingredientes dentro da carne do pato fatiado, dobrar e mergulhar num molho adocicado. Para tanto, a habilidade no manuseio dos “palitos” é fundamental. Ao sairmos do restaurante, o guia sugeriu um passeio pela cidade, mas o grupo queria descansar com a intenção de reservar as energias para o dia seguinte, para a tão esperada visita à Grande Muralha.

Dia 13 de setembro, partimos bem cedo para a Grande Muralha. A viagem durou uma hora. Uma nova guia juntou-se ao guia principal (sr. Chow) e explicava que os diversos senhores feudais construíram as muralhas, provavelmente entre os séculos VII e XI a.C., para se protegerem dos invasores das tribos nômades e de seus vizinhos. Após a unificação do país em (221 a.C), o primeiro imperador da dinastia Qin, Si Huang, ordenou unificar as muralhas existentes ao norte dos reinos Qin, Zhao e Yan, formando uma extensa muralha.

A Grande Muralha tem 2.400 anos e a reconstrução atual foi efetuada em 1368 - durante a dinastia Ming que durou 200 anos - totalizando 6.350 km

de extensão, atravessando províncias, municípios, e províncias autônomas. Hoje as novas descobertas registram cerca de 10.000 km de Muralha. Com numerosas passagens importantes erguidas ao longo dela, a Muralha serpenteia entre as cadeias de montanhas. Segundo os astronautas é o único monumento humano da terra que pode ser visto da Lua.¹⁴⁷

É uma visão inesquecível. A euforia da expectativa foi plenamente justificada. Apesar da chuva, caminhamos por mais de uma hora pela Muralha. Muitas pessoas subiam em direção oposta à nossa e outras vinham em nossa direção. Alguns trechos eram mais tranquilos para se caminhar, outros mais inclinados. Fizemos algumas paradas nas guaritas, quando se podia, para uma boa respirada e descanso. A guaritas eram úmidas e escuras. A iluminação do sol penetrava como um feixe de luz pelas pequenas aberturas, que por sinal davam uma belíssima visão parcial da extensão da muralha.



Fig.20 - Grande Muralha – Frente



Fig. 21 – Grande Muralha – lateral

O chão da Grande Muralha coberto de pedras que foram polidas por milhões de patas e de pés caminantes ao longo dos séculos, tinham marcas

¹⁴⁷ Du Feibao e Du Bai. Things Chinese .Tourism press.2002 p.136

escuras e camadas de terra. Olhando para os lados via-se montanhas e vales ao redor, até o infinito. Inesquecível.

O livro que Concone comprou dizia que a largura da Grande Muralha permitia a caminhada de dez soldados ombro a ombro ou cinco cavalos lado a lado. Dizia também que a “Grande Muralha representa o espírito indomável, a criatividade, e a operosidade do povo chinês, o que lhe dá uma identidade única, apesar das suas várias diferenças étnicas”.

A chuva, a ventania e o frio insuportável não ajudaram a peregrinação. Por precaução resolvemos descer para nos aquecer.

Da “Grande Muralha” fomos visitar as “Tumbas dos 13 Imperadores”. Em meio a tantas emoções ainda nos impregnava o “efeito Muralha”, a visita às tumbas não nos pareceu uma boa opção. Mas, enfim, preparamo-nos para tal visita.

Caminho para as 13 Tumbas



Fig. 22 –Entrada Principal



Fig. 23 – as estátuas gigantescas de animais

Chegamos nas Tumbas dos 13 Imperadores da Dinastia Ming. A construção da primeira tumba foi em 1409 e a da última em 1644. Dingling é a única tumba aberta, do décimo terceiro imperador Zhu Yijun e está localizada em um palácio subterrâneo, com 1.195 m², composta de uma única sala.

O “efeito” da Grande Muralha e do contraste entre a Velha China e a Nova China¹⁴⁸ e também levando em conta o que a muralha representa para os chineses, obscureceu o meu lado lógico ocidental, e a lógica chinesa emergiu em primeiro plano. Na presença dos espíritos dos ancestrais que deixaram suas marcas demonstrando a solidez de uma antiga civilização e, depois, na introspecção, no “*fluxo do coração*” que a cada pincelada¹⁴⁹ percebo no meu próprio ritmo, no meu equilíbrio e no meu lugar, colocando-me no espírito da continuidade dessa ressonância do passado (ao pisar na Muralha), veio-me a idéia da existência de um “*outro ser*”, que guarda lembranças, com receio de esquecer. Sobretudo é enriquecedor este contraponto com a visão ocidental, expressa nas palavras de Concone¹⁵⁰ :

“Embora a velha China com seus imperadores e lutas intestinas seja tratada como “quase folclore” colorida, interessante, mas distante e ultrapassada, é também mostrada como exemplo de espírito que permanece. A grandiosidade do passado e suas obras, a antiguidade da sua civilização, de certo modo confirmam o presente e o futuro, lhes dão uma identidade grandiosa e sólida. São motivos de (justo) orgulho”.

Com o “efeito Muralha” que ainda pairava sobre nós, Concone e eu conversávamos sobre o passado e os seus significados:

“que é um poderoso atrativo para o turismo e para a injeção de capital que o turismo pode significar. Assim a Grande Muralha é apresentada não só como um testemunho do “indomável espírito chinês”, mas como um grandioso

¹⁴⁸ Abertura ao mundo com o turismo

¹⁴⁹ Movimento da escrita em chinês(**sing** que significa pela palavra “*natureza* “ porém se escreve com o ideograma coração, que designa (a sede da) vontade (zhi) – símbolo do Sopro, do temperamento e da energia. Explica Granet M.em O Pensamento Chinês trad.Vera Ribeiro.Rio de Janeiro:Contraponto,1997.p.246

¹⁵⁰ Registro do trabalho de campo.

testemunho do passado, uma das sete maravilhas do mundo antigo e do presente, incluída entre os patrimônios da humanidade pela UNESCO e capaz, por isso mesmo, de atrair milhares de turistas do mundo inteiro”¹⁵¹.

Sobre as relações entre passado e presente eu disse “*que os chineses são ao mesmo tempo aferrados às tradições e ávidos de modernidade*”.¹⁵² Segundo Concone esse meu comentário foi a melhor apreensão dessa relação passado e presente, um paradoxo chinês. O uso generalizado e abundante de celulares confirma essa observação:

“são tão numerosos e usados, as pessoas estão nas “Vespas” com celular na orelha, nos transportes, idem, passeando, também. No meio do campo, lá em cima junto ao túmulo, um celular tocava.”¹⁵³

No final da tarde nosso grupo visitou um Centro de Ensino e Prática da Medicina Tradicional Chinesa. Após ouvir um breve comentário sobre a acupuntura, feito por um professor que falou em espanhol com um forte sotaque chinês, fomos envolvidos por profissionais que pressionavam os dedos em nossos pulsos para detectar a ocorrência ou causas de alguma enfermidade. Fizeram, também, massagens terapêuticas, e para alguns de nós receitaram medicamentos da medicina chinesa.

“A venda desses produtos é uma maneira de garantir o ganho do guia, além de entrada de dinheiro para a abertura da Nova China, valendo-se de uma tradição milenar, utilizada como objeto de consumo para turistas curiosos”, dizia Concone¹⁵⁴.

¹⁵¹ Registro do trabalho de campo

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Idem.

Não discordo do pensamento de Concone, realmente a necessidade de lucro paira em todos os lugares turísticos. Porém, o entusiasmo, a curiosidade, o contato com a medicina tradicional chinesa e a oportunidade de estar próxima das minhas raízes, remeteu-me às minhas origens e ao mesmo tempo o estrangeiro que sou, “*retraduziu*” o significado e me possibilitou, naquele momento único, a construção de uma nova identidade.



Fig. 24 - Centro de Ensino sobre Medicina Chinesa.

Nós percorremos também, nesse dia, uma sala onde estavam as relíquias dos instrumentos da medicina chinesa. Em seguida fomos a um centro de distribuição de ervas medicinais, onde muitos especialistas trabalhavam, embalando as ervas de acordo com as receitas.

2.4 - Xian - 12 a 14 de setembro de 2002

Depois de um dia de muitas emoções fomos descansar, porque a maratona continuaria no dia seguinte (12 de setembro de 2002), iríamos embarcar num voo com destino a Xian. Antes de nos dirigirmos ao aeroporto,

visitamos o Templo do Céu. Segundo o nosso guia turístico, o imperador Yong tinha conhecimento das forças e poder do cosmos.

Adquirimos um álbum extra¹⁵⁵ em que o autor dizia que o Templo do Céu é uma obra magnífica. Construída entre (1368-1644), há também indicações de que o Templo do Céu foi reconstruído entre (1530-1889), já no período da dinastia Ming e Qing (1664-1911). Essa obra ocupa uma superfície de 267 hectares e lá o imperador fazia suas oferendas ao Céu e rogava proteção ao país e ao povo. A cerimônia como busca de reparação e providências para uma boa colheita futura, traduz a afirmação do poder temporal do imperador e sua autoridade na intervenção junto aos deuses.

As principais construções do Templo do Céu são: a Sala de Súplicas por abundantes colheitas, a Abóbada Celeste Imperial, o Muro do Eco e Altar ou Praça Circular (Altar da Lua, Altar da Terra, Altar do Sol, Altar do Deus da Agricultura).

Os autores comentam que o objetivo fundamental da arquitetura sacra é criar um domínio mediador entre Deus e a humanidade. A relação cultural entre fertilidade e mortalidade é comum a todos os povos, e, instintivamente, a expressão dessa relação é simbolizada pela sucessão do dia e da noite, pelo movimento cíclico do sol e pela mudança das estações. A aferição desses ciclos pela observação do sol e das estrelas, quase sempre produziu uma geometria sagrada, muitas vezes usada como princípio determinante no planejamento de edifícios religiosos.

Na minha visão simplista, a construção arquitetônica do Templo do Céu propicia uma forma de ampliar e sofisticar a ligação ou continuidade do ser com os ancestrais, se estendendo ao homem contemporâneo, num encontro que vai além da pele, impulsionado pelas forças naturais e divinas. Assim, a

¹⁵⁵ Du Feibao e Du Bai. Things Chinese .Tourism press.2002 p.104

arquitetura chinesa se harmoniza em sua totalidade, determinada pela antiga arte Feng Shui, na qual a influência espiritual das montanhas e dos rios se manifesta.

Ao que diz Granet:

“A unidade do Céu, entretanto, é muito relativo; ele se diversifica segundo as estações; o Tempo só tem continuidade nos instantes sagrados em que inaugura; a momentos ricos de duração opõem-se períodos em que a duração se debilita. Quando impera uma ordem nova e *duradoura* da civilização, o soberano pode distribuir feudos duradouramente, e o Céu, distribuir quinhões de longevidade: os homens vivem até ficarem velhos e, além disso, tudo perdura quando um soberano sábio estabelece no mundo uma ordem que mereça ser permanente”¹⁵⁶.

O guia turístico falou do Muro do Eco, onde na época das dinastias as pessoas se comunicavam, aos sussurros ou aos gritos. Os sons eram incrivelmente audíveis (fizemos o teste). O eco poderia fazer parte das “manobras” do imperador, disse Concone.

No Templo do Céu encontramos muitas pessoas de diferentes faixas etárias, praticando artes marciais com o uso de espadas e fazendo exercícios como Tai-chi-chuan, Tai Ji e Qi Gong.¹⁵⁷, além de danças, carteados e jogos de petecas com os pés, (neste último predominavam as mulheres, a maioria na faixa da meia idade para mais, com uma agilidade incomum); havia também os ensaios de ópera de Beijin, além de idosos praticando a arte da escrita.

A escrita, na China Antiga, foi comparada com arte da pintura e da poesia. Escrever não se limitava somente ao conteúdo e ao estilo, mas nas

¹⁵⁶ Granet, M. O Pensamento Chinês. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.1997. p.248

¹⁵⁷ um tipo de exercícios que usam a respiração a ajustar o corpo e procura a harmonia natural do corpo

pinceladas é que se traçava o destino, uma vez realizada não se podia corrigí-la. O pincel determina e transmite a essência do caráter, que é a expressão de quem redige, pois escrever é meditação ativa do pensamento e da abstração da natureza.

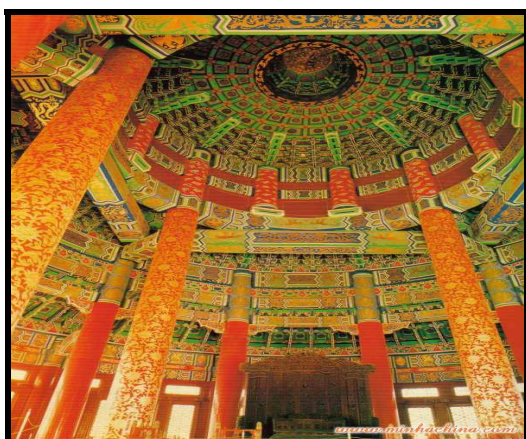


Fig. 25- Abóbada Celestial Imperial



Fig. 26 - Muro do Eco

É na arte da caligrafia chinesa que os idosos criam marcas nos quadriculares do chão do Templo do Céu como uma retomada, numa interpretação simbólica ocidental à deusa Mnemósine, *de curar e trazer memórias, de reordená-las e de fazer alma*¹⁵⁸. A escrita então é a memória das civilizações e a expansão das idéias.

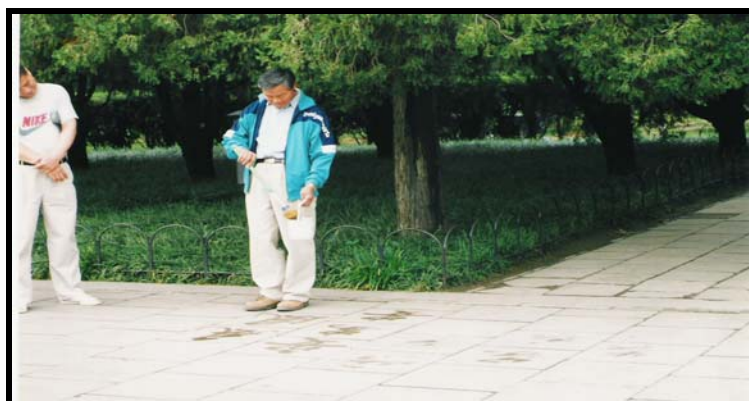


Fig. 27 - Caligrafia chinesa – Passatempo dos Idosos

¹⁵⁸ Terra Brasilis - pré-história e arqueologia da psique. Mesquita A.L. Capítulo 06 - **sítios Arqueológicos de Peixe Angical e Serra da Mesa: Mnemósine submersa ou afogada?**. São Paulo: Paulus: 2006. p. 81

A prática dessas pinceladas com água e os registros imaginários milenares de suas escritas rompem as barreiras do tempo para a alteridade, descortinando inúmeras possibilidades mesmo que tardias, demonstrando que os movimentos sublimes das pinceladas têm significados e atuam de fora para dentro, permanecendo no centro de nossas almas para nos tornarmos acolhidos por *um sentimento de clareza e de finitude*.¹⁵⁹

De fato, no espaço amplo e calçado da entrada dos jardins, víamos um sem número de senhores todos acima dos 60 anos, munidos de baldes de água e enormes pincéis de escrever. Escreviam no chão de lajotas de pedra com água. Uma arte efêmera; desaparece depois de um tempo (talvez em uma hora, se antes disso a chuva não lavar tudo), sugada pela pedra, sem deixar traço, deixando a superfície sempre pronta para o recomeço.

Para Lao Tsé, exteriorizar e separar do perecível aquilo que não podemos chamar de alma (não se trata do espiritual), trata-se do calor, fluidez, vacuidade luminosa que ele chama de princípio universal do sentido concreto e sutil da vida. Começando com passatempos livres, nos quais o ser se purifica e se encontra com o ritmo do Universo, podendo retirar daí uma potência vital ilimitada que é a longevidade. A conclusão do profeta chinês, é que é dessa comunhão com o ritmo do universo que o Santo retira com todo os dons do Mago, uma potência vital ilimitada, que é a longevidade.

“Na China, por exemplo, o velho, de modo geral, ainda hoje ocupa uma posição privilegiada e é respeitado tanto no espaço familiar, como no religioso. Para o taoísmo, doutrina chinesa de Lao-Tsé, o fim supremo consiste na longevidade. O envelhecimento, nessa cultura, significa a vida num plano máximo de depuração, não

¹⁵⁹ Jung C.G. e R. Wilhelm. O Segredo da Flor de Outro: Um livro de Vida Chinês. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis:Vozes, 1984. p.127

sendo jamais entendido como flagelo, mas, ao contrário, como representação de suprema sabedoria”¹⁶⁰

Falar da longevidade é o propósito dos taoístas. Submetem a treinamentos ritmados, chamados de funções alimentares, respiratórios etc.. Uma outra medida chinesa para vida longa é quando antes de nascer uma criança deve se dar o nome (*ming*) ao que definirá seu destino. Definido o nome (*ming*) e cuidando de seu *sing* (coração), como diria Granet:

“... é proteger a um tempo a personalidade e a individualidade, ou melhor, é defender – dentro dos limites permitidos pelo protocolo e pela organização hierárquica da sociedade – um quinhão de poder devidamente dosado e qualificado. Na medida em que há uma psicologia e uma metafísica chinesa, elas têm por função glorificar a Etiqueta”¹⁶¹.

Concone disse que um amigo (um apaixonado pela China) encantado com a performance que ela contou sobre a arte da escrita no piso do jardim, comentou: “*É como escrever versos na areia ou recitar ao vento, lindo*”. *Era de fato, lindo.*¹⁶²

Para avaliar a arte e os diferentes estilos das escritas é necessário que tenhamos a compreensão dos significados da arte do desenho das letras e seus traços. Nós, leigas no assunto, ficamos admiradas pela beleza das formas das escritas que se estendia por todo o chão. E cada artista era rodeado pelos

¹⁶⁰Secco, C.L.T. Além da Idade da Razão: Longevidade e Saber na Ficção Brasileira. Rio de Janeiro: Graphia, 1994. p. 10

¹⁶¹ Granet. M. O Pensamento Chinês, Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997 p.249

¹⁶² Registro do trabalho de campo

admiradores atentos e perplexos. Segundo o senhor Chow, eles escreviam poemas, orações, genealogias, nomes de família, etc...

Lembrou o guia que esse é um passatempo de velhos cultos, passatempo simples e barato pois requer somente balde com água e um pincel especial grande. A criatividade faz o resto.



Fig. 28 – Museu de Terracota



Fig. 29 – entrada para o sítio arqueológico

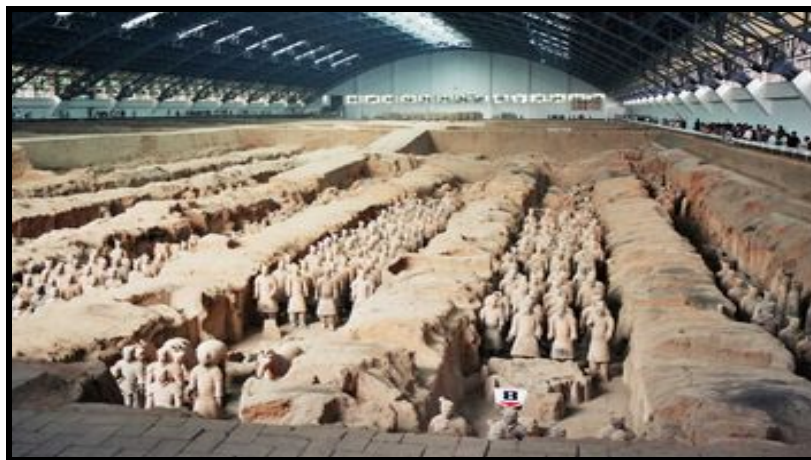


Fig. 30- sítio arqueológico - os guerreiros de terracota

Xian é uma cidade de 3.000 anos de história, que serviu como capital para 11 Dinastias durante 1.000 anos. É famosa por sua arqueologia e sua beleza cênica. A cidade de Xian abriga o Mausoléu do primeiro Imperador Qin Shi-Hunag (259-210 a.C), situado a 5 km de Lintong e tem 76 metros de

altura e 2.000 metros de contorno. Além disso, em Xian está localizado o Museu de Terracota de Guerreiros e Cavalos, descobertos em 1974 a 1976. Foram encontradas três fossas com figuras de terracota representando guerreiros do imperador, que assim fez eternizar seu exército, e simbolizam os guardiões do Mausoléu do Imperador.

O Sítio Arqueológico de Terracota está abrigado dentro de uma grande construção sustentada por vigas de metal e uma gigantesca cobertura que filtra a claridade.

O museu tem dois níveis. No primeiro piso há um salão muito luxuoso onde estão abrigados em grandes caixas de vidro anti-reflexo, os guerreiros, as carroças, os cavalos, dentre outras relíquias. Ainda no primeiro piso, há um desnível onde se vê o panorama do sítio arqueológico, os visitantes podem caminhar em uma passarela contornando todo o sítio.

No segundo pavimento, para que os visitantes possam chegar mais perto das escavações arqueológicas, há rampas que terminam no calçadão de piso em mármore. As esculturas não estão com nenhuma proteção, apenas um anteparo separa o visitante do espaço arqueológico. A terra, por sinal dura, pode ser tocada. Os seguranças do local disseram que os trabalhos de escavação continuavam durante a noite e apontaram os lugares das escavações, cobertas com grandes lonas. Mesmo assim podíamos ver figuras arqueológicas que estavam completamente limpas e livres da terra, da areia amarelada e dura.

No sítio arqueológico pudemos ver muitos guerreiros de terracota semidestruídos ao lado de outros inteiros equipados com armas e armaduras. Outros blocos de terra estavam separados por valetas extensas que poderiam estar abrigando outras tantas figuras ainda não libertadas do esconderijo sagrado milenar.

Alguns participantes do nosso grupo se desgarraram. O senhor Rivera, um dos desaparecidos, nos aguardava no estacionamento do ônibus, o outro, um rapaz mexicano de 1,94 de altura, com seu porte físico avantajado foi facilmente avistado no meio da multidão chinesa, comprando frutas típicas da região.

Ainda em Xian, viajamos após o almoço para visitar o Pagode do Ganso Selvagem e a pequena Antiga Muralha no centro da cidade. Uma subida magistral, para atingir o topo da muralha. A subida cansativa valeu a pena, pois uma vista magnífica e por demais interessante de edifícios antigos e de um alto pagode entre construções contemporâneas, nos aguardava. Um contraste arquitetônico fora do comum.

Antiga Muralha



Fig. 31- Lateral da Antiga Muralha



Fig. 32 - Pagode Chinês.

Durante as viagens surgiram temas curiosos. O guia sentia-se na obrigação de nos entreter ou parecia querer nos “catequizar”. Houve momentos de muita discussão em relação ao controle de natalidade e a questão das meninas descartadas, como isso tem ocorrido, e o que o fato gerou na população chinesa. Em relação ao nascimento de meninos, quando as famílias ultrapassam a quota estipulada pelo governo, os pais são punidos com multa e

corde de auxílio e a criança vai para uma instituição. A designação dada a essas crianças em espanhol, “filhos negros”, informava o guia turístico. Creio que não tem nada a ver com racismo (os negros). Essa expressão “filhos negros” foi traduzida do equivalente chinês usado pelo guia.

Outro assunto polêmico, o aborto, que é liberado na China, despertou discussões acaloradas, tendo o grupo ocidental se posicionado, de um modo geral, contra o sistema chinês. Eu, como chinesa ocidentalizada, até tento compreender os motivos e os porquês, mas eram muitos os protestos e acabei por me desligar da discussão me deixando levar pela vista maravilhosa da cidade.

2.5 - Xangai - 14 a 15 de setembro de 2002

A cidade é um centro de comércio e de indústria, além de ser considerada a metrópole mais internacionalizada de toda a China.

Xangai de fato é uma cidade moderna, com suas estruturas arquitetônicas com as mais diversas formas “futuristas”, que podem ser chamadas de “Hi-tech”. Também não poderíamos esquecer dos incríveis viadutos de pista paralela cruzando de cima abaixo, formando um modelo do tipo montanha russa.

O tipo de estrutura arquitetônica mencionado acima é visto mais em Xangai do que em outros lugares como Hong Kong, Guangdong, ou mesmo em Beijing. Os prédios são em estilo ocidental, porém os profissionais esbanjam nos detalhes da decoração, tanto interior quanto exteriormente. Há o uso de pagodes chineses e dragões. As cores predominantes são o vermelho e o dourado. Tudo é pensado para impressionar e abrigar as empresas estrangeiras, e os hotéis de categoria internacional seguem a mesma

concepção. É uma visão estranha, mas como estamos diante de uma nova China, creio que ficou exótico.

Em Xangai almoçamos num prédio estilo “futurista”, onde o restaurante dividia o enorme espaço no último andar com lojas de souvenir e com um museu que continha guerreiros de terracota.

No dia 15 de setembro, visitamos o Jardim Yuyuan, construído de 1559 a 1577, com seus trinta cenários paisagísticos e o salão Dainchum, uma das construções mais apreciadas da arquitetura chinesa.

No final da tarde visitamos o Templo Yufo, cuja construção iniciada em 1918 e terminada em 1928. Para lá foi levada a estátua do Buda de Jade, que lapidada em uma única peça de jade verde-claro, foi trazida de Myanmar (ex-Birmânia) pelo monge Weigeng.

Todos os passeios que fizemos em Xangai foram muito proveitosos, mas o que me chamou mais a atenção foram as visitas às fábricas com produção verticalizada, isto é desde a matéria prima, passando pelo processo de acabamento e a venda do produto na loja da própria fábrica.

Nossa primeira parada foi no laboratório de produção de bicho da seda, passando por todos os estágios dessa maravilhosa arte do fio, até a confecção de roupas. Depois passamos para um outro prédio onde havia uma sala com poltronas para os visitantes e uma passarela para apreciar as manequins desfilando com roupas de seda dos mais variados modelos e estampas que podiam ser compradas no salão ao lado.

A segunda parada foi para visitar a fábrica de produção de pérolas em ostras e as jóias que eram expostas na loja. Maravilhosas, perfeitas obras primas.

A fábrica de closonet foi a terceira que visitamos, o trabalho realizado principalmente pelas mulheres, é uma arte de paciência, de precisão e atenção.

Em linha de montagem, nas salas, havia mesas onde as artesãs trabalhavam aplicando os micro fios de cobre e pintando as peças que iam desde peças decorativas (vasos, pratos...) até adereços femininos (brincos, anéis, fivelas..). Um mundo de criatividade e de abundância artística.



Fig. 33 – Xangai



Fig. 34- Templo Yufo – Buda de Jade



Fig. 35 – Jardim Yuyuan, vista lateral



Fig. 36 - jardim Yuyuan, vista frontal



Fig. 37 – Linha de montagem
1) colagem fios de cobre



Fig. 38 - linha de montagem
2)- pintura

Xangai, segundo a guia turística, é mais bonita à noite do que de dia, muitas luzes são acesas formando uma “cidade de cristal”. Um espetáculo de se ver. Era um passeio irrecusável, mas naquele dia eu estava indisposta, gripada e com dor nas costas, e por causa disso, durante a madrugada, fizemos um inesperado “tour” por um hospital. O gerente do hotel pediu a um funcionário que nos acompanhasse de táxi até o hospital. Era um jovem cheio de iniciativa, esperto, que falava inglês razoavelmente.

O rapaz nos levou a um hospital muito luxuoso, fiquei num quarto particular até a médica chegar. Segundo informação do funcionário do hotel, nenhum estrangeiro podia ser atendido num hospital público. Perguntaram se eu podia pagar o atendimento hospitalar ou se possuía plano de saúde (viagem). Caso eu não pudesse pagar e não tivesse uma seguradora, o atendimento seria pago pelo governo chinês. Não houve problemas burocráticos, pois já acertáramos tudo no hotel, com a autorização da companhia de seguro em São Paulo.

A médica era uma jovem muito atenciosa, me examinou e pediu um exame de RX, infelizmente, porém, o setor estava fechado. Como era um caso urgente, a médica pediu ao enfermeiro que me levasse para um prédio anexo. Fui conduzida de cadeira de rodas pelos corredores para a sala de RX. No percurso percebi que várias pessoas (pobres e trabalhadores...) estavam deitados no chão, outras em cadeira de rodas, aguardando a vez para o atendimento, uma visão nada agradável. Percebi então que o anexo era o hospital público. O resultado do exame de RX veio imediatamente. A médica receitou remédio de ervas (para a tosse) e antibiótico. Novamente o “Velho e Novo”.

Fomos conhecer o centro comercial de Xangai, quando duas senhoras mexicanas do nosso grupo, deram por falta de outras duas amigas. Passadas

algumas horas, as duas senhoras foram trazidas de táxi. Depois do choro de alívio, contaram que pediram ajuda a um polícia local que pode orientá-las lendo o cartão do hotel em que elas estavam hospedadas. Foram apelidadas de “as heroínas de Xangai”. Rumamos para o aeroporto, porque o voo para Guilin, partiria dentro de algumas horas.

2.6 - Guilin - 15 a 17 de setembro de 2002

Guilin é uma cidade muito pitoresca, localizada na zona subtropical tem clima morno e úmido. É percorrida por dois extensos rios cristalinos (Rio do Li e Rio Lijiang) e circundada por vastas montanhas com formações rochosas de aspecto diferente e incomum, por vezes engraçado, além de cavernas entre as rochas. As cavernas de Karst ¹⁶³ e as florestas de pedra são uma das características do ambiente natural de Guilin.

Durante a Dinastia Qin, os primeiros habitantes deram o nome de Guilin à cidade devido a fragrância de uma árvore chamada Osmanthus. A cidade prosperou graças à proteção do imperador Qin e Ming. A população atual é composta por 12 grupos étnicos. Lembro, na minha infância, que os quadros na casa dos meus avós ou mesmo em outras casas de parentes tinham pinturas semelhantes às paisagens das montanhas de Guilin. Mais tarde, soube que muitos artistas se inspiraram e “tomaram emprestado” a obra da natureza de Guilin.

Em Guilin as pessoas parecem mais divertidas, bem humoradas e com mais qualidade de vida, do que em outras cidades da China que visitamos. Todas a manhã ou mesmo na parte da tarde nos calçadões (foto nº39 e nº40)

¹⁶³ Karst: fluxo das águas subterrâneas e transporta massa que podem levar a concepção tanto na descida e também desordenada. Karst tem as manifestações extremas, produzem surpresas morfológicas superficiais de grande atrativo, acompanhados de cavidades. (IUS -International Union of Spewology)-Congress in Beijing , Bulletin – edited in July 1994.

de frente para o rio, idosos, jovens e profissionais, cada qual com seu par, se reúnem para dançar ao som de tango, bolero, e também das canções do cantor Roberto Carlos. Havia outros grupos que praticavam Tai-Chi e outros que jogavam cartas.



Fig. 39-Aulas de danças nas calçadas de Guilin



Fig. 40 - As “Heroínas de Xangai” (as senhoras) mexicanas

Fomos até o calçadão onde um grupo dançava ao som de música mexicana. Uma das senhoras mexicanas, professora de dança, resolveu se integrar ao grupo e me levou como parceira, enquanto Concone nos filmava. A professora chinesa de dança observando atentamente os nossos movimentos, os reproduziu. Algumas pessoas pararam de dançar para olhar e bateram palmas quando terminamos.

O curioso é que estas atividades não são pagas e nem combinadas. As pessoas vão chegando e se aproximam de alguém que esteja disposto a ensinar ou coordenar. É uma das coisas mais interessantes em Guilin. Se analisarmos esta atividade de dança, na visão antropológica, encontraremos diversos significados sociais, que dizem respeito à sexualidade, a qualidade de vida, a sociabilidade; a expressão corporal seria um meio de “libertar a repressão”.

“Corpo sócnico, o corpo-sujeito é a linguagem produzida no processo de sociabilização, tanto produtor de sentidos que fala de contextos sociais, de pertencimentos culturais”.¹⁶⁴

Tanto de dia quanto de noite, a cidade de Guilin é inesquecível. Pode-se encontrar pessoas nas calçadas sempre em atividade: idosos praticando esporte, ou conversando, grupos atentos aos que jogam jogos chineses (uma espécie de pedras, cartas...), exposições de arte, passeios pelos rios, entre outros atrativos.

Durante a noite a cidade fica toda iluminada para receber turistas, fato que também é apreciado pelos moradores de Guilin. Todas as noites há feiras de alimentos exóticos com muitas variedades de doces e salgados. O povo “guilinês” é bem disposto, caminha pelas calçadas com suas famílias, crianças e idosos. Tudo calmo sem atropelo e música nas ruas.

Soubemos pela guia turística que na cidade há casa de massagem milenar chinesa. O grupo freqüentou a clínica próxima do hotel. Havia as massagens do pé e de corpo inteiro. As “heroínas de Xangai” retornaram mais de uma vez ao local.

No dia seguinte fomos fazer um passeio de barco pelo rio Lijiang. O rio de um verde (da cor de esmeralda), passa por montanhas com seus picos ora pontudos, ora arredondados, por sinal muitos artistas adoram retratar as paisagens de Guilin pela sua beleza indescritível em toda a extensão do rio. A impressão que dá é que estamos entrando numa obra prima divina, onde os deuses chineses presenteiam os turistas vindos de todos os continentes.

Nas margens do rio viam-se habitações espaçadas com plantações de arroz e verduras. Às vezes passavam barquinhos de formato estreito carregados de mercadorias. Vimos muitos búfalos nas margens do rio. O rio

¹⁶⁴ Leal, °F. Corpo e Significados: ensaios de antropologia social. 2ª ed. Porto Alegre: UFGS, 2001.p.63

Lijiang parece muito movimentado, porém tranquilo. Almoçamos no barco sem aquelas “marolas” que causam desconforto. Para aquecer, pois o clima é úmido e frio, serviram bebidas alcoólicas chinesas; boas por sinal.

Percorremos o rio por duas horas e chegamos a uma pequena aldeia, uma espécie de mini porto fluvial. A minha primeira visão ao descer do barco, foi a de um nativo segurando uma vara com dois pássaros pretos um em cada lado. Ao perceber que ficáramos interessados, ele começou a fazer brincadeiras com os dois pássaros equilibristas. Foi uma recepção diferente e divertida. Por uma pequena contribuição, é claro, pude fotografar as aves “artistas” e seu dono.



Fig. 41– Rio Lijiang



Fig. 42 – Nativo e os pássaros

Na aldeia encontramos uma feira de souvenir, roupas, sapatilhas chinesas e artefatos. Uma infinidade de atrativos para turistas. Nota-se que o turismo movimenta não só os centros de grande porte, mas também os de pequeno porte para além das aldeias.

Chegamos ao hotel bem no final da tarde e à noite assistimos uma apresentação musical sobre as várias etnias que compõem a raça chinesa, em que foram apresentados costumes e culturas. Incrivelmente lindo.

No dia seguinte fomos à Gruta da Flauta de Cana que fica ao sul da montanha Guangming em Guilin. Ela tem esse nome porque ao seu redor cresce uma espécie de cana da qual se pode fazer flautas. A gruta é exótica, apresenta formato de um cálice e em sua superfície há um lago¹⁶⁵ de 500 m. rodeado de grande número de estalactites e estalagmites¹⁶⁶ de cores vivas e formas fantásticas. As estalactites formaram uma espécie de catedral, parecendo uma fonte iluminada. O lugar é indescritível.

A Colina da Tromba de Elefante fica ao lado de um rio e no meio de um grande parque e jardins. No dia em que estivemos lá, próximo à pedra enorme com formato de uma tromba de elefante, (por isso o nome da Colina), havia muitos trabalhadores montando um grande palco por causa da festa da Lua. Entre um espaço e outro, vários grupos ensaiavam seus respectivos números, como lutas marciais, acrobacias, danças das etnias, etc..., para o dia da comemoração.

Caminhamos pelo parque e jardins, avistamos uma escadaria sem fim no meio de muita folhagem que levava ao topo da colina com grutas esculpidas na pedra pela natureza. Os mais corajosos companheiros de viagem subiram e desapareceram. Enquanto nós (as menos preparadas) percorremos o caminho via lago e jardins, contentando-nos em ver a colina e a ponta da Tromba de Elefante. Aproveitamos para comprar algumas pedras e alugar roupas típicas das várias etnias, para tirar fotografias com elas.

2.7 - Guangdong - 17 a 18 de setembro de 2002

Rumo ao aeroporto de Guilin para a cidade de Guangdong (Cantão). Esta nos foi apresentada como importante porto fluvial e marítimo do sul da

¹⁶⁵ Tentamos fotografar mas, o flash não foi o suficiente pela imensa escuridão.

¹⁶⁶ Estalactites e estalagmites são formações que crescem a partir do chão de uma gruta ou caverna em direção ao teto, formada pela disposição de carbonato de cálcio arrastado pela água que goteja do teto.

China. Lembro-me das histórias contadas pela minha família sobre o estabelecimento dos Hakka nessa cidade.

Depois de andarmos de aeroporto em aeroporto esta foi a primeira vez que enfrentamos atraso de avião. Como estava bem na hora do almoço, e como não podíamos sair do saguão, os funcionários do aeroporto nos serviram uma refeição muito gostosa, em caixinhas de isopor. O sabor me era familiar, uma sensação de “comida de casa”.

Chegamos ao Hotel White Swan, às 22 horas, por sinal o mais bonito de todos os que nos hospedamos na China. Após os trâmites hoteleiros todos foram se acomodar em seus quartos, porque algumas pessoas do grupo tinham agendado visitas a museus e a famosas casas de chá. Despedimo-nos de todos, pois nós seguiríamos outro rumo, para o interior da China. Estávamos exaustas e aguardávamos um guia, que nos acompanharia, até lá.

Como ele não apareceu no horário combinado resolvemos telefonar para o Brasil, nos certificar com a agência de turismo que o contratou. Graças à boa vontade do senhor Chow, localizamos (Antonio). Foi o “guia intérprete” menos eficiente que tivemos, mais tarde o apelidamos de “Chatinho”. Antonio telefonou de madrugada para dizer que sairíamos depois do café da manhã para o aeroporto de Guangdong com destino Meixien. O senhor Chow nos acompanhou até o aeroporto, pois ele retornaria a Beijin. Seus préstimos como guia terminariam em Guangdong.

Da cidade Guangdong, o que observamos pela janela do quarto do hotel, foi uma linda vista parcial do porto fluvial. No saguão do hotel, vários casais, muitos deles americanos, estavam com bebês e crianças chinesas, para obter adoção.

Viajamos de mochilas e a partir desse momento não teríamos mais que seguir roteiros pré-fixados. Em Meixien tínhamos à nossa disposição um carro

(Van), reservado pela agência no Brasil, que nos levaria a Jiaoling onde encontraríamos um parente meu.

Senti-me em casa, o motorista falava hakkanes era muito prestativo e com iniciativa, localizou no mapa da cidade de Jiaoling os endereços do hotel onde ficaríamos e o da residência do meu parente. Praticamente não precisamos mais de “intérprete”. Percorremos alguns pontos da cidade de Meixien, onde os primeiros Hakka se estabeleceram e que hoje é uma cidade conhecida por ter o maior número de escolas e universidades, pois os Hakka preservam a educação, a cultura e a tradição.

2.8 - Jiaoling – 18 A 21 de setembro 2002

Eu tinha a informação, fornecida por um primo residente em Taiwan, que um parente realizara estudos genealógicos da família Chiou. Esses primeiros antepassados de que se tem notícia, estabeleceram-se na cidade de Jiaoling e nas proximidades da zona rural, ao sul da China Continental.

Um dos meus objetivos ao ir a Jiaoling foi conhecer a história dos meus antepassados, reverenciar seus túmulos e visitar o templo da família. Além disso, seria importante conhecer alguns dos descendentes dessa linhagem.

Chegamos ao aeroporto de Meixien por volta das 14 horas (local) do dia 18 de setembro e encontramos à nossa espera um motorista contratado pela agência de viagem em São Paulo. Minha surpresa tanto em Meixien quanto em Jiaoling foi constatar que toda a população fala hakkanes.

Em Meixien há muito comércio, lojas de motos, carros, artigos para presente entre outros itens, e o que mais víamos eram pequenas lojas de alimentação, onde serviam sopas de macarrão feito de arroz.

Paramos em frente a um parque, onde alguns homens estavam agachados com baralhos nas mãos. Duas mulheres trajando roupas de cor escura participavam também do jogo de cartas. Alguns deles gritavam e outros riam. Ao nos aproximarmos do grupo, eles ficaram constrangidos porque eu estava com uma filmadora. Foram se levantando, um por um, pegaram seus pertences e caminharam em direção a uma construção.

Tanto na China Continental quanto em Taiwan as mulheres trabalham em obras de construção, realizando atividades como a colocação de tijolos, misturando areia, cimento... Também se vêem mulheres trabalhando nas ruas, tapando buracos com piche. Tenho uma vaga lembrança de infância que eram poucas as que trabalhavam em construção. Mas, hoje, parece que o número de mulheres trabalhando na construção civil se elevou.

A caminho de Jiaoling, via-se obras de alargamento de pista, colocação de tubulações de encanamento para água e esgoto, inserção de novos cabos de fios para ampliação de linhas elétricas e de telefonia, além de construção de novos edifícios.

Minha expectativa durante toda a viagem à China era mesmo chegar em Meixien e ir até Jiaoling, pois segundo os comentários da minha família, meus antepassados se estabeleceram por lá.

Quando chegamos no hotel em Jiaoling, percebi que esquecera o endereço do Senhor Ti-Fá, com o qual tínhamos um encontro. Antonio, o intérprete, ligou para o Hotel em Guangdong para pedir ao gerente que abrisse a minha mala, que havia ficado guardada lá, e verificasse o endereço na agenda. Ao mesmo tempo, o motorista consultou a lista telefônica da cidade de Jiaoling, encontrando três pessoas com o mesmo nome, dois deles tinham entre 24 e 35 anos; o terceiro tinha 60 anos. Este era a pessoa que

procurávamos. Entramos, então, em contato com senhor Ti-Fá que nos aguardava.

Após uma longa conversa fomos todos descansar. Pela manhã o motorista apareceu e junto com o intérprete fomos tomar o “café”. No cardápio havia porções de arroz com legumes curtidos, bolinhos salgados, sopa, carne desfiada, ovos quentes e chá quente. Esse foi o nosso café da manhã.

Por sugestão do motorista, enquanto aguardávamos o senhor Ti-Fá, fomos apreciar uma festa de inauguração de um restaurante próximo ao hotel onde estávamos hospedados.

Eu tinha a informação, fornecida por um primo residente em Taiwan, que um parente realizara estudos genealógicos da família Chiou. Esses primeiros antepassados de que se tem notícia, estabeleceram-se na cidade de Jiaoling e nas proximidades da zona rural, ao sul da China Continental.

Um dos meus objetivos ao ir a Jiaoling foi conhecer a história dos meus antepassados, reverenciar seus túmulos e visitar o templo da família. Além disso, seria importante conhecer alguns dos descendentes dessa linhagem.

Havia uma banda musical que acompanhava um carro alegórico com dragões “sobrepostos” a dois homens: um segurando a cabeça e o outro a traseira, semelhante ao Bumba-meu-boi do Brasil. Seguiam atrás, animando o povo que assistia, enquanto eram acesas fileiras de fogos de artifício que estouravam em seqüência; parecia que não tinha fim. Fiquei muito feliz de assistir o espetáculo. Senti-me voltar no tempo. Tive uma vaga lembrança de infância em que apreciava a mesma cena. Éramos duas pessoas - a criança e a adulta amadurecida – vendo a mesma comemoração. Os efeitos festivos, as tradições que continuavam as mesmas, porém, em outro lugar, que parecia o

mesmo. A sensação era a de que eu nunca saí do lugar onde nasci (Taiwan), “para além do espelho”.



Fig.43 - Vista parcial da cidade de Jiaoling



Fig.44 -Inauguração do restaurante



Fig.45 - Os dragões de boas vindas e prosperidade

Conhecemos a família do senhor Ti-Fá. Sua mãe de 86 anos de idade cuidava dos netos, enquanto sua esposa e uma das noras ajudavam na cozinha. Sentamos-nos para almoçar com os homens da casa. As mulheres foram almoçar no outro canto da sala. Achamos um tanto estranho, mas o senhor Ti-Fá disse que é costume quando chegam visitas as mulheres não compartilhem da mesma mesa. Vamos tratar daqui para diante o Senhor Ti-Fá como nosso anfitrião.

Fomos à sala para tomar chá como é costume, depois de uma refeição, em toda a China. Falamos sobre o Brasil, da nossa adaptação entre outros assuntos.

O anfitrião e seus filhos nos acompanharam para um *tour* na cidade de Jiaoling. Durante o percurso percebemos que muitos dos idosos levavam as crianças para as escolas, raramente se via os pais com eles.

Enquanto caminhávamos pela cidade, o anfitrião comentou que nos prédios residenciais não têm elevadores, só hotéis e hospitais que têm elevadores. Ele aponta um prédio de aproximadamente quinze andares, disse que há idosos que não descem do apartamento há mais de dez anos. Alguns saem eventualmente para participar de festas como ano novo chinês ou para cultuar seus antepassados. Exemplo de sua mãe que aos 86 anos de idade raramente sai para qualquer coisa, pois ele reside no sexto andar de um apartamento, sem elevador.

O anfitrião, juntamente com seu irmão, tem um pequeno estabelecimento de serviços de pinturas (letreiros e paredes), e ele também trabalha como responsável pela preservação da cultura em Jiaoling, num departamento do governo.

Visitamos o museu da cultura de Jiaoling onde estavam expostas as relíquias dos tempos imperiais, dos heróis de guerras entre suas pinturas e seus artefatos maravilhosos. Fomos também ao museu dos Hakka onde havia exposição de material antigo para agricultura, móveis, louças, roupas, réplica de moradia e uma espécie de cadeira coberta para carregar noivas em dias de casamento, entre outros.

Os templos budistas de Jiaoling são grandes e arejados. Em um dos templos havia um Buda dourado de aproximadamente uns quatro metros de altura.

Ao entardecer o anfitrião e seus filhos nos deixaram no hotel e voltaram para seus afazeres, retornando no dia seguinte.

Resolvemos então andar mais um pouco pela cidade. Vimos um homem que acomodava umas doze a catorze cadeiras grandes de vime numa bicicleta, para fazer entregas. Outra cena singular, vimos próxima a uma ponte de madeira por baixo da qual passava um pequeno córrego. Lá, uma senhora munida de uma máquina de costura, no meio de um monte de roupas e tecidos, costurava freneticamente.

No dia 20 de setembro pela manhã combinamos que iríamos visitar os túmulos de nossos antepassados. O anfitrião veio com toda a família. Éramos dez pessoas e coubemos todos na Van. Antes de sairmos, ele perguntou-nos se estávamos em forma, pois para se chegar ao primeiro túmulo, teríamos de atravessar um riacho e subir um morro. Preparada ou não, eu teria de ir lá de qualquer jeito. O local fica bem afastado da cidade, em direção à zona rural.

No caminho para os túmulos via-se em quase toda a extensão lavouras e plantações de frutas. O movimento nas laterais da estrada era muito intenso. As pessoas estavam bem “alvoroadas” e circulavam em torno das barracas de mercadorias.

Além disso, todos buzinaavam sem parar, tanto o nosso motorista quanto os outros, inclusive os ciclistas e os motoqueiros, até mesmo os que dirigiam pequenos veículos de três rodas, diga-se de passagem, é o que mais havia por lá. Buzinavam para os pedestres que tentavam passar para contornar à direita e à esquerda; para os animais... Espantoso, buzina para todo os tipos de circunstâncias. Isso tornava a pequena Jiaoling a cidade mais barulhenta que vi nos últimos tempos.

A princípio acreditava que era por causa da chuva que os pedestres e os ciclistas seguravam guarda-chuvas e vestiam capas de impermeáveis de cores

roxa e amarela, podiam se atrapalhar em atravessar ou caminhar pelas ruas de Jiaoling. Cessado a chuva, logo percebi que não era ela o motivo. Os “jiaolineses” ou os chineses de um modo geral não têm a mesma noção de sinalização como temos no ocidente (pelo menos como eu entendo). Fica a critério de cada indivíduo respeitá-los ou não. Em Jiaoling e nas cidades próximas, pelo que observei, tanto os semáforos quanto a sinalização não constituem nenhuma ordem e nem restrição. Assim eles indicam o que vão fazer, para os que estão vindo atrás. É claro que a impressão que dá é que vão acontecer acidentes a todo instante. Mas engano, apesar do “caos de tráfego”, ele dirigem vagarosamente. Não se soube de nenhum acidente registrado nos dias de nossa estadia por lá.

Viajamos pelas estradas rurais empoeiradas de Jiaoling, não se via muita coisa pela frente, o dia estava ensolarado, muito quente por sinal. O anfitrião ofereceu-nos água, que ele havia providenciado para nossa viagem, mas estava morna pelo calor.

Finalmente paramos em frente a uma única casa que havia na região, de construção antiga com pagodes chineses no telhado. Na porta, estavam grudados papéis vermelhos com frisos em dourado¹⁶⁷. Da residência surgiram dois idosos, vindo em direção ao nosso anfitrião para saudá-lo com "*Ni Hau Má*"¹⁶⁸. Olhavam para mim e para Concone. Compreendi algumas palavras ditas pelo anfitrião aos idosos: vieram de "*Pací*". Reproduzo o som do vocábulo em Mandarim, uma vez que não conheço a grafia. Significa Brasil. Talvez possamos chegar à palavra Brasil pronunciando "Basi". Apontando para mim, o anfitrião disse para os idosos que eu era parente. Contou resumidamente o que eu tinha ido fazer na China. Espantados, os idosos

¹⁶⁷ É um costume chinês para trazer sorte, fortuna, saúde e espantar o mal.

¹⁶⁸ Como vai você?

aproximaram-se de mim balançando as cabeças. Falavam bastante. Consegui captar apenas algumas palavras. Traduzindo o que entendi: “ *muito longe, coragem de vir sozinha, seus antepassados estão muito felizes pela sua visita*”. Respondi em chinês, que estava muito contente pela oportunidade. Todos riram do meu sotaque.

Subimos por uma estrada cheia de buracos, morrinhos altos e baixos, mato para todo lado: “— ai de nós, que situação!”. Bem que o anfitrião nos preveniu.

O nome do filho caçula do anfitrião tem o mesmo som do meu, Ling.¹⁶⁹ Os ideogramas chineses dos nossos nomes são grafados de formas diferentes, mas pronunciados da mesma forma. Poderíamos dizer que são vocábulos homófonos.

Ling, o anfitrião e um parente que usava o tempo todo um capacete vermelho resolveram me acompanhar, visto que Concone estava bem acompanhada por uma pela chinesa gordinha e outros parentes.

Ling sorria o tempo todo, parávamos muitas vezes para descansar. Ensinamos-lhe algumas frases em português e com facilidade ele dizia: “*tudo bem, muito bom*”. Repetia a frase o tempo todo.

O anfitrião, para não ficar de fora, pronunciava uma expressão “*Olé Gud*”. No início nós não conseguíamos assimilar o que ele dizia, mas depois, chegamos à conclusão de que era “*very good*”.

Continuávamos a subir e a descer os morros, cruzamos um pequeno rio por um pedaço de tábua ou por uma *pinguela* (observou Concone). Finalmente chegamos à outra margem e as trilhas estavam limpas. Essa tarefa só é realizada nas proximidades do dia dos antepassados (finados), no mês de abril. Estar limpo naquele dia foi uma exceção.

¹⁶⁹Homófonos: vocábulos que tem o mesmo som com grafia e sentido diferentes.

Quando chegamos no primeiro túmulo, outros parentes já estavam lá arrumando as oferendas (carnes, pato, frutas, doces, vinho...). Este túmulo pertence aos meus ancestrais da 11^a a 13^a geração. Visitamos mais três túmulos 16^a, 17^o e a 18^a gerações. Os dois últimos foram reformados pelos parentes de Taiwan. Os chineses confundem as idéias de *substância e potência* na idéia do ser, e conferem ao *alimento*, como vimos, extrema importância”. Explica Granet¹⁷⁰



Fig.46 - Túmulo da 11^a e 13^o geração.



Fig.47 – Túmulo da 16^a geração



Fig.48- A banda “geriátrica”



Fig.49 – após a recepção, entramos na vila da família Chiou

¹⁷⁰ Granet, M. O Pensamento Chinês. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.p.242

Quando estávamos no alto do morro, ao lado do 17º e 18º túmulo,¹⁷¹ idosos que compõe a banda “geriátrica”¹⁷² ensaiavam em antigos instrumentos musicais.

Após as homenagens aos ancestrais, fomos recepcionados com uma serie de estouro de bombas e também ao som da banda “geriátrica”, como Concone e eu a batizamos. Para mim foi uma honra ser recebida daquela forma, reservada para pessoas ilustres e noivas. Cumprimentamos todos os membros da família Chiou que estavam lá a nossa espera, e os acompanhamos ao templo onde seria servido um almoço em grande estilo familiar chinês. O anfitrião convidou o prefeito da aldeia e os professores.

Minha ida ao túmulo dos meus antepassados e o convívio com os parentes de Jiaoling era voltar a um tempo antigo chinês, com as tradições e os costumes. Pouco a pouco, mergulhando o meu lado oriental, fui me familiarizando. Percebo com “olhar ocidental” que os chineses não se vêem isolado da sociedade e da Natureza. Como se a sociedade fosse um labirinto de forma de viver, não de forma contundente, mas simplesmente adaptarem-se as mudanças, até convertendo e fazendo parte dela, a Natureza, que por sua vez, um lugar de ritos e de tempos estabelecidos.

Granet diria que os chineses:

“Não pensam em colocar acima das realidades vulgares um mundo de essências puramente espirituais; tampouco pensam, para ampliar a dignidade humana, em atribuir ao homem uma alma distinta de seu corpo. A Natureza compõe um só reino. Uma ordem única rege

¹⁷¹ Os túmulos 17 e 18 estão registrados no Cap.III item 3.1.2 espírito hakkanês p.178

¹⁷² Carinhosamente referidos a eles por nós.

a vida universal: trata-se da ordem que a civilização lhe imprime”¹⁷³.

Antes de almoçar fomos convidadas a nos lavar. Entramos num pátio cercado de casas que pertenciam a vários parentes. A “gordinha” como Concone batizou, trouxe bacias e toalhas novas, nos ajudando a refrescar e a secar com as pequenas tolhas. Perguntei à “gordinha” qual o grau de parentesco ela teria em relação mim. Segundo ela seríamos cunhadas porque o anfitrião era da linhagem de meu pai.

Concone sugeriu o livro Manual para Análise de Parentesco para fundamentar essa peculiaridade do sistema de parentesco. Segundo o autor os parentes patrilaterias são ou uma espécie de “sibling” ou “pai”.

“Denominá-los assim significa ter para com eles um comportamento em grande parte semelhante ao que se tem para com os parentes agnáticos mais próximos. Este uso é extensivo a todas as pessoas dentro do clã sem levar em consideração o grau de relação”¹⁷⁴.

Os chineses designam de modo exato qualquer parente, tanto do lado materno quanto do lado paterno. Lembro quando criança, nunca soube nome de nenhuma pessoa da minha família. Ainda hoje mal sei o nome dos meus avós ou dos meus tios. Por ser caçula da família quando referimos ao irmão; chama-o de irmão mais velho (Tai – Akó) pronuncia em hakkanes.

Para Granet:

¹⁷³ Granet, M. O Pensamento Chinês. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: contraponto, 1997 p. 253

¹⁷⁴ Schusky, E. Manual para Análise de Parentesco. Trad. Sylvia Caiuby Novais. São Paulo: EPU, 1999. p. 65

“Essa ordem provém do costume. Na sociedade formada em comum pelos homens e pelas coisas, tudo se distribui em categorias hierarquizadas. Cada uma tem sua posição. O regime não é, em parte alguma, o da necessidade física, e em parte alguma o da obrigação moral. A ordem que os homens aceitam reverenciar não é a da lei; eles tampouco pensam que seja possível impor leis às coisas: admitem apenas regras, ou melhor, *modelo*. O conhecimento dessa regras e hierarquias, estipular por categorias, levando em conta ocasiões e graus, modelos de conduta e sistemas de convenções, esse é o Saber.”¹⁷⁵.

2.8.1- Almoço em família

O anfitrião foi ao hotel e pediu para que eu oferecesse um banquete para todos os descendentes da família Chiou, incluindo alguns convidados "ilustres" que ele conhecia. Até então, eu desconhecia esse costume.

Segundo o anfitrião é costume na China Continental que o visitante ofereça um banquete. Tal costume é oposto ao de Taiwan onde todos fazem a festa para o visitante. Fiquei surpresa ao saber dessa responsabilidade. O anfitrião comentou que, caso eu não concordasse em oferecer o banquete, ele perderia a honra. Todos iriam zombar dele. Para não ofendê-lo, disse-lhe que meu pai havia falecido recentemente e eu não me sentia à vontade para comemorações dessa magnitude. O que poderia oferecer era a compra das oferendas necessárias para levar aos túmulos dos meus antepassados.

O senhor Chiou I Der¹⁷⁶ foi um dos parentes que meu pai manteve contato. Ele soube que eu iria a Jiaoling. Falou com senhor Ti-Fá e o instruiu

¹⁷⁵ Granet, M. O Pensamento Chinês. Trad.Vera Ribeiro. Rio de Janeiro:Contraponto, 1997.p 253

¹⁷⁶ Residia em Taiwan. O seu avô era primo do avô do meu pai.

para a organização do banquete, somente sete ou dez mesas¹⁷⁷ e não doze como o anfitrião queria. Não teria banda musical chinesa, somente bombinhas amarradas em tiras que estouram em série.

Na hierarquia patrilinear, o senhor Chiou I Der é mais velho do que o anfitrião. Ele "deve" respeitar e acatar o seu pedido. Não sei bem o que combinaram só sei que havia muito mais de doze meses e aproximadamente sessenta pessoas entre parentes e convidados (prefeito da região e professores). Até alguns agricultores pararam de trabalhar na lavoura para participar do almoço.

Chiou I-Der coordenou o referido “banquete” ao anfitrião (senhor Ti-Fá), (semelhante ao trato do irmão mais velho), em que fundamentamos anteriormente. Acrescentamos em Granet, quando ele diz que *o poder* (para o chinês) *é distribuir posições, lugares, qualificações; é adotar a totalidade dos seres de sua maneira de ser e sua aptidão para ser.*

Senhor Ti-Fá contratou serviços de um restaurante local para preparar os alimentos. E também contou com a ajuda de todos da família para arrumar o templo e acomodar as mesas e as cadeiras.

Antes do altar, havia um desnível no chão, onde os mais idosos e os convidados ilustres se acomodaram ao redor de três mesas. O restante das mesas estava na parte baixa onde as mulheres, os homens da família e as crianças se encontravam.

Novamente o alimento aparece no sentido da importância, porém percebo aqui (mais além), a questão está em demonstrar (culturalmente) pelo nosso anfitrião, que a “filha Hakka”, volta de visita a sua aldeia, para mostrar-se aos familiares como prova viva da ascensão em um país estrangeiro.

¹⁷⁷ Cada mesa equivale a 12 ou 15 pessoas.

O anfitrião pediu a todos presentes que fizéssemos uma reverência e colocássemos o incenso no altar para agradecer esse momento único da minha vinda a Jiaoling, juntamente com a minha professora do Brasil. Agradeceu e comentou o quanto isso significou para a nossa família e para todos os Hakka da região. Por fim, o acompanhei e percorremos cada mesa para brindar com cada um dos meus parentes e convidados que, por sua vez, me davam as boas vindas e agradeciam por esses dias que significaram muito para eles.

Nesse momento eu pensava nos meus pais e que eu tinha muito a dizer, mas optei pelo silêncio. Prefiri ouvir as palavras de boas vindas e também demonstrei o quanto isso foi importante e significativo para mim.



Fig.50 – dentro do templo



Fig.51- vista do alto da localização das residências e do templo da família Chiou

Estas são as coisas que não vou esquecer. Lembro-me de uma passagem como essa no casamento da minha tia (eu a chamo de Aku, por ela ser irmã do meu pai). Diferentemente quando se trata dos irmãos da mãe, fala-se Akiu ou Kiumé, na língua Hakka. Como já foi comentado, Sibling, página 137, (item 2.8). Lembrando que os princípios básicos dos Hakkas são: a comunidade familiar e a educação, descritos no capítulo III.

Fomos convidados a visitar todas as casas dos meus familiares, além do que restou das residências dos antepassados, atualmente em processo de reforma pela família reunida.

Foram dias de muitas emoções os passados com minha família. Por fim saímos da zona rural para a cidade de Jiaoling, e, no dia seguinte, fomos à Guangdong buscar nossos pertences e rumarmos para a Taiwan.

2.8.2 - Visita na Instituição de Longa Permanência para Idosos em Jiaoling

No nosso último dia em Jiaoling, a caminho do aeroporto, fomos visitar uma Instituição de longa permanência para idosos. Segundo o anfitrião ela é bem cuidada e organizada. O governo repassa os recursos para a manutenção do local que recebe idosos sem família, mesmo os de outras regiões e aqueles que optam por lá viverem.

A instituição de longa permanência em Jiaoling é bonita. Ocupa um prédio de três andares, sendo o último para os idosos acamados. As acomodações da instituição são arejadas e limpas. Há sala de televisão, de jogos, de leitura, além de enfermaria, cozinha e lavanderia. Nos quartos ficam dois a três residentes. No canto do pátio há um pequeno lago com uma mini cachoeira e vasos com plantas e flores ao redor. Vimos alguns idosos sentados

tomando sol. No outro canto, um pequeno templo com os deuses chineses e um Buda dourado no centro do altar.

Na instituição os idosos, podem se quiserem, cuidar da horta, preparar refeições, ou enfim, participar de outras atividade que lhe agradam.

A equipe de profissionais atende os idosos na instituição conforme as solicitações dos responsáveis que gerenciam o local e quando necessário.

Os idosos também são levados para passear em outras cidades ou mesmo nas zonas rurais. O anfitrião afirma que as pessoas da cidade contribuem com alimentos, remédios entre outros produtos e que o governo também oferece toda a assistência.

Alguns idosos que transitavam por lá nos perguntaram se éramos jornalistas. Comentaram que são bem tratados e que gostam do lugar.



Fig.52 – Instituição asilar - Jiaoling

Ter residência de longa permanência, num país em que o velho ainda hoje ocupa uma posição privilegiada numa comunidade familiar, parece a priori, um tanto estranho, ainda mais entre os Hakka, para os quais, como

referi anteriormente, o respeito ao velho é culturalmente importante e demonstra a lealdade familiar. Mas, por outro lado, a abertura da China para o mundo trouxe para o povo, trabalho e novas perspectivas. Isso, no entanto, não descaracterizou a tradição chinesa, em relação aos idosos.

Com um olhar intergeracional tive a oportunidade de me certificar que muitas das histórias (contados pelos mais idosos, quando nós estávamos visitando os túmulos dos meus antepassados), demonstravam haver conflitos familiares e problemas de toda a ordem. Porém, as tradições, os costumes, a educação, o respeito pela hierarquia¹⁷⁸ e a demonstração de lealdade pela preservação da comunidade familiar são mantidos.

As influências que atravessaram as gerações em nossa família Hakka atuaram fortemente em nossa vida (pelo menos para mim), e muitas vezes não damos conta de reconhecê-las ou identificá-las. Mediante a reconstrução a partir das histórias familiares pude atribuir significados aos acontecimentos, o que me fortaleceu e me fez compreender este reencontro do meu próprio lugar no tempo, para resgatar o que foi legado pelos meus ancestrais, a cultura, a vivência e mais ainda o respeito e a dedicação aos idosos.

2.9 - Hong Kong / Taiwan - 23 de setembro a 04 de outubro de 2002

Deixando Jiaoling retornamos à cidade de Guangdong. O guia Antonio nos acompanhou até a estação de trem que nos conduziria a Hong Kong. Pernoitamos e logo pela manhã fomos para o aeroporto. Chegamos em Taiwan por volta das 10 horas da manhã (local). Ao passar no guichê do aeroporto, apresentamos os nossos passaportes (apresentei o brasileiro e não o

¹⁷⁸ Essa hierarquia correspondente a nome para cada agregado: parentes, amigos, idosos, consangüíneos ou não.

chinês). Um funcionário, muito desconfiado, fez comentários com outro (ora em Cantonês, ora no dialeto Hoklo), fez várias indagações sobre a minha ida a Taiwan, e por que eu não falava chinês. Como não respondi, chamaram um outro funcionário que falava um pouco de inglês; Concone explicou que minha família é taiwanesa, inclusive uma das minhas tias estava nos aguardando no saguão. Mostramos os telefones dos meus parentes para o funcionário, caso quisesse maiores explicações. Mais tarde pude comentar no dialeto Hoklo que a minha viagem era para ver meus parentes. Inclusive tenho uma avó que reside em Nei-pu (interior de Taiwan).

Depois de mais de 45 minutos passados, resolveram nos liberar. O curioso de tudo isso foi à explicação dada por eles. A estranheza quanto ao motivo da nossa ida à China Continental e o fato do meu documento informar que nasci na China, mas não especificar se no Continente ou em Taiwan. Pareceu-nos que a política andava meio conturbada por lá. Soube que atualmente para sair do país é necessário um depósito de US\$ 20.000 dólares americanos.

Ficamos alguns dias em Taipei, a fim de ver minha família, e mostrar a cidade à minha orientadora, na expectativa da sua impressão ocidental.

Na nossa primeira investida fomos conhecer as feiras noturnas que são muito interessantes. Iniciam-se depois das 17 horas e terminam na manhã seguinte. As ruas ficam iluminadas e é incrível a quantidade de pessoas que as freqüentam, até parece que ninguém dorme. Andamos tranqüilamente pela madrugada sem receio de assaltos ou pessoas que pudessem nos incomodar. Há lojas, camelôs no meio das ruas estreitas, além de música alta e alto-falantes anunciando as novidades das lojas; as pessoas andam, compram, conversam e comem em várias micro barraquinhas de alimentos doces,

salgados, agridoces. Uma infinidade de cheiros e fumaça, tudo *na maior paz*, sem atropelos.

As linhas de metrô são super modernas e há linhas de superfície suspensas nas avenidas. Todas muito velozes. Dentro das estações há exposições de arte e cultura. Vimos, também, em algumas estações de metrô aquários com os mais lindos peixes ornamentais.

Os preços das passagens são de acordo com a quilometragem percorrida. O controle é feito na passagem pela catraca eletrônica, quando o destino da viagem é registrado.

Em Taipei, tivemos a sorte de encontrar um taxista, senhor Hue, aposentado e muito disposto a nos acompanhar aos pontos históricos e turísticos da capital. Por um preço razoável, prontificou-se a nos acompanhar; fluente em inglês e espanhol, disse adorar ficar com estrangeiros. Por sinal um senhor muito divertido.

Conhecemos vários templos da cidade: de Confúcio, da Deusa Koni, o templo dos pedidos e proteção, onde as pessoas compram uma lanterna (padrão) escrevem o que desejam alcançar e penduram no terraço. As lanternas ficam iluminadas o tempo todo. Após a concretização do desejo as lanternas devem ser retiradas.



Fig.53- Os pedidos escritos nas lanternas

No dia subsequente ao das visitas aos templos, saímos pela manhã com o senhor Hue. Viajamos pelas imediações da capital.

Fizemos uma parada para conhecer o museu do Chá em Ping Lin, uma pequena cidade muito interessante. Um rio percorre a cidade e na ponte os pequenos pilares da mureta de proteção são decorados com enfeites em formato de bule de cerâmica, um de cada cor. Segundo o motorista é o lugar de maior produção de chá em Taiwan e também de licores. A maioria dos comerciantes da capital compra os produtos em Ping Lin para revender na capital.



Fig.54 – todos os ideogramas chineses que representam a palavra Lin



Fig. 55 – Museu do chá em Ping Lin



Fig.56 – os primeiros aborígenes de Taiwan



Fig.-57 Escritor (boneco) –Museu em Ping Lin – foto do museu

Ainda em Ping Lin, visitamos um museu de bonecos de tamanho natural, que abriga antiguidades do tempo dos primeiros habitantes de Taiwan. Havia muitas representações de pessoas e acontecimentos de época como um estudioso numa mesa escrevendo com pincel, casas de chá com pessoas sentadas e outras servindo, uma plantação de chá com as mulheres agricultoras usando chapéu de palha, entre outros, todos em tamanho natural.

Na visita pelo museu pareceu-nos fazer uma viagem pelo tempo, e pelo tempo da memória puxada para fora, como Halbwachs observa; a questão da lembrança se estabelece na relação eu-e-meu-mundo (social), uma atividade psicologicamente criadora da memória a mercê dos princípios da sociabilização *de quem recorda* e da sociabilidade *do que se recorda*. Uma diferença entre ‘eu lembro os outros em mim e os outros se lembram de mim’¹⁷⁹

Kaohsiung ao sul de Taiwan, é uma cidade portuária, tecnologicamente avançada, uma verdadeira metrópole com muitas grandes lojas de departamento internacionais para atender o público estrangeiro. Mas ainda mantém as suas tradições e seus costumes, além das feiras noturnas.

Visitamos uma das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), por recomendação da Reverendíssima, *Sinceridade do Brasil*, Monja do Templo Zu-Lai aqui no Brasil, que também pertence ao Templo Fu Kun San em Kaohsiung.

É uma instituição de primeiro mundo, fica no centro da cidade. Apresentarei alguns itens porque são tantos detalhes que não caberiam neste texto. As mensalidades custam em média US\$ 1.500 dólares americanos. O prédio tem 15 andares e em todos os lances há redes de proteção para evitar quedas. No último andar fica um templo com capacidade para mais de 200

¹⁷⁹ Brandão, C.R. Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Cone Sul, 1998. p.56.

pessoas onde são realizadas as orações e meditações. Há disponibilidade de almofadas para cada um se acomodar com conforto.

As refeições são preparadas para cada idoso de acordo com a sua dieta e são servidas em um grande salão onde em cada mesa consta os nomes dos respectivos residentes, para que as atendedoras possam identificá-los.

Há dependências em cada andar para uso dos residentes, como lavanderia, cozinha completa equipada com três fogões elétricos e geladeiras. As mobílias dos quartos e dos banheiros além de decorativas, são projetadas para facilitar o uso levando-se em conta a segurança dos idosos. Há interfones (tipo celular) que acusam chamadas nas recepções de cada andar e também são enviadas para a central de comunicação que fica na entrada principal.

No mesanino ficam as salas de jogos, de artes, de bilhar, de ginástica, de massagens, cabeleleiros e um mini campo de golfe.

No térreo, há uma grande biblioteca. Um salão que serve para baile, karaoke, teatro e reuniões. Segundo a coordenadora, nesse salão os idosos também se reúnem para discutir as melhorias da instituição ou para sanar problemas e também para participar de festas que eles mesmo organizam.

Ao lado dessas salas, há um jardim, e um lago comprido com pedras onde os idosos caminham para se exercitar. Num canto, uma gruta com plantas exóticas onde se vê a imagem da deusa Koni.

Por todo o prédio os idosos podem circular com segurança e facilidade, há corrimãos, rampas e pisos antiderrapantes.

Ainda no térreo encontram-se as salas de administração e o laboratório de manipulação de remédios, onde a farmacêutica separa os remédios de acordo com a prescrição médica para cada idoso. Ao lado fica uma sala de leitura destinada aos visitantes, onde se encontram revistas, jornais, e uma placa enorme comunicando toda a programação do dia.

Na entrada do prédio há duas recepções, uma é para informações e visitantes, a outra é de uso exclusivo dos residentes, porque segundo a atendente, os idosos costumam esquecer suas chaves, a correspondência entre outras coisas, como óculo, bengala, remédio, até dinheiro. Ela, então, providencia a devolução para que eles não precisem retornar de seus andares. O curioso é que tem uma prateleira só de óculos, outra de bengalas e assim por diante.

Há também serviços de “motoqueiras cuidadoras” uniformizadas que atendem os idosos e também levam refeições.

Os passeios são por conta da instituição, e os idosos, recebem sempre uma cesta de lanche e até uma ajuda de custo do governo quando vão em eventos, cinemas, óperas ... Viajam em microonibus adaptados também para cadeiras de rodas. E toda as tarde depois do descanso, vão passear nos parques entre outras atividades.

No tempo que passamos na instituição, percebemos que os idosos estavam muito satisfeitos, caminhavam alegres em grupos. Por sorte, uma das atendentes que nos acompanhou pela instituição era da etnia Hakka, então a comunicação ficou mais fácil. Ela apresentou, alguns residentes Hakka, que falaram da velhice e demonstraram que estavam muito felizes, envelhecendo na terra em que nasceram, pois alguns estiveram em outros países, por causa dos filhos, mas não se adaptaram. Não falam em morte, e são desapegados a quaisquer bens materiais, usam o dinheiro para se divertir ou ir às feiras de alimentos. Para eles, velhos não precisam de muitas coisas, devem cuidar da saúde, ter amigos, cantar, ler muito e viver o mais que puderem. Gostam de estar na instituição, tem todo o conforto e atenção, explicam que hoje os jovens trabalham longe, mas os filhos e parentes nunca deixam de os visitar, telefonar ou mesmo por meio de cartas contar o que estão fazendo, as

novidades e até mesmo pedir conselhos ou opiniões. E agora com o uso da internet, estão aprendendo a se comunicar pelo computador.

Ainda em Kaoshung fomos a outra instituição de idosos, onde meu tio se encontra, fica no mesmo bairro em que reside sua família.

O ambiente é muito agradável, os quartos são arejados, limpos e sem odores. As roupas de cor branca são usadas somente pelo pessoal da área de saúde (médicos, enfermeiros, fisioterapeutas...). Os coordenadores da instituição, os atendentes, contratados e voluntários usam roupas comuns, com um crachá de identificação.

Ao entrar é necessário tirar os sapatos na recepção e calçar chinelos que estão expostos num suporte. A coordenadora nos informou que as famílias cuidam e trazem tudo o que o idoso precisa, como se estivessem em suas casas. Além dos acompanhamentos e cuidados médicos, psicológicos, fisioterapêuticos, os residentes contam com massagens e prática da medicina chinesa tradicional, entre outros cuidados. Certificamo-nos que realmente isso acontece, pois meu tio se encontra nessa instituição. Há todo instante alguém da família estava lá, por vezes a esposa, as noras, os filhos, netos, vizinhos ou amigos.

Foi pensando em facilitar o convívio das famílias com seus idosos que as ILPIs foram construídas nos bairros. A demanda é grande mesmo entre casais idosos pois ambos precisam de cuidados o que exige esforço e dedicação em tempo integral e os jovens só chegam à noite depois do trabalho ou dos estudos. Além disso, algumas casas foram construídas em três lances, sendo sala e cozinha no primeiro andar, quartos e banheiros nos demais andares e os idosos tem dificuldades para subir e descer escadas.

Tanto na primeira instituição quanto na segunda, de bairro, o atendimento é semelhante, apesar da diferença em termos de preço cobrado, mas percebe-se que as famílias não abandonam os seus idosos.



Fig. 58- Residencial para idoso - Kaoshung

Secco na sua obra, *Além da Idade da Razão*, aponta o que já dissemos páginas atrás:

“Na China, por exemplo, o velho, de modo geral, ainda hoje ocupa uma posição privilegiada e é respeitado tanto no espaço familiar, como no religioso. Para o taoísmo, doutrina chinesa de Lao-Tsé, o fim supremo consiste na longevidade. O envelhecimento, nessa cultura, significa a vida em palono máximo de depuração, não sendo jamais entendido como flagelo, mas, no contrário, como representação de suprema sabedoria”¹⁸⁰.

Minha tia que mora em Kaoshung nos acompanhou até Nei-pu, onde a maioria da família de minha mãe reside, inclusive minha avó que ainda

¹⁸⁰ Secco,T.Carmen Lucia. *Além da Idade da Razão:longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro:Graphia,1994. p.11

continua firme e forte (com mais de 80 anos). Essa emoção doce de revê-la trouxe de maneira viva algumas lembrança agradáveis de minha infância.

Todas as pequenas cidades ao sul de Taiwan ficam muito próximas uma das outras, facilitando a nossa locomoção. Fomos então até Nun-Ron, onde meus avós paternos viveram e tiveram seus filhos que, quando adultos, foram construindo suas casas umas ao lado das outras, a partir do templo, no estilo das construções Hakka.

Tanto em Nei-Pu, quanto em Nun-Ron vê-se muitos idosos trabalhando nas feiras, com pequenas cestas de legumes, verduras, frutas, ou mesmo comidas prontas. E também idosos que vão fazer suas compras, alguns caminhando, outros de bicicleta outros de motoneta, acomodando seus andadores ou bengalas num compartimento do veículo.

A foto (abaixo) foi tirada em frente ao templo que meu avô construiu. E as mulheres (foto), representam quatro gerações. Algumas delas ainda vivem nas casas com suas famílias. A mais velha (1^a. geração) é a terceira da direita para a esquerda. A quarta (minha tia) da direita para a esquerda, representa a 2^a. geração. A segunda da direita para a esquerda representa a 3^a. Geração; a quinta da direita para a esquerda,(minha prima) e eu a primeira à direita do grupo representamos a 4^a. geração.



Fig.59 – quatro gerações de mulheres Hakka

Retornar ao local onde nasci e evocar as minhas infinitas percepções vividas mesclaram-se com as lembranças (guardadas). Bergson em *Matéria e Memória* ¹⁸¹representou pela figura de um cone invertido *SAP* - *a totalidade das lembranças acumuladas na memória*; o autor diz que as lembranças estariam na base que descem para o plano *S* avançam sem cessar e tocam no plano móvel *P*, que trata da *representação atual do universo*. Essas novas vivências e outras percepções (evocadas) - Ecléa Bosi em *Lembranças de Velhos* afirma: ‘*é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde*’(op.cit.p.10) - determinaram a construção pessoal (pelo menos para mim) de novas percepções.

A memória evocada me levou do presente ao passado. Minha reflexão mostrou o que a existência construiu e o que fundamentou para vir a ser (em minha memória), para apresentar-me a identidade e a diferença. Esse caminho da repetição, permitiu que eu a contemplasse e me admirasse diante desse “novo” e no instante seguinte, o perceptível, o novo resgatado do passado, sendo ele personificado na memória.

¹⁸¹ Bérqson,H. *Matéria e Memória* .Trad.Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.178.

Capítulo III

Origem e Cultura dos Hakka: breve história

3.1 - Diáspora dos Hakka

Marcel Granet nos legou uma obra clássica da edição *O Pensamento Chinês*, um livro impressionante, difícil, mas faiscante de intuições geniais nas palavras de Lévi-Strauss¹⁸². Granet dedicou sua vida ao estudo da China, dotada como é de alta capacidade civilizatória, mostrando seus costumes, suas artes, sua escrita e sua sabedoria, ressaltando a possibilidade de existir outros pensamentos diferentes do nosso (ocidental).

Embora esse texto seja sobre A Origem e a Cultura dos Hakka, está longe de realizar comparações culturais, ocidental e chinesa, mas é uma tentativa de dialogar com o ocidente e porque não, construir um “novo” pensamento, pois essa etnia faz parte, também, do pensamento chinês. Como Granet observa, o pensamento chinês não opõe sujeito e objeto, mas estabelece as ligações entre ambos. “Ele se orienta para a cultura, e não para o conhecimento puro; tende para a sabedoria, e não para as ciências.”¹⁸³

*O que devemos entender por culturas diferentes*¹⁸⁴? Para responder essa indagação o mais plausível é seguir os ensinamentos de quem as estudou, Lévi-Strauss, e tentar uma proximidade para traçarmos “o seu inventário. Mas é aqui que as dificuldades começam.”¹⁸⁵ Realmente as dificuldades se

¹⁸²Granet, M. **O Pensamento Chinês**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 1

¹⁸³ Paul Chaulus. “Apresentação.” Em Granet, M. *O Pensamento Chinês* p.7

¹⁸⁴ Lévi-Strauss. *Raça e História*. **Os Pensadores** Trad. Eduardo P. Graeff, Inácia Canelas, Malcom B. Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 49

¹⁸⁵ Idem.

iniciam porque se trata dos Hakka, uma das 56 etnias que compõem a raça chinesa.

Historicamente os Hakka, a princípio, se fixaram na parte norte da China Continental para mais tarde migrarem para o sul do continente entre Chiang-si, Fujian e Guangdong. Há muitas indagações sobre as questões migratórias dos Hakka e opiniões divergentes entre os estudiosos acadêmicos.

Os Hakka, para alguns historiadores chineses, surgiram do povo minoritário de Xiongnu, uma das 56 etnias, segundo o IV Censo Demográfico Nacional de 1990. Os Hakka pertencem ao povo Han.¹⁸⁶ As etnias que formam a raça chinesa, espalharam-se por todo o país concentrando-se nas planícies do nordeste e nos vales dos cursos médios do Rio Amarelo, do Rio Yang Tzé e Zhujiang. Pesquisas apontam que 65% habitam a superfície do país, principalmente nas regiões de fronteira do nordeste, do norte, noroeste e sudoeste.

Na província de Yun-Nan há mais de vinte etnias e em cada município residem pelo menos duas delas. As minorias étnicas que compõem a raça chinesa foram se organizando com o passar do tempo, procurando um amplo intercâmbio, formando, assim, sistemas políticos, econômicos e culturais para além de uma autonomia étnica.

Os Hakka se estabeleceram na China Central mas, para se protegerem de constantes guerras e saques, migraram para o sul do país. A palavra Hakka, originou-se de “Hak”, que define grupos que fugiram para o sul. Hakka também se pronuncia *Kèija* e significa “*povo convidado*”.

Durante a revolução da dinastia Qin, os chineses consideravam os manchu estrangeiros. Havia uma seita cristã desenvovida pelos *taipingues* (grupo revolucionário) ao sul da China, muitos deles hakkaneses refugiados

¹⁸⁶ Época imperial: Qin (221-207 a.C) - Han (206 a.C. 220 d.C)

das invasões que aconteceram no centro do país. Havia um dos Hakka, Hung Hsyu-ch'üan que, embora tendo uma formação religiosa precária, sua fé o impelia a lutar pelo que acreditava

Ovejero comenta a interpretação que Hung fazia da Bíblia. Uma vez que *Kèija* significa “*povo convidado*” então,

“...a Bíblia se referia aos Hakka, e não ao Israel, quando mencionava “povo eleito”, e o “Reino dos Céus era a China. Ele começou a arrebanhar seguidores e elaborar uma doutrina que unia religião com revolução; pouco a pouco, foi recrutando um exército, com o qual derrotou as tropas imperiais, controlou boa parte do sul da China e tomou Nanquim, onde instalou a capital de seu governo”¹⁸⁷

Segundo alguns autores renomados foram quatro as principais grandes migrações dos Hakka.

A **primeira** se deu durante a dinastia Chin, (317 a 879), ao Sul das cidades de Fu-Pei, Honan, Na-Fei, Chian-si e ao longo do Chang Tchian (Rio Comprido), de Norte para o Sul se estendendo até o Rio Kon.

A **segunda**, no fim da dinastia Tang¹⁸⁸, (880-1126) influenciada pela resolução Hunag-Chao, (dos antigos moradores da primeira migração Hakka) foram se estabelecer ao Sul de Uan, Sudeste de Kon e Min estendendo-se até a divisa do Nordeste de Au (Guangdong).

A **terceira** migração foi durante as dinastias Song¹⁸⁹ e Yuan (1127-1644. Aconteceram **dois movimentos**, um no governo do imperador Kau-

¹⁸⁷ Ovejero, J. China para hipocondríacos: uma aventura de Nanquim e Kunming. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. p.25

¹⁸⁸ Período da divisão (China), norte-sul (420-581): Tang (618-907)

¹⁸⁹ Período das cinco dinastias (907-960): Song (960-1279)

Tson (Song), e outro na dinastia Yuan que invadiu e tomou posse do Chong Yuan (Campo Central). **O primeiro movimento** ocorreu no final da dinastia Song do Norte e no início da dinastia Song do Sul, por causa da invasão do exército de Qin, ao Sul nas províncias de Tchian-su, Tze-Tchian, Na-Fuei, Tchian-si, Fu-Pei, Fu-Nan, Fujian e Guangdong. Para evitar massacre de toda a população, foram formados dois exércitos: um exército do imperador e outro da imperatriz, que se uniram mais tarde ao Sul da China.

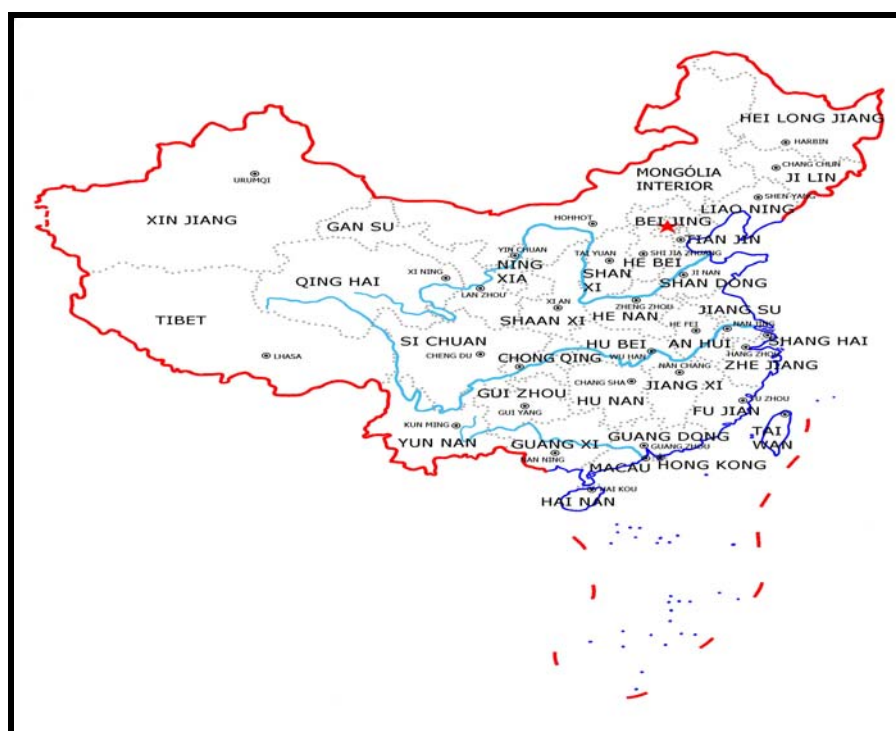


Fig.60 - Mapa da China¹⁹⁰

O exército da parte Norte liderado por imperador Song Kau-Tson e acompanhado por oficiais deslocaram-se para o Sul pela pista Leste de Tchian-kan (atual Nankin), passando por Tchen-Tchian, Chang-Chou, Fu-Chou e Hang-Chou, recuando mais tarde para Sau-Sin, Nin-Po, Wen-Cho,

¹⁹⁰ www.chbad.org.br/.../artigo/10tribos/china;htm . Capturado dia 05.06.2007

enquanto outros oficiais acompanhavam a imperatriz Yu-You e o restante da família real e seus súditos pela pista ao Oeste. Os dois exércitos reuniram-se em Tchian-Kan. Juntos, chegaram até Hou-Chou (atual Nan-Chan) seguindo, posteriormente, para o Sul até Chi-Chou, Chen-Chou.



Fig. 61- Mapa da China¹⁹¹

Pelas normas imperiais e governamentais chinesas da época, os agricultores eram obrigados a permanecer em suas terras para garantir o sustento e a sobrevivência da família imperial e do governo. Porém a situação era insustentável e essa norma foi revogada para que tanto os agricultores quanto as famílias dos oficiais pudessem abandonar suas terras. Como avalanche humana, alguns seguiram rumo ao Sul e alguns grupos chegaram à montanha entre Fujian e Tze-Tchian. Outros grupos foram pelo caminho do

¹⁹¹ www.chbad.org.br/.../artigo/10tribos/china.htm . Capturado dia 05.06.2007

mar seguindo a Leste e ao Norte de Fujian. Outros ainda seguiram para o Oeste cruzando o trecho Sul da serra Wu-I, divisa montanhosa entre Jiangxi e Fujian.

Alguns agricultores e famílias dos oficiais que seguiram a pista Oeste estariam bem mais relacionados com a formação do sistema dos Hakka do que os demais migrantes, porque Tsan Lin-I faz divisa com o distrito Czu-Chen da província Jiangxi e o distrito Nin-Fua da província Fujian. Esta ainda faz divisa tanto ao Sul quanto ao Oeste com outras províncias e nove distritos: Tau Yua-Ton, Ruei-Kim, Jaingxi e Tin-Sien, Fu-Ho, Sin-Ton, Fuei-Chan, Tchian-Si, Wu-Ping.

Ao entrar em Fujian pelo lado Oeste e Sul de Tchian-si, os agricultores e famílias dos oficiais depararam com os descendentes da raça Pai-Yue, considerado um povo bárbaro com baixo nível cultural e econômico. Encontraram, também, alguns descendentes dos Han que migraram anteriormente para lá fixar moradia. De alguma maneira os Hakka se integraram ou lutaram contra os povos bárbaros, para obter uma conciliação e acordos de paz. Como Granet afirma, o pensamento chinês, a sabedoria dos homens e a ordem da natureza estão em harmonia; a sociedade e o Universo formam um sistema de civilização. Com o passar do tempo esses dois povos formaram uma nova organização com linguagem e costumes específicos e vida econômica diferenciada que eles denominaram mais tarde, de Grupo de Raça ou sistema do povo Hakka.

O segundo movimento da terceira migração Hakka aconteceu no final da dinastia Nan-Son e início da dinastia Yuan¹⁹². Por um lado os Mongóis invadiram e se apoderaram de Chun-Yun (Campo Central), enquanto por outro lado, os Hakka do Oeste de Fujian se uniram com os Hakka do Sul

¹⁹² Período das cinco dinastias(907-960): Yuan (mongóis) (1277-1369)

de Tchian-Si para lutarem contra o imperador Yuan, liderados pelo general Wen-Tien Siang. Lutaram nas províncias de Jiangxi, Fujian e Guangdong, e milhares de guerreiros e agricultores Hakka foram massacrados e mortos em combate e perderam a guerra. A devastação das terras que faziam divisa com Min, Kon, Sian e Aú, podia ser vista a dezenas de quilômetros.

Aqueles que seguiram com imperador de Nan-Son para o Sul sobreviveram. Estabeleceram-se a oeste de Ta-So e a leste do antigo Min-Tin e também ocuparam toda a região montanhosa de norte a sul dos distritos de Tin-Chou, Fujian, Nan - Tchian-Si, Kon-Chou, Nin-Tu (Tchian-Si), Nan-Sion, Sal-Chou, Lien-Chou, Fuei-Chou, além dos distritos de Chia-In (Guangdong), Ta-Pu de Tchou-Chou, Fon-Sun, Long-Men de Guangdong etc... Toda essas terras pertenciam ao Hsu Su-Tzen da dinastia Chin.

Alguns pesquisadores sustentam que alguns grupos de Hakka dos períodos migratórios tanto do segundo quanto do terceiro movimento, estabeleceram-se na parte central da China, enquanto outros ficaram na área litorânea da província de Guangdong (Aú), e também nas províncias de Tsuan (Su-Tsuan), Kuei (Yun-Nan), Sian (Fu-Nan), para mais tarde imigrarem à Ilha de Taiwan.

A quarta e provavelmente a última migração dos Hakka foi por volta de 1867¹⁹³. Influenciado por alguns acontecimentos em Su-Ru e Tai-Pin, e Tien-Kuo, um pequeno grupo migrou e fixou residência em Nan-Ru e ilha Hainan.

Lévi-Strauss dizia que as sociedades podem ser próximas ou afastadas umas das outras, mas que todas são contemporâneas e para suprir a necessidade de conhecer as formas de vida social que se *sucederam no tempo*

¹⁹³ Período das cinco dinastias (907-960): Ming (1368-1644) . Qing (manchus) (1644-1911)

*e que não podemos conhecer por experiências diretas*¹⁹⁴ é preciso examinar os registros de documentos ou mesmo os monumentos históricos deixados pela sociedade em questão. Apoiada nessa citação de Lévi-Strauss entende-se então, o que ocorreu com a migração dos Hakka, sua influência cultural sobre outros povos e também o que eles (Hakka) incluíram em sua própria cultura.

A organização dos registros dos documentos de um modo geral, surgiram durante a Dinastia Tang (618-907), com a realização de um grande censo em que os grupos oficiais e grupos de famílias levaram os seus respectivos registros ao conhecimento público; tudo o que haviam coletado ou ouvido falar desde os primórdios — o ofício do imperador, de celebridades e até familiares — com a finalidade de repassar informações ao estudiosos, assim compondo um documento histórico como uma como árvore genealógica de cada família de acordo com os sobrenomes e os acontecimentos ocorridos, entre outros assuntos.

Em se tratando dos Hakka, consta nos documentos de registro que a maioria dos descendentes vieram de famílias com um certo grau de supremacia, provenientes da migração em massa dos Hakka vindos do Norte durante a Dinastia Qing (1644-1866). Os registros revelam que os descendentes devem respeitar os antepassados, reunir os membros da família, investir na educação e também honrar e se orgulhar dos sobrenomes que carregam devido aos grandes feitos dos seus antepassados. Há que se lembrar também que o registro da árvore genealógica é de extrema importância para essa etnia.

Os registros mostram que os chineses se originaram dos Han. Por haver uma diversidade étnica chinesa, Störg afirma que “*a variedade lingüística*

¹⁹⁴ Lévi-Strauss. “Raça e História”. **Os Pensadores**. Trad. Eduardo P. Graeff, Inácia, Malcom B. Corrie. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1980. p.49

*existe também entre 94% de chineses considerados ‘verdadeiros’, os Han.”*¹⁹⁵

Alguns declaram que os seus antepassados não são migrantes do Norte no período da Dinastia Qing, mas advindos do povo Han do Sul. Apontam, numa mirada histórica e geográfica, que nessa área os seus antepassados fixaram residência e tiveram forte relacionamento com os chineses dos dialetos Sian e Wu, que fazem parte do dialeto do Sul e são integrantes da língua Han de hoje. Störig também mostra em seus estudos que entre “*os Han há vários grupos de dialetos principais (por sua vez subdivididos em subdialetos).*”¹⁹⁶

Os troncos sociais, Yue-Hai (Tze Tchian, Hai-Nan) e Sian-Kon (Fu-Nam,,Tchaia-Si) tiveram relação com o movimento de migração dos Min-Hai Fujian, Hia-Nan), mas os Kuan-Fu são os que mais se relacionaram com os Hakka.

Em relação aos troncos sociais, Lévi-Strauss comenta que as sociedades surgem de um mesmo tronco e que em momento algum do seu desenvolvimento mantiveram quaisquer relações. Ele exemplifica:

“ O antigo império dos Incas, no Peru, e o do Daomé, na África, diferem entre si de maneira mais absoluta do que, por exemplo, a Inglaterra e os Estados Unidos de hoje, se bem que estas duas sociedades deviam também ser tratadas com sociedade distintas. Inversamente, sociedades que muito recentemente estabeleceram um contato muito íntimo parecem oferecer a imagem de uma e mesma civilização, ainda que a tenham atingido por caminhos diferentes”¹⁹⁷.

¹⁹⁵Störig, H. J. **As Aventuras das Línguas: uma viagem através da história dos idiomas do mundo**. Trad.Glória P.de Camargo.São Paulo: Melhoramentos,1990. p.189

¹⁹⁶ idem p.189

¹⁹⁷ Lévi-Strauss, C. “Raça e História”. **Os Pensadores**. Trad.Eduardo P.Graeff., Inácia Canelas e Malcom B.Corrie. São Paulo:Abril Cultural, 1980. p.50 -1

Assim, o exemplo Ocidental enfocado pelo autor não difere muito do que acontece com os Han. As diversidades éticas, emergem do mesmo tronco e atuam de formas opostas, mas agem com a mesma finalidade.

Na questão da língua Lévi-Strauss sustentou:

“ao mesmo tempo que as línguas da mesma origem têm tendências para se diferenciarem uma das outras (tais como o russo, o francês e o inglês), línguas de origens diversas faladas em territórios contíguos, desenvolvem características comuns; por exemplo, o russo diferenciou-se, sob determinados aspectos, de outras línguas eslavas para se aproximar, pelo menos por determinados traços fonéticos, das línguas ugro-filandesas e turcas faladas na sua imediata vizinhança geográfica”¹⁹⁸.

A língua Han originou muito dos dialetos chineses. Ao afirmar, na referência acima, que as línguas servem *para aproximar* uns dos outros em territórios contíguos, Lévi-Strauss assegura-nos, de algum modo, a nossa busca pela compreensão da cultura. Dentro do dialeto Hakka existem nove formas fonéticas, o que demonstra que os dialetos são específicos de cada região e seus traços fonéticos diferenciados. Alguns são incompreensíveis até para os da mesma etnia.

Störig diz que entre os Han existem grupos de dialetos principais que por sua vez estão divididos em subdialetos, “dos quais apresenta uma predominância em massa o dialeto da China setentrional, falada por cerca de 70% dos chineses e cobrindo dois terços da área lingüística total ”¹⁹⁹.

¹⁹⁸ Lévi-Strauss, C. “Raça e História”. **Os Pensadores**. Trad.Eduardo P.Graeff., Inácia Canelas e Malcom B.Corrie. São Paulo:Abril Cultural, 1980. p.50 .

¹⁹⁹ Störig, H J. **As Aventuras das Línguas: uma viagem através da história dos idiomas do mundo** .Trad.Glória P.de Camargo.São Paulo: Melhoramentos.1990. p.189

O autor comenta que “*o chinês pertence às poucas línguas cuja evolução se encontra documentada por mais de três mil milênios*”²⁰⁰ e que alguns pesquisadores por meio de documentos antigos, especialmente as inscrições em bronze que remontam a épocas anteriores a Cristo, distinguem um período que ele chama de pré-clássico e outro de clássico. Esta distinção foi possível pelo estudo da língua literária e da cotidiana que começam a ser desvendadas separadamente. Störig diz também que os Sinólogos atuais tentam reconstruir do mesmo modo que os pesquisadores, via estágio lingüístico e em seguida via épocas literárias, “*a melodia do chinês daquela época*”²⁰¹, tendo em vista que a escrita chinesa, a priori, não representa o som da língua falada, mas *antes o conteúdo da palavra: Os conceitos*.²⁰²

Os estudos de Störig mostram que durante o longo espaço de tempo de 1000 a.C até hoje, nunca se falou em uma língua unitária em relação aos habitantes do Império do Centro. A multiplicidade de dialetos e suas assentadas diferenças fazia com que os falantes mal se entendessem uns com os outros. O autor exemplifica com a fala do português e do italiano atuais — línguas bem diferentes apesar da base ser comum. Störig indaga “*sendo assim, como foi possível, sob essas condições, se manter por milênios um império unitário, com uma única cultura*”?²⁰³ É possível, como revela em sua pesquisa, que a escrita chinesa — da qual referimos a multiplicidade de dialetos — “*agia como um gancho: podia ser lida e entendida por chineses do Norte ao Sul*”²⁰⁴.

²⁰⁰ Störig, H. J. As Aventuras das Línguas: uma viagem através da história dos idiomas do mundo. Trad. Glória P. de Camargo. São Paulo: Melhoramentos. 1990. p. 188

²⁰¹ idem p. 188

²⁰² idem p. 188

²⁰³ idem p. 188.

²⁰⁴ ibidem p. 188

O dialeto mandarim ou chinês-mandarim significa literalmente a “*língua dos funcionários*” ou a “*língua administrativa*”. Na realidade mandarim, segundo Störig, não é uma palavra chinesa, mas de origem sânscrita (mantra, “dito sapiente”, mantrin, “conselheiro”, “ministro”). A palavra mandarim vem da origem (raiz) sob influência do português *mandar*.

O dialeto Hakka e outros dialetos originários de Han são monossilábicos diferentemente das línguas do grupo altaico²⁰⁵ que são multissilábicas

A língua Hakka é o 32º idioma mais usada no mundo, segundo Diary of Asian na Studies²⁰⁶. É também um dos cinco dialetos mais falados no continente chinês com a seguinte distribuição:

Língua	Milhões de população falantes
Mandarin	650
Wu	70
Cantonês	47
Hoklo	39
Hakka	37

Em meio de um sistema complexo de escrita chinesa, Mao Tsé Tung , deparou com a dificuldade de alfabetizar a população de trabalhadores e de camponeses, em oposição aos letrados. Mao criou um sistema de alfabeto latino para ficar a meio-termo, isto é introduzir uma escrita fonética que chamou de *pinyin*, para simplificar os caracteres chineses como forma de transcrever em caracteres latinos os sons fonéticos chineses, auxiliando, assim

²⁰⁵ Grupos altaicos: pertencente ou relativo do Monte Altai (Ásia Central) ou povos que neles habitam, subgrupo altaico (Novo dicionário Aurélio de língua Portuguesa, 2ed. 16ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986).

²⁰⁶ www.diaryofasian/studiesnet. capturado no site dia 24.10.2006

que nos vários dialetos fossem pronunciados os mesmos signos de forma distinta. Por exemplo, nome da mesma cidade: **Moi-yen** (hakkanes), **Meixien** (cantones) e **Meishou** (mandarin).

Segundo estudos de Storig²⁰⁷ existem três grupos importantes dialetais hakkaneses, com mais de cinco milhões de falantes. O autor classifica-os: O primeiro grupo, dialeto *hakka* que pode ser chamado de *kan-hakka*. O segundo grupo, dialeto *min ou fukien*, ambos (*hakka, min ou fukien*) falado em Taiwan, porém há uma certa predominância de ambos em outras regiões. O dialeto cantonês, *Yüeh ou yue*, é o terceiro grupo, muito falado em Guangdong (Cantão), Hong-Kong e Macau.

A idéia cultural dos Hakka é de que é uma sociedade como as outras que se formaram, com língua, cultura, economia, ambiente e psicologia social, nascida da cultura do povo Han do Império do Centro. Os Hakka ao migrarem para o Sul, encontraram e absorveram uma outra cultura local, a dos Min, Aú, Kon. Através de conflitos e conciliações, os Hakka também adquiriram algumas características culturais dos Pai-Yue, que, em contrapartida, adotaram o gosto Hakka por vestes iluminadas e mais coloridas, principalmente nas barras das calças de cor azul. A tradicional roupa azul simboliza o espírito hakkanês de despreensão, de perseverança e diligência.

Essas novas aquisições culturais não modificaram em nada os costumes e as tradições.

Os Hakka têm preferências pelos recursos da natureza, cultivam seus produtos alimentícios nas montanhas: legumes, verduras, frutas, chás, flores...

A tradição em relação aos seus mortos leva-os a retirarem os ossos após um longo período do falecimento, lavá-los com água potável antes de enterrá-

²⁰⁷ Storig, H.J. A Aventura das línguas: uma viagem através da História dos idiomas do mundo. Trad. Glória Pachol de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1993. p. 260

los por definitivo. “Após a morte de minha mãe, meu pai nos incumbiu de realizar esse costume. Os ossos de minha mãe foram retirados lavados, secados e defumados com incenso.”²⁰⁸



Fig.62- roupa típica Hakka na cor azul

Lembrou Granet os motivos que levam os chineses a expressar protocolarmente os sentimentos:

“... precisamente por se fazer com a ajuda de símbolos convencionais e gestos obrigatórios, tem a virtude de disciplinar as paixões[...] Todos os gestos do luto têm por finalidade eliminar a impureza contagiosa da morte; todos os gestos da dor tendem a esvaziar uma impressão de horror ou de medo: todos visam a tornar a dor inofensiva”²⁰⁹.

Os Hakka gostam de cantar e desenvolveram estilos próprios para as canções folclóricas. Além das reuniões em família e da preparação das

²⁰⁸ comentário da pesquisadora

²⁰⁹ Granet, M. O Pensamento Chinês. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p.252

festividades, como eles mesmos afirmam, são atividades que fazem bem a alma. Eles são abertos para aceitar a influência cultural de outros locais.

Senhora Mai Lin²¹⁰ uma das entrevistadas comenta :

— “Gosto muito de cantar, frequento um clube oriental, para dançar e cantar. E também gosto muito de participar das festividades Hakka. Faço comidas típicas para minha família”.

A música, explica Granet, em *O Pensamento Chinês*, resulta da união harmônica do Céu, da Terra e dos Ritos. Quando a ordenação é adequada, todos os seres conservam o lugar que lhes é destinado. A essência da música, nas belas palavras de Granet, é criada pela satisfação, pela alegria, pelo contentamento e pelo amor e obriga a todos viverem em harmonia.

Os Hakka compartilham a mesma vida econômica por meio de casamentos com os Hakka de outras regiões, que são chamados carinhosamente de “*povos naturalizados*”. As moradias são construídas umas seguidas às outras à medida que os filhos homens se casam e vão formando uma grande comunidade familiar. As mulheres saem de suas famílias e vão integrar, da mesma forma, a família de seus maridos.

Cada cultura mobiliza relações recíprocas e desenvolve formas diferentes de apresentação, tentando construir uma imagem, uma idéia, ou mesmo um modelo.

Lévi-Strauss já falara que “a noção de diversidade das culturas humanas não deve ser concebida de uma maneira estática..., que os homens elaboram culturas diferentes em virtude do seu afastamento geográfico..”²¹¹.

²¹⁰ Relato da senhora Mai Lin Chenschi 72 anos entrevistada no dia 12/01/2005.

²¹¹ Lévi-Strauss, C. “Raça e História”. **Os Pensadores**. Trad. Eduardo Graeff. Inácia Canelas, Malcom B. Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.50

Por um outro lado os costumes surgem à medida da necessidade interna ou por “*acidente favorável*”²¹² nas palavras do autor. Ele adverte, também, que não devemos nos ater, induzidos pela diversidade cultural, a uma observação fragmentária ou fragmentada.

O entrevistado senhor Pen Chun²¹³ 87 anos, revela-nos a questão da moradia e a economia familiar:

- “ *Minha família era numerosa. Éramos dez irmãos, sendo seis homens e quatro mulheres. Sou o primogênito. Conforme íamos nos casando, construíamos nossas casas ao redor da casa dos meus pais(desenha o formato da construção). Eles, além de serem agricultores, mantinham uma fábrica de tijolos e todos os membros da família trabalhavam nela. Cada um de nós tinha uma função, de gerente, de motorista e vendedor. Também contratávamos funcionários para nos auxiliar na fábrica, pois a cada dia que passava as encomendas de tijolos não paravam de chegar. Nunca recebemos salários. Alimentação, moradia e as necessidades para viver, eram suficientes. Quando precisávamos de dinheiro, pedíamos ao meu pai. Ele administrava a fábrica e cuidava das finanças. Esse cuidado foi até os seus 90 anos, quando faleceu.*
- *Lembro-me com saudades: Nós fazíamos as refeições todos juntos. Reuníamos aproximadamente 90 a 100 membros. Meu pai não deixava ninguém partir. Mesmo antes de eu vir ao Brasil as reuniões da minha família eram numerosas. Gostava muito.*”

Sob o peso das palavras do filósofo Aristóteles:

“Há três partes na administração de uma casa, correspondentes a três tipos de governo: a do senhor, despótica... a do pai; e uma

²¹² Lévi-Strauss, C. “Raça e História”. **Os Pensadores**. Trad. Eduardo Graeff. Inácia Canelas, Malcom B. Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.50

²¹³ Senhor Huang. Entrevistado 18/6/2004.

terceira que surge do relacionamento conjugal²¹⁴ ... O domínio sobre as crianças é monárquico porque, em virtude do amor e do respeito à idade, o pai exerce o poder de um rei. Por esse motivo Homero, apropriadamente, chamou Zeus, o rei do Olimpo, de ‘pai dos deuses e dos homens’. Porque um rei possui uma superioridade natural, mesmo que tenha o mesmo sangue e a mesma etnia dos súditos; e é exatamente esta a condição do mais velho em relação ao mais novo e dos pais em relação ao filho ”²¹⁵.

Cohen²¹⁶ diz que essas relações de cooperação trazem uma nova “cultura” transformando-as numa entidade que ele chamou de “objetiva”. Com a grande mobilidade familiar, os recém-chegados se ocupam da nova casa e encontram uma cultura já existente.

Lévi-Strauss nos esclarece a indagação que fizemos no início: *O que devemos entender por culturas diferentes?* O autor distingue dois aspectos importantes:

“Em primeiro lugar existem muito mais culturas humanas do que raças humanas, pois que enquanto uma se conta por milhares pertencentes a uma mesma raça podem diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados. Em segundo lugar, ao contrário da diversidade entre raças, que apresentam como principal interesse a sua origem histórica e a sua distribuição no espaço, a diversidade entre as culturas põe uma vantagem ou um inconveniente para a humanidade, questão de conjunto que se subdivide, bem entendido, em muitas outras.”²¹⁷

²¹⁴ Aristóteles. Vida e Obras. Política. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1999. 164. p. 51

²¹⁵ idem p.165

²¹⁶ Cohen, A. O Homem Bidimensional. Trad. Sônia Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.43

²¹⁷ Lévi-Strauss. “Raça e História”. **Os Pensadores**. Trad. Eduardo P. Graeff, Inácia Canelas, Malcom B. Corrie. São Paulo: Abril Cultural, 1990. p.48

A essência e a multiplicidade da composição dos elementos culturais desempenham um duplo papel curioso trazendo a introspecção e a compreensão do desenvolvimento da capacidade de adquirir a cultura.

3.1.2 - Espírito Hakkanês

A doutrina chinesa deve ser compreendida, em princípio, como diz Granet²¹⁸, sem procurar determinar as articulações de um sistema dogmático, mas procurando destacar uma espécie de “fórmula mestra” ou receita central. Em alguns casos a linguagem chinesa visa a ação e, ao mesmo tempo, é a arte de exprimir a escrita que vai tornar a fala mais poderosa.

A palavra, em chinês, evoca um complexo indefinido de imagens singulares e é totalmente diverso de signo; os caracteres evoluíram ao longo do tempo até que se chegou a uma escrita normal. A escrita chinesa pode representar um objeto de forma reconhecível, e não conceitos abstratos (data, qualidades.), mas há essa possibilidade quando se integram dois signos²¹⁹:

Sol atrás da árvore = ‘oriente’

Árvore + Árvore = ‘floresta’

Mão sobre a lua = ‘eclípe lunar’

Trazemos para este item do Capítulo III, a abordagem de Granet sobre o caráter da escrita como uma forma (fórmula mestra), para desenvolver a minha reflexão, a consciência (da forma específica) a respeito do plano da maturidade interior — espírito hakkanês. Trago a minha experiência, não apenas idéias ou observação. Hall afirma que:

²¹⁸ Granet, M. O Pensamento Chinês. 19p.

²¹⁹ Störrig, H.J. A Aventuras das Línguas: uma viagem através da História dos idiomas do mundo. Trad. Glória Paschoal de Camargo São Paulo: Melhoramentos, 1990. p.190.

“...precisamos reconhecer também que a experiência tem uma forma, e se não refletirmos bastante sobre os limites da própria experiência e a necessidade de se fazer um deslocamento conceitual, uma tradução, para dar conta de experiências que pessoalmente não tivemos, provavelmente vamos falar a partir do continente da própria experiência, de uma maneira bastante acrítica...”²²⁰

As essências, as multiplicidades culturais dos Hakka, e o que foi legado pelos antepassados, colocaram-me diante de uma profunda introspecção, mobilizando-me de uma forma inconsciente²²¹, que fluiu numa linguagem especial. Foi assim que se deu no campo da pesquisa: o meu convívio mais próximo com essa etnia, vivificou minhas idéias, meus valores alternativos e as interpretações simbólicas foram determinantes para que viesse à tona, o delineamento que faço do espírito hakkanês. Para a etnia ele é fonte da vitalidade, da consciência da felicidade e dos princípios morais.

Mestre Lü Dsu dizia:

“... àquilo que é por si mesmo denominamos sentido (TAO). O sentido não tem nome, nem forma. É o ser uno, o espírito originário e único. Ser e vida não podem ser vistos, estão contidos na luz do céu”.²²²

Assim o mestre conclui que o espírito originário é justamente ser e vida, e quando nisto se reconhece o real, aí está a força originária. E é justamente este o grande sentido.

²²⁰ Apud Liv Sovik. - Hall Stuart. Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais. 2006. p. 17.

²²¹ Utilizo o termo inconsciente o sentido exposto por Robert A. Johnson, para quem o inconsciente é obtido pela simples observação da vida diária. Johnson, R.A. **A Chave do Reino Interior**. São Paulo: Mercuryo. 1986. p.11

²²² Apud Jung, C.G. e Wilhelm R. O Segredo da Flor de Ouro. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes. 1984. p. 97

O espírito hakkanês aquece com seus princípios básicos, a comunidade familiar e a educação. Tal comunidade é responsável pela formação de especialistas em vários ramos de trabalho cujos eixos principais são: esforço, dinamismo, iniciativa, dedicação, perseverança, autoconfiança, paciência e boa administração. A comunidade se utiliza dos avanços de novos recursos para a melhoria de suas atividades.

As influências do espírito hakkanês são mais visíveis nessa etnia do que em outras que compõem a raça chinesa. Isso se deveu às fortes mudanças causadas não só pelos ataques de saqueadores como também pela necessidade de fugir da opressão de outras etnias. Esses acontecimentos fizeram com que se estabelecesse, no espírito hakkanês, os eixos principais acima citados, além de forte sentimento de bem querer a seus patrícios e o consenso na luta contra os opressores. Nas palavras de Birket-Smith:

“Cada uma das grandes divisões culturais tem uma importância fundamental para o conjunto da vida humana; quer seja a economia e a técnica na vida material, ou a vida social ou a vida espiritual que se manifesta na religião e na ciência, cada uma pode ser considerada como indispensável do seu ponto de vista e pode, pois uma ou outra ser tomada como ponto de partida de um estudo de todos os outros aspectos da cultura”²²³.

O conhecido texto de Clifford Geertz , *“A Interpretação das Culturas”*, enfoca uma discussão recente dos aspectos morais, no sentido ético, de uma determinada cultura e seus valores sintetizados em “ethos”. E para os aspectos cognitivos, existenciais, Geertz chamou a temática de “visão de mundo”.

²²³Birket-Smith, K. História da Cultura: origem e evolução. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Melhoramentos. 1962. p.221.

O autor assinala então:

“...o ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.”²²⁴

Geertz explica que a visão de mundo é centrada na razoabilidade intelectual, exemplifica a questão do confronto e confirmação da crença religiosa e ritual. Isto se dá porque a visão de mundo é direcionada a representar uma vida que está embricada na realidade e no estado das coisas; na descrição que se faz de visão de mundo. Ao passo que o ethos descreve e ao mesmo tempo realiza arranjos, no sentido da emoção que surge como imagem, no estado real das coisas de uma vida, expressiva na sua autenticidade.

A explicação de Geertz, fundamenta para nós o ethos e a visão de mundo que anima o espírito hakkanês e dá significado a seu mundo.

Geertz diz: “Entre estilo de vida aprovado e a estrutura da realidade adotada, concebe-se que existia uma congruência simples e fundamental de forma que uma completa e empresta significado à outra”²²⁵.

No senso comum, ethos e visão de mundo articulam os princípios básicos da cultura dessa etnia, uma tendência individual e que serve de base para o compromisso de cada um.

²²⁴ Geertz, C. A Interpretação da Cultura. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.143 - 4.

²²⁵ idem.146

Por mais que os princípios básicos do espírito hakkanês possam se modificar no decorrer das várias gerações ou épocas, o ethos e a visão de mundo, como comenta Geertz, dão ao conjunto de valores sociais aquilo que eles (os Hakka) talvez mais precisem para serem coesos, a aparência de objetividade ²²⁶.

Os Hakka foram, por muito anos, perseguidos e atacados pelos vândalos e saqueadores. Os homens faziam guarda nos vilarejos para protegê-los dos invasores. Tratava-se de um trabalho de muita tensão, de paciência e destreza, somados as outras qualidades já comentadas. As mulheres, por sua vez, trabalhavam na agricultura; isso fez com que elas adquirissem auto-respeito, confiança em sua força de vencer as dificuldades. Naquela época e até hoje, as mulheres Hakka contribuem muito para a família e para a sociedade apesar do pensamento corrente de que a mulher oriental é submissa.



Fig.63- Algumas mulheres agricultoras – comunidade familiar Chiou

Bikert-Smith sustenta que a colheita de plantas é a mais antiga ocupação da mulher. Do ponto de vista dos índios Orinoco, as mulheres que põem no mundo seres vivos, sabem também, melhor do que os homens, fazer

²²⁶ Geertz, C. A interpretação da Cultura. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.149

as plantas germinarem. Pensamento semelhante encontramos na cultura hakkanesa que valoriza o trabalho das mulheres na agricultura. Elas desempenham um papel importante na produção agrícola; um legado dos seus antepassados.

“O homem por meio de sua imaginação desenvolveu um preceito forte cultural, mas não esqueçamos que a atividade cotidiana e monótona da mulher determina um progresso constante e cria as condições necessárias à agricultura, fundamento de toda cultura superior.”²²⁷

As oferendas aos antepassados são de extrema importância, como gratidão de todo o alimento adquirido ao longo do ano. Essa oferenda também é direcionada ao Céu. Os Hakka oferecem líquidos, carnes e grãos à “Grande Mãe”, como acontece em outras religiões. Do ponto de vista da cultura chinesa baseada no critério confuciano, cada ser vivo está sob vigilância do espírito das montanhas, rios, ventos... E para cada espécie floral há no céu uma fada que a protege e seqüencia as estações do ano para o seu bem estar e florescimento. Há também a Rainha de todas as flores festejada pelo calendário lunar, duzentos dias após a segunda lua.

“Os alimentos que absorvemos nos pesam, enquanto guardam a sua forma original e ficam inteiros no estômago; mas quando eles se transformam, passam para o sangue e nos dão forças. Façam o mesmo com os nutrientes espirituais: não deixemos intactos os que absorvemos, para que eles não nos fiquem alheios”.²²⁸

²²⁷ Birket-Smith.Kaj História da Cultura.: Origem e Evolução.São Paulo:Melhoramentos, 1962. p. 150.

²²⁸ Sêneca. As relações humanas:a amizade, os livros, a filosofia, o sábio, e a atitude perante a morte.Trad.Renata Maria Pereira Cordeiro.São Paulo:Landy. 2002, p. 73



Fig. 64 - Túmulo geração 17º e 18º - oferendas e reverência ao antepassado

Sobretudo, como no universo, tudo é regido pela união dos opostos - o princípio masculino ativo, positivo ou Yan e o princípio feminino, passivo, negativo ou Yin. Em se tratando de espírito, como se diz na China, o homem de poderosa personalidade ou espírito tem muito *P'oli* ou energia-*p'o*, acrescenta Lin Yutang²²⁹.

Para os Hakka, tanto os produtos alimentícios quanto os utensílios necessários para a sobrevivência dependiam basicamente de fabricação e produção própria, por isso cada família, além de produzir seu próprio alimento na lavoura, cuidava de vários ramos de produção, como artesanato, porcelanas... A agricultura ainda é uma das atividades dominantes dos Hakka, e as técnicas utilizadas são passadas de geração em geração. Esse modo de viver ainda é encontrado em várias regiões da China Continental e em Taiwan.

Embora os Hakka sejam empreendedores, desbravadores, uma vez que residiam (ainda residem) na montanha, eles não são tão aventureiros quanto os Hoklo, que também são uma das etnias que compõem o povo de Taiwan. Os Hoklo residiam próximos ao mar aberto; aventuraram-se para realizar seu

²²⁹ Yutang L. A Importância de Viver. Porto Alegre: Globo.Trad. Mario Quintana, 1986. p.19.

comércio com outros povos. Adaptavam-se a qualquer local, adquirindo mais informação devido aos contatos com outras civilizações. Cruzaram fronteiras e tornaram-se piratas famosos, como relata a história chinesa.

Aristóteles escreveu que entre os homens há várias maneiras de viver. Os nômades têm pouco trabalho, transitam com seus animais para alimentá-los como numa *fazenda móvel*²³⁰. Os caçadores vivem do que caçam e alguns as tomam de outros. Os pescadores necessitam morar nas proximidades dos lagos, rios ou mares onde há peixes. Para o filósofo o maior grupo se compõe de agricultores que vivem do cultivo da terra.

Aristóteles dizia que essas:

“ São as principais formas de vida, isto é, as auto-suficientes, não aquelas que dependem do comércio e da troca. São elas: o nomadismo, a agricultura, a pirataria, a pesca e a caça. Muitos vivem bem combinando alguns desses tipos, suprimindo as deficiências de um com a adição de outro....”²³¹

Os Hakka viviam em regiões montanhosas, as notícias sobre o que acontecia com outros povos eram limitadas e chegavam através das pessoas que iam ou viviam em outros lugares. Os estudiosos da etnia Hakka dizem que está implícita nesse povo certa reserva, enraizada numa tradição, mesmo hoje apesar da abertura política chinesa.

Hsie Chong Kuan²³², também reafirma a questão do espírito hakkanês, acrescentando que os Hakka são desbravadores e possuem uma visão sistêmica de mundo, fenômenos orgânicos, físicos, ecológicas, associados a aprendizagem, para promover avanços no que fazem. Além disso, são

²³⁰ Aristóteles –Vida e Obras: a política.São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 155.

²³¹ Idem p.156

²³² Hakkanês, Graduado em literatura chinesa em Pequim, Doutor em história, chefe do centro de pesquisa Hakkanês, vice-presidente do instituto histórico de Fujian e pesquisador. do Instituto Científico Social de Fujian,China Continental.

criativos, solidários e também cultivam não só a espiritualidade, como também o espírito de luta e de união.

Dizia um dos entrevistados, senhor Shy.²³³ : “*Procurem se harmonizar e se unir. Um ajudando o outro*”. Enquanto essa consciência do espírito hakkanês não for interrompida, há de prosseguir de geração para geração no contexto da multiculturalidade. Se os discípulos conseguem alcançar o espírito originário provavelmente vencem as oposições polares de “pobreza e riqueza” ou de luz e obscuridade.

Para Sêneca o nosso espírito deve fazer esta operação:

“... deve manter secretos todos os elementos de que se serviu para elaborar o resultado, o único que deve ser manifestado. Mesmo que encontremos semelhança entre ti e o autor que tu colocaste num pedestal, quero que te assemelhes a ele como um filho e não como um retrato: um retrato é algo morto!”²³⁴

Lin Yutang comenta que, provavelmente, o espírito humano seja o mais nobre produto da Criação. Ele, particularmente, refere-se a um espírito como o de Alberto Einstein, que pôde demonstrar a curvatura do espaço por uma equação matemática, ou o de Edison inventor do gramofone e do cinematógrafo, entre outros. Lin Yutang em seu olhar sobre o espírito humano identifica que :

“ O nosso espírito serviu a princípio para pressentir o perigo e conservar a vida. Acho que foi apenas devido a um acidente que esse espírito chegou, com o tempo, a apreciar a lógica e a compreender uma correta equação matemática. Não foi criado para

²³³ Entrevistado hakkanês faleceu no dia 06 de junho de 2002.

²³⁴ Sêneca. As Relações Humanas: a amizade, os livros, filosofia, o sábio e a atitude perante a morte. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy. 2002, p.73

esse fim, naturalmente. Foi criado, sim para cheirar comida, e se além de cheirar comida também pode farejar uma abstrata fórmula matemática, tanto melhor.”²³⁵

O espírito, em Li Yutang, trata ao mesmo tempo da conservação da vida e se estende para a ciência por uma via da criatividade e da condição humana.

Montesquieu em sua obra ²³⁶ comenta que os chineses transformaram a religião, as leis, os costumes e as maneiras numa questão moral e de virtude. Passaram toda a vida aprendendo-os e praticando-os e que neles os chineses envolveram todas as pequenas ações da vida, logo que se encontrou o meio de fazer com que eles fossem estritamente observados.

Luo Shian Lin²³⁷ em seu livro *Introdução ao Estudo sobre Hakka* relata que alguns ocidentais principalmente holandeses e ingleses que conviveram com os Hakka fizeram menção do espírito hakkanês, que neles se sobressai em relação às outras etnias que compõem a população de Taiwan. Pelos sofrimentos, pelas dificuldades e instabilidades geradas pelas mudanças de moradia a que foram obrigados para se protegerem dos ataques constantes dos saqueadores, emergiu nos Hakka o sentimento de “patriotismo étnico” e da luta contra seus opressores.

Esses ocidentais que conviveram com os Hakka comentaram que apesar da vida dura que eles levavam eram amistosos e acolhedores, ajudando-se mutuamente. O “patriotismo étnico” se sobrepunha e eles não mediam esforços para conquistar seus objetivos, e que as revoluções só existiram na China porque havia hakkaneses envolvidos.

²³⁵ Li Yutang A importância de Viver. Trad. Mario Quintana, Porto Alegre:Globo, 1986. p.49

²³⁶ Montesquieu. Vida e Obra. Do Espírito das Leis. Vol.I Cap. XVII, p.368.

²³⁷ Luo Shian Lin. Diretor da Associação de pesquisa da Cultura chinesa, Diretor da associação internacional Hakkanês, Vice-presidente da Associação de pesquisa religiosa da província de Fujian autor de livros: História Social budismo da dinastia Han e Tang, História da organização de sacerdote Chinês.

Os Hakka enfrentaram épocas de muitas dificuldades, qualquer objeto necessário para a vida dependia basicamente de produção própria, por isso cada família, além de produzir seu próprio alimento na lavoura, cuidava de vários ramos de produção, como artesanato, porcelanas...

Nas regiões rurais ou mesmo nas pequenas cidades e nos vilarejos como Ko-nam, Min-Si, Jiaoling entre outros, ainda é mantida a essência e o zelo pela tradição. *“a vida só vale se vencermos as dificuldades, suportar sofrimentos, criatividade nos ramos de trabalho, além do zelo pela comunidade unido entre si e ver seus filhos freqüentando universidades”*.²³⁸

Os Hakka dão muita importância e ênfase às áreas cultural e educacional, são um povo que conserva suas origens. Demonstram isso construindo museus para a preservação da memória e da cultura e fazem intercâmbio com os que imigram para outros países. Formam associações culturais, educativas e sociais. Investem em pesquisas sobre a própria etnia como forma de salvaguardar os conhecimentos herdados dos antepassados.

Por valorizarem a cultura, a educação e o conhecimento, os Hakka têm como princípio básico o respeito ao professor. Em Kant a cultura é a finalidade da natureza. A cultura, então, é a essência do caráter da humanidade e representa a mais perfeita das fontes do saber da natureza e do poder espirituais humanos.

Aristóteles faz um comentário sobre os bons costumes:

“Nenhuma das virtudes morais nasce em nós por natureza; pois nada existe por natureza pode formar um hábito contrário à sua natureza... ‘Nem por natureza, portanto, nem contra a natureza se

²³⁸ Entrevistado senhor Lee. 22.4.2005

manifestam em nós as virtudes; antes, estamos adaptados por natureza a recebê-las e somos aperfeiçoados pelo hábito’ ”²³⁹.

Levine, ao comentar a visão de Aristóteles sobre a virtude, realça que a coragem nasce realizando-se atos corajosos.

“A causa eficiente das virtudes não é uma propensão naturalmente dada, mas a prática de atividades dirigidas e reforçadas pelo país, professores, amigos e legisladores. Dizer que estamos adaptados por natureza a receber as virtudes significa que o potencial material para a virtude é dado por natureza; afirmar que o hábito nos faz perfeitos é dizer que as formas das virtudes e as forças que as produzem são artificiais”²⁴⁰.

Chiao é um termo chinês que representa Cultura, derivado da palavra Piedade Filial, pois para os chineses a estrutura da cultura é a família. De uma maneira ou de outra a autoridade dos pais dura enquanto eles ainda estiverem vivos e também essa autoridade pode ser delegada para um outro familiar que tenha a mesma linhagem do pai, ou seja, a posição geracional dos pais dos membros masculinos determinava a importância de cada um na parentela²⁴¹. Além do mais o parentesco entre os Hakka é demarcado pela relação com os ancestrais.

Assim, as relações de autoridade dentro da família são hierárquicas e estabelecidas de acordo com a posição constituída exclusivamente por seus

²³⁹ Apud. Levine, D.N. **Visões da Tradição Sociológica**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.109

²⁴⁰ Levine, D. N. **Visões da Tradição Sociológica**. Trad. Avaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.109

²⁴¹ Serviço Social & Sociedade. nº75 - Artigo Crônica de viagem: um passeio por instituições asilares orientais: Villas Bôas Concone M.H. e Ling, R. Chiou. São Paulo: Cortes, 2003. p.154

parentes consangüíneos, seus pais e *siblings*²⁴². Lembrando a orientação de Concone, estas relações hierárquicas são pouco perceptíveis para um observador casual que desconheça as regras advindas de uma tradição milenar e impressas nos termos de parentesco. Segundo Schusky é nessa estrutura que se aprende parte da cultura; os membros moldam sua personalidade e através deles (ego) é orientado para a vida adulta. Confúcio chamou essa relação de respeito a essa autoridade hierárquica familiar, de Amor Filial, que é também estendida aos mestres da educação.

“ Em qualquer discussão sobre parentesco é importante que se faça menção da religião, da política, da educação e de outros ângulos da cultura. É simplesmente impossível descrever completamente o parentesco de qualquer sociedade sem referência aos outros aspectos da cultura. Torna-se então claro que diferentes complexos culturais fazem parte de um padrão global. Segue-se que o comportamento apreendido numa interação de parentesco ocorrerá em outras partes de uma cultura; Hsu (1965, 1970) deu início ao estudo da correlação entre comportamento de parentesco e personalidade” .²⁴³

Receber um professor em casa é uma honra para os Hakka. O termo em chinês “Chu-Jen” é equivalente a universitário ou estudioso. Lin-Pao-Shu, o universitário da cidade de Wu-Pin que serviu o Imperador Kan-Si da dinastia Chin, escreveu em sua obra a seguinte frase: “*prepare o óleo, o sal, o arroz, a lenha como uma oferenda ao seu professor*”. Tomamos essa expressão como uma leitura simbólica para ilustrar o respeito que os Hakka tem pelo educador.

²⁴² Termo que se usa para se referir ao conjunto de irmãos e irmãs. Schusky L, Ernest . **Manual para Análise de Parentesco**. Trad. Sylvia Caiuby Novaes. São Paulo: Editora E.P.U. ,1973. p.16

²⁴³ Schusky, E. Manual para Análise de Parentesco. Trad. Sylvia Caiuby Novais. São Paulo: EPU. 1973, p.5 e 6

Por mais estranha e distorcida que possa parecer o estado de cultura de qualquer etnia ou tribo, tem em si o desenvolvimento avançado e a experiência das gerações. As histórias populares narradas a seguir, talvez, no pensamento ocidental não tenham o efeito tão marcante quanto têm para esta etnia, mas aqui cabe assinalar um pouco desse respeito à cultura do povo em questão.

As duas histórias se passam durante a dinastia Chin e se referem a professores.

I – História do professor Un-Tien Sien

Un-Tien Sien, um professor bacharel, pediu demissão do cargo oficial, para cuidar de sua idosa mãe, que vivia numa pequena vila chamada Fon-Pei, nas proximidades de duas aldeias Yan-Chian e Wu-Pin.

Lu-Chi Chan, um homem poderoso e rico e seus dois filhos, Lan-Tchu e Yin-Tchu, residiam numa cidade chamada Wu-Ton. Os filhos tentaram durante dez anos ingressar numa universidade, mas foi em vão. Lu-Chin então contratou o professor Un-Tien Sien, oferecendo-lhe um alto salário. Sabendo que seu contratante era um homem afortunado, o professor dobrou o valor do ensino e exigiu regalia na casa²⁴⁴, pois passaria meses ensinando seus dois filhos.

O professor levava todos os dias seus dois alunos para passear nas montanhas ou em lagoas observando a natureza, muitas vezes eles traziam insetos e plantas para casa. Conversavam sobre a vida e amenidades e não costumavam levar livros ou material para escrever. Lu-Chin, percebendo as

²⁴⁴ “... o aprendiz ia morar perto do mestre”. Marcel Granet. livro o Pensamento Chinês. Trad. Vera Ribeiro, 1997. p.258.

atitudes do educador, indignado foi conversar com ele. Un-Tien percebeu o desconforto do pai dos alunos e falou:

— *“sabe porque que seus filhos não vão bem nos exames da faculdade? Eles tiveram ao longo de suas vidas uma educação e memorização rígidas e forçadas. Cresceram com trauma dos livros. Esses contatos com a natureza fizeram com que seus filhos se libertassem da carga e da opressão que havia neles. Agora eles terão progresso nos estudos”*.

Os filhos de Lu-Chin continuaram com os ensinamentos do professor e quatro anos mais tarde se submeteram a um exame oficial do governo do estado de Tin-Chou. Foram aprovados e receberam seus respectivos títulos. A história do professor Un-Tien espalhou-se pelos arredores.

II – História do professor Zhou

Em uma outra história um professor de nome Zhou foi à capital prestar exames para se candidatar a um cargo oficial. Ele caminhava pela estrada montanhosa no final da tarde quando caiu uma tempestade. Além de sentir frio estava faminto. Lá ao longe avistou uma casinha de palha em meio dos arbustos. Correu para lá afim de proteger-se da chuva. Apresentou-se e pediu permissão à proprietária, senhora Wang e ao filho Li para ficar até a tempestade passar.

A senhora preparou o chá e secou as roupas do professor. Por serem muito pobres, porém, não tinham quase nada para oferecer. Só uma galinha, que estava para botar ovos. A senhora pediu ao filho para matar a galinha, afim de preparar uma refeição. Na medida em que Li ia depenando a galinha,

ele dizia com lágrimas nos olhos, “*perdi a esposa*”, “*matei a esposa*”. O professor ouviu e perguntou a Wang do que se tratava. A senhora explicou que com a venda dos ovos da galinha comprariam um coelho, depois de criado o venderiam e comprariam um cachorro, assim que o animal estivesse treinado e com um bom porte trocariam por um cabrito, assim, até poder chegar a comprar um boi que seria o dote oferecido à família da noiva, que só assim permitiria o casamento dela com seu filho, então com vinte anos. Matando a galinha acabara a esperança do casamento.

Durante o jantar e toda a madrugada, Zhou comovido pensou na situação do rapaz.

Seguindo seus planos, o professor fez o exame e aprovado nos testes foi indicado para um cargo oficial do governo. Adotou, então, a senhora Wang e o filho como sua legítima família.

Alguns meses se passaram e Li se casou com um belo cerimonial proporcionado por Zhou ao seu irmão adotivo. Ele visitava, também, com frequência a senhora até a sua morte, quando então realizou para ela um sepultamento com todas as honras de um funeral chinês.

Os dois relatos são história orais da região Hakka e fazem parte da memória coletiva que também pode ser definida como identidade social²⁴⁵ desse grupo. As histórias permitem ilustrar o respeito para com o educador. Esse legado é preservado até os dias de hoje.

Granet afirma que o homem de bem — o *kiun zi*, o *homem culto* —, é o único capaz de levar a vida nobre que faz florescer uma natureza nobre. Todos os seus atos inspiram-se na intenção de enobrecer seu coração. É preciso

²⁴⁵ Identidade social segundo Michael Pollak define mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral. Estudos Históricos. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, 1992. vol.5 n.10.

estudar como se nunca se pudesse alcançar o ponto desejado, e depois guardar o conhecimento zelosamente como se tivesse medo de perdê-lo.



Fig. 65 – profª Concene,Ling, prefeito, professores da região e familiar Chiou – em frente ao templo - 2002

A cultura, a educação e o conhecimento podem não ser compreendidos por uma lógica ocidental, mas estão profundamente enraizados na vida dessa etnia. Prova disso foi o reconhecimento por meio de homenagens à visita da professora Concone levada por uma legítima filha da etnia Hakka, que tanto honrou a comunidade.

A cidade de Meixien fica próxima à Ilha de Macau, ao sul da China Continental, onde 99% são da etnia Hakka. Jiaoling fica a uma hora de Meixien onde uma parte da minha comunidade familiar reside. De Jiaoling nos deslocamos por algumas horas até chegar às montanhas onde viveram os antepassados da pesquisadora e onde ainda vive a comunidade agrícola familiar Hakka.

Fomos recepcionadas pelos parentes, com fogos de artifícios e ao som de banda com instrumentos chineses, tocados pelos homens mais idosos da

comunidade e com um almoço estilo Hakka acontecido no templo da família. Próximo ao altar dos antepassados havia mesas reservadas para as pessoas mais idosas, seguidas de mesas para alguns professores e autoridades da região. Em uma outra mesa, familiares (homens) e nós.

Sobre o respeito ao professor, Hsie Chong Kuan, pesquisador chinês, conta uma história mais recente que as anteriormente narradas. Um rapaz da etnia Hakka, em busca de trabalho saiu de sua cidade de origem, Guangdong, China Continental.

Alguns anos depois ele retorna abonado. Fundou, então, uma entidade beneficente, realizando na ocasião uma grande festa de inauguração, convidando seus amigos, o prefeito e os políticos renomados da região. Convidou também o seu professor da escola primária e fez questão que ele ficasse no lugar de honra.

A boa tradição Hakka de respeitar o professor ainda é mantida onde residem os Hakka que lhe oferecem lenha, arroz, óleo e sal significando o apreço que lhe devotam, como já havia dito Lin-Pao-Shu. Podemos lembrar que esses bens eram escassos e caros. O professor é sempre convidado para participar dos eventos familiares, sociais, culturais, enfim, em todas as ocasiões.

O conjunto das histórias acima expressa nos moldes confucianos aquilo que Granet chama de *“uma Sabedoria mais do que uma Doutrina; invocavam o testemunho de patronos venerados, a quem atribuíam uma sabedoria plena, um saber total”*²⁴⁶.

²⁴⁶ Granet.M. O Pensamento Chinês. Trad. Vera Ribeiro.Rio de Janeiro:Contraponto, 1997. p.259

Em 1990 foi a primeira vez que eu e a minha família voltamos a Taiwan depois de 37 anos no Brasil. E pelo mesmo motivo, em respeito ao professor, eu quis rever a minha professora primária.



Fig.66- Escola Primária Municipal de Ping-Tung- Taiwan-1963

Lembro-me que no dia que partimos para o Brasil em 1963 (fig.66), muita gente foi se despedir de nós. A impressão que tive é que naquele dia o sol apareceu mais cedo, muitas pessoas nos aguardavam, meus avós, minhas tias, primos, vizinhos e colegas de classe, além dos alunos e professores e amigos da minha mãe. Também estava lá a família aborígine, que era minha vizinha e cujo o filho, meu amigo de infância reencontrei na minha volta em 1990.

No momento da despedida a professora Chou entregou-me um estojo de madeira com uma caneta, várias borrachas e lápis coloridos, desejando-me sorte e continuação dos estudos. Voltei a encontrá-la em 1990

Em 2002 ao retornar a Taiwan, Concone e eu visitamos a Escola Primária Municipal de Ping-Tung, numa tentativa de rever a professora Chou. Infelizmente não a encontramos.

O respeito ao professor e a educação estão unidos entre si. A minha história “hakkanes-brasileira” em busca de identidade é a história de duas projeções (profª Chou e profª Concone) que se cruzam no tempo e no espaço. Essa busca da identidade pluricultural hakkanes-brasileira, requer uma perspectiva de conhecimento comum tanto em psicologia, quanto em antropologia. Podemos dizer que a psicologia e a antropologia simbólica estudam e compreendem o desenvolvimento individual, coletivo, psicossocial, como processo de humanização do cosmos no qual, segundo Heidegger em “Tempo e o Ser”, qualquer vivência humana é inseparável do mundo.



Fig.67- Prof.ªChou e Ling -1990



Fig. 68 - Profª Concone e Ling - 2002

Não poderia haver uma visão mais feliz e complexa do que a que tive nesse momento, o suficiente para dar a extensão singular da percepção exata da natureza e da sua composição histórica da idéia de espaço e tempo. Hume sustenta que:

“o tempo aparece como uma impressão primária distinta, não pode evidentemente ser outra coisa que diferentes idéias, impressões ou

objetos, dispostos de uma certa maneira, isto é sucedendo-se uns aos outros.”²⁴⁷

Os pesquisadores chineses relatam que do ponto de vista da educação, os Hakka assumem a liderança de investimentos. Em Aú-Ton, próxima da cidade de Meixien, houve uma época em que muitas pessoas de várias regiões incluindo os hakkaneses se submeteram a um tipo de exame, cujo nome em chinês é Ko-Tchu, significando sistema de exame de recrutamento. Segundo os pesquisadores, as pessoas da cidade de Meixien foram as que obtiveram as melhores notas em relação às pessoas de outras cidades. Mesmo depois da extinção desse exame, a cidade de Meixien continua a chamar a atenção por ter estabelecido muito mais escolas do que as outras.

No ano de 1939, a cidade de Meixien e mais quatro províncias e 07 prefeituras onde residem os Hakka, contabilizaram 647 unidades entre escolas primárias e colegial particulares, municipais e rurais, acomodando 59.364 alunos. Além disso havia escolas das vilas, existentes no período final da Segunda Guerra Mundial. Foi aberta também a Faculdade da Cultura Chinesa, entre outras ciências.

Naquele período o senso populacional atingiu 300.000 moradores e uma estatística revelou dados surpreendentes: 20% dos alunos de Meixien ficaram em 1º lugar na classificação de notas em relação aos alunos de outras cidades do país.

Um padre que trabalhava na cidade de Meixien falou que, levando-se em conta a proporção populacional não havia nenhum lugar no país inteiro, ou mesmo na Europa ou América, com os quais se pudesse realizar essa comparação. Há quem diga que muitos dos hakkaneses de Meixien, Hong Kong,

²⁴⁷ Hume, D. **Tratado da Natureza Humana**. Trad. Déborah Danowski. São Paulo: UNESP. 2001 p.63

e outras cidades, que saíram para enriquecer, ao retornarem procuraram investir em escolas, demonstrando a importância por eles dada à educação.

Em seu relato o Prof^o Teng Hsing Kuang²⁴⁸ afirma que empreendedores, agricultores e muitas famílias cultas hakkanesas locais ou das proximidades de Meixien e de outras regiões como Hong-Kong, investiram na educação, construíram escolas e também contrataram os melhores professores. Na pesquisa de campo a região de Meixien, Ko-Nan, Aú-Ton, Jiaoling e nas regiões rurais hakkanesas percebemos sim, que há muitas escolas, pela quantidade de crianças acompanhadas principalmente pelas pessoas idosas, que as levavam e traziam.



Fig.69 - Aeroporto de Meixian - 2002

Alguns registros históricos mencionam que os ancestrais dos Hakka eram de família real por terem tido uma base cultural, seus descendentes seguem essa tradição. É por esse motivo que os Hakka dão tanta importância à educação e têm tanto respeito ao mestre.

Outros historiadores sustentam que com as perseguições sofridas pelos Hakka, já descritas anteriormente, que duraram até meados da dinastia Tang (618-907), eles foram obrigados a se refugiar ao sul da China até o fim

²⁴⁸ Hakkanês, Professor de literatura chinesa, Presidente de literatura sul América São Paulo-Brasil, membro da associação mundial de escritores.

da dinastia Tang. Do início da dinastia Song (960- 1127) do Norte e dinastia Song (1127-1279) do Sul, até a dinastia Yuan (1279-1368), formaram-se cinco gerações. Em relação aos Hakka, foi verificada que a porcentagem de aproveitamento nos exames, no período entre as dinastias Song e Yuan, foi menor do que a verificada em relação às outras etnias. Depois da dinastia Ming (1368-1644), especialmente na dinastia Qing (1644-1911) o grau de aproveitamento dos Hakka se elevou e muitos deles foram aprovados no exame graduado, “Chin-Su”.

Os Hakka destacam-se em vários ramos da ciência, da arte, da política, entre outros. Se os Hakka surgem nesse momento como heróis literários, isso pode significar que eles não estavam ligados à elite oficial²⁴⁹, mas vinham de um povo comum de agricultores pobres e analfabetos. Perseguidos, os prejuízos educacionais se fizeram sentir e o prestígio social diminuiu. Muitos dos hakkaneses se acomodaram nas montanhas, divisas de Meixian. Cultivaram a terra para obter seus próprios alimentos, sobreviveram ao frio, e aos saqueadores. Como eles teriam oportunidade para se dedicar aos estudos?

Com muito trabalho e dedicação os ancestrais Hakka foram suficientemente prósperos na agricultura. A família progrediu e se fortaleceu economicamente. Os ancestrais tendo conhecimento que só com o estudo poderiam modificar a própria condição de pobreza, fizeram com que seus descendentes estudassem para poder, através do conhecimento, chegar aos ambientes oficiais, elevando assim a posição social, não só para o bem do povo da região, mas também para a comunidade familiar à qual esses descendentes pertenciam. Provavelmente essa combinação de trabalho árduo, de luta, de plantação, de estudo, constelou-se no espírito hakkanês.

²⁴⁹ É assim que na época chamavam o ambiente mais elevado na sociedade

Wilheim, nas palavras de Jung que fala com profundo respeito do amigo, lançou uma ponte entre Oriente e Ocidente, legando-nos a valiosa herança de uma cultura milenar, talvez destinada à destruição. Penetrou demais nos segredos e na misteriosa vivência da sabedoria chinesa para permitir que essa pérola intuitiva desaparecesse nas gavetas dos especialistas.

Wilheim²⁵⁰ dizia que a ciência é um instrumento do espírito Ocidental, com ela abre-se mais portas do que com as mãos vazias. É a modalidade da nossa compreensão quando reivindica para si o privilégio de constituir a única maneira adequada de apreender as coisas.

O Oriente nos ensina outra forma de compreensão, mais ampla, mais alta, mais profunda — a compreensão mediante a vida. Conhecemos esta última ao modo de um sentimento fantasmagórico, que se exprime através de uma vaga religiosidade, motivo pelo qual preferimos colocar entre aspas a “sabedoria” oriental, remetendo-a para o domínio obscuro da crença e da superstição. Desta forma, ignoramos totalmente o “realismo” do Oriente. Não se trata de intuições sentimentais, de um misticismo excessivo que toca as raias patológicas de um ascetismo primitivo e intratável, mas de intuições práticas nascidas da flor da inteligência chinesa e que não temos motivo algum para subestimar.

O espírito hakkanês em seu curso na existência milenar chega ao multiculturalismo “hakkanês-brasileiro” perpassando fronteiras. As fronteiras denotam transitividade com movimentos de estabilidade e instabilidade, que vão ao encontro de novos paradigmas da construção da rede de relacionamento, e que além de poder abrir ao Ocidente a dimensão da consciência e do conhecimento da cultura em questão, pode também por meio,

²⁵⁰ Richard Wilheim O Segredo da Flor de Ouro: um livro de vida Chinês. Trad. p.23 e 24

dos interstícios simbólicos serem compreendidos como vínculos de si mesmo, o ser uno, Oriente-Occidente.

3.1.3 - Da tradição à nova imagem Hakka

Com tantas mudanças políticas, econômicas, sociais e a intensa pressão exercida por outras etnias mais populosas, a cultura Hakka estava ameaçada de extinção. Sofreram influências culturais e enfrentaram crises de identidade étnica, uma vez que Taiwan é um espaço multicultural, isto é, muitas etnias com suas culturas e idiomas próprios. De acordo com os dados do Centro Cultural de Taipei - Brasil em 2004 (ver quadro abaixo) há aproximadamente quatro milhões de Hakka vivendo em Taiwan.

O comitê do Conselho Hakka em 2003 aponta que há uma diminuição anual de 5% do idioma Hakka falado em Taiwan, sendo que 65.2% da população fala Hakka fluentemente. Porém a faixa etária de 13 a 29 anos é que tende a chegar 36.3 %. O Conselho assegura que pode baixar para 11.6%. Esse demonstrativo leva a crer que é alarmante a perda da língua Hakka.

Preocupado com essa conclusão, o comitê do Conselho Hakka implantou um sistema de revivificação lingüística nas escolas, e dessa ação formalizou um sistema pragmático aos propósitos dessa etnia, com a composição e a impressão de materiais didáticos: dicionários com verbetes Hakka e cultivo do talento pedagógico. Além disso promoveu ações turísticas com o fito de mostrar as cidades, a arquitetura das vilas residenciais Hakka, a agricultura e a gastronomia hakkanesa.

Dados: Centro Cultural de Taipei 2004

Cidades /Vilas	População	Hakka	%
Taipei	2.627.844	497.269	18,9
Kaoshung	1.510.124	187.364	12,4
Taipei (vila)	3.681.491	553.402	15,0
Tao Yen	1.826.609	732.600	40,1
Shin Tsu	460.349	315.298	68,5
Miaoli	560.798	372.438	66,4
Taitsun	1.521.582	278.688	18,3
Tsan Wa	1.316.705	168.366	12,8
Van Tou	539.950	90.404	16,7
Tainan	1.106.406	58.012	5,2
Vila Kaoshung	1.237.417	242.810	19,6
Ping Tung	903.411	209.760	23,2
Yi Lan	462.930	74.491	16,1
Falien	350.829	104.580	29,8
Tai Tung	242.393	49.340	20,4
Pong Wu	92.068	7.279	7,9
Ti Long (cidade)	392.343	54.111	13,8
Shin Tsu (cidade)	383.370	114.893	30,0
Taitung (cidade)	1.010.612	129.614	12,8
Tsi I (cidade)	269.592	13.088	4,9
Tainan (idade)	750.096	50.349	6,7
TOTAL	22.5454.969	4.408.818	19,5%

Os Hakka também divulgam seu idioma em vários setores públicos, satisfazendo todas as demandas para a aprendizagem e também promovem a educação à longa distância.

Influenciados por alguns governantes políticos, que também são hakkaneses, o Comitê do Conselho Hakka e a Comunidade Intelectual prepararam uma infinidade de currículos lingüísticos. Coordenaram recursos acadêmicos globais e promoveram desenvolvimento de sistemas de conhecimento da mesma etnia. Firmaram parceria com as universidades e as faculdades, com a finalidade de canalizar os recursos para a pesquisa acadêmica, para diplomados em destaque, assim como para as publicações acadêmicas veiculados no mercado, para reverter em benefício das fundações que estudam a cultura Hakka e que promovem pesquisas científicas.

Além dos benefícios acadêmicos, o Conselho organizou uma pesquisa sobre as necessidades da comunidade Hakka, descobrindo que o interesse estava voltado, principalmente para a música, dança, ópera, artes dramáticas, arte em grafia, exposições culturais e educacionais, incluindo também os festivais e eventos locais: Festival da Lanterna, Festival Colheita das Flores Hakka, Festival de Yimin, Festival Hoklo-Hakka, Músicas Hakka, Cantigas e Canções Montanhesas Hakka, Programa de Conversa²⁵¹ e mostras dos artistas Hakka.

Ao mesmo tempo o Comitê do Conselho promove vários programas sobre agricultura, que é forte entre os Hakka, indústria e turismo, revigorando a vida sócio-econômica das aldeias, das vilas e também das cidades Hakka existentes em toda a região de Taiwan, para solidificar os laços de amizade, sociabilidade e a integração entre povos urbanos e rurais.

Os Hakka, um dos grupos étnicos de Taiwan, foram afetados e perseguidos por outros grupos étnicos. Superando tudo isso, a cultura Hakka emergiu em Taiwan para se espalhar por cinco continentes onde a participação

²⁵¹ Semelhante ao estilo Repentista.- nordeste (Brasil)

deles e a contribuição para a preservação da cultura e construção nacional nos lugares nos quais residem não podem ser abolidas nem ignoradas.

O processo, além mar, do desenvolvimento da cultura Hakka foi nutrido pela cultura local e dessa interação cultural, não só nasceu um novo Hakka, mas, também, promoveu a fusão do conhecimento multicultural do mundo com a vida. O novo Hakka tornou-se então, um grupo étnico de pessoas globais que, por terem experiências e características da própria cultura, contribuíram para o multiculturalismo em Taiwan.

Esse novo contexto da cultura Hakka nos cinco continentes está em plena atividade na Cultura Taiwan-Hakka, no Festival de Artes, na Conferência Hakka Global e no Festival de Hoklo-Hakka.

Enquanto for permitido o desabrochar interno da cultura e da arte Hakka serão encontradas novas articulações, novas experiências e criações, não só para os integrantes da própria etnia, mas também para os de outras comunidades. Esse movimento conta também com a influência dos artistas estrangeiros que queiram se dedicar e criar a nova arte Hakka.

Nas Conferências Internacionais Hakka, o Comitê do Conselho assegurou um fundo que será destinado para os jovens pesquisadores em países estrangeiros dos cinco continentes, para ampliar seus conhecimentos, com o propósito de conduzir a comunidade Hakka a um intercâmbio internacional de conhecimentos e de culturas.

Os Hakka conquistaram uma nova estação de televisão e de rádio. Foi ao ar no dia 01 de julho de 2003, estabelecido pelo Conselho dos Hakka com uma extensa programação que consiste não só da apresentação da riqueza e da beleza do idioma e da cultura, mas também introduz elementos culturais pertencentes a essa etnia. Dentre eles, podemos destacar, programas

populares, tradicionais e contemporâneos, atividades musicais modernas e canções populares das montanhas, blocos e relatórios de notícias.

A rede de transmissão TV Hakka está equipada com os mais inovadores conteúdos e técnicas de comunicação. Esta conquista trouxe vitalidade e esperança para a preservação da cultura e do idioma. Acredita-se que ela possa estruturar e fundamentar contemporaneamente o pensamento tradicional criativo com a cultura local e estabelecer as características especiais de Taiwan, numa estrutura de informação global.

3.2 - Taiwan: uma ilha em questão.

O primeiro nome da ilha de Taiwan, de que se tem conhecimento, é Yizhou E Liuqiu. O nome Taiwan não se originou do idioma Han. Há várias histórias e registros históricos sobre a ilha, mas um estudo que apresenta dados que podem ser considerados exatos, extraídos de uma enciclopédia de trabalhos antigos preparados sob a direção imperial durante a Dinastia Song²⁵² (960-1279)²⁵³, revelam que os aborígenes Siraya moravam na redondeza de Tainan e chamavam os estranhos, as visitas e os estrangeiros de "Taian" ou "Tayan"; mais tarde ocorreu uma mudança na expressão ficando "Taion".

Os imigrantes chineses Han e os japoneses tinham suas próprias escritas. A escrita dos Han é diferente da escrita (Kanji) dos japoneses, cada qual escrevendo o nome da ilha com seus ideogramas. A Dinastia Ming (1368-1644), começou a chamar a ilha de "Taiwan", forma mais tarde incorporada pelos holandeses em sua escrita.

²⁵² Existiu duas dinastias Song ao Norte (960 -1127d.s) e ao Sul (1127 -1279 d.c)

²⁵³ A history of Taiwan. - Hung Chien-Chao. il Cerchio Iniziative editoriali..2000

A ilha fica situada no Pacífico Ocidental, próxima da costa sudeste da China, na metade do caminho entre Japão e Filipina.

Os aborígenes não perceberam que estes “Taian ou Tayan” (estrangeiros) holandeses, piratas chineses e japoneses, conhecidos como Wo-K’ou (em chinês) e Wako (em japonês), um dia os considerariam “selvagens incivilizados” e dominariam todo o território onde eles, sem nenhuma preocupação, habitavam até então.

A ilha de Taiwan era usada como uma base ou esconderijo, por razões estratégicas e geográficas, pelos piratas chineses e japoneses que saqueavam a costa do sudeste da China durante o período em que os poderes europeus se moviam para o leste da ilha. Perseguidos pelas forças do governo da China Continental, esses piratas fugiram primeiro para Penghu (Ilha dos Pescadores) e depois se refugiaram em Taiwan, pois sabiam que as forças governamentais nunca os procurariam lá, uma vez que o governo da dinastia Ming considerava Taiwan uma região terrível, de indivíduos de modos selvagens, infectados de moléstias. Nesse período havia um pequeno grupo de imigrantes Han e também de aborígenes Malayo-polinésios fixados em Taiwan já por milhares de anos. Embora esses aborígenes tenham ficado atualmente em minoria na população, eles foram os primeiros habitantes e se espalhavam por toda a extensão da ilha. Segundo estudiosos os Malayo-polinésios não estão incluídos nas dez principais tribos e nem entre outros grupos existentes em Taiwan. As principais tribos são: Atayal, Saisiyat, Tsou, Bunun, Rukai, Paiwan, Ami, Puyuma, Yami e Thao. As outros existentes são: Ketagalan, Luilang, Favolang, Kavalan, Taokas, Pazeh Papora, Babuza, Hoanva, Sirava Babuza; esses aborígenes são considerados mônades e foram contraindo matrimônios com os colonos do povo Han. Os aborígenes foram divididos em

vários grupos raciais não conseguindo estabelecer um povoado e foram dominados por invasores estrangeiros.

As principais tribos dos aborígenes, com exceção das nômades, foram gradualmente forçadas a se mudarem para as montanhas. A tribo de Yami se manteve na ilha, isolada. Os Yami são os únicos aborígenes que ainda mantêm o estilo de vida com caça oceânica.

Durante a ocupação da Ilha, os japoneses usavam a expressão “Takasago” que significa “selvagens incivilizados” para denominar as tribos das montanhas. Depois da Segunda Guerra Mundial, o nome foi alterado para Gao-San-Zu pelo regime de Komintang da República da China.

O navegador holandês J.H. van Linschotten, por volta de 1592 velejando ao longo da costa de Taiwan, ficou impressionado com a beleza da costa do litoral da ilha, nomeando-a de ilha “Formosa”. O mesmo nome foi dado pelos portugueses a caminho do Japão ao avistar a ilha. Era um costume usar esse nome para todas as ilhas que avistavam. Contam-se dezenas de ilhas na África, América do Sul e Àsia com esse nome. Taiwan para os ocidentais ficou também conhecida como Ilha Formosa.

Com a invasão dos holandeses em 1596 à região de Taiwan, vencendo os portugueses e os espanhóis e estendendo sua dominação até Jakarta, Indonésia, denominada de Batavia por eles, foi formada em 1602 a primeira sociedade anônima na história humana chamada “Companhia Da Índia Oriental Holandesa”, com sede em Amsterdã.

Depois de obterem uma posição segura em Batavia (Jacarta) e com a Companhia garantida para monopolizar o comércio e também para administrar as colônias conquistadas, os holandeses planejaram comercializar com a China e o Japão. Um ano mais tarde após fundarem a sociedade anônima, em 1603 a frota holandesa partiu para o dilema que representava Taiwan. Dentre das

oitenta ilhas existente ao redor de Taiwan, os holandeses se estabeleceram na ilha de Penghu que é a mais próxima. Este foi considerado o primeiro poder ocidental europeu em Taiwan ficando sob seu governo por 38 anos. A partir de 1684 o nome Taiwan foi oficializado.

Os holandeses eram bem equipados para enfrentar os aborígenes, os imigrantes chineses e também os europeus (portugueses, espanhóis e ingleses). Todos esses povos não resistiram às opressões holandesas e foram obrigados por eles a construir o Forte Zelandia, localizado em Anping próximo a Tainan. Após oito anos sua construção estava terminada como também a do Forte Providência, atual Chih-Kan-Lou. Assim, os holandeses se estabeleceram em Taiwan.

O Forte Zelandia era usado para comercialização e o Forte Providência servia para alojamento e para reuniões. Evidentemente, os holandeses tinham a consciência da importância de se estabelecerem em Taiwan, terra fértil e farta em produtos alimentícios e base ideal para a comercialização além mar.

Após a invasão, os holandeses tiveram que enfrentar e lidar com os aborígenes que, apesar de não estarem familiarizados com o conceito de *"direitos territoriais"*, tinham certeza que Taiwan era a terra onde haviam nascido e crescido. Ao contrario dos holandeses, os piratas chineses e japoneses que invadiram Taiwan, usavam-na como abrigo ou lugar de refúgio contra as perseguições das autoridades não reivindicando sua posse, e por isso, não tinham relação de amo-escravo com os aborígenes. Só com a invasão holandesa os aborígenes perderam a liberdade que tinham. Para superar as dificuldades com os nativos de Taiwan, os holandeses encontraram uma maneira para conter a rebeldia deles. Contaram com a ajuda de alguns missionários para traduzir o evangelho na língua aborígine e forçaram os nativos a orarem com os missionários, propagando assim a religião cristã em

Taiwan por mais de dez anos. Essa tradução do evangelho, mais tarde, se tornou uma escrita importante na história da cultura chinesa.

Com o surgimento da Companhia da Índia Oriental, os holandeses obtiveram um altíssimo lucro a partir da comercialização multilateral, transportando os produtos do sudeste asiático para outras regiões, comercializando temperos, latas, âmbar, algodão, ópio etc..., assim como a prata importada do Japão e da China, a seda, a porcelana, medicamentos da medicina tradicional chinesa, o ouro e o açúcar entre outros produtos, que também eram levados para Amsterdã.



Fig. 70 – Fotos - Forte da Providência

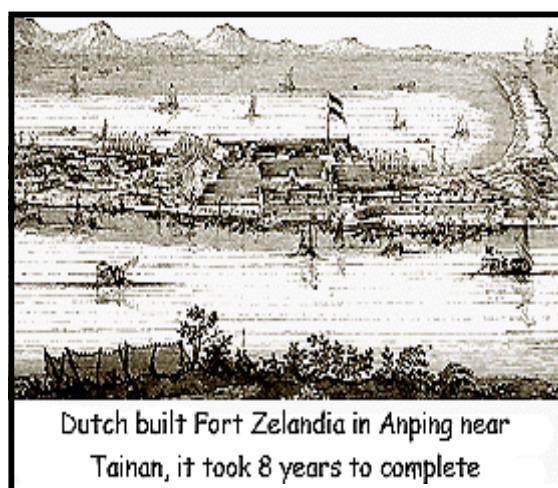


Fig.71 - Holandeses construíram o Forte Zelandia em Anping perto de Tainan que levou oito anos para ficar pronto

Com toda essa movimentação holandesa, os piratas chineses e japoneses que antes eram considerados os mais perigosos e infestavam a ilha, foram diminuindo em número nas áreas onde o controle holandês imperava. Os piratas passaram a fixar suas bases em alto mar e para não serem pegos de surpresa, os holandeses fizeram um acordo com um dos mais poderosos

piratas chineses da etnia Hoklo, Cheng Shi-Long que colaborou no comércio, sendo este, provavelmente, o segredo do sucesso holandês.

Além do comércio marítimo, a Companhia da Índia Oriental arrendou as terras agrícolas e as ferramentas dos pioneiros fazendeiros Han. Os holandeses introduziram animais, importados da Índia, para o trabalho e também introduziram novos cultivos como o do repolho, do feijão, do tomate, da pimenta malagueta, populares até hoje. Os holandeses visavam somente os lucros, sem se preocuparem com os agricultores, que eram atacados pelos aborígenes locais



Fig.72- Foto²⁵⁴- Os holandeses incentivam a agricultura

Em 1626 os espanhóis controlavam as Filipinas e para impedir que os holandeses monopolizassem o comércio entre China e Japão, mantinham uma frota rodeando a costa de Taiwan. Estabeleceram, também, uma base no porto de Keelung e Tam-Sui e construíram dois fortes respectivamente em San Salvador e San Domingo.

No ano seguinte os holandeses atacaram os espanhóis e foram derrotados. Os espanhóis se estabeleceram, então, ao norte de Taiwan, mas

²⁵⁴www.Chinaculture.about.com/od/historytaiwan/capturado dia 25 de julho de 2006 (fig.70,71 e 72)

não realizaram o comércio entre China e Japão devido à quantidade de tufões, epidemias de doenças como a malária e ataques dos aborígenes que ocasionaram muitas mortes; até a propagação do catolicismo ficou restringida.

Em 1638 a frota espanhola se retirou de Taiwan, destruindo os seus dois fortes. Após a saída deles a frota holandesa estabeleceu uma base sua por volta de 1642. Essa curta estadia dos espanhóis também trouxe benefícios, como, por exemplo, o trabalho com enxofre, a transmissão dos conhecimentos da medicina ocidental para o tratamento da malária, com a colaboração do serviço médico de missionários e incentivou, ainda, a imigração de outros povos. Tanto os espanhóis, quanto os holandeses tiveram um impacto significativo na cultura de Taiwan, assim como eles próprios também absorveram conhecimentos taiwaneses.

Além dos impactos culturais, os holandeses reprimiram as resistências organizadas contra eles. Em 1636 houve um massacre com saldo elevado de aborígenes mortos. O desenvolvimento comercial e produtivo dos holandeses estava a pleno vapor e faltava mão de obra, assim eles trouxeram trabalhadores da China Continental, sob o modelo de escravidão e repressão severa. Enfurecidos com os maus tratos aos imigrantes, finalmente houve uma insurreição armada encabeçada por Kuo Huai-Yi que foi um dos seguidores do pirata chinês Cheng Zhi-Long, que passara a viver como fazendeiro perto do Forte Providência. Kuo Huai-Yi reuniu milhares dos seus camaradas e planejou uma revolução na noite do Festival de Outono, dia 07 de setembro de 1652. Essa informação confidencial, porém, vazou por intermédio do irmão mais novo de Kuo às autoridades holandesas. Kuo conduziu o mais rápido possível 16.000 homens atacando e ocupando com êxito o Forte Providência. O reforço holandês de 2.000 homens vindo do Forte Zelândia, no entanto, capturou os aborígenes, matando 4.000 camaradas de Kuo Hua-Yi; mais de

1.000 imigrantes envolvidos na insurreição foram executados, pois apesar das forças revolucionárias de Kuo serem bem superiores, estavam armadas de enxadas e lanças de bambu que não eram páreo para as armas modernas nas mãos dos combatentes holandeses e aborígenes aliados a eles.

A revolução em massa liderada por Kuo Huai-Yi contra a opressão e a tirania dos holandeses falhou porque houve uma divisão entre os aborígenes e imigrantes, que brigaram entre si. No entanto, essa revolução representou a conscientização dos direitos humanos, pelos imigrantes.

Mais adiante vamos tratar rapidamente da origem e migração da população de Taiwan. Para isso vamos mencionar alguns imperadores.

3.2.1 - A origem e a migração dos Hoklo

Durante a dinastia Qin, os governantes enviaram suas tropas para Min-Chon, construindo um Palácio de Governo, afim de estabelecer uma base. Essas migrações aconteceram devido à inclusão de terras no mapa de governo, na época da Dinastia Han. Os Han do lado leste estabeleceram bases em outras cidades junto com seus governantes do sul, que eram ligados diretamente ao imperador.

Com as inclusões de terra, o imperador Wu da dinastia Qin (283 d.C) estabeleceu um governo em Min-Nan, onde os moradores eram do povo Han, que vieram do Centro do Estado da China Continental. Ao fim da dinastia Han, várias cidades e também as capitais foram arrasadas pelos soldados do imperador Wu que deixaram centenas de mortos espalhados por todas as regiões, além das casas em ruínas; uma verdadeira destruição em massa, incluindo a área em que os minaneses (atual Hoklos) se estabeleceram.

Enquanto, os soldados do imperador Wu avançavam, os bandidos de outras regiões saquearam e mataram muitos moradores da cidade de Chan-Nan. A região ficou devastada. Os habitantes sobreviventes atravessaram o Rio Amarelo; uns foram para as costas leste e oeste, outros foram para os lados norte e sul da montanha Wu-Lin. E alguns se acomodaram também nas regiões de Tchan-Piau e nas províncias de Tze-Tchian, de Aú e Min-Nan.

Os moradores “anfitriões” das cidades chamaram os “novos migrantes” de *Ho-Ló*, denominação utilizada mesmo para aqueles que vieram de outras cidades como de Guangdong (os cantoneses), de Fu-Chou (os fuchouneses). Mas, ao que consta, os verdadeiros Ho-ló vieram das cidades de Chun-Chou e de Min-Nan; são chamados também de ho-lones, mas se tem notícia de outras denominações como Fu-Lau ou Ho-lu.

Ho-Ló tem a origem em *Ho* (rio), do rio; Huang – Ho (Rio Amarelo) e *Lo* (vem da palavra) Lo-Suei (Rio Lo). O Rio Amarelo nasce no sopé das montanhas *Ko Ta Su Chi Lau* e *Pa Yen Ko La* da província Chin-Hai, tem uma extensão total de aproximadamente 4.400 km. O Rio Amarelo segue em direção ao Leste para a província Kan-Su, passando pelos rios: Suei-Yuan, Chang-Cheng, San-Si, Ho-Nan, Ho-Pei, San-Ton, utilizando o leito antigo do rio Tan-Chin e deságua no mar.

O Rio Lo, originário da província Sen-Si, segue para o rio (Ho-Nan) até o rio (Lo-Kou), que se encontram no Rio Amarelo. Os dois rios passam pela província Ho-Nan, exatamente na localização do antigo “ Campo Central”.

Na época da Dinastia Chin não existia divisão de cidades ou discussões para denominar locais. As referências se davam da seguinte forma: a área grande, chamada pelos os chineses de Tiochou de Yu-Kon, e a área pequena, que é entendida como água, se for entre duas águas – rio- dois rios.

A antiga margem dos Rios Ho e Lo foi a capital e o centro político das três Dinastias Shia (Xia) 2205-1818 a.C.²⁵⁵, Shang (1500-1050 a.C), Chou (Zhou) 1050-256 a.C.. Lá também se localizavam feudos e residiam nobres da Dinastia Han, onde nasceu a cultura brilhante da raça Han.

O povo da cidade Chun-Chou e também de Min-Nan, assim como os de Ho-Nan, além dos “novos imigrantes”, são considerados os Hoklo, e todos vieram do “Centro do Estado”. A cidade de Min-Nan está localizado na parte sul da cidade de Fujien²⁵⁶.

A cidade Long-Si (Chan-Chou) é a capital de Min- Nan , acolhe também uma das culturas mais antiga do país . Quanto à agricultura a produção de arroz ocupa o primeiro lugar, ocupando um terço do país (China Continental). As frutas em Chan-Chou são variadas: tangerina, laranja, lichia, olho de dragão, banana, abacaxi, ameixa, caqui , carambola etc..

Chan-Chou e Chuan-Chou localizadas próximas dos rios Kou-Lon e Tchín-Tchin são consideradas em melhor posição geográfica no sudeste da China; por esse motivo são os melhores portos da parte sul depois de Xangai. O tráfego é mais fácil com o mundo exterior do que com o interior. Por ter muitas montanhas, pouca terra plana e densidade populacional grande demais, o povo de Chan-Chou e Chuan-Chou estabeleceram maior contato comercial além mar. Quanto à migração, é fenômeno específico desta área.

Considerando então os Hoklo, estes migraram para a cidade de Min-Nan (sul de Fujien) para fugir às guerras. Estabeleceram uma forma de herança familiar pela qual somente o primogênito recebia as terras para plantio. Com isso, os demais filhos eram forçados a procurar trabalho, o que ocasionou também muita migração. Isto proporcionou entre os migrantes um

²⁵⁵ Segundo estudo de Ovejero.J. China para hipocondríacos:uma aventura de Kanquim (Nanjing) a Kuniming.A existência dessa dinastia é muito discutida, assim como as datas de sua possível duração.p. 239

²⁵⁶ Fujien pode se encontrado na escrita Fujian, Fukien.

estreitamento dos laços de família; se um tivesse sucesso no trabalho auxiliaria os outros, irmãos, parentes, ou mesmo os que houvessem migrado anteriormente.

Min-Nan é o berço da Tecnologia, é conhecida pela construção de navios, a única da China Continental. Além de construção de navios, é detentora do saber e do uso dos instrumentos de navegação. Com o espírito desbravador, os Hoklo de Min-Nan trabalharam arduamente. Odiavam política ditatorial e aderiram à liberdade, uma das características da etnia. Quando havia movimentos políticos, o povo se escondia nas montanhas, nas florestas ou navegavam além mar, procurando outras terras para viverem.

Na dinastia Tang (618-907), durante a época imperial, os templos budistas ocuparam grande parte da região. Ao fim da dinastia, aumentou a força dos budistas, em Fujien.

Vários templos foram construídos e terras anexadas a eles. Isso piorou a situação da região de Fujien pela falta de terras para abrigar uma grande densidade populacional.

De acordo com as estatísticas, a terra ocupada pelos templos budistas atingiam 70% da área disponível de Chiuan-Chou, nas proximidades de Fujien. Na cidade Chang-Chau foi pior, os templos ocupavam mais de 80% da região.

Os “novos migrantes” de Min-Nan utilizavam barcos de duas velas para atravessar o estreito de Taiwan. Eles se orientavam pelo calendário lunar chinês, pelo qual os ventos e tufões muito fortes acontecem com predominância nos meses de abril, julho e novembro. No mês de junho, porém, embora mais fracos os tufões são frequentes; a formação de ondas altas acontecem de novembro a março.

A travessia do estreito era tão perigosa, que os chineses criaram um ditado: “dos dez imigrantes, seis deles mortos no mar, quatro chegam ao destino, mas um deles morre por doenças e um retorna à cidade de origem, por não se adaptar”.

Com a chegada do General Cheng-Che’n Jung, suas tropas e respectivas famílias a população de Taiwan aumentou. Hoje os Hoklo são a maioria étnica de Taiwan e também se intitulam taiwaneses.

3.2.2- A Era de Cheng

Por volta de 1628, o imperador Ming Sze Tsung pede apoio a um dos maiores piratas da época, Cheng Zhi-Long, o mesmo que havia cooperado com os holandeses tempos atrás, incorporando-o ao exército imperial para restaurar as forças armadas e a economia da China. Cheng casou com uma mulher japonesa, Tagawa Hirato e teve um filho, Cheng Shen que aos sete anos de idade foi levado à China pela sua mãe juntamente com o seu irmão mais jovem.

Em 1644, o imperador Zong-Zheng suicidou-se e o príncipe Fu-Wang assumiu o trono como imperador Hong-Kunag. Nessa ocasião Nanking estava sob o comando do pirata Cheng, desmoronando após um ano de controle.

Cheng Shen, completou a maioridade por volta de 1645, aos 21 anos de idade e apoiou o príncipe Tang que se tornou o imperador Long-Wu. Cheng recebeu do novo imperador o sobrenome real “Chu” e passou a se chamar Cheng Ch’eng Kung²⁵⁷. Nesse período as forças de Ch’ing cruzaram o Rio

²⁵⁷ Cheng Ch’eng Kung também era conhecido pelo nome de Kosingas. “fala de Kosingas, sacerdote-rei de algumas populações da Trácia, que ameaçava abandonar seus discípulos, subindo em uma escada de madeira até a deusa Hera; o que prova que tal escada ritual existe e que ela deveria conduzir o sacerdote-rei até o Céu”. – Eliade M. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Trad.Sonia Cristina Tamer.São Paulo:Martins Fontes, 2002.p.44

Yang-Tsé atingindo Fukien e capturaram o imperador Long-Wu em agosto de 1646. Apesar do pedido do filho, em novembro do mesmo ano o pirata Cheng Zhi-Long rendeu as forças de Ch'ing e quebrou o acordo enviando-o para Pequim, enquanto sua esposa Tagawa era violentada pelos soldados de Ch'ing vindo a suicidar-se mais tarde. Tomando conhecimento do destino dos pais, Cheng Ch'eng Kung de joelhos diante do templo de Kung Fu Tsu (Confúcio) jurou vingança. Deixou os estudos para, mais tarde, tornar-se general do imperador da Dinastia Ming.

Com a morte do imperador Long-Wu , o príncipe Kuei refugiado em Guaogdong (Cantão) foi nomeado Imperador Yung-li. Foi o último imperador da Dinastia Ming e conferiu em 1653 os títulos de Príncipe de Yeng-Ping e General supremo a Cheng Ch'eng-Kung.

Por volta de 1661 depois da derrota sofrida na tentativa de invadir Nanking, morre o imperador Yung-li. O General supremo Cheng se retirou do continente seguindo para a Ilha de Penghu, para preservar o nome da dinastia Ming e do imperador Yung-li. Depois de lutar contra as tropas de Ch'ing e também dos holandeses, Cheng resolve retornar à Taiwan para restabelecer a dinastia Ming. A sua entronização em Taiwan marca um momento decisivo no destino desse país.

3.2.3 - A Ocupação de Cheng em Taiwan

Ho-Bin, um intérprete, que trabalhara com os holandeses na Companhia das Índias, fugiu para ilha de Amoy, a fim de não ser cobrado por suas dívidas. Lá teve contato com o general Cheng que em 1661 também se refugiara na ilha de Amoy e Kimy. Ho-Bin sugeriu ao General um ataque a

Taiwan, apresentando a ele um mapa do mar da região, persuadindo-o que Taiwan era um local fértil e rico. Cheng confiou a defesa das ilhas a seu filho primogênito Cheng Jing, e acompanhado por Ho-Bin, com um exército de 25.000 homens e mais de 400 navios, ancorou na ilha de Penghu para atacar Taiwan.

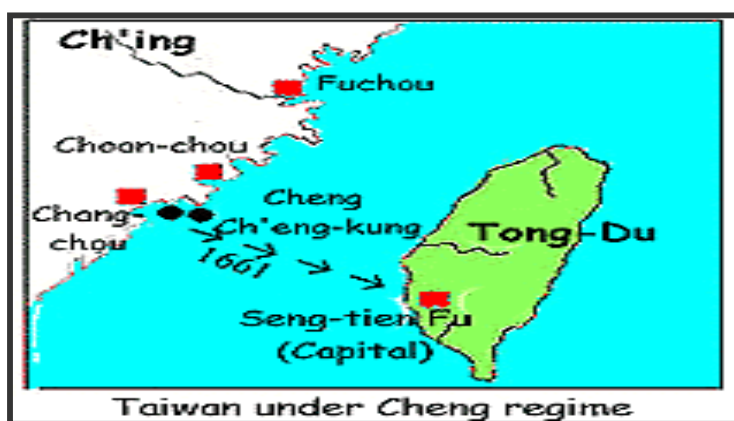


Fig.73 – Taiwan sob regime de Cheng



Fig 74 – Os holandeses renderam a Cheng

Kuo Huai-Yit tinha muito ódio aos holandeses e devido a revolta dos imigrantes Han, as tropas de Cheng foram muito bem recebidas e aclamadas.

O General Cheng atacou primeiro o Forte Providência, percebendo que a defesa era mais fraca, e depois atacou o Forte Zelandia, aproveitando-se do atraso dos reforços holandeses que vinham da Batavia. Os comandantes

holandeses pediram ajuda aos aborígenes que também foram aniquilados pelas tropas de Cheng.

Após 38 anos de controle, os holandeses rendidos fizeram um acordo e saíram de Batan e de Taiwan. O General Cheng Ch'eng-Kung tratou o mais rápido possível de redimensionar as regiões administrativas. A antiga Capital Oriental da Ilha Tong-Du, na região onde se localizava o Forte Zelandia de An-Ping, foi feita município, assim como Chih-Kan e as áreas vizinhas de Tainan, atual prefeitura de Sheng – Tien; além de restabelecer duas prefeituras uma ao norte e outra ao sul de Taiwan, uma guarnição foi incluída na ilha de Peghu. O general Cheng espalhou algumas tropas nas aldeias tribais de aborígenes para demonstrar poder e também conter rebeliões. Cheng se tranqüilizou em Taiwan, sendo sua última meta, restabelecer a dinastia Ming na China.

Com a saída dos holandeses, os remanescentes da população de Taiwan incluindo os aborígenes, contava com aproximadamente 100.000 mil pessoas. Entre 20.000 imigrantes Han somados a toda a tropa trazida pelo General Cheng totalizava 30.000 mil pessoas, sendo esta a primeira imigração em massa para Taiwan. Por esse motivo a população aumentou consideravelmente. O General Cheng propôs, também, à Companhia das Índias Holandesas, que as terras do leste seriam nomeadas o *Campo de Todos*. Dividiu as terras para residências oficiais e quartéis. O General Cheng também permitiu que as famílias de funcionários do governo pudessem adquirir terras de acordo com o número de pessoas, no espaço que chamou de Terras Privadas ou Terras Oficiais. Com a divisão das terras, os militares não se apossaram mais das terras que eram dos aborígenes e dos imigrantes Han. À expansão das terras agrícolas ao sul de Taiwan, chamou-se Campo das Estações e a produção aumentou gradativamente. Tempos mais tarde a

proposta de Cheng foi ampliada para o comércio e para a exploração além mar.

3.2.4 - A Morte do General Cheng Ch'eng Kung

O general Cheng Ch'eng Kung faleceu um ano depois de retornar a Taiwan, no mês de maio de 1662, aos 38 anos de idade, antes de cumprir a promessa de destruir Ch'ing pelo que ele fizera a seus pais e a sua esposa. Foi reconhecido como herói por expulsar os holandeses e levar desenvolvimento a Taiwan.

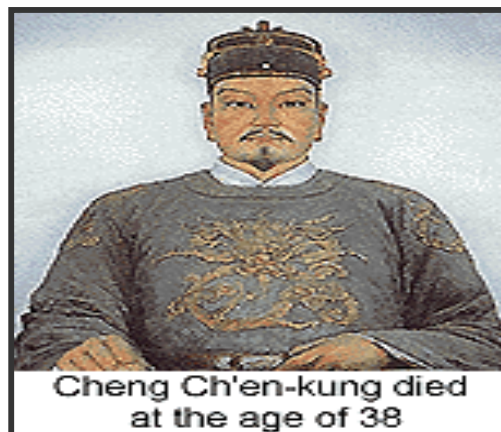


Fig.75 Cheng Ch'en-Kung morreu ao 38 anos de idade

Durante a ocupação japonesa em Taiwan, o príncipe Yeng-Ping construiu um templo em honra à Família Cheng. Pelo seus feitos em prol do país, Cheng Ch'eng Kung foi divinizado como “deus do pioneiro santuário”.

Três gerações lutaram pelas mesmas causas, o pirata Cheng Zhi-Long, o general Cheng Ch'eng Kung e por fim seu filho Cheng Jing.

Por ocasião da morte de Cheng Ch'eng-Kung, seu filho Cheng Jing se encontrava na Província de Fukien (China Continental).

Cheng Jing havia tido um filho com a babá do seu irmão mais novo Cheng Shih-Si. Essa relação enfurecera seu pai que o deserdou da sucessão, portanto, Cheng Shih-Si seria o sucessor imediato após o falecimento do general. Sabendo disso, Cheng Jing conduziu suas tropas para Taiwan, afim de lutar pelo direito à sucessão. Venceu e tornou-se o sucessor no reinado Cheng.

Cheng Jing também comandou várias expedições para a Manchuria, numa tentativa frustrada de cumprir um antigo sonho de seu pai, o de restabelecer a Dinastia Ming.

Em 1664, Cheng Jing mobilizou sete tropas e milhares de combatentes com suas respectivas famílias levando-as a Taiwan. Elas eram compostas de adversários de Ch'ing (os anti-Ch'ing). Ch'ing permaneceu no Continente com receio das tropas de Cheng Jing. Fixando sua base então em Taiwan, Jing incorporou a tropa da ilha de Penghu e as duas guarnições ao norte e ao sul de Taiwan. Organizou um sistema administrativo de cadastramento da população, de cidades, ruas, bases, etc...

Cheng Jing empenhado por mais de 18 anos numa batalha frenética na Manchúria, confiando todos os assuntos governamentais a Chen Yung-Hua, ministro estatal desde o tempo do reinado de seu pai Cheng Ch'eng Kung, procurou dedicar-se um pouco aos negócios da família. Faleceu prematuramente em 1681.

No comando, Chen Yung-Hua, com sua habilidade e astúcia estruturou o sistema de cadastro familiar, o sistema de administração, aprimorou as habilidades da população, promoveu o comércio exterior para gerar mais renda para Taiwan e criou a “Fundação Realeza do Governo Cheng”.

Chen Yung Hua, era um ministro distinto e discreto, raramente aparecia em público, mas quando se tratava restabelecer a ordem, as políticas sociais e sistêmicas, era severo e opressivo e a população sofria.

O legado dos Cheng foi estimular a população das províncias litorâneas para que fossem para Taiwan; esse movimento migratório se deslocou por várias regiões da Ilha: Tan-Sui, Keelung, Taipei, Taoyuan, Miaoli, Changhua, Kaoshung entre outros²⁵⁸, o que resultou num aumento da população taiwanesa.

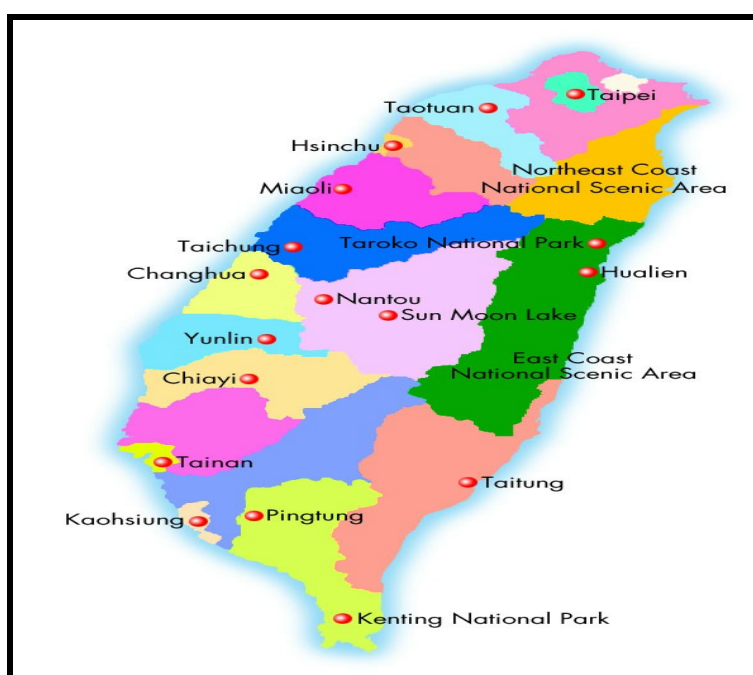


Fig. 76- Mapa de Taiwan²⁵⁹

Com todos os tributos recolhidos do povo, o regime Cheng era considerado financeiramente estável, porém seus gastos eram demasiadamente elevados. A inquietação do povo contra o aumento dos impostos abalou o regime de Cheng, causando brigas e desavenças internas. A pretensão da realeza Cheng e de seus seguidores, era a união e a construção de uma fundação para um regime de paz. As brigas e desavenças internas eram sem

²⁵⁸ ver mapa Taiwan p. 179

²⁵⁹ www.Princeton.edu/~jdonald/taiwan.map.jpg

fim, e com a morte do líder, os familiares e os partidários travaram uma luta de poder que enfraqueceu a comunidade Cheng.

3.2.5 - Aborígenes²⁶⁰

Segundo estudos dos antropólogos chineses há duas teorias sobre a origem dos aborígenes, os primeiros que se estabeleceram em Taiwan. Alguns afirmam que vieram de Malaya e que a influência cultural é proveniente da Índia. Outros asseguram, pelas pesquisas arqueológicas, que esses primeiros habitantes de Taiwan vieram da China Continental

Os artefatos pesquisados (machados, cerâmica áspera e vermelha e instrumentos de bronze com decorações, entre outros), encontrados em Taiwan são característicos da região da Indonésia. Esses dados revelados por arqueólogos chineses apontam indícios de que os aborígenes são relacionados aos indonésios, aos malayo-polinésios e racialmente são classificados como protomalaios.

Atualmente em Taiwan existem dez tribos de aborígenes: Atayal, Saisiyat, Bunun, Tsou, Paiwan, Rukai, Puyuma, Ami, Yami e Thao. Cada grupo tem sua língua, mas há algumas características comuns entre eles: o gosto pela tatuagem, os nomes dos filhos idênticos aos dos pais, a realização de rituais fúnebres em ambientes fechados, a criação de seus próprios santuários e a cura das doenças realizadas pelos shamans femininos.

Os Atayal estão espalhados ao norte de Taiwan (Pu-li, Hua-lian). Suas moradias são semi-subterrâneas, empilhadas de troncos e os telhados verticais feitos de sapé. A alimentação dos Atayal é à base de milho, arroz, batata doce,

²⁶⁰ Dados fornecidos pelo Aboriginal Culutre Park. Address N° 104 Fongjing, Beiyie Village Majia, Pin-dan County –Taiwan.site www.tpg.gov.tw/tacp/home.htm

etc... Os homens e as mulheres tatuam seus rostos como adorno pessoal. Costumavam enterrar seus mortos debaixo de suas moradias; esse ritual desapareceu há quase um século. Acreditavam que dos espíritos dos mortos e de outros espíritos que eles chamavam de Utux emanavam poderes sobrenaturais.

O sistema de parentesco dos Atayal é bilinear, com tendência à família nuclear, mas preferem a moradia patrilocal. Há vários líderes da comunidade para grupos ritualísticos, mas controlada por uma autoridade política e econômica. A sociedade dos Atayal não aceita de imediato estranhos em seus grupos.

Os Saisiat formam o segundo menor grupo aborígene e vivem nas regiões montanhosas ao norte de Taiwan, nas áreas de Wu-Fong e Hsin-ju e também estão espalhados em Nan-juan, Se-tan, Miao-li. Eles foram ameaçados e agredidos por muito tempo pelos seus vizinhos, os Atayal, e mais tarde, assimilaram influências culturais dos seus agressores.

Os Saisiat viviam da agricultura, da caça e pesca em rios. Foram os primeiros que tiveram influência cultural dos chineses de origem Han e também adotaram sobrenomes chineses.

Os Bunun localizam-se ao centro de Taiwan (Nan-Ton, Sam-Mi, Kaohsiung, Hai-duan e Tai-don). Além do cultivo do milho e dos feijões, por golpes de queimada abafada, técnica que é típica do grupo, também caçavam, sendo esta uma das principais atividades. Construíam suas moradias inclinadas em ladeiras, fixadas com pedras e terra, formando uma estrutura com um grande pátio.

Os Bunun são patrilineares, com uma extensa família aproximadamente de 20 pessoas que moram na mesma casa e se agrupam em aldeias. O sistema patriarcal é severo e absoluto, enquanto divisão de trabalho familiar. Existe

uma norma de produção, de convívio e de consumo que eles chamam de grupo-compartilhado, isto é, todos os tipos de produção são voltados para o grupo, com o acúmulo das possíveis riquezas. Estratificação social não existe na sociedade Bunun.

A arte, na concepção deles (cerâmica, pintura, confecção de tecidos ...) e a música, são uma tradição forte dos Bunun. Os trabalhos realizados em cerâmica têm formas geométricas impressas. As convicções religiosas dos Bunun são de tradição oral e eles, também, fazem oferendas à lua. Eles acreditam na existência de um espírito guardião, sendo este quem determina a habilidade inata de cada pessoa. Têm seus shamans masculinos e femininos, que são responsáveis pela feitiçaria e tratamentos das doenças.

Os Tsou estão distribuídos no centro (mais aos sul) de Taiwan - Alisan, Sin-yi, Na-ton, Tau-yaun, San-min na cidade portuária de Kaohsiung²⁶¹. Dependem basicamente da agricultura praticada nas terras das montanhas, onde estão localizadas também as suas moradias; estas são arredondadas nos cantos, formando uma espécie de cúpula amoldada, telhados de sapé que se estendem até o chão.

Os homens Tsou participam de reuniões em centro religioso e político, semelhante ao Kula. As atividades levadas a cabo no sistema Kula aumentam a solidariedade social do clã. A unidade política é constituída por várias tribos pequenas e clãs que estabelecem a hierarquia de poder e de riqueza.

Malinowski escreve que:

“ O Kula é uma forma de troca e tem caráter intertribal bastante amplo; é praticado por comunidades localizadas num extenso círculo de ilhas que forma um círculo fechado. Portanto, uma

²⁶¹ pode ser encontrado escrito: Kaohsiung, Kaoshung , mas deixamos como está no mapa de Taiwan

instituição enorme e extraordinariamente complexa, não só em extensão geográfica, mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca um enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes de modo a formar um todo orgânico.”²⁶²

Os Tsou são patrilineares, as posições mais altas são dos chefes líderes de guerra e dos anciões que ocupam uma posição diferenciada. Essas hierarquias são distintas entre os Atayal e os Bunun.

As culturas dos Paiwan e dos Rukai são muito próximas. A ocupação principal deles é a agricultura. As casas tanto dos Paiwan quanto dos Rukai são semelhantes às dos Bunun. Em sua estrutura são utilizadas madeiras e pedras. Ambas as tribos costumam esculpir figuras ancestrais nas portas das casas, nas pedras ou em painéis que ornamentam seus lares.

Os Paiwan, matrilineares, atualmente são considerados bilineares. A maioria dos matrimônios são matrilocais. Outrora os Paiwan faziam distinção de classes, e os matrimônios interclasses eram formalmente proibidos. Eles estão radicados ao sul de Taiwan na cidade de Ping-Tung²⁶³. Entre os Paiwan existem nove grupos étnicos.

²⁶² Malinowski. Os Pensadores. São Paulo: Victor Civita, 1978. Cap. III – p.71 e 72

²⁶³ pode ser também encontrado escrito : Ping-Tung, Ping-Dong, Pin-Don , ou Pin-Dan vai de acordo com Mandarin Cantones, ou os vários dialetos. Para o texto usaremos Ping-Tung.



Fig. 77 - Tribo Paiwan



Fig.78 – Tribo Rukai

Os Puyuma também centravam sua economia na agricultura, colhiam milho, batata doce, feijão, etc... Eles vivem em uma área ao sudeste de Taiwan. Tiveram muita influência dos Paiwan e dos Rukai.

Os Puyama têm um sistema de parentesco multilinear com ritual de grupos. A herança de família vai para a filha primogênita, mas o sistema de parentesco é bilinear. Além disso, eles têm uma sociedade estratificada composta de nobres e cidadãos comuns. Porém, o matrimônio entre as duas classes não é proibido. A unidade básica maior dos Puyama é determinado por um *samawan*. São chamados *karumangan*, os principais adoradores ancestrais, o clero dos clãs. De 1964 para cá, houve três grupos responsáveis pela performance das cerimônias de colheita duas vezes ao ano. Cada *samawan* tem um *karumangan*, ou centro de adoração de antepassado, e um *parakoang*, ou centro de reunião dos homens. *Karumahan* do mesmo nome pertence ao mesmo antepassado. *O parakoang* é aceito para ser membro aos 15 anos de idade. E cada *Samawan* é dividido em *saja munan*. Mais tarde são compostos os grupos de família que compartilham o mesmo antepassado e assumem o coletivo, nomeando, dentre eles, um membro para o clã principal.

O poder de um chefe é simbolizado pela capacidade de transferir o conhecimento tribal dos seus antepassados e não em monopolizar a terra como fizeram os Paiwan e Rukai.

Os Amy, em termos populacionais, são um dos maiores grupos vivendo na planície de Taiwan. As casas são tradicionalmente construídas bem rente ao chão, com vigas e postes de madeira dura; para as vigas subsidiárias é usado o bambu. As paredes são camadas dobradas de bambu entrançado com sapé para proteger do vento frio.

Com produção considerável na agricultura, os Amy conseguem suprir as necessidades da aldeia onde habitam aproximadamente mais de mil membros que residem na Tradicional Vila Amy.

Os Yami vivem, quase exclusivamente, na ilha de Orquídeas, e se relacionam com os habitantes das ilhas de Batan nas Filipinas.

O idioma dos Yami é um dialeto batanense que é mutuamente compreensível entre eles. O dialeto é também semelhante ao dos Paiwan.

Os Yami são um dos únicos grupos aborígenes de Taiwan que ainda preservam a arte de fabricação de cerâmica.

As responsabilidades atribuídas aos homens da tribo Yami são: a construção dos barcos e das casas, a pesca, o trabalho na agricultura (compartilhado com as mulheres). Confeccionam, também, cestos, moldam cerâmicas e trabalham com metal. As tarefas das mulheres são: cozinhar, trabalhar na agricultura, confeccionar tecidos, moldar em cerâmica produtos que podem ser utilizados na cozinha (panelas, louças de barro, copos, entre outros). Elas, também, preparam recipientes “sacrificatórios” em tamanhos variados, para enterrar seus mortos.

As construções das casas dos Yami são parecidas com as dos Paiwan, Rukai e Bunun, porém há uma parte da casa que é mais elevada, chamada de

Tagakal, que pode ser usada para dormir ou como lugar de trabalho quando o dia está muito quente.

A pesca é o centro da economia dos Yami. Eles criaram uma cooperativa básica como uma unidade de distribuição. As pescas são realizadas por nativos de aldeias da mesma região. A cerimônia da pesca faz parte da cultura dos Yami. Além da pesca, eles cultivam a terra, plantando milho, batata doce...

Os Yami vivem em famílias nucleares e tendem ao sistema patrilinear. A mulher mais velha da grande família geralmente é chefe da casa. Por outro lado, os homens exercem autoridade nos conselhos da aldeia. Cada conselheiro tem custódia das aldeias que necessitam de ajuda, essas questões são discutidas nas reuniões dos homens. Os Yami têm seus mitos cosmogônicos que só podem ser recitados por “padres” de linhagem masculina.

Os Yami não têm shamans porque eles acreditam que os espíritos exercem uma má influência e são danosos; sentem muito medo de serem perseguidos por eles, mas acreditam que os amuletos mágicos são protetores eficazes contra o mal e contra tudo o que for prejudicial.

Essa tribo tem conhecimento diferenciado em termos de decoração, adoram enfeitar com adornos muito coloridos suas canoas cobertas, que têm capacidade para transportar oito a dez pessoas de uma só vez.

Eles são os únicos aborígenes de Taiwan que não praticam a caça de cabeças. Adoram celebrações, principalmente quando se lança um barco novo ao mar. Esta é uma das mais belas e mais notáveis cerimônias dos Yami.

Quanto aos outros grupos aborígenes existentes: Ketagalan, Luilang, Favolang, Kavalan Taokas, Pazeh Papora, Babuza, Hoanva, Siraya, foram sendo diluídos ao longo de quatro séculos pelos casamentos com os chineses Han e nenhuma dessas tribos sobreviveu como grupo distinto.

Capítulo IV

Memória da Alma

“Navegando, com olhos da memória, vejo personagens que fazem parte do que sou hoje. Fronteiras se estendem, transparentes, revelam detalhes do interior”.²⁶⁴

As entrevistas realizadas para o estudo desta tese foi o meio utilizado para investigar a adaptação e o processo de envelhecimento dos imigrantes chineses da etnia Hakka no Brasil. Na atmosfera do ambiente, na confiança que lentamente se estabeleceu durante as entrevistas, percebi que os entrevistados além de fornecer os subsídios de acordo com o roteiro da entrevista, quiseram deixar o registro das suas histórias de vida. Para além dos objetivos que propuzemos a eles, e porque não! por meio de suas histórias quiseram contribuir e enriquecer não só na pessoa do outro, na sua singularidade, mas, também como uma postura diante da vida, abrindo espaços para novas aventuras.

No contexto mítico, recordar significa resgatar o momento de origem para o tornar “*eterno*”, nem que seja por um instante, em discordância da vivência ordinária em relação ao *tempo* e a algo que ecoou e se perdeu, conferindo desse modo a “*imortalidade*”.

O *tempo* e a *imortalidade* trazem a presença dos deuses, com os exemplos míticos dos heróis, e ainda hoje baseamo-nos em modelos e também fazemos deles exemplos, que nos colocam novamente na presença das

²⁶⁴Juliano.C.J. A Arte de Restaurar Histórias: um diálogo criativo no caminho pessoal. São Paulo: Summus. 1999, p. 86.

tradições dos antepassados. Assim nos conduzem no papel da memória que não é apenas um simples reconhecer de essências e de conteúdos do passado, mas também está unida ao movimento da psique que insiste em transcender e transparecer em todo ou parte deste passado. É como “mágica (*abra Kadabra*)”, fazer aparecer no sentido mítico e ingressar a consciência na história e depois desaparecer ou submergir sob o domínio do esquecimento. Vernant refere-se ao esquecimento em Platão.²⁶⁵

Nos diria Platão, em *O Banquete*²⁶⁶ que "a natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal".

Jean-Pierre Vernant, em *Mito e Pensamento entre os Gregos* diz que “o esquecimento é água de morte, ao contrário, Memória aparece como uma fonte de imortalidade”²⁶⁷.

Ao que dizem Platão e Vernant, o lugar da memória é então o lugar da imortalidade.

Em Platão, o amor do belo é o que desperta na alma e também nas lembranças o conhecimento das idéias perfeitas, prescionadas pelo processo “encarnatório”, (compreendo como sombra psíquica)²⁶⁸. Ao passo que a forma da atividade amorosa (procriação), poesia, legislação, garantem à *memória das virtudes* que conservamos e que garantem a *imortalidade glorificada e memória*, nas obras produzidas e deixadas às gerações, como Platão

²⁶⁵ Vernant refere Platão, o mito platônico da República: as almas sedentas devem evitar beber no rio da planície de Lethe uma água ‘que nenhum recipiente poderia reter’. E que, ao lhe trazer esquecimento, devolve-a à geração. Em Platão, este esquecimento, que constitui para alma, o erro essencial, a sua própria enfermidade, não é nada mais que a ignorância.

²⁶⁶ Platão. *O Banquete*. Coleção Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1972. p.45

²⁶⁷ Vernant, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Ed. USP, 1993. p.79

²⁶⁸ Vernant em *Mito e Pensamento entre Gregos*, refere em que Maurice Halbwachs comenta, a *psyche* não é em Platão a vida nem as funções psíquicas, ela é o seu decalque do mesmo modo que em Homero ela era o decalque do corpo. Este “duplo espiritual” que se desprende, após a sua morte, do homem interior e lhe sobrevive, permanece, para Platão[...]. Cada alma imortal está, com efeito, ligada a um astro, ao qual o Demiurgo o atribuiu, e para o qual ela volta quando se purificou pela reminiscência. 972. p.94

mencionou em *o Banquete referindo-se às obras de Homero e Hesíodo*²⁶⁹. Pois é nas obras que permanecem a cultura, os valores, a expressão mais sublime do pensamento e do sentimento humano coletivos.

Se a vontade da imortalidade é dar lugar à Memória, podemos refletir no que diz Platão, sobre a imortalidade que fornece duas formas de amor, entre (homem e mulher), no sentido sexual – procriação –. A imortalidade é entendida no sentido genético. A outra forma indica que o ser humano pode gerar idéias, poesias – conhecimento – e viver pelo menos por mais alguns momentos ou (para sempre). O conhecimento, em Platão, é entendido como reminiscência.

Junito Brandão²⁷⁰, tem a benção de Zeus. Mnemósine, personifica memória, uniu-se a Zeus durante nove dias consecutivos. Dessa união nasceram nove filhas: As Musas que tinham como função presidir as diversas formas do pensamento. Só a deusa Memória poderia ser tão completa em sua fecundidade para dar vida às nove Musas das artes, entre elas *professoras e* suas poesias em *therapontes* (terapias).

Com olhar de psicóloga digo que as salas de análise são templos sagrados de Mnemósine, lugares em que podemos deixar que o nosso passado se expresse, venha à tona e finalmente nos preste conta no sentido mítico e poético.

A memória nos auxilia o encontro de nós mesmos, com as pessoas e as coisas que povoam nossas lembranças e também identifica-nos como indivíduo e como coletividade. A imagem pertencente a um tempo longínquo, numa cronologia distanciada, em que a memória nos permite escrever mesmo que estas linhas sejam traçadas em sequência incoerente. A memória não está

²⁶⁹ Platão. *O Banquete* p.46

²⁷⁰ Brandão, Junito. *Mitologia Grega*. Vol I, Petrópolis: Vozes,1994.p.45

apenas no passado emergido pelo ato da recordação, mas presente em nossos corpos, em nossa linguagem e em nossos valores. O passado é marcado em gestos, em reminiscências ou lembranças que apoiamos na releitura que o mito reflete. Assim, Mnemósine nos ensina, que a terapia é individual e que o passado é divino, infinito e humano.

Henri Bergson em sua obra *Matéria e Memória* iniciou os primeiros estudos da memória e do esquecimento ao abordar e atenuar o espírito e a matéria, que ele denominou um conjunto de ‘imagens’:

E por ‘imagem’ entendemos uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama de coisa – uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a representação’ »²⁷¹.

Bergson nota que a concepção da matéria é puramente do senso comum. Fala da dualidade entre o objeto e o espírito no sentido filosófico. Ele traz uma discussão apontada por Berkeley existente em *seu espírito e para seu espírito*, quando o objeto é visto e tocado pelo interlocutor. Para este, o objeto existe independentemente da percepção de sua consciência. Mas por outro lado, segundo Bergson, se afirmarmos ao interlocutor que o objeto é diferente daquilo que ele percebe, que não tem nem a cor atribuída a ele pelos seus olhos e nem a resistência que sente em suas mãos, com certeza ele ficaria espantado. Bergson afirma então que: “...para o senso comum, o objeto existe nele mesmo e, por outro lado, o objeto é a imagem dele mesmo tal como a percebemos: é uma imagem, mas uma imagem que existe em si”.²⁷²

²⁷¹ Bergson.H. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes. 1999, p.01

²⁷²idem p.2

Em outras palavras, o espírito precede a matéria tal como ele a percebe e por sua vez ele a percebe como imagem, para tornar-se a própria imagem. Bergson, então atribui a matéria como princípio catalisador da lembrança e do esquecimento.

Jacques Le Goff²⁷³ menciona Pierre Janet que considera o ato menmônico fundamental:

“... ‘é o comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”. Conclui Florès (apud Le Goff)²⁷⁴

Ecléa Bosi também faz uma referência à memória como função social. A lembrança é desempenhada, não significando que as sensações se enfraqueçam, mas há um deslocamento no interesse com que o indivíduo, ao refletir, se encaminha em direção a *quintessência do ser vivido*. Transcende e torna clara, a quantidade de imagens, que no ato de relembrar exige um *espírito desperto*, para não confundir com a sua vida atual, o que já foi, reconhecendo, assim, as lembranças mesmo antes de transformá-las em imagens.

“Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ele não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição ”²⁷⁵

²⁷³ Le Goff Jacques História e Memória. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Borges. Campinas: Unicamp, 1996. p.424

²⁷⁴ idem p.425. –In Florès, J. 1958 Les archives, Presses Universitaires de France, Paris.

²⁷⁵ Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. p.39

Myrian Santos²⁷⁶ comenta que nos meados do século IX, Hermann Ebbinghaus, psicólogo, formulou um novo conceito quando realizava pesquisa experimental e qualitativa, no campo das indagações e da memória. A memória, então, passaria a ser considerada medida objetiva e qualitativa por meio de respostas obtidas e não mais um complexo mental.

Maurice Halbwachs surge três décadas mais tarde para estabelecer o conceito de memória coletiva para aplicação nos quadros sociais reais e servir de apoio na reconstrução do que ele chamou de memória. Interessando-se pelos trabalhos de Durkheim sobre suicídio e pelos de Bergson sobre memória e matéria, se apoiou em seus estudos e reflexões ao tratar do conceito da Memória Coletiva; utilizou também as referências de Einstein sobre o tempo, assunto que não é mais privilégio dos físicos, mas pode ser objeto de estudo e entendimento em outros ramos do saber.

O autor atesta que *o depoimento* só tem sentido em relação ao grupo, uma vez que, supostamente, o acontecimento é vivido em comum e portanto depende do grupo ou do indivíduo que o atesta. Mas a memória individual tem raízes dentro dos moldes simultâneos e na memorização pessoal que ele mesmo aponta:

“ ... situa-se na encruzilhada engajada. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembranças, porque a traduzimos em uma linguagem” ²⁷⁷.

Seguimos o referencial teórico do mito da deusa Mnemósine (a mãe da psicologia e deusa da memória), também em Halbwachs, Thompson,

²⁷⁶ Santos, M.S. Memória Coletiva e Teoria Social. São Paulo: Annablume, 2003 p.12

²⁷⁷ Halbwachs.M. A Memória Coletiva. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.p.14

C.G.Jung e Ecléa Bosi entre outros autores, para nos apoiarmos na construção do pensamento deste capítulo *Memória da Alma*. Para C.G.Jung: “ A alma é ao mesmo tempo mãe de toda ciência e vaso matricial da criação artística. Assim pois seria lícito esperar que as ciências da alma pudessem ajudar no tocante ao estudo...”²⁷⁸

Em Jean-Pierre Vernant, a alma define bem em cada indivíduo o que ele verdadeiramente é.

Este texto enfoca o efeito positivo de uma terapia da reminiscência por meio da história oral de vida dos entrevistados que poderia ser útil para outras pessoas, assim como para eles mesmos.

“Isso não se dá apenas com idosos ainda ativos e interessados pela vida. Outro desenvolvimento recente da história oral muito surpreendente foi a terapia da reminiscência. Cada vez mais os especialistas em envelhecimento têm reconhecido que entregar-se a reminiscências pode ser uma maneira interessante de os idosos manterem o sentimento de sua identidade em um mundo em mudança. Ainda notável, isso pode ser utilizado para reanimar o espírito de quem está profundamente alienado e deprimido, e até mesmo uma forma de tratamento de idosos psicóticos ou dementes”²⁷⁹.

A espontaneidade de expressão pode nos oferecer ajuda ou dicas importantes para o estudo e mais ainda, restabelecer a auto-identidade desses entrevistados. Eles, também, estariam dando forma consciente a Si mesmos, redescobrimo sentimentos e elaborando-os, na medida em que, ao relatar a

²⁷⁸C.G.Jung. O Espírito na Arte e na Ciência. Petrópolis: Vozes, 1985: p.74 -5

²⁷⁹ Thompson, P. A Voz do Passado: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 40

história de vida, se afirmam e se inserem, promovendo de uma maneira subjetiva a reintegração social.

“A mesma subjetividade que alguns vêem como fraqueza das fontes orais pode também fazê-la singularmente valiosa. Pois a subjetividade é do interesse da história tanto quanto os ‘fatos’ mais visíveis. O que o informante acredita é, na verdade, um *fato* (isto é, o fato de que ele acredita nisso) tanto quanto o que ‘realmente’ aconteceu’ ”.²⁸⁰

Thompson ressalta o valor do passado para a História e apóia-se em três pontos fortes: primeiramente fala da demonstração e do que pode proporcionar a informação significativa com sua existência, de algum modo, única no passado; um segundo ponto é o que pode ser transmitido às consciências individual e coletiva que são partes integrantes desse mesmo passado. E por fim as fontes vivas orais que constituem o terceiro ponto.

“Se o estudo da memória ‘nos ensina que todas as fontes históricas estão impregnadas de subjetividade desde o início’, a presença viva das vozes subjetivas do passado também nos limita em nossas interpretações, e nos permitem, na verdade obrigam-nos, a testá-las em confronto com a opinião daqueles que sempre, de maneira fundamental, saberão mais do que nós”²⁸¹

As lembranças dos entrevistados, apoiadas no referencial teórico da Memória e História Oral, permitem-nos conhecer alguns aspectos do grupo

²⁸⁰ Apud Thompson, P. **In Porteli Alessandro**. A voz do Passado: história oral. 2ª ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.. p.183

²⁸¹ idem p.195

minoritário Hakka. A memória social, sendo uma contribuição teórica na área das ciências sociais, traz a possibilidade de explicar não somente as diferentes variáveis da memória, como também, um especial relato pessoal. Por sua vez, o relato pessoal somado a outras histórias, pode nos dar subsídios para a *reconstrução* sociológica.

O curioso desses relatos, ainda mais em se tratando de idosos, leva Pretti a fazer uma observação que merece ser registrada:

“A rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação, que vão desde as datas constantemente citadas para situar o que os falantes chamam de “nosso tempo”, até as indicações de lugares, menção a objetos, valores monetários, marcas comerciais, pessoa, instituições, acontecimentos públicos situados no passado”²⁸²

Jacques Le Goff encara a memória como um conceito crucial. A memória tem a função de preservar certas informações, remetendo-nos ao princípio de estrutura psíquica em que as pessoas atualizam informações passadas, ou que representem como passado.

Trata-se aqui da reminiscência do senhor Shy (80 anos), engenheiro civil aposentado, que apresenta características bem marcadas do que foi enfocado sobre os Hakka, cujo espírito se mantém vivo na alma dele mesmo após a sua longa permanência no Brasil.²⁸³

²⁸² Pretti. Dom A Linguagem do Idoso: um estudo de análise de conversação. São Paulo: Contexto, 1992. p.56

²⁸³ faleceu em 2002

4.1 - Reminiscências

4.1.1 - Senhor Shy

80 anos de idade, engenheiro aposentado.

— *Os Hakkas vieram do interior do continente e tinham por princípio o trabalho coletivo em torno da agricultura.*

Tanto os Fu Lau quanto os Hakka povos oriundos do mesmo continente, mas de costumes completamente diferenciados um do outro, na fala, na religião, no modo de vida. Por causa dessas diferenças surgiram conflitos armados e hostilidades entre esses dois povos.

Durante a invasão do Japão em Taiwan, os japoneses ensinaram o seu idioma, sua religião e sua cultura numa tentativa de promover a unificação cultural. Foram iniciados os movimentos políticos taiwaneses contra essa tirania cultural e doutrinária, porém, sufocados, com a força militar. Mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial o espírito e o pensamento do povo japonês se manteve. Eles impuseram também o pensamento de que o imperador descendia da divindade (Amaterazo). Construíram templos para adoração dessa divindade, obrigaram os taiwaneses a participar das festas religiosas japonesas e também cultuar os antepassados. Além disso, a total obediência ao imperador japonês. Todas manifestações religiosas do povo taiwaneses foram proibidas.

As crianças que estudaram a cultura japonesa foram doutrinadas para crença da divindade e a perpetuação ao poder do imperador. Porém, os idosos taiwaneses, que desconheciam o idioma e a cultura japonesa concordavam aparentemente, mas no seu íntimo eram contra essa doutrinação cultural. Isso teve um reflexo prejudicial nos netos.

Assim, o sentimento do povo chinês da Ilha, em relação aos japoneses, era de reconhecer esse povo como conquistador e eles mesmos como os conquistados.

Após o término da segunda guerra em 1945, com a derrota do Japão, a Ilha de Taiwan é devolvida para a China Continental. O povo da Ilha estava confiante, acreditando que agora teriam um bom relacionamento com os chineses do continente. Porém, esses não viam dessa forma, acharam que os taiwaneses lutaram contra o povo

chinês do continente, aliando-se aos japoneses. Assim novamente os taiwaneses, se viram numa situação semelhante de “inimigo”, porém, agora, dos chineses do continente. Após a guerra muitos chineses do continente que foram para Taiwan, demonstraram o preconceito e a hostilidade para com os taiwaneses. Esses sentimentos fizeram com que eles (o povo da ilha) distanciassem dos chineses do continente.

Em 28 de fevereiro de 1947 houve um episódio que provocou uma explosão de conflito, entre os taiwaneses e o povo do continente, imigrados após a guerra de 1945. O pivô do acontecimento foi que um senhor chinês do continente agrediu uma senhora taiwanesa que vendia cigarro. Foi decretado lei marcial para debelar a agressão e o conflito civil entre as partes.

Até 1987, durante quarenta anos a família do Chiang Kai Chek comandou ditatorialmente a Ilha de Taiwan. O povo taiwanês chamava o povo da China Continental de forma ofensiva de “os invasores”. Estes, por sua vez, consideravam a Ilha de Taiwan uma extensão do governo central (província rebelde).

Eu vivi esses acontecimentos citados anteriormente senti-me na ocasião “órfão de pai e mãe”. A minha vinda ao Brasil foi em 1961 e não sei muito bem o que aconteceu antes e depois.

Nasci em no dia 06 de novembro de 1924, na família Hakka, no sul de Taiwan. Somos em sete irmãos, sou o filho mais velho, porém antes de mim, tive um irmão adotivo. Eu desconheço quando os meus antecessores (Hakka) imigraram para Taiwan. Eu sei que sou da quinta geração. A primeira geração deve ter imigrado a 125 anos.

Fui estudar na escola primária na época da ocupação japonesa, portanto, obrigado a apreender o japonês. Na escola, as crianças taiwanesas não podiam estudar junto com as crianças japonesas.

Somente taiwaneses, filhos de professores chineses, funcionários públicos e policiais e famílias de modo geral que falavam fluentemente o idioma japonês obtiveram a permissão de freqüentar a escola nipônica. Essas crianças eram lapidadas (moldadas), recebiam a educação nipônica e conviviam com os filhos dos japoneses. Esse motivo fazia com que estas crianças (taiwaneses) se sentissem superiores em relação aos demais que não tinham esses privilégios. Como diz um provérbio chinês: “O Animal texugo(raposa) que pede emprestada ao tigre a sua superioridade”.

Venho de uma pequena cidade do interior de Taiwan. Estudei numa escola rural, o sistema educacional dirigido para formar agricultor, sabendo ler e escrever era considerado suficiente. Para nós não havia possibilidade de uma educação continuada que pudesse nos preparar para ingressar numa universidade, porque após formar filhos de agricultores; seriam agricultores também. Portanto, “filho de sapo, sapinho é”. Assim a “filosofia” era: para os conquistados, de baixa educação, para favorecer os conquistados. Semelhante a política colonial da Inglaterra, da Holanda, no sudeste asiático e na Indonésia, ou seja, a política do povo ignorante. Por isso, tanto os pais, quanto as crianças não pensavam na educação continuada. Mas, após as aulas, todas as crianças taiwanesas eram obrigadas a freqüentar terakoya²⁸⁴, são estudos filosóficos baseados na essência dos ensinamentos do Confúcio.

Minha família tinha dez hectares de terra, onde 4 hectares serviam para plantação de arroz irrigado²⁸⁵ e os outros seis hectares para plantação de banana, exportávamos para o Japão. Além disso, criávamos animais. Por isso, havia muito trabalho, não tendo tempo para descansar ou brincar. Como diz um provérbio japonês: “Qualquer ajuda era bem-vinda, até a pata do gato, servia”.

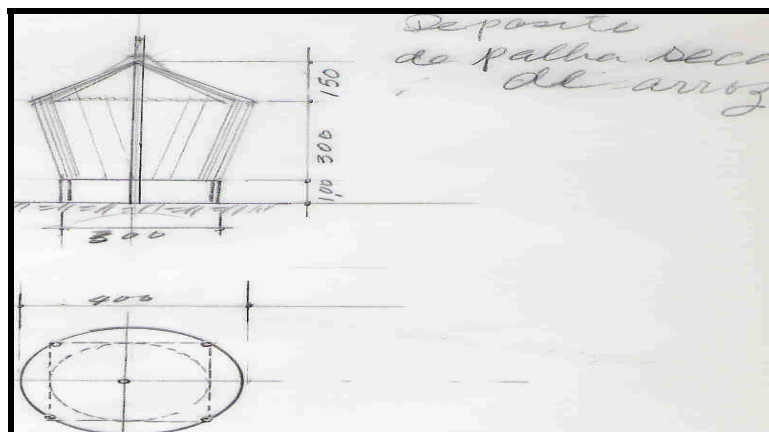
Em Taiwan não existem terras tão extensas quanto no Brasil. Por isso, criamos búfalos no sistema de confinamento. Esses animais eram alimentados com capim forrageira. Colhíamos o produto, após seco ao ar livre era enrolado e amontado na forma circular, de modo que a chuva não penetraria no centro desse rolo de capim. Por fim, guardados numa cobertura.

Na lavoura não se utilizavam produtos químicos, apenas esterco (retirados das fezes dos búfalos, porcos).

Os porcos eram criados com uma alimentação cozida a base de folha de batata doce, bagaço de soja e farelo de arroz. As lenhas utilizadas para o cozido advinham do rio, na época da enchente, acumulava muitos troncos e galhos de árvores na beira. Nós recolhíamos e secávamos.

²⁸⁴ Senhor Shy explica que **terakoya** significa qualquer aula dada por uma pessoa que tenha conhecimento sobre o assunto.

²⁸⁵ Plantação de arroz que fica imerso na água.



Desenho nº1 cobertura e rolo de capim

Durante as manhãs as crianças freqüentavam a escola. Após as aulas elas também trabalhavam, faziam serviços leves como cuidar da alimentação dos animais (porcos, vacas, galinhas...), retornando do trabalho ao anoitecer, cansados e sem vontade para estudar ou mesmo fazer as lições de casa.

No Ginásio

Naquela época as crianças ingressavam na escola aos oito anos de idade. Estudamos quatro disciplinas fundamentais. Dentro do sistema educacional japonês cursávamos os primários durante seis anos, terminando essa fase muitas crianças voltavam a trabalhar na agricultura, não continuavam a estudar mais dois (não obrigatório) do curso preparatório para escola secundária. Enfim, oito anos para concluir a escola fundamental, formando aos dezesseis anos de idade. Nesse período de dois anos no curso preparatório, agora relembro, aprendíamos uma aritmética (nível elementar), biologia e havia prática de esporte, o esgrima.

No município onde eu morava, havia uma escola ginásial. Durante a ocupação japonesa, eles arrecadaram os impostos dos taiwaneses para a construção dessa instituição. A freqüência era na proporção de 95% japoneses para 5% de taiwaneses. Por isso, pouquíssimas crianças taiwaneses obtiveram o curso ginásial. Havia muita concorrência, para aqueles que tinham pouco estudo, principalmente os que vinham da escola rural, sem chance ou qualquer esperança de ingressar nessa escola.

As escolas consideradas técnicas: agrícolas e veterinária, formação de professores (tipo normalista), comércio e indústria, os taiwaneses poderiam freqüentar sem distinção, ao contrário da escola ginásio.

Para ter uma idéia na Ilha toda havia duas escolas desses para toda a população, Portanto, as pessoas oriundas do interior rural não havia chance de ingressar numa dessas escolas.

Os meus pais me incentivaram a continuar os estudos. Durante três anos tentei prestar os exames adimensionais para o ginásio. Infelizmente não fui aprovado. Quando estava preste a desistir um amigo de infância de nome Fu Ku (apelido dele em japonês) veio me convidar para estudar no Japão.

A família naquela época plantava e comercializava ervas medicinais. Eles levavam uma vida tranqüila em relação às questões financeiras, podendo assim custear os estudos do meu amigo no Japão.

Eu continuava ainda indeciso sobre a tal proposta de estudar no Japão. Tinha apenas 16 anos. O meu amigo Fu Ku não queria estudar lá sozinho e novamente ele veio conversar. Pedi conselho aos meus pais e ao meu irmão adotivo. Tínhamos boas condições financeiras, exportávamos bananas. Assim meus pais podiam me manter estudando no Japão.

Assim eu e o meu amigo fomos ao Tóquio. Não precisava de passaporte, somente uma autorização de viagem, podendo viajar livremente para o Japão.

Em Tóquio fomos procurar o Senhor Chung que morou na aldeia onde nasci. Ele nos orientou a freqüentar o cursinho preparatório. Durante quatro meses estudávamos gramática e cultura japonesa, também o idioma inglês, além da matemática entre outras matérias. Por fim prestamos o exame de admissão para ingressar no ginásio Ritsu Meikan em Kioto. Essa instituição particular existe ainda hoje, além do ginásio, tem também, o colegial e cursos universitários: direto, engenharia, arquitetura, indústria, química, comércio exterior, medicina...

Era setembro de 1940, segundo semestre do ano letivo. Iniciei no segundo ano do ginásio. Foram aprovados cento e oitenta alunos; dividido em três classes de sessenta alunos. Os melhores sessenta colocados ficavam na primeira turma, tiveram o privilégio ser ensinado pelos melhores professores da época. Obtive notas máximas, por isso, fui

para a primeira turma. Os professores da segunda e da terceira turmas chamadas de os “mais lentos” ou os mais atrasados, “não eram os mesmos da primeira turma. A mensalidade dessa escola em relação às outras escolas particulares existentes era considerada a mais onerosa”.

A escola Ritsu Meikan preservava yamatodamashi significa “amor à pátria”. Os japoneses nos observavam com certa desconfiança e indiferença, porque eramos imigrantes e sempre tínhamos tratamentos diferenciados na escola pelo departamento militar para assuntos de segurança.

Dia 8 de dezembro de 1941 com ataque Japão ao Pearl Harbor iniciou a guerra com os Estados Unidos da América e assim, dia após dia , ano após ano o Japão começou a ter racionamento em muitos produtos. E alguns comerciantes aproveitavam da situação, ofereciam produtos no mercado negro.

Em março de 1943, eu estava no quarto ano do ginásio. Era férias de inverno. Meu amigo Fu Ku queria me convencer de retornarmos a Taiwan. Como estávamos em plena da guerra, tive a sensação de que não deveríamos voltar para casa, devido os ataques submarinos dos inimigos, por isso eu não queria ir.

O pai de Fu ku era farmacêutico. E a família também comercializava ervas medicinais, como havia escrito anteriormente. Fu Ku foi comprar ervas medicinais de um comerciante coreano e comprou muito desses produtos para levar a Taiwan. Somente a passagem do meu amigo não daria para ele levar toda aquela bagagem. Então ele me convidou para voltarmos juntos. Assim com a minha passagem poderia incluir o restante de suas coisas. Segundo Fu Ku, queria ganhar dinheiro com a venda desse material. Apesar de achar que meu amigo, uma pessoa egoísta e sendo usado por ele para esse fim, acabei por ir.

Nós partimos no porto de Kobe, dia 16 de março de 1943, o navio Takatio Marú atravessava pelo Setonaikai, mar interno do Japão, depois pelo mar ao leste da China. Toda manhã às dez horas eramos obrigados a comparecer na plataforma do navio, para treinamento de utilização dos equipamentos de salva vidas, como coletes, apitos, botes e rota de fuga entre outros.

As acomodações da primeira e segunda categorias ficavam no centro do navio em frente aos botes salva, os da terceira, os aposentos ficavam na ponta ou na traseira do navio, não se via botes por nenhum desses lados.

Era notória a diferenciação entre as categorias, nos treinamentos não se indicavam para onde os botes da terceira categoria estavam. Apesar de ter participado dos treinamentos, acreditava que era somente uma per forma.

As regras naquela época da guerra; os estudantes, ricos ou pobres eram proibidos viajar na primeira ou segunda categoria. — "Pensava comigo, numa emergência não sobraria nenhum bote nós da terceira categoria.". E fui me conformando.

Os treinamentos continuavam naquela manhã do dia 19 de março. Cada qual ficava na direção dos seus respectivos aposentos. O meu ficava na ponta do navio. De repente senti um tranco no navio. Eu olhei para o lado direito do navio e avistei um filete branco sobre as ondas do mar aproximando do casco do navio e logo em seguida houve uma explosão . Todos os tripulantes ficaram apavorados. O treinamento agora ficou real. Sofremos um ataque do submarino americano que disparou três torpedos, o primeiro falhou e os dois atingiram o navio.

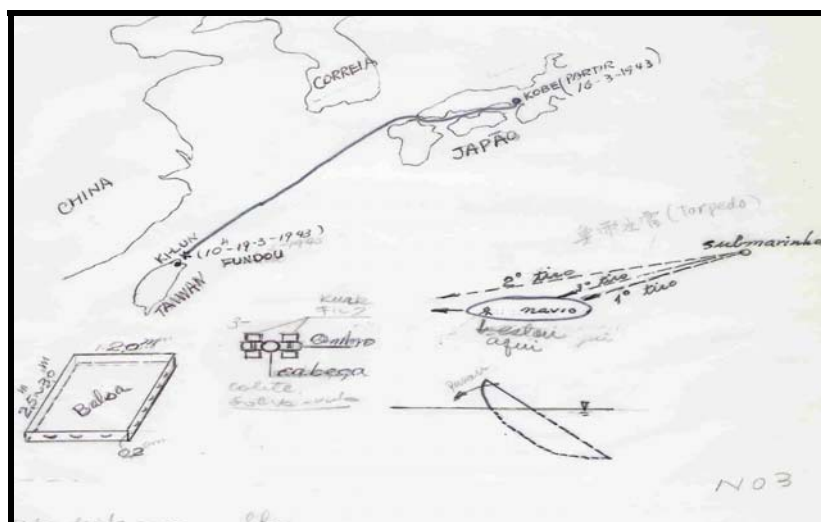
Mais tarde vim, a saber, que o navio afundou em quatro minutos. Nessa hora eu estava na ponta do navio e percebi que estava afundando. Vi pessoas caindo e batendo nos obstáculos. Era uma bagunça total. Eu estava pendura num desse aparador, tipo corrimão, ao lado esquerdo. Comecei a ter dificuldade de ficar pendurado, comecei a pensar: não adianta nada se eu ficar aqui segurando o corrimão, o navio está fundando, e vou ser sugado junto. Subi e fiquei montado em cima do corrimão. Na mesma hora que o navio virou para o meu lado direito, eu pulei para o lado esquerdo.

Dias antes, de embarcar li no jornal, os acontecimentos sobre as guerras e também sobre os procedimentos de emergência para quando um navio estivesse afundando. Estava escrito que o primeiro ato era nadar o mais rápido possível e ficar bem longe do navio que está afundando para não ser tragado pela águas. O segundo procurar não ficar isolado, tentar juntar o máximo de sobreviventes, ajudar os idosos e as crianças. Tudo isso veio a minha mente quando estava pendura a ponto de me atirar ao mar. Então me preparei para saltar do navio. Como pratiquei muitas vezes saltos em altura e sabia nadar fiquei

confiante. Para provar que estava calmo, pulei e disse a mim mesmo: “sinto a água do mar extremamente salgada”. Isso tornou –se mais tarde, uma tortura para mim.

Naquela ocasião os coletes de salva vidas eram de tecidos que cobriam a cortiça de 15 x 30 de largura, uma na frente e outra nas costas, eram atadas por uma cinta que vinham pelos ombros e outra pela cintura.

O navio afundava. Não tivemos chance de subir nos botes salva vidas. Havia dez botes pendurados, sendo cinco de cada lado. Esse navio foi o primeiro a receber ataque submarino. A tripulação não estava treinada para essa situação. Nenhuma pessoa estava nos bote. Ouviam-se muitos gritos desesperados de idosos e de mulheres, era como se estivesse no “inferno vivo”. Fiquei boiando no mar angustiado, mais tarde pareceu uma prancha e eu nadei rapidamente para me agarrar, várias pessoas que estavam por perto se aproximaram em volta desse objeto. A medida da prancha era de dois metros por três metros, aproximadamente. Como diz um provérbio japonês: “Quem está se afogando, agarra até na palha.”. E foi com esse ímpeto que me agarrei na prancha.



Desenho nº2- local do ataque, navio afundando, a prancha e o bote.

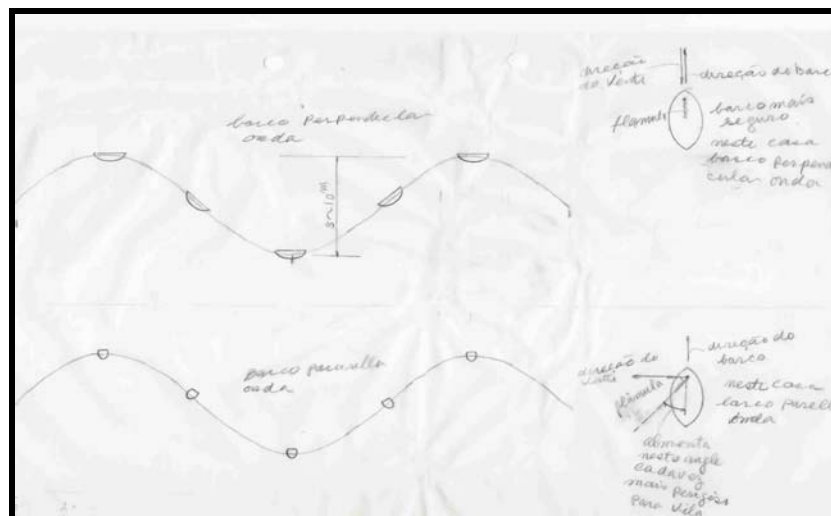
Fiquei horas às deriva sem esperança de ser salvo. Realmente estava nas mãos de Deus. Ao mesmo tempo, estava preocupado, ouvi alguém dizer que a água penetrava na cortiça do colete salva vidas, se isso acontecer logo, estaria afundando e também não sabia quando ia ser “alimento” de tubarão.

Nos dois dias que antecedeu o naufrágio, não me alimentei bem, estava enjoado causado pelas marolas. Assim, eu acabaria perecendo.

Todos em torno da prancha sofriam calados. Eu pensei: “do jeito que estava caminhando essa situação de naufrágio, minha vida ia terminar aos vinte anos de idade.” Então olhei para cima e o céu estava dourado, refletido pelo brilho do sol, as gaivotas voavam rentes ao mar; significava que a terra não estava tão longe. Apesar do tempo bom, o mar estava agitado, não se via nada naquele horizonte infinito. Naquele instante, uma das pessoas que estava perto de mim, percebeu que o seu relógio ainda funcionava e diz que os ponteiros marcavam cinco horas. O navio afundou por volta das dez horas da manhã, portanto estávamos sete horas no mar.

Comecei a falar para mim mesmo: “Ah! Gaivota se você tem dó da gente leve nosso pedido de socorro e avise as pessoas em terra para nos salvar”. Eu rezava desesperadamente e ficava com o pensamento firme na gaivota. De repente como que caiu do céu, um bote vazio se aproximando, não estava acreditando, nasceu um ânimo tão grande que nadei em direção ao bote, fui o primeiro a subi. Assim, as pessoas iam aproximando e ajudamos uns aos outros. Esse bote tinha pelos meus cálculos cinco metros de comprimento por dois metros de largura. Havia pelo menos noventa e cinco pessoas todos amontoados. Os coletes de salva vidas foram retirados e amarrados no bote para dar mais espaço as pessoas e ninguém podia se mexer de tão apertado que estava.

Esse bote com certeza era do nosso navio. A sorte estava conosco, dentro desses noventa e cinco pessoas; uns quatros pelo menos eram marinheiros. Retiram do compartimento desse bote a bússola, os quatro remos, o mastro e o pano, além de pãezinhos bem duros, guardados numa caixa. Que mais tarde foi dividido três para cada pessoa. Eu não consegui comer, pois, havia engolido água do mar e isso deixou minha boca e garganta ressecada. Os marinheiros prepararam o bote em direção a Taiwan, com a ajuda da bússola. O pano amarrado ao mastro era para saber a direção do vento, assim saberíamos também a direção da onda. Posicionando o bote sempre a 90°, isto é, em perpendicular às ondas, para controlar o equilíbrio e também para não virar bote. A média da altura das ondas eram aproximadamente de cinco metros de altura, visto do bote de baixo para cima. Nessa subidas e descidas do bote sobre as ondas parecíamos que estávamos “reverenciando” o tempo todo. O nosso corpo ia para frente e para trás.



Desenho n°3 – o movimento do bote no mar com os naufragados

Nos dias (19,20 e 21) que sucederam o naufrágio, passamos sem nenhuma vítima ou problema, graça aos marinheiros. Tirei meu chapéu para reverenciá-lo.

Na madrugada do dia 21 de março, um navio dez mil toneladas, com dois mil tripulantes nos avistaram e fomos recolhidos a bordo. A tripulação nos ofereceu canjas bem quentinha e muita água senti me revigorado. Nesse momento, pensava quando estava no bote, com tanta água que me cercava não podia beber. Com esse pensamento, agradei, do valor que tem um copo de água.

A viagem levou cinco horas até o porto de Taiwan. Depois de tudo que eu passei, ainda, tive que ficar durante dias à disposição da autoridade do serviço secreto e da polícia do exército, entrevistando-me o que tinha ocorrido. Havia muita pressão psicológica sobre mim, além de submeter exame de saúde, até que um dia me liberaram. E fui para casa.

Infelizmente o meu amigo Fu Ku estava desaparecido. Ele não sabia nadar. Rezei muito por ele.

Fiquei muito traumatizado com essa trágica vivência. Sonhava todos os dias com o que havia me acontecido e questionava porque a realidade não me assustava, mas nos sonhos, ou melhor, nos pesadelos ficava apavorado.

Em maio do mesmo ano 1943, retornei ao Japão para concluir o 5º ano, que seria o último ano do ginásio. Nessa ocasião, a guerra ficou mais intensa, muito alunos foram recrutados para serviços militares. Para aqueles; universitários veteranos ou os calouros

que escolheram as áreas de medicina, engenharia, física, química ou biologia, tinham seus serviços militares prorrogados até a conclusão do curso. E para aqueles que estavam cursando ou pretendiam ingressar nos cursos sociais, educacionais ou culturais, esse imediatamente eram convocados para serviços militares. Assim, muitos dos alunos concorriam nos cursos exatas e biológicas.

Na Escola Ritsu Meikan tem como principio, se um aluno obtiver durante o curso fundamental (ginásio e colégio) nota boas, não submeteria a vestibular para cursos universitários existente na instituição. Aproximadamente 10% dos alunos ingressavam na universidade sem vestibular. Eu estava entre esses. Era abril de 1944, fui aprovado na prova de admissão para engenharia civil.

A guerra ia de mal a pior, ano a ano. Nós estudantes éramos evacuados constantemente para outros locais por causa dos ataques aéreos. A alimentação estava ficando escassa, até bagaço de soja nós comíamos. Nós sofriamos de má digestão, mau hálito. Carnes e verduras desapareceram. “Todos os dias carregávamos a barriga vazia”.

Não tínhamos ânimo para estudar. Durante a noite não era permitido ascender à luz. Era uma imensa escuridão. Só tínhamos autorização para treinamento militar de esgrima, de baionetas e tiro alvo.

Os calouros tinham treinamento tipo “ordem unida”, significava bater continência, treinamento de marchas, apresentação de armas... Os veteranos como eu, faziam treinamentos militares, lutas noturnas. Os oficiais compareciam nas escolas para supervisionar os treinamentos. Como as inspeções militares eram muito rigorosas, todos paravam de estudar por dois meses preparando para esse dia.

A barriga continuava vazia. Os sapatos velhos e estragados. Só tínhamos uma única peça de uniforme da escola, não tínhamos outra roupa para trocar. As roupas ficavam rasgadas e nós remendávamos. Parecíamos pobres, sujos e maltrapilhos”. Como os japoneses queriam vencer a guerra nesse estado”?

Por ter passado por tudo isso, apreendi a me cuidar bem, zelar e usar com parcimônia as minhas coisas. Hoje, vejo que temos de tudo, observa se na televisão muitas modas que vão e vem e muitos produtos descartáveis. Realmente como o mundo modificou. Existe dois extremos um lado o econômico e outro o desperdício.



Fig. 79– Senhor Shy primeiro da direita para esquerda



Fig.80 - Senhor Shy primeiro da esquerda – Uniforme japonês



Fig.81 – Os alunos da escola Ritsu Meikan - Japão 1943/1944. Senhor Shy – da direita para esquerda, o quarto(fileira de pé).

Retomando ao treinamento militar. Havia um tipo de competição entre alunos de outras escolas, simulando ataques aos adversários como se estivéssemos em combate. Essas atividades eram lutas noturnas, ou capturando adversário na plantação dos arrozais. Nós tínhamos que encontrá-los na escuridão, confiando na claridade da lua, a posição inimiga, não podíamos fazer barulho, nem tossir. Corríamos o tempo todo, noite afóra. Era preciso tomar muito cuidado, para não cair naquelas valetas de esterco cavadas pelos agricultores, pois se isso acontecesse não tínhamos água para tomar banho. Eu tinha mais medo de cair no buraco fecal, do que ser pego na luta pelo adversário.

A situação da guerra estava deixando o país um caos, os procedimentos ditatoriais. Todos tipos de comunicação eram fiscalizados e bloqueados pelo exército, mesmo os objetos que minha família me enviava, quanto às mensalidades da escola foram interrompidas. Assim não pude me manter na escola.

Fui me aconselhar com um professor e ele me inscreveu num programa de bolsas de estudos para alunos do governo de Manchúria. E assim daria para passar o três anos no Japão e concluir o curso. Havia uma exigência aos alunos bolsista, quando terminado o curso, iria a Manchúria trabalhar para cumprir o dever de estudante bolsista. Estudei assim por um ano e meio. A guerra terminou antes que eu pudesse concluir o curso e o governo de Manchúria foi extinto, por isso não precisei trabalhar lá.

Na medida em que a guerra avançava, a escola também entrou em processo de regime especial, ficou fechada.

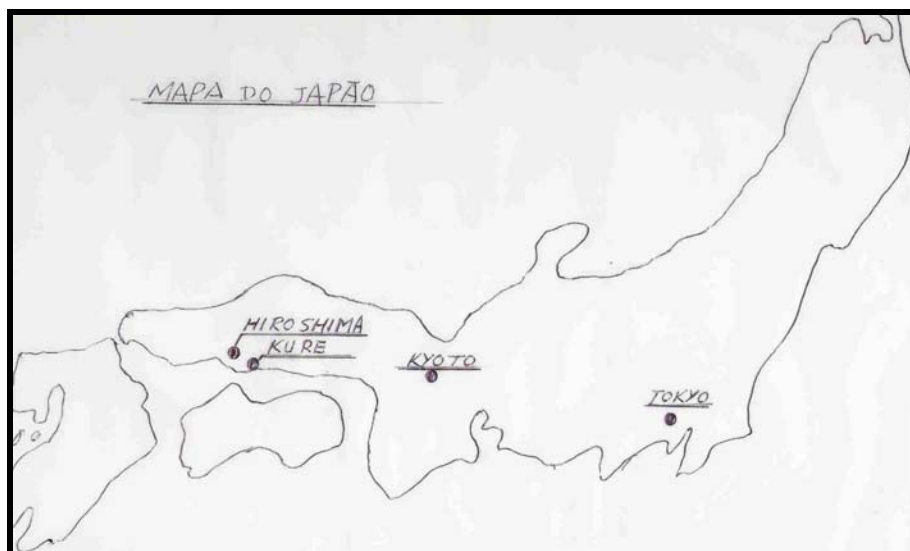
Todas as crianças foram levadas para uma cidade do interior, afim de serem preservadas com segurança. Também, os homens, as mulheres e os estudantes foram levados para trabalhar na fábrica de aviões militares. Eu também trabalhei na fábrica de aviões da Mitsubishi, ajudei na montagem de gerador, por meio ano, isso era uma situação emergencial. Como alguns tinham formação de construtores, fomos encaminhados para o departamento de construção da marinha no porto de Kure, que levava o mesmo nome da cidade.

Nós reformamos a fábrica da marinha, além de trabalhar na topografia e também cavamos túneis para transformar em fabricas subterrânea, levávamos e montávamos os equipamentos da marinha dentro desse túnel, afins de proteger dos ataques aéreos.

Nesse porto estavam ancorados vários navios destruídos, e havia muitos deles em bom estado. Esses eram camuflados com grandes redes e muitos vegetais. Dentro desse estaleiro o policiamento era constante, patrulado pela polícia do exército, que observam a todos com “olhar de mau” e qualquer indivíduo suspeito era levado preso.

O porto de Kure, não ficava muito distante da cidade de Hiroshima, separado por uma colina, por várias vezes fomos trabalhar lá, fazendo topografia.

No dia 5 de agosto de 1945, fomos em seis estudantes para acompanhar o senhor Abe, nosso professor, até Hiroshima. Como não havia hospedagem eu e outros cinco companheiros resolvemos retornar ao porto. No dia seguinte dia 6 de agosto, a cidade de Hiroshima foi arrasada por uma bomba. Senhor Abe sobreviveu, protegendo nos buracos (cavadas propositadamente por causa da guerra assim às pessoas pudessem rapidamente se esconder). Ele voltou de trem, ao anoitecer em Kure, extremamente apavorado. Contou-nos muito transtornado e com “a fisionomia quase verde” (expressão oriental), o que havia acontecido. Ele que já passou por uma situação parecida em Osaka, onde a cidade foi também por várias vezes bombardeada. Segundo Abe nunca tinha visto uma coisa assim. Surgiu uma luz imensa, um barulho intenso e instantaneamente a cidade inteira tornou um campo de fogo. Três dias depois do ataque em Hiroshima, milhares de pessoas feridas com os corpos envoltos de gases e ataduras foram atendidos em Kure.



Desenho nº4 – mapa do Japão – local onde caiu a bomba atômica

Até aquele momento ninguém sabia o que causou a tragédia em Hiroshima. Por isso, apelidamos esse acontecimento de “Picadon”, significa no fonema japonês: Picá (que vem do brilho) e Don (pelo barulho). Mais tarde, conhecido como a bomba atômica. Apesar de toda essa tragédia continuamos com a nossa rotina de trabalho.

O imperador anunciou pelo rádio, o fim da guerra, no dia 15 de agosto de 1945. Mas, no dia nós não ficamos sabendo. E assim terminou a guerra.

Pós Guerra.

A marinha nos presenteou de cobertores, de roupas militares, sapatos. Fomos levados de caminhão até a cidade de Kioto e outras pessoas foram para suas cidade de origem.

Kioto foi considerado pelos americanos uma cidade do patrimônio histórico, por isso não sofreu ataque dos bombardeios. Comecei ter a sensação de que a guerra havia acabado. Como a alimentação ainda estava escassa, eu e o meu amigo fomos para o interior, levando os objetos que ganhamos da marinha, para trocar por produto alimentícios com os agricultores. Eles me deram alguns pacotes de batatas doces e arroz pelos cobertores.

Logo que cheguei na estação de trem em Kioto, os comerciantes coreanos, compraram os meus pacotes de batatas doces. Eu pensei tendo arroz daria para prolongar a minha vida por mais um tempo.

Durante a guerra fui usado e tratado como animal, trabalhei quase sem remuneração nas fábricas, corri tantos perigos, passei muitas dificuldades e sobrevivi, sem ter ficado doente. Creio muito em Deus que ele tenha me ajudado a superar tudo isso.

Por causa da guerra fomos obrigados a interromper os estudos. Assim que a guerra terminou, estava disposto a ficar no Japão, pensava em retomar os estudos para poder terminar o meu curso universitário. Dirigi-me á universidade de Ritsu Meikan em Kioto. Mais tarde, recebi um comunicado da associação dos taiwaneses, quem quisesse retornar a Taiwan, teria um navio saindo do porto de Ogiva, que ficava próximo à cidade de Hiroshima, aproveitando a liberação da rota marítima de Japão a Taiwan. Pensando bem resolvi voltar. Despedi rapidamente dos meus amigos e professores e dirigi-me ao porto.

Era um navio de guerra, lá estavam soldados e marinheiros. Durante quatro dias alojado naquele navio, lotado de gente e muito apertado. Fui me agüentando até chegar no porto de Taiwan, ao anoitecer. Peguei um táxi e cheguei na minha casa de madrugada. Minha mãe veio ao meu encontro, me abraçou chorando, pensou que eu havia morrido no bombardeio, porque todas as cartas e os objetos que eles enviaram, voltavam. Meus pais comentavam que recebiam muitas notícias de bombardeio, navios afundando... apesar de todas as notícias e preocupações, estou de volta para minha família. Todos ficaram muito contentes com o meu regresso.

Como retornei para Taiwan e ainda com a idéia fixa de concluir meus estudos. Em julho de 1945, peguei o histórico escolar, que trouxe do Japão e matriculei para uma prova de admissão na Faculdade de Engenharia da Universidade Nacional de Cheng Kung em Taiwan. Assim, transferei os meus créditos para poder concluir o curso de engenharia.

A maioria dos estudantes japoneses e professores que estavam em Taiwan retornaram ao Japão. Assim vieram os professores da China Continental, falando em mandarim. Tive muita dificuldade. Apreendi mais japonês do que chinês. Ainda restavam alguns professores japoneses que falavam inglês e japonês, isso me ajudou muito.

Eu falava o Hakka, o idioma japonês e compreendia o inglês. Alguns alunos das aldeias do interior, que estudavam comigo falavam o dialeto dos Fu Lau e o mandarim. Tudo isso, era novidade para mim, muito difícil de entendê-los. Durante três anos, com muita dificuldade, estudando, apreendendo o chinês e o dialeto do interior. Formei-me engenheiro em agosto de 1949.



Fig. 82 - Senhor Shy – 1ª fileira - primeiro da esquerda para a direita

Vida profissional

Antes de me formar engenheiro, consegui emprego por indicação da faculdade para trabalhar no departamento de minas e energia do governo de Taiwan. Minha primeira atividade foi abrir estrada para levar material de construção das barragens em rios. A obra das estradas e das barragens foi interrompida após dois anos por falta de verbas.

Depois que me formei engenheiro, passei a construir barragem em rios. Trabalhei por cinco anos nesse ramo e não estava satisfeito com o serviço que exercia. Existia muito problema políticos na época, o superfaturamento das obras, inclusive vários repensáveis foram parar no tribunal. Esses assuntos viravam notícias no jornal.

Pedi demissão da empresa e resolvi lecionar. Fui dar aula na escola do interior, nível colegial. Eu tinha primeiro e segundo ano. As disciplinas que lecionei era álgebra superior, geometria plana e analítica e trigonometria. Nas escolas maiores havia quatro a cinco classes e cada professor ficava responsável por uma disciplina. Um dia veio um inspetor de ensino e perguntou porque eu aceitei lecionar todas essas aulas. Respondi que não havia professor residente perto da escola e não era difícil para mim, apreendia muito com os alunos. Como eu lecionava nas duas turmas comecei a ter muito entrosamento e fama com os alunos. Eles pediram para ser professor de cursinho. Conversei com o diretor da escola. E formei uma turma de cursinho após as aulas dos alunos.

Além de lecionar, empreguei-me numa firma de construção como engenheiro responsável durante um ano. Nessa época, era permitido aos professores terem outras atividades além do ensino. E assim recebi salários de três pessoas, ou melhor de três empregos. Achei ótimo em lecionar e ser engenheiro ao mesmo tempo. Trabalhei quatro anos desse jeito e surgiu a oportunidade de imigrar para o Brasil.

Eu ficava pensando sobre os problemas de trabalho e dificuldade de alimentação pós-guerra. Eu gozava de uma certa liberdade quando os japoneses estavam no comando da Ilha de Taiwan.

Quando guerra terminou e a China Continental começou a dominar o Taiwan. Eu pensei que tínhamos mais liberdade. Mas ocorreu ao contrário. Não tive mocidade, nem tive sonhos para realizar e namoros; foi tirado do povo de Taiwan. Fui mais tolhido de

liberdade do que na época dos japoneses. Não tínhamos música, dança, nada que pudesse trazer alegria.

Casei aos 27 anos de idade. Minha esposa era professora de uma escola que ajudei a construir, em Ping Tung. Foi através de apresentação de tipo casamenteiro que a conheci. Naquela época, era muito comum aqui na minha terra.

Apesar de ter o dia-a-dia de trabalho; sempre vinham os rumores de guerra na minha mente. Novamente, eu pensava nos meus filhos que estavam nascendo e eu gostaria que meus filhos estivessem um país grande, de liberdade, sem preocupação de guerra e que pudesse passar uma juventude diferente da minha. Pois, morando numa ilha pequena como esta; eu tinha uma preocupação constante das pessoas que comandavam a ilha, ora por japonês, ora por chinês ou americanos.

Aí um dia recebi; um panfleto de um parente, sobre convite a imigração para América do sul. Estudei e fiz uma pesquisa e escolhi o Brasil. Fui pedir uma orientação ao meu sogro. Ele foi um grande incentivador para essa imigração, inclusive juntou dinheiro para minha viagem. Ele tinha a mesma convicção de que os seus netos ou os seus descendentes, não teriam uma vida muito boa morando aqui. Por isso, meu sogro achou que deveria ser uma pessoa internacional que eu fosse morar fora. Que fosse uma pessoa do mundo e que pudesse viver em liberdade e também mostrar o meu talento. Concordou que seria interessante o Brasil. E tive uma outra pessoa que também me incentivou muito, meu professor do ginásio, chamado Matsuoka. Ele tinha experiência, trabalhou com pessoas do Japão, que imigraram para o Brasil e ouviu vários comentários positivos sobre isso.

Em dezembro de 1960 viajei em um navio cargueiro e desembarquei no Japão. Entrei e recebi toda uma investigação, interrogatório político sobre a minha pessoa. E aí eu como nunca tinha participado dos movimentos políticos, de protestos, e também não havia nenhum registro na polícia. Consegui com facilidade o passaporte.

Pouco antes do embarque (de Taiwan para o Japão), me empurrarão duas caixas de banana para mim, não sei porque comprei. Antes de chegar em Kobe, uma pessoa que estavam no mesmo navio comprou as minhas duas caixas de banana; pagou o valor equivalente ao preço da passagem que comprei de Taiwan a Japão. Pensei que no mundo existe “uma maneira mole de ganhar dinheiro”.

Cheguei em Kobe. Meu amigo Matsuri veio me buscar no porto. Nós morávamos e estudávamos juntos na mesma escola. Uma expressão que costumamos usar – “amigo que comeu na mesma panela”. Fez uma festa para mim, de boas vinda. Fiquei uma semana na casa dele. Eu fiquei entre Tóquio e Kioto, meu amigo e eu passeávamos pela cidade, para aguardar o dia da chegada do navio que me levaria ao Brasil.

Yssoro (palavra em japonês) ficar a toa, de papo para o ar. não é bem essa tradução...Fiquei a toa na casa do meu amigo (para os orientais isso é inadmissível.).

Dia 31 de dezembro embarquei num navio chamado América. Cheguei em Los Angeles dia 17 de janeiro. Fazia muito frios, as ondas muito altas, e eu fiquei muito enjoado. De Los Angeles até Panamá levamos mais 10 horas de viagem, sem muita marola. Durante essa travessia conheci um casal de brasileiros. O rapaz era engenheiro e trabalha em Los Angeles. Comunicamos através do meu péssimo inglês.

Chegada em Santos

Cheguei no Brasil dia 12 de fevereiro de 1961. Dembarquei no porto de Santos e fui recebido pelas pessoas da imigração. Fui para o Hotel em São Paulo e no outro dia já comecei dar andamento na documentação para estrangeiro, o modelo 19, para ser protocolado.

O pessoal da imigração me indicou uma pensão no bairro da Liberdade, para que eu pudesse me acomodar e procurar emprego. Eu só tinha cem dólares no bolso. Pensei, antes de acabar o dinheiro, gostaria de achar um emprego.

Senti me um pouco – Sabichi (palavra em japonesa - desconfortável, inseguro). Comecei a ler os classificados de jornal e eu vi um anúncio de calculista. Bom, pensei: sou bom em cálculo, então não ia ter problema. Mas aí lembrei me, que não sabia falar português. Fiquei preocupado. Na mesma pensão onde eu estava havia um rapaz que queria fazer faculdade de odontologia e falava japonês. Levei o estudante para ser meu intérprete. E a empresa era justamente de engenharia de construção e eles estavam precisando de Engenheiro Calculista.

Fui fazer uma entrevista com o presidente da empresa, eles pagavam entre 20.000 a 40.000 cruzeiros, mas eu não sabia se era muito ou se era pouco. E não sabia falar o

português. Ainda mais eu não tinha nenhuma referência. Parecia um barco num mar sem rumo e direção, a deriva.

Os ocidentais são pessoas que sabe vender a sua imagem, fazer sua propaganda, mas os orientais não são assim, uns são mais introspectivos e outros tímidos. Então eu disse ao presidente da empresa que daria o máximo de mim para o trabalho e que estava disposto ao que ele queria pagar para trabalhar como Engenheiro Calculista e mostrar o meu valor e pedi para o intérprete falar.

Ai, o presidente da empresa me ofereceu 20.000 cruzeiros. E na hora eu comecei a fazer um cálculo na cabeça: bom se a mensalidade da pensão era de 3.500 cruzeiros, achei o pagamento muito bom e ainda sobraria o resto do dinheiro. Aceitei na hora.e comecei o trabalho no dia seguinte.

Entregaram um projeto de construção civil. No escritório interno havia dois japoneses e facilitou muito o trabalho. Pensei, tinha tanta gente desempregada e fiquei grato, ainda mais eu, que não sabia falar a língua e nem tinha referência e consegui um “emprego”. Agradei a Deus por isso.

Eu li num livro de história que antigamente os chineses foram na Austrália trabalhar e ganhavam um salário muito baixo. No local onde eles estavam os australianos não queriam trabalhar por um preço baixo. Contrataram muitos chineses. Mas as condições eram péssimas e eram tratados como escravos. Fizeram um movimento contra isso. Então houve a proibição de imigração de chineses para Austrália.



Fig.83 – senhor Shy no escritório de Construção Civil – SãoPaulo - 1960

Refleti: se trabalhar por um preço muito baixo era como se estivesse trabalhando como escravo. E como cada país tem um pensamento diferente?

Na empresa que eu trabalhava começa a diminuir o serviço de engenharia e fui despedido. Resolvi morar em Santos. Coincidindo com a chegada de meus filhos no ano de 1963.

Desafio para conseguir o CREA.(Conselho regional de engenheiros e arquitetos)

Descobri que precisava de CREA – Conselho regional de Engenheiros e Arquitetos. Nos anos 1960 revalidei meu diploma e comecei o processo de revalidação. Eu precisava de alguns pré - requisitos:

- 1- Naturalizado brasileiro*
- 2- Cursar uma escola pública*
- 3- Passaporte e visto de entrada e certificado pelo consulado brasileiro*
- 4- Ter um orientado internacional*
- 5- Revalidar o histórico escolar e diploma e traduzir em português*

Soube que no Brasil não tinha convênio com Taiwan. Fui ao consulado de Paraguai para conseguir todos os pré-requisitos. Levei tudo para Universidade de São Paulo. Precisei cursar por um ano a disciplina O estudo dos problemas do Brasil. Além disso, deveria escolher uma das disciplinas técnicas: estrada de ferro, construção, hidráulica e elétrica. Escolhi hidráulica.

No segundo semestre estudei a disciplina Energia – diesel, carvão mineral, eólico hídrico. Escolhi eólico. Após o término do curso precisei escrever o meu trabalho de conclusão de curso. Não sabia nada em português e escreve os textos em inglês.

Assim passei todos os obstáculos e consegui o CREA. Durante esse período procurei trabalhos com alguns engenheiros e arquitetos em Santos e São Paulo. Trabalhei como autônomo por muito tempo. E minha esposa que tinha tino para negócio, por intermédio de amigos de Taiwan vendia toalhas bordadas chinesas. Com as economias conseguimos uma mercearia perto de casa e mais tarde uma loja numa galeria no Gonzaga.

Meus filhos foram estudar num escola estadual para aprender português. Contrarei também uma vizinha, professora aposentada, para dar suporte a eles em casa. Incentivei meus filhos que estudassem música e encontrei uma professora que ensinava piano e violão. Mais tarde minha filha foi estudar piano no Conservatório Mário de Andrade. Por fim, cada um dos meu filhos encontraram seu caminho, acho que são felizes da maneira deles. Bom.. Passei à eles o que eu tinha de melhor; o conhecimento, a educação e os valores humanos e viver num país de liberdade. fiz a minha parte, o melhor que pude como pai.

Aos 65 anos de idade pensei em parar de trabalhar e me aposentar. Mas em 1990 recebi um convite da minha filha para ir a Taiwan, eu, ela e minha esposa. Retornar a Taiwan, uma surpresa.

Após 41 anos reencontrei com meu amigo Kaiser Tu, estudamos na mesma faculdade. Ele era proprietário de uma empresa de planejamento e cálculo de construção e o seu filho mais velho sócio da construtora.

Nessa época o governo de Taiwan tinha projetos de construção civil chamado de sete projetos. Meu amigo Kaiser Tu foi o responsável pelos projetos de construir dez prédios de dez andares com três subsolos. Por isso que ele estava precisando de muitas pessoas para trabalhar. Eu voltei a Taiwan bem na hora que estava faltando engenheiros e projetistas. Fui contratado e fiquei responsável pelos cálculos de concreto armado e também engenheiro responsável da construtora do filho de Kaiser. E por falta de engenheiros recebi várias propostas para trabalhar em outras empresa, além do meu amigo Kaiser.

Retornamos ao Brasil. E dois meses depois voltei a Taiwan para assumir as propostas de trabalho.

Gostei muito de ter voltado para Taiwan e trabalhar junto com meus amigos do tempo de faculdade. Reencontrei outros amigos e fizemos uma festa em comemoração de 42 anos de formados e ainda homenageamos um professor com idade bem avançado. Ele tinha uma pequena livraria .

Em Taiwan eu não fiquei sozinho um dia. Quando se tem amigos, velhos de guerra.... Nos reuníamos para conversar, rir, falar dos velhos tempos e cantar em karaokê. Principalmente meu amigo Dom Domingues gostava muito de cantar e contar piadas. Esse

nome foi dado por um padre espanhol, que estava em Taiwan há 27 anos, responsável por uma igreja católica em que meu amigo freqüentava..

O reencontro com meus amigos depois de tanto tempo, é uma sensação que não sei explicar.. Acho que a guerra, as dificuldades que passamos juntos, meus amigos e eu parece que uniu a todos, mesmo depois de tanto tempo. Era como se nós fossemos jovens novamente.

Dois anos depois minha esposa foi se encontrar comigo. Ela estava com dificuldade de locomover-se. Comprei uma cadeira de rodas, assim, eu podia levar as feiras para fazer compras de alimentos, roupas e passear. Durante o percurso nas feiras as pessoas comentavam sobre nós, diziam que eu cuidava muito bem da minha esposa. Um dia quando estava passeando com ela, um comerciante aproximou de nós e disse, que ele não ficaria com uma mulher na cadeira de rodas, arrumaria outra.

A Associação dos Engenheiros de Taiwan promoveu uma viagem a Bali (Indonésia). Eu e minha esposa resolvemos participar. No saguão do hotel, a esposa de um engenheiro (eu não o conhecia), perguntou meu nome e disse que eu sou o exemplo para todos. Respondi que era normal um casal se ajudarem na doença.

As obras das construções estavam chegando ao fim e ao mesmo tempo meus filhos pediram para retornar ao Brasil. Fiquei em Taiwan por 5 anos e minha esposa 1 ano e 4 meses.

Voltamos ao Brasil e dediquei todo o meu tempo a cuidar da minha esposa. Preparava os alimentos que ela gostava e tentei conviver o máximo do tempo com ela que restava.

Quando o tempo estava bom, íamos a praia. Nos abrigamos debaixo das sombras das árvores e para nos refrescar tomávamos água de coco e comíamos lanches que eu mesmo levava (bentô). – espécie de marmita.

Além disso, minha esposa era assistida por uma enfermeira que a levava para passear pela manhã, às vezes no final da tarde, ou ficávamos em casa ouvindo música, conversando e vendo televisão.

No dia 16 de abril de 1998, na madrugada, ela passou mal. Foi internada por quase 3 meses. Retornou para casa com 35 kg de peso. Minha sobrinha que mora nos Estados Unidos enviou muitas vitaminas e se alimentava bem, ganhando peso dia-a-dia, 1

kg por semana, chegando a 45 kg. Havia um outro agravante, a traqueotomia. O fechamento cirúrgico aconteceu em outubro de 1998, por isso revezávamos entre a enfermeira, eu e minha filha para aspirar as cânulas, para que ela pudesse respirar melhor.

A saúde dela estava estável. Como de costume ia ao quarto dela para ver se estava tudo bem e nesse dia 15 de abril de 1999, ela estava passando mal. Ela ficou internada. Minha filha ficou com ela no hospital. No dia 18 de abril, eu tinha ido vê-la. Mas na madrugada recebi um telefonema de minha filha notificando o falecimento dela.

A doença dela se alastrou por mais de 10 anos. E dez dias antes do falecimento dela, ela já não se alimentava por si só, eu a ajudava e quando ela falava as suas palavras era incompreensível. Mas lembro me muito bem, um pouco do que ele disse a mim: “quando ela voltasse a reencarnar neste mundo, casaria comigo novamente”. Estas palavras vêm ao meu ouvido como sendo o primeiro instante que ela falou.

Há vinte anos atrás, eu li na Bíblia que as pessoas podem enganar ou mentir aos outros, mas não pode enganar a si mesmo.

E eu fiquei emocionado com essa frase e entrei no GLA e comecei a ouvir a líder Takahashi Keiko. O GLA significa God Light Associação, é original do Japão e no Brasil tem uma filial em São Paulo. As reuniões eram duas vezes por semana para assistirmos no vídeo, a palestra profetizadas pela líder Takahashi Keiko, enviados do Japão.

Por meio das tristezas e sofrimentos da alma eu estou estudando a Psicologia Divina e tentando me reconstruir internamente.

Vida de Velho:

Durante a doença da minha esposa, minha filha se esqueceu dela mesma, dedicando 24 horas por dia e de corpo e alma para cuidar da mãe. Ela mora em São Paulo, nós moramos em Santos.

Minha filha trabalha e estava estudando mestrado em gerontologia, uma vida atribulada. E mesmo assim perguntava o dia-a-dia de nossas vidas e da doença da mãe. Nos fim de semana ela vinha para cuidar da mãe e ficar junto de nós. Ela foi a única que presenciou a morte da minha esposa. É uma filha dedicada. Com isso, eu como pai refleti, pensei comigo, que não iria dar trabalho para ela, como aconteceu com a minha esposa. E

eu me senti responsável para passar a minha velhice a ela e o que devo fazer para ajudá-la. Me dedicar tanto materialmente quanto psicologicamente, além disso aumentar o nível da espiritualidade, para viver melhor e não dar trabalho para minha filha.

O mais importante para os velhos é a saúde. Eu sempre acordei cedo e me deito cedo. Tenho uma vida regrada. Não fumo e nem bebo bebidas alcoólicas. Me alimento periodicamente e faço caminhada todas as manhãs.

Diminui a quantidade de alimentos como carne e frango, aumentei a quantidade de verduras, legumes, peixes e muito líquidos. Mantenho os meus pés sempre aquecidos e minha cabeça fresca (coloca uma pequena toalha com água fria)

Estar sempre satisfeito e não dar muita “bola” para coisas ruins. Isso é que atinge na velhice, uma vida, saudável. E para ter um bom desenvolvimento psicológico busquei um desafio, tocar um instrumento musical e eu escolhi o violino, aos 78 anos de idade.

A velhice sem objetivo, é uma vida sem gosto é esperar a morte chegar. A pessoa pode ser velha, mas o coração tem que ser jovem. Lembro diariamente daquela sensação na época de estudante. Se temos algo para fazer ficamos responsáveis e a vida fica mais agradável, com esse espírito progressivo, observamos a vida e envelhecemos melhor.

Nas palavras de Alfredi Bosi comentando o poema de Cecília Meireles
– *Desventura*

... “Do lado eu [...] [...]“as tentativas de auto-retrato, de auto biografia, de retrato natural são várias e mais árduas na medida em que este eu, imerso em memórias, é não só herdeiro do passado como também o foco sobrevivente, o lugar atual dos afetos à procura de autocompreensão”²⁸⁶.

Mas, também torna uma aventura, a memória e a experiência como sentimentos apresentados na reminiscência e reflexões de senhor Shy que abre a possibilidade de compreender o universo cultural e simbólico, a vivência da passagem heróica e histórica da 2ª Guerra Mundial e pós Guerra para fazer

²⁸⁶ Bosi, A. Céu, Inferno: ensaio de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ed.34, 2003.p.127.

valer a liberdade. Parte em busca dessa conquista na “imagem da gaivota” – *a mensageira salvadora* – para fixar em terra firme, Brasil, trazendo em sua mente a filosofia chinesa do imortal Mêncio “*Um grande homem é aquele que não perdeu o coração de menino*”. Apesar dos vínculos fragilizados e a comunicação deficiente que foi a própria condição da imigração, a mudança para um país até então desconhecido, mobilizou o poder de sobrepujar as situações estressantes e difíceis, as ocorrências inesperadas, transpostas para uma nova realidade, que incluiu a necessidade da luta pela sobrevivência, da união em que os novos significados se acrescentaram para servir de eixo norteador das mudanças e reconstruções que se fez no país de escolha.

Ao se aposentar retorna ao seu país de origem Taiwan para resgatar — no sentido antropológico cultural, em que Laplantine²⁸⁷ assinala o critério da *continuidade ou descontinuidade* entre a natureza e cultura de um lado e entre as próprias culturas, de outro — junto com seus amigos do “*tempo*” para descobrir e recontar a memória coletiva e da alma.

4.1.2 - Senhora Hung.

91 anos de idade, agricultura.

... Eu tenho. 91 anos. Vou fazer 92 anos no dia 15 de fevereiro, depois do ano novo chinês. É o dia em que nasci, ano de 1914.

Tenho boa memória e boa saúde. Mas agora eu tenho dor nas pernas. Morei na China. Eu subia as escadas correndo, caminhava depressa. Fazia tudo depressa...Fui mora também em Hong Kong depois que me casei. Acho que faz dez anos atrás que voltei a Hong Kong. Fiquei acamada, sem poder sair. Meu filho e minha nora foram lá para me ajudar... No início caminhava com dificuldade. Emagreci muito, perdi 17 quilos e as roupas estavam folgadas.

²⁸⁷ Laplantine F. Aprender Antropologia. Trad. Marie-Agnés Chauvel. Brasiliense: São Paulo. 2003 p.106

O médico veio me ver. Minhas calças estavam tão largas.. aí, eu não podia caminhar, ela me atrapalhavam.(risos). Naquele dia eu tive pesadelos. Sonhei que não sabia onde estava indo, me vira de um lado para outro, não conhecia nenhuma rua. A casa esta toda suja e não tinha nenhuma empregada para limpar...Contei ao avô dela (apontando para neta). Esta foto é meu marido. Ele disse para mim que tomei muito sol porque eu não usei chapéu. Eu nem podia sair como tomei sol...(risos)

Meu marido faleceu em 1991. Antes de conhecer o avô dela(aponta para neta), fui num vidente²⁸⁸. Ele me disse que casaria com um homem de pouca diferenças de idade. Eu e meu marido tínhamos quatro anos de diferença.Outra coisa que me disseram que vou viver até 96 anos. Tem um ditado chinês de vida sobre. Que eu tenho (san se shu), significa a cada etapa de trinta anos. Vou viver até 96 anos. Naquela época eu disse para que viver tanto. O vidente falou que não vou ter muitas doenças. Hoje penso tenho dor em todo lugar do corpo todo até na bunda...(risos).

Para que viver até 96 anos. O vidente falou também que eu vou viver muito porque tenho coração bom para com as pessoas. Não guardo rancor. Não ofendo as pessoas. Não tenho estudo nenhum, mas sei das coisas. Procuro rezar nos altares dos antepassados. Quando eu falo meus sentimentos são verdadeiros. Trato bem as pessoas. Cuidava bem dos meus sogros e da minha família com respeito, fazia as compras e cozinhava para eles. Fazia alimentos para boa saúde, principalmente sem gordura.

Quando meu marido adoeceu tratei dele. Fiquei tão cansada que não podia mais andar. Um dos meus filhos vendo isso me levou para sentar no sofá²⁸⁹. Chamamos um medico e ele chegou de manhã. Pagamos naquela época mais ou menos 40 yuan, isto foi em Hong Kong. Vieram também os monges, aqueles vegetarianos, para rezarem. Somos budistas.

O avô do meu marido queria que ele fosse monge... Construíram uma espécie de tempo de uns quatro andares. Quando eu me casei a festa foi lá e outras celebrações eram realizadas nesse lugar.

A mando do avô todo rezavam. Por vezes, rezava noite o fora. Algumas comemorações eu não podia ir. Havia várias gerações.Tínhamos hierarquias no clã das

²⁸⁸ Existem muitos dessas crenças na China

²⁸⁹ Senhora Hung falou a palavra **sofá** em português.

mulheres. As mais velhas tinham muitas regalias. Naquele tempo em que vivi lá... A hierarquia ia de um a oito ou nove. Eu era a última, tinha que servir a todos. Até o nome que me chamavam não era meu. As chamadas de “Pô” eram mais velhas, como lhe disse elas tinham regalias. Eram tantas “Pô”, nove Pô, oito Pô e sete Pô e assim por diante. Elas levavam uma boa vida. Mas ainda chego lá...

Falo hakkanes e portugues algumas palavras.

Vou mostrar o que tenho e guardo nas minhas gavetas...

Sabe tenho remédio²⁹⁰: pomadas mentoladas, pomadas para coceiras, comprimidos para diarreias. Este creme (com pó de pérola) é para o rosto, ganhei da minha nora. Velhas precisam passar alguma coisa no rosto? Para que eu preciso disso. Tenho tantas pomadas para passar. Veja meu rosto tenho uma coceira com manchas bem aqui.

Este é o meu colírio, uso nos olhos (demonstra colocando o pequeno frasco nos olhos). Tenho também um cortador de unhas. Esta vela é para usar caso falte luz. Eu usei, tenho fósforo guardado bem aqui, veja... Mas agora não preciso mais, meu filho me deu essa luminária. Além da luz ela também fiska insetos, como mosquitos. Hoje eles me bicaram. Esses mosquiteiros que tem na janela não são bons. Os insetos entram do mesmo jeito e aí eles morrem nessa luminária.

Há um ditado chinês que ouvi em Taiwan, que os velhos não precisam de muitas coisas. Basta o necessário. Além de atrapalhar, junta muita sujeira. Taiwan tem comida muito boa.

Fui a Taiwan e ao Estados Unidos. Meu irmão mora lá. Quando ele nasceu, eu tinha 13 anos. Hoje ele está com 78 anos Quando eu tinha 29 anos, ele foi a Taiwan para trabalhar...Eu nasci numa cidade no interior da China perto de um rio. Tecia redes, sandálias e outros objetos tudo a base de palha. Minha mãe fazia flores. Outros parentes não ajudavam. Meu tio não era legal, brigava com todo mundo... Ele era surdo. Além de tecer na palha eu trabalhava na lavoura, carregava água do rio para regar as verduras e outras plantações. Trabalhava muito e sem descanso. Cortava matos, amarrava para secar. No inverno também trabalhava. O inverno é muito rigoroso, com chuva e neve, vento frio, mesmo assim cuidava das coisas. Voltava para casa à noite aí eu jantava.

²⁹⁰ Remédios da medicina chinesa

Às vezes durante o dia levava verduras para vende nas feiras, para ter dinheiro, porque naquela época sabe... Aquelas casamenteiras queriam dinheiro. Faltava eu e minha irmã para casar. As casamenteiras são as pessoas que apresentam maridos ou esposas para casar. Éramos muito pobres, somos em oito irmãos. Eu por ser uma das mais velhas tinha que trabalhar muito.

Hoje penso para que tanto dinheiro. Trabalhei muito fiquei doente, sem poder me levantar. Carregava muito peso. Eu freqüentei uma escola. Eu não gostava de estudar, sou preguiçosa. Mas adoro e sei cantar música chinesa montanhesa. Estudei matemática: $2+2=4$. As operações eu não sei fazer, tirava notas muito baixas, tipo nota três de média. Não quis mais estudar. Trabalhava em casa. Como falei... cuidava de lavoura. Fazia tudo que precisava.

Tenho uma irmã que morreu com 24 anos de idade.

Presenciei na minha família que afogaram uma menina recém nascida no rio. Naquela época matava muitas meninas. Eu tive sorte... Não sei porque algumas famílias não gostavam de meninas. Casei e tive quatro filhos dois homens e duas mulheres. Minha mãe morreu aos 83 anos, meu pai aos 89.

No tempo que eu freqüentei escola no interior, fugia muitas vezes para o campo comer furtas e colher coisas no mato. Era muito divertido, muito mais que estudar. Tinha todos os tipos de frutas: os da cor vermelha, da cor amarela e verde. As frutas mais saborosas para mim eram as vermelhas.

As terras que tínhamos para trabalhar eram doadas pelo governo, não sei bem... Nada sobre políticas. Cultivamos tudo que podíamos para nos alimentar e também dependíamos aos ricos para comprar as nossas mercadorias que plantávamos. Eles queriam o melhor. Sofríamos muito.

Agora sou velha de mais para pensar nesses sofrimentos..(risos)

Envelhecer; tem o lado bom e o lado ruim. Vou começar pelo segundo: Às vezes preciso de ajuda para ir ao banheiro, mesmo usando esse aparelho (andador). Tenho dificuldade para chegar, as vezes a urina fica no meio do caminho... Outro dia minha nora acompanhou-me até o banheiro, não deu tempo nem da urina chegar ela queria que me levantasse, pensando que eu tinha terminado de urinar. Eu disse que não. Minha nora respondeu: como ainda não. E respondi a ela: quem sabe do meu xixi sou eu, quando ela

termina ou não, você não sabe...Ela não fala hakkanes e diz que eu sou surda, porque não entendo que ela diz.

Outro dia minha nora comprou umas roupas que não tem nada a ver comigo. Gosto de blusas chinesas e calças com elásticos na cintura. Para mim é mais prático. Veja nessa gaveta tenho (san ko fu)²⁹¹ são bem largas as minhas calças intimas (risos).

Na China, as calças devem custar 50 yuan, tenho várias cores de (san ko fu). Compram muitas roupas para mim, eu não preciso tanto. Falo que não preciso mais de roupas, ele ficam chateados. Velhos não precisam de tantas coisas. Nos atrapalha.

O Outro lado bom de ser velho é que agora posso falar sem aqueles “Pô” das clãs e das regalias. Agora eu tenho a minha própria maneira de viver e minhas regalias. Moro com meu filho. Ele sempre diz: “a senhora fala muito e sabe comer de tudo”. Sou feliz moro com m eu filho; essa é a tradição chinesa. Hoje em dia muitos filhos não querem mais morar com seus pais velhos. Antigamente os filhos mostravam as namoradas à mãe. Hoje eles não apresentam mais. Você sabe que nos chineses escolhemos as noras conhecendo as mães delas?

Minha filha que mora em Hong Kong mandou as calças com elástico na cintura. Tenho muitas delas no guarda roupa e também blusas. Veja as blusas que estou vestindo é de Hong Kong. Gosto de usar duas blusas. Eu uso uma blusa por baixo para segurar meus “nenku” (seios) elas são caídos. Como eu só uso calças com elásticos ela podem prender os meus seios no elástico (risos). Então... essa blusa tipo camiseta segura um pouco os seios (ela levanta a blusa para eu olhar os seios dela).

Hoje em dia, passa na televisão, eu vi as moças mostrando os seios para todo mundo. As moças mostram os grandes seios. Passaram na televisão as brigas, os assaltos e assassinatos. Às vezes as pessoas sai pulando com uma perna só...

Bom.. posso cantar as músicas chinesas montanhesas. Pessoas velhas adoram cantar, tenho um bom humor.

Senhora Hung viveu numa época conturbada sob o peso da tradição e do totalitarismo político, da violência presente – a imagem da mulher, diante dos olhos masculinos e por vezes aos seus olhos como a trágica morte de uma

²⁹¹ San ko fu, calcinhas íntimas, traduzindo calça de três lados (pontas) forma de triangulo.

menina; vítima de humilhação e antecedentes culturais e econômicos. Mas encontra o amparo em sua velhice o afeto e o acolhimento de seu filho. Mesmo com a falta de estudo tem o espírito hakkanês de luta e do bom humor. Para encarar uma jornada tão complexa que é o envelhecimento, num país que não é o de sua de origem, para lhe dar forma e esperança. O seu desejo de cantar as músicas montanhesas Hakka, permitiu sonhar no tempo de alegria, em que quando criança costumava ir ao campo colher frutas de várias cores, sendo as vermelhas as de que mais gostava. Para reerguer a imagem em meio a seu sentimento interno e memória da alma, quem sabe, na sua simplicidade, a senhora Hung estaria indicando um caminho para a geração de pesquisadores que os tornasse capazes de entender uma nova linguagem e mais alma em todas as atividades humanas, como também desejava C.G.Jung.²⁹²

4.1.3 - Senhor Long

72 anos de idade, engenheiro e advogado

Cheguei ao Brasil em dezembro de 1964. Fiquei morando em Suzano (SP) com dois amigos que vieram no mesmo navio. Compramos uma vidraçaria. Trocávamos vidros de janelas, portas, tudo relacionado com vidraçaria. Machuquei muitas vezes minha mão com os vidros.

A pedido do meu pai, casei-me antes de me aventurar ao Brasil. Após um tempo, enviei para ela, uma passagem de navio comprado com dinheiro emprestado. Quando ela me avisou que estava vindo ao Brasil, fui ao Rio de Janeiro procurar emprego.

Tenho um amigo que veio ao Brasil em 1962, no mesmo navio do senhor Shu (Dr. Paulo)²⁹³ dois anos antes de mim.

²⁹² Coleção Amor e Psique. São Paulo: Edições Paulinas.1986.p.8

²⁹³ Atual presidente da Associação de Imigrantes Taiwanenses que vieram de Navio para América do Sul

Fui ver vários empregos. Fui contratado pela empresa Hidroelétrica do Vale do Paraíba iniciou uma obra em Itatiaia me entregaram três livros de projetos. Não conhecia uma palavra em português. Por sorte eu tinha um dicionário e comecei a ler e traduzir palavra por palavra. Fiquei quase cego. Tive que usar remédio. Conversei com a diretoria, pedi para ir trabalhar na obra.

Procurei em Rezende, um hotel bem simples e fiquei por lá. Um engenheiro que também morava em Rezende sempre me dava carona para o trabalho.

O meu primeiro emprego era trabalhar com barragem no Vale de Paraíba. Depois, passei para a escavação de um túnel para passagem de água. Mais tarde fui trabalhar com barragem de concreto. Ao final desses trabalhos, eu já tinha três filhos. Eu estava com 35 anos quando minha esposa engravidou. Após o nascimento do meu filho, eu levava os dois mais velhos para o trabalho. Eu não podia mais ficar com os três filhos pequenos. Em 1969, levei toda a família para Taiwan. Retornei dois meses depois. Passei muitas dificuldades e também a liberação de passaporte em Taiwan. Pedi ao consulado uma autorização dizendo que eu trabalhava numa empresa no Brasil e tinha ido a Taiwan de férias, de trabalho. Depois de muitas discussões, consegui a liberação dos militares. A obra, onde eu estava trabalhando chegou ao final, então, resolvi vir a São Paulo.

Fiquei na casa de um amigo. Por sinal sua esposa também estava em Taiwan. Nesse ínterim, eu e meu amigo resolvemos criar a associação de Taiwan. Foi em 1969. Fomos procurar o tio do meu amigo, mas ele estava nos Estados Unidos para ser o primeiro presidente da Associação. O representante do governo de Taiwan que estava no Brasil interferiu, dizendo que não podíamos... Tínhamos que fazer um curso preparatório... Ficou sem efeito aquela primeira reunião que realizamos no restaurante. Fizemos outra votação em 1970. Foi aí que começou a primeira Associação de Imigrantes Taiwaneses que vieram de Navio para América do Sul. Traduzi os documentos do chinês. Isto é, os documentos da associação do chinês para português.

Minha família já estava comigo no Brasil no retornaram em 1971. Só podia ficar dois anos fora, com os documentos de permanência. Fomos para Bragança Paulista.

Naquele tempo eu tive que aprender... Na realidade, falando em português, no segundo e no terceiro ano fiquei quase mudo. Com o tempo, não sabia mais de nada se era

português, misturava com inglês e chinês. Foram anos de luta...No sexto ano, foi que comecei a melhorar.(riso...).

Quando fiz o curso de Direito, não estudei português. Aos trancos e barrancos... .Quebrava o galho (risos...).

O primeiro mandato da Associação foi em 1970, com o senhor Wang (falecido). E o senhor Lee foi o segundo. O terceiro foi um hakkanês. Nesse tempo, o governo de Taiwan havia criado uma nova associação. Foi aí que meus amigos pediram para eu ficar na presidência. Seria o quarto mandato.

Antes de vir ao Brasil fiquei uma temporada no Japão para participar de um encontro chamado Jovens de Taiwan. Depois, tivemos um encontro mundial que mais tarde chamou-se Independência de Taiwan. Quem pertenceu a essa organização ficou na lista negra do governo.Nessa época, participei da Associação, mas, não realizei nada. Estava com muita vontade de retornar a Taiwan. Mas antes resolvi me naturalizar. A primeira condição para naturalização era preciso um emprego. Aí, eu tinha que trabalhar.

Levei todos os documentos para a naturalização. Não sei o que aconteceu que demorou a sair.

Fui realizar um recrutamento e me enviaram para Bragança Paulista, numa obra de Estação de águas (Comasp) que mais tarde tornou Sabesp. O trabalho dessa empresa – Comasp - era enviar água para São Paulo, porque a cidade estava em desenvolvimento. Faltava água, e só havia Guarapiranga. Eu participei desse trabalho de barragem. Fiquei uns três anos.

Quando estava fiscalizando as obras da Comasp, uma firma ganhou a concorrência do metrô. Como eles não tinham engenheiro para tocar a obra, me convidaram. Fui para Jabaquara. Mesmo assim, a naturalização não saía. Depois, fui fazer entrevista na policia federal ou DOPS. Devido às mudanças de endereços residenciais ou eu não tenha recebido nenhuma comunicação.

Em 1974, estava trabalhando no metrô. Nesse mesmo ano fui indicado para ser o presidente da Associação Taiwaneses recebia pessoas que da Europa. Queriam fazer uma associação mundial taiwaneses. E por sinal ainda nesse mesmo ano Taiwan rompeu as relações com o Brasil. E eu não fui naturalizado. O governo de Taiwan prorrogou o tempo

dos vistos dos passaportes para sair do Brasil. Aproveitei essa prorrogação para ir à Europa. Fui para a Áustria. Como se chama aquela cidade famosa de música? ..ah. Viena

Fomos nos reunir lá. Por isso, meu nome saiu na lista negra. Foram as questões políticas. A Associação não é só para unir as pessoas. Reunir para pressionar o governo etc... Fizemos uma declaração contra o governo. Foi no primeiro mandato, eu fui indicado como vice-presidente e havia presidente que era representante do Japão. E aí veio à lista negra em 1974. De 1974 até 1990, não pude retornar a Taiwan. Mais ou menos 20 anos. Meus pais faleceram nesse tempo, e eu não pude ir.

Acho que em 1974 que saiu a revalidação do meu diploma de engenheiro. Até que saiu e resolvi alguma coisa...

Quando retornei da Europa fui dispensado da empresa, que estava com problemas financeiros; prestava serviços ao governo. Um dos diretores desviou dinheiro para construir um prédio na Avenida Faria Lima. Eles (os diretores da empresa) contavam com aquele dinheiro todos os meses e não entrava mais. Muitos empregados recebiam, como empréstimo 20%, só para viver. Mas o salário mesmo não vinha. Então, em 1974 fui mandado embora da empresa.

Em 1975, fui vender pedras semipreciosas. Fiz um curso de pedras preciosas, durante um mês. Era mais para saber e ficar informado.

Depois chegou o meu cunhado, irmão de minha esposa, que tinha uma loja em Ribeirão Preto... Não deu certo. Ele me convidou para abrir uma mercearia em São Paulo no ano de 1972. Antes, eu morava numa casa de aluguel perto do aeroporto para trabalhar em Jabaquara. Depois comprei, pelo BNH este apartamento (bairro da Liberdade). Paguei durante 10 anos.

Em 1973, trabalhei com pedras preciosas. Depois, meu cunhado esteve aqui, para abrir uma mercearia. Abrimos na rua Conselheiro Furtado, próxima à rua São Paulo. A mercearia não teve sucesso. Nós não sabíamos trabalhar. Ao lado tinha um bar e resolvemos comprar. Havia uma mesa de bilhar. Trabalhávamos dia e noite, 24 horas. Não fechava. Muita gente jogava bilhar. Vendíamos pinga, cerveja, café... .Ganhávamos dinheiro. Não sei quando foi... Numa madrugada... Nós revezávamos, eu ficava durante o dia e o meu cunhado a noite... Meu amigo que morava em Curitiba também veio a São Paulo e entrou no revezamento para nos ajudar. Numa madrugada, meu cunhado

machucou-se com uma garrafa, no braço e foi para o hospital. Conclusão: resolvemos fechar o bar.

Reformamos esse mesmo local para transformar num restaurante. Conheci um sujeito que trabalhou em Taiwan como cozinheiro e pedi para trabalhar no nosso restaurante. Depois, descobri que ele não era cozinheiro.

Quando fizemos a inauguração, tinha muita gente, porque eu tenho muitos conhecidos. Mas não saía a comida. Todas as mesas, ocupadas, cheias de gente e a comida não saía. Depois o cozinheiro não apareceu mais...

Mais tarde apareceu uma pessoa religiosa, aquele que freqüenta religião... Tipo monge, uma mistura de taoista e budista, que come só vegetal, vegetariano.

Ele conversou comigo e fez uma comida para nós. Estava gostosa. Ele sabia cozinhar. Disse que precisava de duas ajudantes de cozinha. Paguei as passagens para elas virem a São Paulo. Só que não tinha freguês. Naquela época, vegetariana não existia. Agüentamos por três meses. Tivemos que fechar o restaurante.

O estabelecimento passou por várias pessoas, mas não deu certo com ninguém. A última foi um amigo que comprou uma porção de coisas e eu tive que pagar. Comprou material de mamitex.

Essa loja, quem comprou foi um senhor de Santo, um chinês. Ele tinha uma fábrica de gelo em Santos. Vendia gelos para os barcos de pesca. A esposa dele ficou com o estabelecimento no meu lugar. Mais tarde, ela reformou toda a loja. Destruiu tudo que fiz lá dentro. Eu me relacionava muito bem com a família.

Quanto a associação tinha muitas atividades. Fazíamos mensalmente uma revista para informar o que e quem fazia... Eu viajava muito pela associação.

Por exemplo, quando tinha uma viagem, o aviso era impresso no jornal. As pessoas vinham e nós alugávamos os ônibus. Vêm pessoas de Recife do Rio de Janeiro....Os registros eram somente da diretoria. Cada vez que havia eleição as pessoas que queriam votar pagavam anuidade. Compareciam mais ou menos cem pessoas. Mas em algumas atividades, como ano novo, festas das canções chegava a 1000 participantes. Nós alugávamos um salão em que cabia, mais, de 1500 pessoas.

Em 1980, fizemos uma reunião mundial da associação e vieram pessoas do mundo inteiro. Mas não vieram algumas pessoas famosas para fazer o discurso. Apesar de Taiwan

ter rompido relações diplomáticas com o Brasil, eles ainda tinham influência no governo brasileiro. Deram a lista dos nomes para o governo proibindo o visto de entrada. Eu me lembro também, que fui chamado pelo DOPS. O meu amigo que era presidente da Associação, naquela época também foi chamado. Fiquei o dia inteiro fazendo entrevista.

Em 1976 ou em 1977, não sei se Taiwan foi expulso da ONU ou teve rompimento de relações diplomáticas com os Estados Unidos. A China foi mantida de fora por causa de Taiwan, depois entrou a China.

Os Taiwaneses foram ao Paraguai, porque no Brasil não podiam mais entrar. Se não me engano, havia muita gente sem documento e o governo de Taiwan avisou a polícia federal. Era a chamada de operação Bandeirante. E trezentos policiais ficaram perseguindo, até que o bairro da Liberdade não tinha mais nenhum chinês. Não sei quantas pessoas foram presas, acho que eram trinta pessoas.

Eu me lembro que quando eu tinha a mercearia, chegou um homem com três crianças entregando-as para mim. Os pais foram presos e levados pelos policiais. Esse homem que trouxe as crianças é um hakkanês e por um acaso encontrei-o ontem. Ele é farmacêutico. Ele ficou com medo e como eu era o representante da Associação, deixou as crianças comigo. Levei-os, para minha casa. Além da minha família, quatro filhos e esposa; também acomodei a família do meu cunhado, Portanto, tinha muita gente na minha casa.

Os pais das três crianças foram deportados para Paraguai, porque eles não tinham o visto de permanência. O pai deles (das crianças) faleceu algum tempo depois. Soube que a esposa foi morar no Equador para criar camarão.

Em 1996, essa senhora veio visitar alguns parentes em São Paulo e também veio me visitar, trouxe camarão e por sinal bem grandes.

Alguns dias depois consegui uma reunião com a diretoria do DOPS e também processamos a polícia federal, porque prenderam os chineses por mais de trinta dias. Coisa que não podia. Disseram que era ordem de Brasília. Falamos com o Don Evaristo Arns que apresentou os dois advogados dos Direitos Humanos. Entramos com o processo, para contestar. Mais tarde eles foram enviados para o Paraguai. Alguns ficaram para regularizar as suas situações. Deu muito trabalho..Ainda participava da Associação. E o

dinheiro estava curto. Não podíamos mais tirar do “tanomoshi” (tipo de uma cooperativa financeira)

Minha esposa comprou duas casas lotéricas. Eu fiquei administrando uma delas. Com esses acontecimentos, senti necessidade de estudar Direito. Como eu tinha um diploma revalidado, fui pedir uma vaga na faculdade. Ganhei a vaga. Quem tinha diploma revalidado conseguia.

Em 1981, ingressei na FMU aos 55 anos de idade. Eu prestava muita atenção e tenho o meu dicionário. Depois que terminei o curso, prestei o OAB e meu registro saiu depois de um ano e seis meses. Fiquei arrependido tinha muitos gastos com OAB e CREA. Muito pagamento apesar de não exercer a função de advogado, só em alguns casos quando meus amigos precisavam, mesmo assim eu tinha que contribuir com outros impostos. É demais...

Quanto a Associação tínhamos várias funções. Havia muitos conflitos entre patrícios, entre famílias, consórcios financeiros, falências... Formávamos um conselho para resolver esses conflitos. Além disso, organizamos até hoje campeonato esportivo “Yu Yun Fu”. Não sei traduzir corretamente, mas pelo som das palavras significa algo como competição, esporte, campeonato, gincanas.

Agora que estou velho...a cada seis meses vou a Taiwan. Participo com outros idosos de andar de bicicleta para outras cidades e assim tentamos fazer um roteiro. Tudo bem de vagar, sem pressa, apreciando o que a natureza oferece... É claro, que tomamos cuidado, a saúde para não desidratar. Mas nas cidades de interior de Taiwan tudo é bem fácil. Ficamos em hotéis pequenos ou em casa de amigos e parentes. Em Taiwan temos amigos em todas as cidades, assim aproveitamos e visitamos, eles. São muito receptivos, comemos bem, cantamos falamos de nossa juventudes, guerra, política. Jogamos Mahjong²⁹⁴ noite afora. Assim passamos a nossa velhice, ninguém pensa na morte pelos menos nós não. Bom envelhecer. Se morrer morreu. Acabou. !

Senhor Tai Yu (Long) trouxe em seu relato uma síntese da trajetória brasileira. Auxiliou a construir um pedaço de São Paulo, com seus conhecimentos de engenharia, onde também, estabeleceu residência,

²⁹⁴ Jogo antigo chinês de ladrilhos inventado há 2.000 anos.

comprando um apartamento no Bairro da Liberdade. Sobreviveu em meio de subordinação e de perseguição por ordem política, mesmo assim, tenta por tudo ainda reconstruir e fazer parte dessa identidade brasileira, ingressando na faculdade de Direito (FMU) numa idade madura, para desenvolver o saber da personalidade e do espírito, pois acredita que cada indivíduo vale por seu mérito próprio. Senhor Long, um líder carismático da *Associação de Imigrantes Taiwanenses que vieram de Navio para América do Sul*, reconhece a importância da solidariedade – como ele mesmo mencionou ao final da entrevista, o Brasil precisa mudar. Esses imigrantes chineses chegaram à “terra da liberdade” trazendo em suas bagagens a tradição, a cultura, o conhecimento do povo milenar, para trocar, para contribuir e compartilhar com essa sociedade, em meio de tanta mistura de raças.



**Fig.84 – Senhor Long (1º da direita) Senhor Pang (meio) e
senhor Lee (1º da esquerda)
(2006)**

Com o espírito aventureiro, esportivo e liberto em sua velhice, o senhor Long explora e encara com facilidade o *ser velho*, ultrapassando o limite do corpo para encontrar na alma a razão de viver.

A possibilidade do uso do conteúdo das entrevistas tendo por finalidade este estudo, se materializou por meio de pessoas. Segundo Thompson “essas histórias trazem para dentro da comunidade e extraem a história de dentro da comunidade”²⁹⁵.

“A Antropologia, sobretudo a mais recente, beneficia do fato de quase todos os seus praticantes terem de proceder a trabalhos de campo etnográficos, isto, é uma forma de pesquisa empírica. Foi talvez a primeira das ciências sociais a estabelecer um tipo de trabalho laboratorial a para do estudo teórico”²⁹⁶.

Observar significa escolher, classificar e isolar os fatos tendo por base a teoria. Construir a teoria é proceder ao rumo dos dados pertinentes recolhidos em observações passadas e esperar que confirmem ou refutem empiricamente os problemas em causa.

Thompson se refere a George Ewart Evans em seu texto: “muito embora os velhos sobreviventes fossem livros ambulantes, eu não podia apenas folheá-lo. Eles eram pessoas”.²⁹⁷

²⁹⁵ Thompson. P. A Voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992.p.44

²⁹⁶ Malinowski,.B. Uma Teoria Científica da Cultura. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1976. p.20.

²⁹⁷ Thompson. P. A Voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1992.p.43

Considerações Finais

Os efeitos e as marcas do tempo aparecem com maior visibilidade principalmente na velhice. Traçamos a velhice no sentido social e no sentido filosófico, destinada à espiritualidade. É na arte do auto-retrato que se cria uma imagem reconhecível de si mesmo; por meio de representações simbólicas busca-se as inspirações mais internas do ser humano e com olhar diferenciado do espírito criador procura-se dar sentido e expressar as idéias brilhantes por toda uma vida.

A percepção do envelhecimento leva o estrangeiro que contracena de uma maneira continua com a velhice, à exclusão. O estrangeiro tenta compreender a si mesmo e também transmite ao outro a sua própria existência. Igualmente, como os que chegam à velhice, deseja deixar suas marcas, deseja se comunicar e se fazer entender. Tanto o estrangeiro quanto o processo da velhice inseridos na sociedade, não são percebidos pelo tempo linear, mas se diluem no imaginário social.

Na medida em que o estrangeiro e o velho possam fazer parte do espaço geográfico, do censo demográfico, censo econômico social e cultural, ambos buscam no *outro* (na sociedade), o apoio para imaginarem suas relações com a natureza e com o pertencimento. Os imigrantes ao envelhecerem (ser velho e estrangeiro) no país de escolha também contribuem com seus significados na (re)construção da história social.

O espírito hakkanês serviu para pressentir o perigo e conservar a vida. É também fonte da vitalidade, da consciência da felicidade, do valor humano, da religiosidade e moral. Nele se encontra o princípio básico da comunidade familiar e educacional, o bem querer a seus patrícios, entre outros eixos.

A comunidade familiar dos Hakka, em nosso estudo, apresentou-se como a essência, o suporte para quem envelhece. A nova comunidade que está se formando pelos matrimônios traz o desafio mais agudo para o imigrante Hakka. Espera-se que essa nova comunidade familiar não se entedie ou se afaste desse construto da tradição e do espírito hakkanês. Para garantir esse convívio aposta-se na Associação com a realização de festas familiares, criando espaço cultural, social, promovendo eventos (festivais, alimentação, arte, música, educação..), entre outros costumes Hakka, assim procurando manter unidos os membros hakkaneses. Os Hakka não se importam que seus filhos casem com brasileiros, mas é fundamental que eles mantenham o respeito e o amor filial e também cuidem da educação dos filhos, além da harmonia no lar. O estudo mostrou que pelo casamento alguns se identificaram de tal maneira com os Hakka que até aprenderam a falar o dialeto e participam dos encontros em família. Por outro lado, os envelhecidos Hakka (meia-idade) procuram resguardar suas economias para a velhice, pois temem que a geração de seus filhos não vá conservar o tradicional respeito e cuidado para com seus velhos.

Os entrevistados falaram da importância desse estudo sobre a velhice e sobre os Hakka, para mostrar que essa etnia é unida e que as tendências étnicas são diferentes de outras que compõem a raça chinesa.

Em momento algum falaram sobre a morte, mas em como viver, lembrando sempre de quem são e de onde vieram e esperam que o espírito hakkanês esteja sempre com eles.

Do velho estilo ao novo, nas relações entre passado e presente um paradoxo chinês, eles são ao mesmo tempo aferrados às tradições e ávidos de modernidade.

Como imigrantes, trabalharam muito no Brasil para que os filhos pudessem estudar, acreditando que é o melhor bem que lhes puderam legar, valendo o sacrifício e o sofrimento e assim podendo se orgulhar, como o “ancião envelhecido no Brasil”. (Paci low tai p’a – dialeto hakkanês).

Epílogo

Idade Média

Renato Russo

Sei que já não sou tão jovem
E não tenho a mesma idade que você
Mas também sou capaz de vencer
Essa guerra contra o mundo inteiro
E contra a mim mesmo

A hipocrisia dos homens faz nascer
A revolta de uma classe tão pobre
Pois a sombra da maldade é tão negra
E o vento que sopra o teu cabelo é tão triste
E tão puro como o verde dos teus olhos
Sei que podemos nos unir
Mas a sua arrogância é o que atrapalha
E a minha ingenuidade é o que me cega
E a minha juventude não é coisa do passado
Assim como as rosas que morreram essa noite
Por eu não saber amar

As espadas se erguem em fúria
E o sangue corre por seus ombros
E o teu olhar se esconde atrás de mim
Mas eu não posso te proteger
Pois estou tão fraco quanto você
A nossa juventude está ficando pra trás
Mas a morte não é capaz de nos separar
Pois o que vai viver são nossos ideais
E a nossa mensagem de amor
E o nosso grito de liberdade

◇◇◇

Bibliografia

- ALBA, Victor. **História Social de la Vejez**. Barcelona: Laertes, 1992. 201p
- ALVES, César Paulo e Minayo Souza, Maria Cecília de (orgs). **Saúde e Doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1994. 174 p.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Ed. Martins fontes, 1999. 263p.
- BERNARDO, Terezinha. **Memória em Branco e Preto: Olhares sobre São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998. 207p.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 709p.
- BYINGTON, C. A. **Pedagogia Simbólica: a Construção Amorosa do Conhecimento de Ser**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. 333p.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Querioz, 1979. 401p.
- CHIEN-CHAO, H. A History of Taiwan - Il Cerchio Iniziative Editorial, 2000. 365p.
- CALLIA, M.H.P. & OLIVEIRA, F.M. (orgs) **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, 185p.
- CÍCERO, Marco Túlio, 103-43. AC. **Saber Envelhecer**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM. 1997, 66p.
- CONI, Nicholas & DAVISION, William & WEBSTER, Stephen. **O Envelhecimento**. Trad. Yolanda Steidel Toledo. São Paulo: Experimento, 1996. 221p.
- COHEN, Abner, **O Homem Bi-dimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas**. Trad. Sônia Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 170 p.
- EBREY, P.B. **The Cambridge Illustrated history of China**. Australia: University of Cambridge, 1996. 346p.
- FREITAS, PY, NERI. CANÇADO, GORZONI, ROCHA (org). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. 1155p.
- GRANET, Marcel. **O Pensamento Chinês**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 405p.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. LTC. 1989, 323p.

GREEN, André. **Narcisismo de Vida e Narcisismo de Morte**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988. 302p.

GOMES, A. **O Maior Poema do Mundo: Introdução à Divina Comédia de Dante Alighieri**. São Paulo: Ed. Martins, 1972. 381p.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva** Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo Ed. Vértice, 1990. 188p. 2ªed.

HEINE, Heinrich. (2001). **Das memórias do Senhor de Schnabelewopski**. Trad. e notas Marcelo Backes. São Paulo: Ed. Boitempo. 2002. 103p.

HILLMAN, James. **A Força do Caráter e a Poética de uma Vida Longa** 2001. 255p.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ed. Companhia da Letras. 2000. 323p.

HOLLIS, J. **A Passagem do Meio: da miséria ao significado da meia-idade**. Trad. Cláudia G. Duarte. São Paulo: Paulus, 1995. 169p.

HOLANDA BUARQUE de Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2002, 26ª ed. 162p.

JAGUARIBE, Hélio. **Um Estudo Crítico da História**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001. Vol. II. 123 a 232p.

JUNG, C.G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Trad. Dora Mariana R. F. da Silva. Rio de Janeiro: Vozes. Vol IX /1, 2002. 447p.

JUNG, C.G. & WILHELM, R. **O Segredo da Flor de Ouro**. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984. 142p.

JUNG, C.G. **Memória, Sonhos e Reflexões**. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963. 360p.

LEITE TEIXEIRA, J.R. **A China no Brasil: Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileira**. Campinas: Ed. Unicamp, 1999. 277p.

LEVINE N. Donald. **Visões da Tradição Sociológica**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar: 1997. 325p.

LI PO & TU FU. **Poemas Chinesas**. Trad. Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 114p.

KASTENBAUM, R.7 & AISENBERG, R. **Psicologia da Morte**. Trad. Adelaide Petters Lessa. São Paulo: USP, 1983. 441p.

KELEMAN, S. **Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campbell**. Trad. Denise Maria Bolonha. São Paulo: Cimos, 1998. 20p

- KOLTAI, C.(org) **O Estrangeiro**. São Paulo: Escuta FAPESP, 1999. 208p.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana F. Borges Campinas: Ed. Unicamp, 1996..535p.
- MALINOWSKI, B. **Uma Teoria Científica da Cultura: e outros ensaios**. Trad.da edição 70. Lisboa-Portugal:Edições 70, 1977. 165p.
- MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio** . Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Richemberg, Cláudia Strauch.São Paulo: Cia das Letras, 2001.358p.
- MAY, Rollo. **O Homem á Procura de Si Mesmo**.Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis:Vozes,1971. 137p
- MACEDO, M.M.K.& CARRASCO,K.L.(orgs). **(Con)textos de Entrevistas:olhares diversos sobre a interação humana**. São Paulo:Casa do Psicólogo , 2005. 279p.
- MELLO GONZAGA de, Luiz. **Antropologia Cultural: iniciação teoria e temas**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1987. 8ªed. 526p.
- MERLEAU-PONTY M. **Fenomenologia da Percepção**.Trad. Carlos Alberto R.de Moura. São Paulo: Martins Fontes,1994. 662p.
- MONTELLANO,R.P.“**Narcisismo: considerações atuais**”.Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, nº 14. 1996. 89p.
- NERI, A.L. **Envelhecer num País de Jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Ed. Unicamp, 1991. 155p.
- NERI.A.L.& DEBERT,G.R. **Velhice e Sociedade**.Campinas: Papirus, 2004. 232p.
- NETTO.M.P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. 524p.
- NUNES de OLIVERIA,Nelson (org.). **A Aventura Sociológica: objetividade, Paixão, imprevisto e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1978. 327p.
- OLIVEIRA Salles de Paulo. **Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Ed. Hucitec/FAPESP, 1999. 316p.
- OVEJERO,J.**China para Hipocondríacos: uma aventura de Nanquim e Kunming**. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Ed.Barcarolla, 2004.238p.
- PAYER.M.O. **Memória da Língua: Imigração e Nacionalidade**.São Paulo: Escuta, 2006. 211p.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e Imagem**. São Paulo:Annablume. 2000, 206p.

PEYREFITTE. A. **O Império Imóvel ou o Choque dos Mundos**. Trad. Cyrene Bittencourt. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1997. 679p.

PY, L. **Velhice nos Arredores da Morte**: a interdependência na relação ente idosos e seus familiares. Porto Alegre: Edipucro. 2004, 271p.

PRÉTAT, Jane R. **Envelhecer: os anos de Declínio a Transformação da Última Fase da Vida**. Trad. Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulus, 1997. 182p.

PRETI, D. **A Linguagem dos Idosos: um estudo de análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

PROUST, Marcel. **O Tempo Redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel da Motta. São Paulo: Ed. Globo, 2001 14ª ed. 303p.

POUTIGNAT, Philippe e FERNART-STREIFF, Jocelyne. **Teorias da Etnidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Trad. Elcio Fernandes. 2ª reimp. Campinas: Ed. Unesp, 1998. 250p.

QUINTANA, M. **Quintana de Bolso: Rua dos Cataventos & Outros Poemas**. Porto Alegre: L&M. 1997. 164p.

_____ Espelho Mágico: “O Velho Espelho” p.05

RABELO, Cristina M. Miriam. ALVES B., Paulo César e SOUZA A. Iara Maria. **Experiência de Doença e Narrativa**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999. 254p.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998. 33ª impressão. 267p.

REICHEL(org) **Assistência ao idoso: aspectos clínicos do Envelhecimento**. Trad. Carlos Alberto G. da Silva Jr. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2001. 635p.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. 280 p.

SALVAREZZA, L. (compilador) **La Vejez: uma mirada gerontológica actual**. Argentina: Pidos, 2000. 406p.

SATRIANI LOMBARDI M., Luigi. **Antropologia Cultural e Análise de Cultura Subalterna**. Trad. Josildeth Gomes Consorte: São Paulo: Ed. Hucitec, 1986. 162p.

SCHACHTER-SHALOMI, Zalman e MILLER S., Ronald. **Mais velhos mais sábio: uma visão nova e profunda da arte de envelhecer**. Trad. Maria Campos. Rio de Janeiro. Ed. Campus, 1996. 318 p.

SCHUSKY, E. **Manual para Análise de Parentesco**. Trad. Sylvia Caiuby Novais. São Paulo: E.P.U., 1973. 146p.

SILVA,T.T. (org) HALL, S. WOODWARD,K.. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. **Identidade e Diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 133p.

SKINNER,B.F.& VAUGHAN M.E. Trad. Anita Liberalesso Neri. **Viva bem a Velhice**. São Paulo: Summus, 1985. 139p.

SPERBER, Dan. **O Saber dos Antropólogos**. Trad. José Martha Aragão. Lisboa: Ed. Edições 70 , 1992. 141p.

STÖRIG,H.J. **A Aventura das Línguas:uma viagem através da História dos idiomas do mundo**. Trad.Glória Pachol de Camargo.São Paulo: Melhoramentos,1993. 265p.

TELLES Fagundes, Lygia. **Invenção e Memória**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2000. 2ªed. 117p.

TODOROV,Tzvetan. **A Vida em Comum: ensaio de antropologia geral**. Trad. Denise Bottmann e Eleonora Bottmann. São Paulo: Ed. Papyrus, 1996.173p.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado – História oral**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998. 2ªed. 379p.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000. 233p.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Nota para uma Antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999. 5ª ed.143p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMY.C.A **Filha do Restaurador de Ossos**. Trad. Léa viveiros de Castro.Rio de Janeiro:Rocco.2002.363p.

BIAGGIO M. BRASIL, Ângela. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001. 15ªed. 309p.

CANETTI, Elias. **A Língua Absolvida: história de uma Juventude**. Trad. Kurt Jahn. São Paulo:Ed. Companhia da Letras, 2000. 4ª imp. 309p.

CHANG, Jung. **Cisnes Selvagens: Três filhas da China**. Trad. Marcos Santarrita São Paulo: Ed. Companhia da Letras, 1995. 481p.

CONY, Heitor Carlos. **Quase Memória**. Ed. Companhia da Letras, São Paulo, 1996. 213p.

ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Ed. Mercuryo, 1992. 149p.

FRANZ Von, Marie-Luise. **Reflexos da Alma: Projeção e Recolhimento interior na Psicologia de C.G.Jung**. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Ed. Cutrix/pensamento, 1988. 221p.

FREITAS, SSônia Maria de. **Falam os Imigrantes: Armênios, Chineses, Espanhóis, Húngaros, Italianos de Monte San Giácomo e Sanza, Lituanos, Okinawanos, Poloneses, Russo e Ucrânicos, Memória e diversidade cultural em São Paulo**. Tese de doutorado – FFLCH/USP - São Paulo, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 2001. 357.p.

NEGAWA, Sachio. **Fomação e transformação do bairro oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000**. Dissertação de mestrado – Língua, literatura e Cultura Japonesa – FFLCH/USP - São Paulo, 2000.

OUTHWAITE, William & OTTOMORE, Tom **Dicionário do Pensamento Social do SéculoXX**. Ed.Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1996. 933p. Versão brasileira.

PERERA,S.B. **Caminho para a iniciação feminina**. São Paulo: Ed. Paulinas , 1985.145p.

PRIORE DEL, Mary. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Ed. Contexto, 2001. 127p.

RUSSEL, Beltrand. **História do Pensamento Ocidental: as aventuras das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. 3 ºed. Rio de Janeiro Ed. Ediouro, 2001. 463p.

SOLIÉ, Pierre **Mitanálise Junguiana**. Trad. Fanny Ligeti. São Paulo: Ed. Nobel, 1985. 105p.

TRESIDDER, Jack. **Os Símbolos e seu Significado**. Trad. Marisa Costa. Ed. Estampa, Lisboa, 2000. 184p.

SITE ELETRÔNICO:

www.hakka.taipei.gov.tw

[ncu3008ccc.ncu.edu,tw](http://ncu3008ccc.ncu.edu.tw) universi// www.ncu.edu.tw

www.south.edu.tw/group/ntuhakka

www.jhakka.net

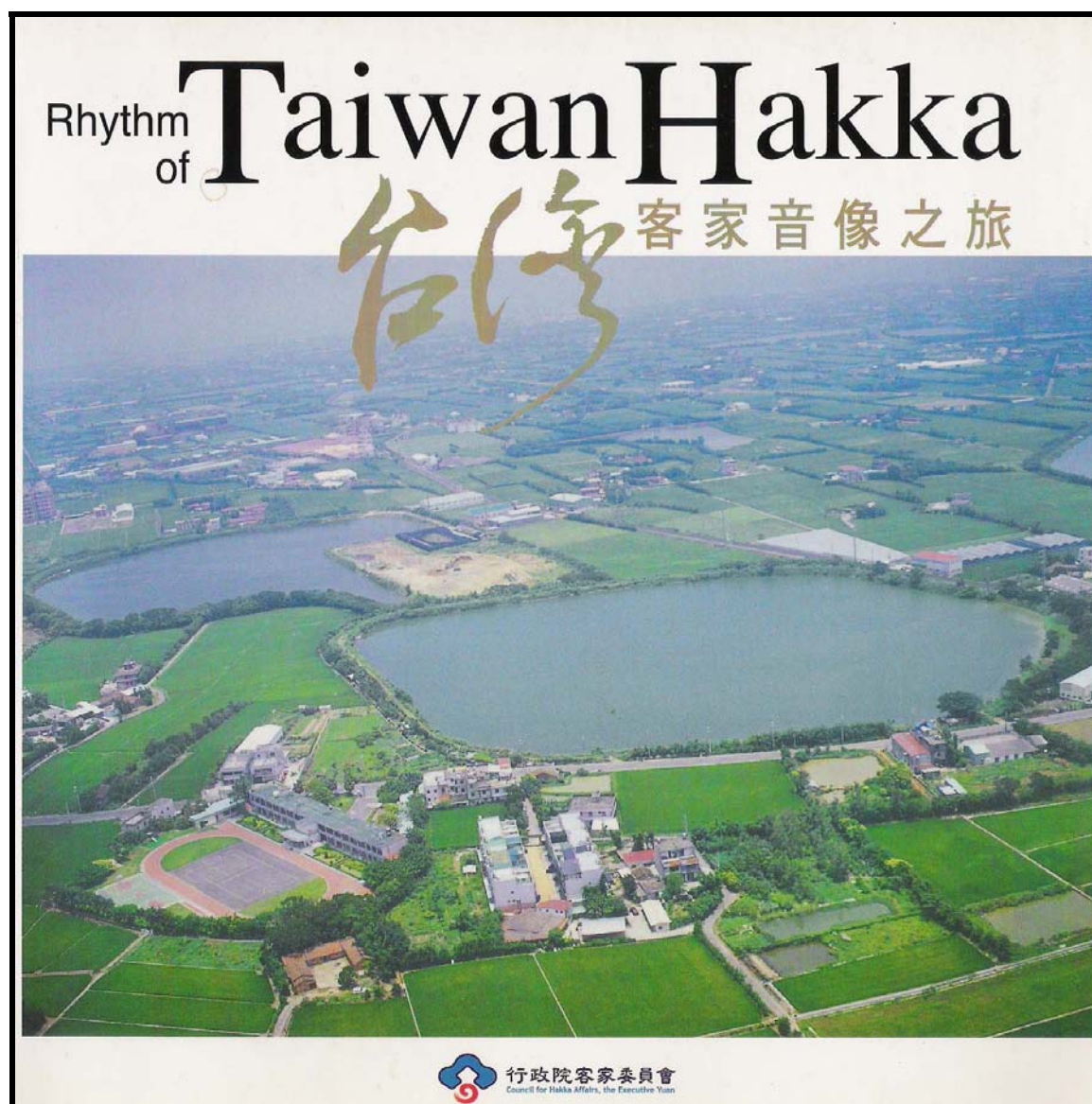
www.chinapage.com/read-hm.html.

www.hakkaoline.com

www.hottopos.com/spcol/oriente.htm#5

www.hottopos.com/videotur2/davidahtm

ANEXOS



OS HAKKA

閩南人

林再復 著

增訂版



作者簡介

林再復，民國三十六年（一九四七）生

祖籍：福建泉州安溪縣

出生地：臺灣省高雄縣

學歷：

1. 鳳山五甲國小
2. 高甲中並一中（今之南金國中）

經歷：

1. 省鳳中教師
2. 北一女教師
3. 聯合工業專科學校教授
4. 東海大學兼任教授

3. 高雄中學
4. 師大歷史系
5. 師大史研究所碩士

著作：

1. 清咸豐年間의 鹽政
2. 清末民初中國近代早期工業教育之研究（一八六七—一九一九）
3. 漢代太學之研究
4. 鄭成功與荷蘭復臺與鄭氏治臺政策之研究
5. 臺灣開發史等

第二章 河洛—閩南人的根	— 7
第一節「河洛」詞解	— 7
第二節 台灣十大姓源與遷播	— 11
第三章 閩南—臺灣人的根	— 35
第一節 閩南—漳州與泉州	— 35
第二節 閩南人外移的原因	— 46
第三節 閩南人渡台之路線	— 52
第四節 台灣漢族祖籍	— 60
第四章 台灣地理環境與歷史發展	— 83
第一節—地理環境	— 83
第二節—歷史發展	— 86
第五章 閩南人在台灣的拓墾	— 101
第一節 顏思齊與鄭芝龍	— 101
第二節 荷蘭、西班牙時期閩南人在 台灣的開墾	— 108
第三節 明、鄭時期閩南人在台開墾	— 114
第四節 清代閩南人在台開墾	— 131

Origem e a imigração dos Hoklos
Era do Cheng
A Ocupação de Cheng em Taiwan
A Morte do General Cheng Ch'en Kung
Aborígenes

Entrevistados

Sr. Chiou Ti-Fá

Sr. Chiou I Der

Sr. Wu Tsai Yu - sr. Long

Sr. Teng Hsing Kuan

Sr. Huang Pen Chun

Sra. Mai Lin Chenschi

Sra. Hung Mui

Sr. Chien Pang Chi

Sr. Chiou Shy Der

Sr. Chiou I Hong

Sr. Huang Cheng Hsiu